

O Engano do Evolucionismo



**O colapso
científico do
Darwinismo
e sua
fundamentação
ideológica**

HARUN YAHYA



بِسْمِ اللّٰهِ الرَّحْمٰنِ الرَّحِیْمِ

*EM NOME DE DEUS,
O MAIS CLEMENTE E MAIS MISERICORDIOSO*



AO LEITOR

- Durante os últimos 140 anos, o Darwinismo, que rejeita o fato da Criação, e portanto a existência de Deus, tem feito com que muitas pessoas abandonem a fé ou mergulhem na dúvida. Assim, é um importante dever mostrar que essa teoria é um engano que se relaciona bastante com nossa posição religiosa. É imperativo que esse importante dever se manifeste como um serviço prestado a todas as pessoas. Como alguns de nossos leitores poderão ter a oportunidade de ler apenas um de nossos livros, achamos apropriado destinar, em cada um de nossos livros, um capítulo especialmente dedicado a um resumo desse assunto.
- Outro ponto a ser destacado relaciona-se com o conteúdo do livro. Em todos os livros escritos pelo autor, os tópicos que se relacionam com a fé são abordados à luz dos versos do Corão, e os leitores são convidados a compreendê-los e viver à sua luz. Todos os assuntos relacionados com esses versículos são explanados de tal maneira a não deixar dúvida ou interrogações na mente do leitor. O estilo sincero, simples e fluente utilizado pelo autor, garante que todas as pessoas, de qualquer idade, e de qualquer nível social, possam entender facilmente o conteúdo de seus livros. Essa maneira lúcida e eficaz de expor os assuntos faz com que os livros tornem-se possíveis de serem lidos de capa a capa em uma só leitura. Mesmo pessoas que rejeitem rigorosamente a espiritualidade, são influenciadas pelos fatos apresentados nesses livros, e não têm como refutar a veracidade de seu conteúdo.
- Este livro, e todos os outros do mesmo autor, podem ser lidos individualmente ou em grupos de estudo. A leitura em grupo, por pessoas que desejem melhor aproveitá-lo, será útil no sentido de que cada leitor poderá trocar suas próprias reflexões e comentários com os demais participantes.
- Além disso, a exposição e a leitura desses livros será uma grande contribuição prestada à religião, pois eles foram escritos com a intenção de somente louvar a Deus. Todos os livros do autor são extremamente convincentes, e por essa razão, para quem desejar transmitir conhecimentos religiosos a outras pessoas, um dos métodos mais efetivos é encorajá-los a ler esses livros.
- Há importantes razões pelas quais resumos de outros livros do autor são inseridos no final deste livro. Ao vê-los, o leitor que tem em mãos este livro descobrirá que existem vários outros livros que compartilham das mesmas características, e que esperam também despertar o prazer de sua leitura. O leitor poderá ver que há uma rica fonte de material sobre o assunto ligados à fé, à sua disposição.
- Nesses livros você não encontrará, como em alguns outros, os pontos de vista pessoais do autor, explicações baseadas em fontes duvidosas, estilos que não observam o respeito e a reverência para com assuntos sagrados, nem relatos desesperançados, que induzam dúvidas, ou pessimistas, que criem desvios no coração.

O
Engano do
Evolucionismo

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita dos Editores, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

ISBN 975-8415-00-x

Impresso por _____

www.harunyahya.org – www.harunyahya.com – www.harunyahya.net
e-mail: info@harunyahya.org

Tradução efetuada por Ruy Carlos de Camargo Vieira
para a Sociedade Criacionista Brasileira
Site: <http://www.scb.org.br>
E-mail: scb@scb.org.br

Esta tradução do livro O Engano do Evolucionismo de autoria de Harun Yahya foi feita pela Sociedade Criacionista Brasileira como contribuição para aproximação das comunidades cristãs e islâmicas, tendo em vista seus ideais comuns de fraternidade e amor à verdade, visando eliminar incompreensões e extremismos que têm surgido no decorrer do tempo estabelecendo barreiras entre as grandes religiões monoteístas do mundo atual.

Sociedade Criacionista Brasileira
Brasília, outubro de 2007

O Engano do Evolucionismo

**O Colapso Científico
do Darwinismo e sua
Fundamentação Ideológica**

HARUN YAHYA

Introdução: Por que a.....	11
Teoria da Evolução?	
Capítulo 1: Para libertar-se.....	13
do preconceito	
Capítulo 2: Breve história	19
da Teoria	
Capítulo 3: Mecanismos evolutivos	28
imaginários	
Capítulo 4: O registro fóssil	36
refuta a evolução	
Capítulo 5: A suposta transição.....	43
da água para a terra	
Capítulo 6: A suposta origem	48
das aves e dos mamíferos	
Capítulo 7: Interpretações	61
enganosas de fósseis	
Capítulo 8: Falsificações	64
evolucionistas	
Capítulo 9: O cenário.....	69
da evolução humana	
Capítulo 10: O impasse	96
da evolução	
Capítulo 11: A Termodinâmica.....	131
contrapõe-se à Evolução	
Capítulo 12: Planejamento	138
e coincidência	

Capítulo 13: Afirmações Evolucionistas e os Fatos	145
Capítulo 14: A Teoria da Evolução: Uma Tendência Materialista	158
Capítulo 15: Meios de Comunicação:..... Campo Fértil para a Evolução	167
Capítulo 16: Conclusão: A Evolução é um Engano	171
Capítulo 17: A Realidade da Criação	175

Por que a Teoria da Evolução?

Algumas pessoas que têm ouvido sobre a “Teoria da Evolução” ou “Darwinismo”, podem pensar que esses conceitos têm a ver somente com o campo da Biologia, e que não têm qualquer significado em sua vida diária. Este é um grande engano, pois a Teoria da Evolução, muito mais que um conceito biológico, constitui a viga mestra de uma filosofia desonesta que mantém seu domínio sobre um grande número de pessoas.

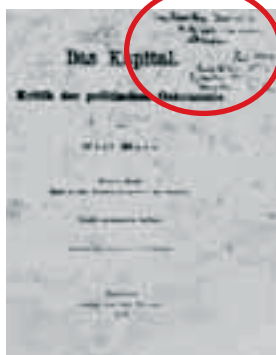
Essa filosofia é o “**materialismo**”, que defende numerosos pontos de vista espúrios sobre porque e como viemos à existência. O materialismo afirma que nada mais existe senão a matéria, e que a matéria é a essência de todas as coisas, vivas ou não. Partindo dessa premissa, **ele nega a existência de um Criador divino, ou seja, de Deus.**

Reduzindo tudo ao nível da matéria, essa noção transforma o homem em uma criatura que considera somente a matéria, pondo de lado todos os valores morais, de qualquer espécie. Isso dá início a uma série de grandes desastres que atingirão a vida humana.

As conseqüências danosas do materialismo não se limitam apenas a indivíduos. O materialismo procura também **abolir os valores básicos sobre os quais se alicerçam o Estado e a Sociedade**, gerando uma sociedade sem alma e sem sensibilidade, que dá atenção apenas à matéria. Como os membros de uma sociedade como essa jamais podem possuir noções de idealismo, como patriotismo, amor ao próximo, justiça, lealdade, honestidade, sacrifício, honra ou moralidade, a ordem social estabelecida por esses indivíduos está ameaçada de se destruir em pouco tempo. Por essas razões, o materialismo é uma das piores ameaças aos valores básicos da ordem política e social de uma nação.

Outro grande malefício do materialismo é **a sustentação que ele dá a ideologias anarquistas e divisionistas que apontam para a perpetuidade do Estado e do povo.** O **Comunismo**, a mais proeminente dentre essas ideologias, é o resultado político natural da filosofia materialista. Procurando abolir conceitos consagrados de Estado e família, ele constitui a ideologia fundamental de toda forma de ações separatistas dirigidas contra a estrutura unitária do Estado.

A Teoria da Evolução constitui a assim chamada fundamentação científica do materialismo, da qual depende a ideologia comunista. Tomando a Teoria da Evolução como referencial, o comunismo procura justificar-se a si mesmo, e apresentar sua ideologia como segura e correta. Por isso é que Karl Marx, o fundador do comunismo, escreveu sobre o livro de Darwin “A Origem das Espécies”, que lançou as bases para a Teoria da Evolução, que “este é o livro que contém a base da história natural a favor do nosso ponto de vista”.⁽¹⁾



Karl Marx deixou claro que a Teoria de Darwin provia um sólido fundamento a favor do materialismo, e, assim, também para o comunismo. Ele também demonstrou sua simpatia para com Darwin dedicando-lhe seu livro “O Capital” (*Das Kapital*), que é considerado sua maior obra. Na edição alemã deste seu livro, ele escreveu: “De um admirador devoto, para Charles Darwin”.



Um ponto a ser destacado é que as noções materialistas de qualquer espécie – sendo as noções de Marx as mais proeminentes – têm entrado em colapso totalmente pela simples razão de que a Teoria da Evolução, de fato, é um dogma do século XIX sobre o qual repousa o materialismo, a qual foi completamente invalidada pelas descobertas da ciência moderna. A ciência refutou e continua a refutar a hipótese materialista que aceita a existência de nada mais além da matéria, e tem demonstrado que todos os seres são produtos de criação por um ser superior.

O propósito deste livro é revelar os fatos científicos que refutam a Teoria da Evolução em todos os campos, e informar as pessoas sobre o verdadeiro propósito ulterior e subjacente dessa assim chamada “ciência”, que na realidade vem a ser, de fato, uma fraude.

Deve ser destacado que os evolucionistas não têm respostas para dar ao livro que você, leitor, está começando a ler. E nem tentarão responder, pois sabem que um ato como esse simplesmente ajudará para que todos tenham uma compreensão melhor de que a evolução é na realidade simplesmente um mentira.

1. Cliff, Conner, “Evolution vs. Creationism: In Defense of Scientific Thinking”, *International Socialist Review* (Monthly Magazine Supplement to the Militant), November 1980.

Para libertar-se do preconceito

A maior parte das pessoas aceita que tudo o que escutam dos cientistas é estritamente verdadeiro. Não lhes ocorre que os cientistas possam também ter vários preconceitos filosóficos ou ideológicos. O fato real é que os cientistas evolucionistas impõem ao público os seus próprios preconceitos e pontos de vista filosóficos, à guisa de ciência. Por exemplo, um biólogo evolucionista facilmente pode entender que existe uma incompreensível harmonia em uma molécula de proteína, o bloco construtivo da vida, e que não há probabilidade de isto ter podido surgir por acaso. Entretanto, ele declara que essa proteína passou a existir sob condições de uma Terra primordial, por acaso, há bilhões de anos atrás. E não pára aí. Ele declara, também, sem hesitação, que não só uma molécula de proteína, mas milhões de outras formaram-se por acaso, e então, de maneira incrível, juntaram-se todas para criar a primeira célula viva. Além disso, passa a defender seu ponto de vista com uma cegueira obstinada. Assim procedem pessoas que são evolucionistas.

Se esse mesmo cientista encontrasse três tijolos um em cima do outro, ao caminhar por uma rua, jamais suporia que esses tijolos tivessem se encontrado por acaso e então subido um em cima do outro novamente por acaso. De fato, quem fizesse uma afirmação como essa seria considerado insano.

Como, então, pode ser possível que pessoas capazes de julgar eventos comuns de maneira racional, adotem uma atitude irracional quando se trata de pensar acerca de sua própria existência?

Não é possível alegar que essa atitude seja adotada em nome da ciência, pois a ciência exige que se considerem ambas as alternativas, sempre que existirem duas igualmente possíveis, com relação a um dado caso. E se a probabilidade de uma das duas alternativas for muito menor, por exemplo, da ordem de somente 1%, então o que é racional e científico é considerar como válida a outra alternativa, com 99% de probabilidade.

Continuemos, mantendo em mente essa fundamentação científica. Existem dois pontos de vista apresentados com relação a como os

seres vivos vieram à existência na Terra. O primeiro é que todos os seres vivos foram criados por Deus, com a sua estrutura complexa atual. O segundo é que a vida surgiu por coincidência aleatória, que é a alegação da Teoria da Evolução.

Ao olharmos para os dados científicos apresentados por exemplo na Biologia Molecular, podemos verificar que não existe qualquer probabilidade de que tenha vindo à existência por acaso, como declaram os evolucionistas, sequer uma só célula, ou ainda uma só dos milhões de proteínas presentes nessa célula. Como ilustraremos nos capítulos seguintes, cálculos probabilísticos confirmam isso de maneira cabal. Assim, o ponto de vista evolucionista sobre o surgimento dos seres vivos tem probabilidade zero de ser verdadeiro.

Isso significa que o primeiro ponto de vista tem 100% de probabilidade de ser verdadeiro. Isto é, a vida deve ter surgido mediante planejamento, e não por acaso. Em outras palavras, a vida foi “criada”. Todos os seres vivos vieram à existência pelo desígnio de um Criador magnífico em poder, sabedoria e conhecimento superiores. Essa realidade, não é somente resultado de uma convicção pessoal; é a conclusão a que a própria ciência leva uma pessoa pela lógica e pelo raciocínio.

Sob tais circunstâncias, nosso cientista evolucionista teria que deixar de lado suas alegações para aderir a um fato que não somente é obvio, como comprovado. Proceder de outra forma estaria demonstrando que realmente ele não está sendo um verdadeiro cientista, pois estaria sacrificando a ciência para favorecer seus dogmas e sua filosofia e ideologia próprias.

Sua raiva, obstinação e preconceitos crescem cada vez mais, ao confrontar-se com a realidade. Sua atitude, porém, pode ser explicada com uma só palavra: fé. Não obstante, é uma cega fé supersticiosa, já que não admite qualquer outra explicação, a despeito dos fatos, devido à devoção de toda a sua vida a um cenário que construiu em sua imaginação.

Materialismo Cego

A fé sobre a qual estamos falando é a **filosofia materialista** que parte do princípio de que a matéria existe por toda a eternidade, e que não há nada mais senão a matéria. A Teoria da Evolução é a assim chamada “fundamentação científica” dessa filosofia materialista, e essa teoria é defendida cegamente para poder sustentar aquela filosofia. Quando a ciência chega a invalidar as alegações do evolucionismo – e este é

exatamente o ponto que atingimos neste final do século XX – ela então é distorcida, tentando-se trazê-la a uma posição em que possa apoiar a evolução, com o objetivo de manter vivo o materialismo.

Algumas linhas escritas por um dos eminentes biólogos evolucionistas da Turquia constituem um bom exemplo para vermos a que ponto nos levaram o juízo e o critério ilógico dessa devoção cega. Esse cientista discute da seguinte maneira a probabilidade de formação ao acaso do Citocromo-C, uma das enzimas mais essenciais para a vida:

A probabilidade de formação da seqüência do Citocromo-C é praticamente zero. Isto significa que, se a vida exige uma certa seqüência, pode-se dizer que a probabilidade de ela ter surgido é também praticamente zero em todo o Universo. De outra forma, alguma *força metafísica*, além de nossa definição, deveria ter agido para o seu surgimento. Aceitar isso não é adequado, dentro dos objetivos da ciência. Por isso, temos de nos manter dentro da primeira hipótese.⁽²⁾

Este cientista acha “mais científico” aceitar uma probabilidade “praticamente zero” ao invés da Criação. Entretanto, de acordo com as regras da ciência, se existem duas explicações alternativas para um evento, e se uma delas tem possibilidade de ocorrência “praticamente zero”, então a outra deve ser a correta! Contudo, **a abordagem materialista dogmática proíbe admitir um Criador superior**. Essa proibição leva esse cientista – e muitos outros que acreditam no mesmo dogma materialista – a aceitar alegações completamente contrárias à razão.

Pessoas que acreditam e confiam nesses cientistas tornam-se, também, escravizadas e cegas pelo mesmo encanto materialista, e adotam a mesma psicologia insensível ao lerem seus livros e artigos.

Esta visão materialista dogmática é a razão pela qual são ateus muitos nomes eminentes na comunidade científica. Os que se libertam da escravidão desse encanto, e passam a pensar com mente aberta, não hesitam em aceitar a existência de um Criador. O bioquímico americano Michael Behe, um dos proeminentes cientistas que apoiam a teoria do “**Planejamento Inteligente**”, que tem-se tornado bastante aceita ultimamente, descreve da seguinte maneira os cientistas que se recusam a crer no “projeto” ou “criação” dos organismos vivos:

2. Ali Demirsoy, “Kalitim ve Evrim” (“Inheritance and Evolution”), Ankara: Meteksam Publishing Co., 1984, p. 61.

Durante as últimas quatro décadas, a bioquímica moderna revelou os segredos da célula. Isso exigiu que dezenas de milhares de pessoas dedicassem o melhor de suas vidas ao tedioso trabalho nos laboratórios. ... O resultado desses esforços cumulativos para pesquisar a célula – para pesquisar a vida no nível molecular – consiste em um alto, claro, e penetrante brado: “Planejamento!” O resultado é tão fora de dúvida e tão significativo, que deve ser considerado como uma das maiores conquistas na história da ciência. ... Entretanto, um curioso e *embaraçoso silêncio* cerca a perfeita complexidade da célula. Por que a comunidade científica não recebe sufregamente a sua impressionante descoberta? Por que a observação do planejamento é tratada com tanta precaução intelectual? O dilema é que, enquanto um dos “lados do elefante” é designado *como Planejamento Inteligente, o outro lado tem de ser designado como Deus*.⁽³⁾

Esta é a pregação dos cientistas evolucionistas ateus, que se vê nas revistas e na televisão, e cujos livros são lidos. Toda a pesquisa científica efetuada por essas pessoas demonstra-lhes a existência de um Criador. Não obstante, elas têm-se tornado insensíveis e cegas pela educação materialista dogmática que absorveram, e que ainda persiste em sua posição de negar essa existência.

Pessoas que conscientemente desprezam os claros sinais e evidências do Criador tornam-se totalmente insensíveis. Circunscritas a uma ignorante auto-confiança causada pela sua insensibilidade, elas podem até mesmo apoiar um absurdo como virtude. Um bom exemplo é o famoso evolucionista Richard Dawkins, que recomenda aos cristãos para que não suponham ter presenciado um milagre mesmo que tenham visto a imagem da Virgem Maria acenando para eles. De acordo com Dawkins, “Talvez todos os átomos da imagem coincidentemente tenham se movido juntos na mesma direção – um evento com baixa probabilidade, mas certamente possível”.⁽⁴⁾

A psicologia do descrente tem-se destacado no decorrer da história. No Corão ela é descrita da seguinte maneira:



Michael Behe: “Um embaraçoso silêncio cerca a perfeita complexidade da célula”.

3. Michael J. Behe, “Darwin’s Black Box”, New York: Free Press, 1996, pp. 232-233.

4. Richard Dawkins, “The Blind Watchmaker”, London: W. W. Norton, 1986, p. 159.

Mesmo que lhes enviássemos anjos, e os mortos lhes falassem, e juntássemos todas as coisas perante seus próprios olhos, eles não iriam crer, a não ser que esse fosse o plano de Deus. Entretanto, a maioria deles é ignorante (da verdade). (Surat al-Anaam : 111)

Como essas passagens tornam claro, o pensamento dogmático dos evolucionistas não tem nada de original, e não é privativo deles. De fato, o que o cientista evolucionista mantém não é um pensamento científico, mas a ignorância que foi preservada desde as mais antigas comunidades pagãs incivilizadas.

A mesma psicologia é definida em outras passagens do Corão e da Bíblia:

Mesmo que lhes abrissemos a porta dos céus e eles continuassem (todos os dias) a subir para lá, eles tão somente diriam: “Nossos olhos estão intoxicados; não, fomos enfeitiçados por artes mágicas.”
(Surat Al-Hijr : 14-15)



Richard Dawkins, atarefado em sua propaganda evolucionista.

Doutrinação Evolucionista em Massa

Como indicado nas passagens acima, uma das razões pelas quais as pessoas não conseguem ver as realidades que cercam a sua existência é uma espécie de “encanto” que impede o seu raciocínio. É o mesmo “encanto” que está subjacente na aceitação ampla da Teoria da Evolução. Entendemos por “encanto” um condicionamento imposto pela doutrinação. As pessoas são expostas a uma doutrinação tão intensa sobre a veracidade da Teoria da Evolução, que freqüentemente nem mesmo percebem a distorção que existe nela.

Essa doutrinação cria efeito negativo sobre o cérebro, que desativa a faculdade de julgar. Em seguida, o cérebro, sendo submetido a uma doutrinação continuada, começa a perceber as realidades não como elas de fato são, mas de conformidade com a doutrinação imposta. Esse mesmo fenômeno pode ser observado em outros casos. Por exemplo, se alguém for hipnotizado, e levado a crer que o divã no qual está é um automóvel, ele continuará a perceber o divã como sendo um automóvel após a sessão de hipnose. Ele pensa que isso é muito lógico e racional porque é assim que ele vê, e não tem dúvida sobre estar correto. Exemplos como esse, que mostram a eficiência e o poder do mecanismo de doutrinação, são realidades científicas que têm sido verificadas mediante incontáveis

experimentos relatados na literatura científica, e que são apresentados em livros didáticos de Psicologia e Psiquiatria.

A Teoria da Evolução e a visão de mundo materialista que a sustenta são impostas às massas por métodos de doutrinação como esses. As pessoas que continuamente são bombardeadas pela doutrinação evolucionista nos meios de comunicação, nas escolas, e nas declarações públicas de cientistas, não conseguem compreender que a aceitação dessa teoria, de fato, é contrária aos mais elementares princípios da razão. A mesma doutrinação também atinge os cientistas. Jovens cientistas, em sua carreira, à medida que o tempo passa, cada vez mais ficam imbuídos da visão de mundo materialista. Assim encantados, muitos cientistas partem para a pesquisa de confirmação científica das alegações evolucionistas do século XIX, irracionais e obsoletas, já há muito refutadas pelas evidências científicas.

Existem também mecanismos outros que forcem os cientistas a serem evolucionistas e materialistas. Nos países do Ocidente, o cientista tem de observar certos padrões para a promoção, para receber reconhecimento acadêmico, ou para ter seus artigos publicados em revistas científicas. O primeiro critério é a aceitação explícita da Evolução. Esse sistema obriga, assim, o cientista a despendar toda a sua vida e sua carreira em função de uma crença dogmática.

Esta é a realidade que jaz atrás da afirmação: “A Evolução ainda é aceita pelo mundo científico”. A Evolução se mantém viva não pelo seu valor científico, mas porque é uma obrigação ideológica. Muito poucos cientistas, conscientes desse fato, arriscam-se a declarar que “o rei está nu!”

No restante deste livro, estaremos revendo as descobertas da ciência moderna que levaram ao colapso da crença evolucionista, e à exposição das claras evidências da existência de Deus. O leitor testemunhará que a Teoria da Evolução de fato é um engano – um engano denunciado pela ciência a cada passo, porém mantido para velar a realidade da criação. O que se espera do leitor é que ele possa despertar do “encanto” que cega a mente das pessoas e destrói a sua capacidade de julgar, e que reflita seriamente sobre o que vem exposto neste livro.

Se o leitor se livrar desse “encanto”, e pensar clara e livremente, sem qualquer pré-julgamento, logo descobrirá a verdade cristalina. Essa verdade inevitável, também demonstrada pela ciência moderna em todos os seus aspectos, é que os organismos vivos vieram à existência não pelo acaso, mas em resultado da Criação. Podemos facilmente ver a realidade da Criação ao considerarmos como existimos, como passamos a ter vida, juntamente com a perfeição de todos os demais seres vivos.

Breve História da Teoria

As raízes do pensamento evolucionista estendem-se à antiguidade como crença dogmática que tenta negar a realidade da criação. A maior parte dos filósofos pagãos na antiga Grécia defendia a idéia de evolução. Ao olharmos para a história da filosofia, vemos que a idéia de evolução constitui a coluna mestra de muitas filosofias pagãs.

Não foi, entretanto, essa antiga filosofia pagã, mas a fé em Deus como Criador que desempenhou um papel estimulador no nascimento e desenvolvimento da ciência moderna. A maior parte dos pioneiros da ciência moderna acreditava na existência de Deus, e em seus estudos procuravam discernir o Universo criado por Ele, e perceber Suas leis e os detalhes de Sua criação. Astrônomos, como **Leonardo da Vinci**, **Copérnico**, **Kepler** e **Galileo**; **Cuvier**, o pai da paleontologia, **Lineu**, o pioneiro da botânica e da zoologia; e **Isaac Newton**, tido como “o maior cientista que o mundo já teve”, todos estudavam os campos da ciência crendo não só na existência de Deus, mas também no Universo como resultado da criação dEle ⁽⁵⁾. **Albert Einstein**, considerado o maior cientista de nossa época, foi outro devotado cientista que cria em Deus, tendo afirmado: “*Não posso conceber um cientista genuíno sem aquela fé profunda. A situação poderia ser expressa por uma comparação: a ciência sem a religião é aleijada*” ⁽⁶⁾.

Um dos fundadores da física moderna, o físico alemão **Max Planck**, afirmou que todos os que estudam ciência seriamente devem ler a frase colocada no portão de entrada do Templo da Ciência: “Tenha fé”. **A fé é um atributo essencial do cientista** ⁽⁷⁾.

A Teoria da Evolução é resultado da filosofia materialista que se projetou com o reavivamento das antigas filosofias pagãs, que se espalharam no decorrer do século XIX. Como indicamos antes, o materialismo busca explicar a natureza através de fatores puramente materiais. Como a criação é negada já de início, o materialismo declara que todas as coisas, animadas

5. Dan Graves, “Science of Faith: Forty-Eight Biographies of Historic Scientists and Their Christian Faith”, Grand Rapids, Mi, Kregel Resources.

6. “Science, Philosophy, And Religion: A Symposium”, 1941, CH. 13.

7. J. De Vries, “Essential of Physical Science”, Wm. B. Eerdmans Pub. Co., Grand Rapids, SD 1958, p. 15.

ou inanimadas, surgiram sem qualquer ato criativo, mas somente como resultado de coincidências que passaram a definir ordenamentos. A mente humana, entretanto, é estruturada de forma a entender a existência de uma vontade organizadora onde quer que veja a existência de ordem. A filosofia materialista, que é contrária a essa própria característica básica da mente humana, produziu a “Teoria da Evolução” em meados do século XIX.

A imaginação de Darwin

A pessoa que impulsionou a Teoria da Evolução pelos caminhos pelos quais hoje ela é defendida foi um amador – o naturalista inglês Charles Robert Darwin.

Darwin nunca teve uma educação formal em biologia. Ele tinha apenas interesse amadorístico em coisas relacionadas com a natureza e os seres vivos. Esse seu interesse o levou a voluntariamente juntar-se a uma expedição no navio H. M. S. Beagle, que zarpou da Inglaterra em 1832 e viajou por diversas regiões ao redor do mundo durante cinco anos. O jovem Darwin impressionou-se bastante com as várias espécies vivas, especialmente com certos tentilhões que ele pôde ver nas Ilhas Galápagos. Ele pensou que as variações nos bicos dessas aves eram resultado de sua adaptação ao habitat, e com essa idéia em mente, supôs que a origem da vida e das espécies encontrava-se no conceito de “adaptação ao ambiente”. De acordo com Darwin, as diferentes espécies vivas não haviam sido criadas por Deus, mas tinham provindo de um ancestral comum, tornando-se diferentes entre si em resultado das condições naturais.

A hipótese de Darwin não se baseou em qualquer descoberta ou experimento científico. No decorrer do tempo, entretanto, ele a tornou em uma pretensiosa teoria com o apoio e encorajamento que recebeu de famosos biólogos materialistas da época. A idéia era que os indivíduos que se adaptassem ao habitat da melhor maneira possível transferiam suas qualidades às gerações subseqüentes. Essas qualidades vantajosas acumulavam-se no decorrer do tempo e transformavam o indivíduo em uma espécie totalmente diferente de seus ancestrais. (A origem dessas “qualidades vantajosas” era desconhecida na época). De conformidade com Darwin, o homem era o produto mais desenvolvido por este mecanismo.

Darwin denominou esse processo de “**evolução por seleção natural**”. Ele pensava que tinha descoberto a “origem das espécies”: a origem de uma espécie era uma outra espécie! Ele publicou seus pontos de vista no seu livro “*A Origem das Espécies por Seleção Natural*”, em 1859.

Darwin estava bem ciente de que sua teoria se defrontava com numerosos problemas. E confessou isso em seu livro, no capítulo “**Dificuldades da Teoria**”. Essas dificuldades abrangiam principalmente o registro fóssil, os órgãos complexos dos seres vivos que não podiam possivelmente ser explicados por coincidência (por exemplo, o olho), e o instinto dos seres vivos. Darwin esperava que essas dificuldades seriam solucionadas com novas descobertas; mas isso não o fez parar de propor numerosas explicações bastante inadequadas para elas. O físico americano Lipson fez o seguinte comentário sobre as “dificuldades” de Darwin:

“Ao ler “A Origem das Espécies”, descobri que Darwin estava muito menos seguro de si do que freqüentemente ele nos é apresentado; o capítulo “Dificuldades da Teoria”, por exemplo, mostra considerável dúvida íntima. Como físico, fiquei particularmente intrigado com seus comentários sobre como o olho teria surgido”⁽⁸⁾.

Enquanto desenvolvia sua teoria, Darwin impressionou-se com os biólogos evolucionistas que o haviam precedido, e principalmente com o francês Lamarck⁽⁹⁾, de acordo com quem os seres vivos herdavam os caracteres adquiridos das gerações anteriores, e assim evoluíam. As girafas, por exemplo, teriam evoluído a partir de animais semelhantes a antílopes, esticando seu pescoço cada vez mais, sucessivamente de geração a geração, ao tentar atingir ramos cada vez mais altos para a sua alimentação. Assim, Darwin adotou a tese de Lamarck, da “transmissão dos caracteres adquiridos”, como sendo o fator que levava os seres vivos a evoluírem.

Tanto Darwin quanto Lamarck estavam errados, porque em sua época a vida só podia ser estudada com tecnologia muito rudimentar, e em um nível muito precário. Campos da ciência como a genética e a bioquímica não existiam ainda, sequer nominalmente. Suas teorias tinham de depender, então, da força de sua imaginação.

Enquanto reverberavam os ecos do livro de Darwin, o botânico austríaco **Gregor Mendel** descobria as leis da hereditariedade, em 1865.

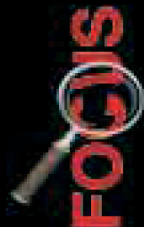


Charles Darwin

8. H. S. Lipson, “A Physicist’s View of Darwin’s Theory”, *Evolution Trends in Plants*, Vol. 2, Nº. 1, 1988, p. 6.

9. Embora Darwin tivesse introduzido a alegação de que sua teoria era totalmente independente da teoria de Lamarck, gradativamente começou a adotar as asserções de Lamarck. Particularmente a sexta e a última edições de “The Origin of the Species” estão plenas de exemplos da “herança dos caracteres adquiridos”. Ver Benjamin Farrington, “What Darwin Really Said”, New York: Schocker Books, 1966, p. 64.

O Racismo de Darwin



Um dos aspectos mais importantes de Darwin, embora pouco conhecido, é o seu racismo: Darwin achava os europeus mais “avançados” do que os outros povos. Como Darwin supunha que o homem evoluíra de criaturas simiescas, ele subentendia que algumas “raças” desenvolveram-se mais que outras, dentre as quais ainda haviam se mantido características simiescas. Em seu livro “A Descendência do Homem”, publicado após “A Origem das Espécies”, Darwin audaciosamente comentou a respeito das “maiores diferenças entre homens das diferentes ‘raças’.”⁽¹⁾ Em seu livro, ele sustentava que os aborígenes australianos eram iguais aos gorilas, e então concluía que eles deveriam “ser exterminados” pelas “raças” civilizadas no devido tempo. São suas palavras:

Em algum tempo futuro, não muito distante quando medido em séculos, as raças civilizadas do homem quase certamente exterminarão e substituirão as raças selvagens em todo o mundo. Ao mesmo tempo, os símios antropomorfos ... sem dúvida serão exterminados. Isso ocasionará um hiato entre o homem em um estado mais civilizado (mais do que o do caucasóide, podemos esperar) e alguns símios (tão inferiores como o babuíno) maior do que o existente hoje entre o negro ou o australiano, e o gorila⁽²⁾.

Essas idéias sem sentido de Darwin não foram somente postas em forma teórica, mas também trazidas a uma posição em que proporcionaram o mais importante “fundamento científico” para o racismo.



Com a suposição de que os seres humanos evoluíram na luta pela vida, o Darwinismo foi até mesmo aceito no campo das ciências sociais, dando origem à concepção que passou a ser denominada “Darwinismo Social”.



O Darwinismo Social defende a tese de que as “raças” humanas existentes localizam-se em diferentes degraus da “escala evolutiva,” que as “raças” européias são as mais “avançadas”, e que muitas outras “raças” ainda mantêm características “simiescas”.

1 Benjamim Farrington, “What Darwin Really Said” – London: Sphere Books, 1971, pp. 54-56.

2 Charles Darwin, “The Descent Of Man”, 2ª ed. New York: A. I. Burt Co., 1874, p. 178.

A descoberta de Mendel, não muito divulgada até o fim do século, passou a ter grande importância no início dos anos 1900. Deu-se início, assim, à ciência da **Genética**. Pouco depois, foram descobertos a estrutura dos genes e os cromossomos.

A descoberta da estrutura da molécula de DNA, na década de 1950, a qual incorpora informação genética, levou a Teoria da Evolução a uma grande crise. A razão foi a incrível complexidade da vida e a invalidade dos mecanismos evolutivos propostos por Darwin.

Essas conseqüências deveriam ter tido como resultado o banimento da teoria de Darwin, relegando-a à poeira da história. Entretanto, não foi o que aconteceu, porque certos círculos insistiram na sua revisão e renovação, elevando-a a uma plataforma científica. Esses esforços só têm sentido se compreendermos que por detrás da teoria estão intenções mais ideológicas do que preocupações científicas.

Os Desesperados Esforços do Neo-Darwinismo

A teoria de Darwin entrou em profunda crise devido às leis da genética descobertas nos primeiros lustros do século XX. Porém, um grupo de cientistas, determinados a permanecerem leais a Darwin, saiu à procura de soluções, reunindo-se em um congresso organizado pela *Geological Society of America* em 1941. Geneticistas como G. Ledyard Stebbins e Theodosius Dobzhansky, zoólogos como Ernest Mayr e Julian Huxley, paleontólogos como George Gaylord Simpson e Glenn L. Jepsen, e geneticistas matemáticos como Ronald Fisher e Sewall Right, após longas discussões, finalmente concordaram sobre como “remendar” o Darwinismo.

Essas personalidades focalizaram a questão da **origem das variações vantajosas que supostamente ocasionavam a evolução dos seres vivos** – assunto esse que o próprio Darwin não foi capaz de explicar, e que simplesmente tentou contornar apelando para Lamarck. A idéia agora foram as “**mutações aleatórias**”, incorporadas na nova teoria que recebeu o nome de “**A Moderna Teoria Sintética da Evolução**”, mediante a adição do conceito de mutação à tese de Darwin da seleção natural. Em pouco tempo essa teoria passou a ser conhecida como “**Neo-Darwinismo**”, e seus defensores como “neo-darwinistas”.

As décadas seguintes vieram a ser uma era de tentativas desesperadas para comprovar o Neo-Darwinismo. Já era conhecido que as mutações – ou “acidentes” – que acontecem nos genes dos organismos vivos

eram sempre deletérias. O Neo-Darwinismo tentou defender a causa da “mutação vantajosa”, mediante a realização de milhares de experimentos de mutação. Todas essas tentativas terminaram falhando completamente.

Tentaram, também, provar que os primeiros organismos vivos poderiam ter-se originado por acaso sob condições terrestres “primitivas” que a teoria propôs, mas esses experimentos também falharam totalmente. Todos os experimentos que procuraram provar que a vida poderia ser gerada por acaso, falharam. Os cálculos probabilísticos demonstram que nem mesmo uma simples proteína, bloco construtivo das células, poderia ter-se originado por acaso. E a célula – que supostamente teria surgido por acaso sob condições terrestres primitivas e não controladas, de acordo com os evolucionistas – não poderia ser sintetizada nem mesmo pelos mais sofisticados laboratórios do século XX.

A Teoria do Darwinismo é também desafiada pelo **registro fóssil**. Jamais foi encontrado em qualquer lugar do mundo sequer uma “forma de transição”, que supostamente mostrasse a evolução gradual dos organismos vivos, desde as espécies mais “primitivas” até as mais avançadas, como alega o Neo-Darwinismo.

Ao mesmo tempo, a anatomia comparada revelava que espécies que supostamente teriam evoluído umas das outras, possuíam na realidade características anatômicas diferentes, não podendo jamais ter sido ancestrais ou descendentes umas das outras.

Porém, o Neo-Darwinismo jamais foi uma verdadeira teoria científica, e sim um dogma ideológico, para não dizer alguma espécie de “religião”. Essa é a razão pela qual os defensores da Teoria da Evolução ainda a defendem, apesar de todas as evidências contrárias. Entretanto, uma coisa sobre a qual eles não conseguem concordar é qual dos diferentes modelos propostos para a realização da evolução é realmente o “correto”. Um dos mais importantes dentre esses modelos é o fantástico cenário conhecido como “equilíbrio pontuado”.

Tentativa e Erro: Equilíbrio Pontuado

A maioria dos cientistas que acreditam na evolução aceita a Teoria Neo-Darwinista, com evolução lenta e gradual. Nas décadas mais recentes, entretanto, foi proposto um modelo diferente. Designado “Equilíbrio Pontuado”, esse modelo rejeita a idéia darwinista de evolução cumulativa, passo-a-passo, e propõe que a evolução, pelo contrário, ocorreu em grandes “saltos” descontínuos.

Os primeiros defensores dessa noção surgiram no início da década de 1970. Dois paleontólogos americanos, Niles Eldridge e Stephen Jay

O Nível Primitivo da Ciência na Época de Darwin



Quando Darwin lançou suas hipóteses, ainda não existiam as disciplinas da genética, microbiologia, e bioquímica. Se elas tivessem se desenvolvido antes de Darwin ter proposto sua teoria, teria sido facilmente reconhecido que sua teoria era totalmente não científica, e suas alegações sem sentido não teriam podido prosperar. A informação que determina as espécies já está existente nos genes, sendo impossível que a seleção natural produza novas espécies mediante modificações nos genes.

De maneira semelhante, o mundo científico da época tinha uma compreensão bastante rudimentar e superficial da estrutura e do funcionamento da célula. Se Darwin tivesse a possibilidade de ver a célula através de um microscópio eletrônico, teria testemunhado a enorme complexidade e a extraordinária estrutura das organelas da célula. Ele teria visto com os próprios olhos que não seria possível que um sistema tão intrincado e complexo tivesse ocorrido mediante pequenas variações. Se ele tivesse tido conhecimentos de bio-matemática, teria entendido que nem mesmo uma única proteína, quanto mais uma célula, poderia ter vindo à existência por acaso.



Estudos detalhados da célula só se tornaram possíveis depois da invenção do microscópio eletrônico. Na época de Darwin, com os microscópios rudimentares mostrados aqui, era possível somente ver a superfície externa das células.



Gould, estavam perfeitamente cientes de que as alegações da Teoria Neo-Darwinista eram totalmente refutadas pelo registro fóssil. Os fósseis comprovavam que os organismos vivos não se originaram por evolução gradual, mas que apareceram repentinamente e plenamente formados. Os neo-darwinistas viviam na esperança – como ainda hoje – de que as formas de transição perdidas seriam encontradas um belo dia.

Compreendendo que essa esperança não tinha fundamentação, Eldredge e Gould, entretanto, não foram capazes de abandonar seu dogma evolucionista, e então lançaram um novo modelo: o equilíbrio pontuado. É este um modelo que alega que a evolução não ocorreu em resultado de pequenas variações, mas sim mediante grandes alterações repentinas.

Este modelo nada mais foi do que um incentivador de fantasias. Por exemplo, o paleontologista europeu O. H. Shindewolf, que abriu caminho para Eldredge e Gould, afirmava que a primeira ave surgiu do ovo de um réptil, como uma “grande mutação”, isto é, como resultado de um enorme “acidente” que ocorreu na estrutura genética⁽¹⁰⁾. De acordo com a mesma teoria, alguns animais terrestres poderiam ter-se transformado em gigantescas baleias após sofrerem repentina e abrangente transformação. Essas alegações, em contradição com totalmente todas as regras da genética, da biofísica e da bioquímica, são tão científicas quanto os contos de fada que falam da transformação de sapos em príncipes! Não obstante, alguns paleontólogos, aflitos com a crise enfrentada pelo Neo-Darwinismo, abraçaram esta teoria que teve o mérito de ser ainda mais bizarra do que o próprio Neo-Darwinismo.

O único propósito desse modelo foi prover uma explicação para os hiatos existentes no registro fóssil, que o modelo neo-darwinista não podia explicar. Evidentemente, dificilmente seria racional tentar explicar o hiato fóssil na evolução das aves alegando que **“uma ave repentinamente eclodiu de um ovo de réptil”**, pois como os próprios evolucionistas admitem, a evolução de uma espécie a outra exige uma grande alteração vantajosa na informação genética. Entretanto, nenhuma mutação aprimora a informação genética, nem acrescenta nova informação. As mutações só perturbam a informação



Stephen Jay Gould

10. Steven M. Stanley, “Macroevolution: Pattern and Process”, San Francisco: W. H. Freeman and Co. 1979, pp. 35, 159.



Hoje, dezenas de milhares de cientistas em todo o mundo, particularmente na Europa e nos Estados Unidos, opõem-se à Teoria da Evolução, e têm publicado numerosos livros sobre a invalidade da teoria. Acima, alguns exemplos.

genética existente. Assim, as “grandes mutações” imaginadas pelo modelo do equilíbrio pontuado, somente ocasionariam “grandes” reduções e deteriorações na informação genética.

Além do mais, o modelo do “equilíbrio pontuado”, entra em colapso a partir do seu primeiro passo, pela sua incapacidade de tratar a questão da origem da vida, que também é a questão que refuta o Neo-Darwinismo desde o início. Como nem mesmo uma única proteína pode ter-se originado por acaso, não tem o menor sentido o debate sobre se organismos constituídos por trilhões dessas proteínas sofreram ou não uma evolução “pontuada” ou “gradual”.

A despeito disso, o modelo que vem à mente hoje, quando se fala em “evolução”, ainda é o Neo-Darwinismo. Nos capítulos seguintes, examinaremos primeiro dois mecanismos imaginários do modelo neo-darwinista, e então voltaremos ao registro fóssil para testar esse modelo. Em seguida, abordaremos a questão da origem da vida, que invalida tanto o modelo neo-darwinista quanto todos os outros modelos evolutivos, como por exemplo a “evolução por saltos”.

Antes disso, será útil lembrar o leitor que a realidade que estaremos confrontando a cada passo é que o cenário evolutivo é um conto-de-fadas, um grande engano que está totalmente divorciado do mundo real. É um cenário que tem sido usado para iludir o mundo já durante 150 anos. Graças às últimas descobertas científicas, finalmente tornou-se impossível continuar a defendê-lo.

Mecanismos Evolutivos Imaginários

O modelo neo-darwinista, que tomaremos como a manifestação principal da Teoria da Evolução hoje, argumenta que a vida evoluiu através de dois mecanismos naturais: “seleção natural” e “mutação”. A declaração básica da teoria pode ser expressa da seguinte maneira: A seleção natural e a mutação são dois mecanismos complementares. A origem das modificações evolutivas são as mutações aleatórias que acontecem na estrutura genética dos seres vivos. Os caracteres produzidos pelas mutações são selecionados pelo mecanismo da seleção natural, e assim evoluem os seres vivos.

Quando nos aprofundamos mais nessa teoria, descobrimos que absolutamente não existe esse tipo de mecanismo evolutivo, pois nem a seleção natural nem as mutações dão qualquer contribuição à alegação de que diferentes espécies evoluíram e transformaram-se em outras.

Seleção Natural

Como processo da natureza, a seleção natural era conhecida dos biólogos antes de Darwin, que a definiam como um “mecanismo que mantém as espécies imutáveis, sem serem degradadas”. Darwin foi o primeiro a lançar a declaração de que esse processo tinha força evolutiva, e daí construiu toda a sua teoria com base nessa declaração. O título que ele deu ao seu livro indica que a seleção natural era a base de sua teoria: “*A Origem das Espécies, mediante a Seleção Natural*”.

Entretanto, desde a época de Darwin não foi apresentado sequer um pingo de evidência que mostrasse que a seleção natural faz com que os seres vivos evoluam. Colin Patterson, paleontologista do Museu Britânico de História Natural, que também é um eminente evolucionista, destaca que a seleção natural jamais foi observada como tendo o poder de fazer com que os seres evoluam:

Ninguém jamais produziu uma espécie mediante o mecanismo de seleção natural. Ninguém chegou perto de conseguir isso, e a maior parte da discussão atual sobre o Neo-Darwinismo gira em torno dessa questão⁽¹¹⁾.

11. Colin Patterson, “Interview with Brian Leek”, Peter Franz, *Cladistics*, March 4, 1982, BBC.

A seleção natural afirma que os seres vivos que estão mais adaptados às condições naturais de seus habitats prevalecerão tendo descendência que sobreviverá, enquanto que os que estão menos adaptados desaparecerão. Por exemplo, em uma manada de cervos ameaçados por animais selvagens, naturalmente os que conseguem correr mais rápido sobreviverão. Isso é correto. Porém, independentemente da duração desse processo, ele não transformará aquele cervo em outra espécie. Ele permanecerá sempre como cervo.

Ao olharmos os poucos eventos que os evolucionistas têm apresentado como exemplos observados de seleção natural, vemos que eles nada mais são do que uma simples tentativa de contornar o problema.

“Melanismo Industrial”

Em 1986, Douglas Futuyama publicou seu livro *“The Biology of Evolution”* que é aceito como uma das fontes explicativas da Teoria da Evolução por seleção natural de uma maneira bastante explícita. O mais famoso dos seus exemplos sobre esse assunto versa sobre a cor da população de mariposas, que pareceu tornar-se mais escura durante a Revolução Industrial, na Inglaterra.

De acordo com o relato, no início da Revolução Industrial na Inglaterra, a cor das cascas das árvores, na região de Manchester, era bastante clara. Por essa razão, as mariposas de cor escura que pousavam nessas árvores eram facilmente percebidas pelos pássaros que se alimentavam delas, e portanto tinham pequena probabilidade de sobreviver. Cinquenta anos depois, em resultado da poluição, as cascas das árvores haviam escurecido, e então nessa ocasião as mariposas de cor clara se tornaram as mais predadas. Conseqüentemente, o número de mariposas de cor clara diminuiu e o das de cor escura aumentou, por não serem facilmente percebidas pelos pássaros. Os evolucionistas usam isso como uma grande evidência a favor de sua teoria, e refugiam-se e consolam-se nesse fato que enganosamente mostraria como as mariposas claras “evoluíram” para mariposas escuras.

Na realidade, deve ficar bem claro que, de maneira alguma, essa situação poderia ser usada como evidência favorável à Teoria da Evolução, pois a seleção natural não deu origem, nesse caso, a uma nova forma que não existisse antes. As mariposas de cor escura existiam na população de mariposas, antes da Revolução Industrial. Somente foram alteradas as proporções relativas das variedades já existentes de mariposas. As mariposas não adquiriram novas características ou órgãos que pudessem ocasionar uma “especiação”. Para que uma mariposa se transformasse em outra espécie viva – uma ave, por exemplo – novos acréscimos teriam de ser introduzidos nos seus genes.



O exemplo do melanismo industrial certamente não constitui uma evidência a favor da evolução, porque esse processo não produziu qualquer nova espécie de mariposa. A seleção foi somente entre variedades já existentes.

Isto é, um programa genético inteiramente separado teria de ser introduzido para incluir informações sobre os caracteres físicos da ave.

Em resumo, a seleção natural não tem capacidade para acrescentar ou remover um novo órgão de um organismo vivo, nem para mudar o organismo em outra espécie, muito ao contrário da imagem vendida pelos evolucionistas. A “maior” evidência apresentada desde Darwin não foi capaz de ir além do “melanismo industrial” das mariposas da Inglaterra.

Pode a Seleção Natural Explicar a Complexidade?

A seleção natural não tem nada que contribua para a Teoria da Evolução, porque o seu mecanismo **jamais pode aumentar ou melhorar a informação genética de uma espécie**. Nem pode transformar uma espécie em outra: uma estrela-do-mar em peixe, um peixe em sapo, um sapo em crocodilo, ou um crocodilo em pássaro. Gould, o maior defensor do equilíbrio pontuado, refere-se a este beco-sem-saída da seleção natural da seguinte forma:

“A essência do Darwinismo repousa em uma simples frase: a seleção natural é a força criativa da mudança evolutiva. Ninguém nega que a seleção natural desempenhará um papel negativo na eliminação do

menos apto. As teorias darwinistas, porém, exigem também que ela crie o mais apto.”⁽¹²⁾



A seleção natural serve como mecanismo de eliminação dos indivíduos fracos dentro de uma espécie. Ela é uma força conservadora que protege a espécie existente contra a degeneração. Além disso, ela não tem capacidade de transformar uma espécie em outra.

Outro dos métodos enganosos que os evolucionistas empregam com relação à seleção natural é o seu esforço para apresentar esse mecanismo como um planejador consciente. Entretanto, **a seleção natural não tem qualquer consciência**. Ela não possui uma vontade que possa decidir o que é bom e o que é mau para os seres vivos. Conseqüentemente, a seleção natural não consegue explicar sistemas biológicos e órgãos que apresentam características de “**complexidade irreduzível**”. Esses sistemas e órgãos são compostos mediante a cooperação de um grande número de partes, e são inoperantes se até mesmo uma só dessas partes faltar ou for defeituosa. (Por exemplo, o olho humano não funciona a não ser que exista com todos os seus detalhes). Assim, a vontade que reúne todas essas partes deveria ser capaz de planejar o futuro antecipadamente, e visar diretamente o benefício que seria atingido com a realização da última etapa do desenvolvimento. Como os mecanismos naturais não têm essa consciência ou vontade, eles não poderão proceder dessa forma. Esse fato, que também destrói os fundamentos da Teoria da Evolução, também foi lamentado por Darwin: “**Se pudesse ser demonstrado que não existe qualquer órgão complexo que possivelmente pudesse ter sido formado por numerosas modificações graduais sucessivas, minha teoria estaria destruída**”.⁽¹³⁾

12. Stephen Jay Gould, “The Return of Hopeful Monsters”, *Natural History*, Vol. 86, July-August 1977, p. 28.

13. Charles Darwin, “The Origin of Species: A Facsimile of the First Edition”, Harvard University Press, 1964, p. 189.

A seleção natural somente elimina de uma espécie os indivíduos disformes, fracos ou inaptos. Ela não pode produzir novas espécies, nova informação genética, ou novos órgãos. Isto é, ela não consegue fazer com que algo evolua. Darwin aceitava essa realidade, dizendo: **“A seleção natural não pode fazer nada até que ocorram ao acaso variações favoráveis”**.⁽¹⁴⁾ É por isso que o Neo-Darwinismo teve de pôr ao lado da seleção natural as mutações, como “causa de mudanças benéficas”. Entretanto, como veremos, as mutações somente podem ser “causa de mudanças deletérias”.

Mutações

As mutações são definidas como falhas ou alterações na seqüência da molécula de DNA que se encontra no núcleo da célula de um organismo vivo, e que contém toda a informação genética. Essas falhas ou alterações resultam de efeitos externos como radiações ou ações químicas. Toda mutação é um “acidente”, que ou danifica os nucleotídeos que constituem o DNA, ou altera o seu posicionamento. Na maioria das vezes, elas acarretam tão grande dano ou alteração que a célula não consegue repará-los.

A mutação, e isso freqüentemente é escondido pelos evolucionistas, não é uma varinha mágica que transforma organismos vivos dando-lhes forma mais avançada e perfeita. O efeito imediato das mutações é deletério. As mudanças efetuadas pelas mutações são semelhantes somente às que foram experimentadas pelas pessoas em Hiroshima, Nagasaki e Chernobyl: morte, incapacidade física, e anomalias.

A razão é muito simples: o DNA tem uma estrutura bastante complexa e efeitos aleatórios podem somente causar dano a essa estrutura. B. G. Ranganathan declara:

“Mutações são pequenas, aleatórias, e deletérias. Ocorrem raramente, e na melhor das hipóteses são inefetivas. Essas quatro características das mutações implicam que elas não podem levar a um desenvolvimento evolutivo. **Uma alteração aleatória em um organismo altamente especializado ou é inefetiva ou deletéria.** Uma alteração em um relógio não pode aperfeiçoá-lo. A probabilidade maior é de danificá-lo ou, na melhor das hipóteses, de ser inefetiva. **Um terremoto não aprimora uma cidade, ele ocasiona destruição**”.⁽¹⁵⁾

14. *Ibid*, p. 177.

15. B. G. Ranganathan, “Origins?”, Pennsylvania: The Banner Of Truth Trust, 1988

Não causa surpresa que **até hoje não tenha sido observada nenhuma mutação útil**. Todas as mutações comprovadamente foram danosas. O cientista evolucionista Warren Weaver comentou da seguinte maneira o relatório preparado pela Comissão sobre os Efeitos Genéticos das Radiações Atômicas (Comissão formada para investigar as mutações que poderiam ter sido causadas pelas armas nucleares usadas na Segunda Guerra Mundial):

“Muitos ficarão intrigados com a afirmação de que praticamente todos os genes mutantes são deletérios, pois as mutações constituem uma parte necessária do processo evolutivo. Como, então, um bom efeito – a evolução em direção a formas superiores de vida – pode resultar **de mutações que, praticamente todas, são deletérias?** ⁽¹⁶⁾

Todos os esforços despendidos para “produzir uma mutação útil” falharam. Durante décadas, os evolucionistas executaram numerosos experimentos para produzir mutações nas moscas-das-frutas (*Drosophila*), pois esses insetos se reproduzem bastante rapidamente, e assim as mutações se manifestariam também rapidamente. Gerações e gerações dessas moscas sofreram mutações, e jamais foi observada qualquer mutação útil. O geneticista evolucionista Gordon Taylor assim se manifestou:

Todas as mutações são deletérias



16. Warren Weaver, “Genetic Effects of Atomic Radiation”, *Science*, Vol. 123, June 29, 1956, p. 1159.

“Em todos os milhares de experimentos de cruzamentos efetuados em todo o mundo durante mais de cinquenta anos, jamais foi visto o aparecimento de uma nova espécie distinta ... e nem sequer de uma nova enzima.” ⁽¹⁷⁾

Michel Pitman, outro pesquisador, comenta o fracasso dos experimentos efetuados com as moscas-das-frutas:

“Morgan, Goldschmidt, Müller, e outros geneticistas, submetem gerações de moscas-das-frutas a condições extremas de calor, frio, claridade, escuridão, tratamento químico e radiações. Todos os tipos de mutações, praticamente todos triviais e positivamente deletérios, foram produzidos. Evolução conduzida pelo homem? Realmente não: poucos dos monstros dos geneticistas poderiam ter sobrevivido fora dos frascos em que foram gerados. Na prática, **os mutantes morrem, são estéreis, ou tendem a reverter ao tipo ancestral**”.

⁽¹⁸⁾

O mesmo vale para o ser humano. Todas as mutações que têm sido observadas em seres humanos foram deletérias. Com esses fatos, os evolucionistas lançam uma cortina de fumaça e tentam mostrar até mesmo exemplos dessas mutações deletérias como “evidências a favor da evolução”. Todas as mutações que têm lugar no ser humano resultam em deformidades físicas, em enfermidades como **mongolismo, síndrome de Down, albinismo, nanismo, ou câncer**. Essas mutações são apresentadas nos livros didáticos evolucionistas como exemplos de “mecanismos evolutivos em ação”. Não é necessário dizer que um processo que deixa as pessoas deficientes ou doentes não pode ser um “mecanismo evolutivo”, já que supostamente a evolução produz formas mais aprimoradas, mais aptas à sobrevivência.

Resumindo, há três razões pelas quais as mutações não podem ser postas a favor das afirmações evolucionistas:

1) O efeito direto das mutações é deletério: Como elas ocorrem aleatoriamente, quase sempre danificam o organismo vivo que sofre seus efeitos. A lógica nos diz que a intervenção inconsciente em uma estrutura perfeita e complexa não aprimorará a estrutura, mas a degradará. De fato, jamais foi observada uma “mutação útil”.

2) As mutações não acrescentam nova informação ao DNA de um organismo: As partículas que carregam a informação genética ou são expulsas de suas posições, ou são destruídas, ou são deslocadas para outras posições. As mutações não podem fazer com que um ser vivo adquira um

17. Gordon R. Taylor, “The Great Evolution Mystery”, New York: Harper & Row, 1983, p. 48.

18. Michael Pitman, “Adam and Evolution”, London: River Publishing, 1984, p. 70.

novo órgão ou um novo caráter. Elas somente ocasionam anormalidades, como uma perna saindo das costas ou uma orelha no abdômen.

3) Para que uma mutação seja transferida à geração seguinte, ela deve sempre ocorrer nas células reprodutivas do organismo: Uma alteração aleatória que ocorra em uma célula ou órgão qualquer do corpo não pode ser transferida à geração seguinte. Por exemplo, um olho alterado pelo efeito de radiação, ou outras causas, não se perpetuará nas gerações seguintes.

Em síntese, é impossível que os seres vivos tenham evoluído, porque não existe na natureza mecanismo que possa fazê-los evoluir. Isso está coerente com o registro fóssil, que demonstra que o cenário da evolução está muito longe da realidade.

O Registro Fóssil Refuta A Evolução

De acordo com a Teoria da Evolução, toda espécie viva originou-se de uma espécie predecessora. Uma espécie previamente existente tornou-se em outra no decorrer do tempo, e todas as espécies surgiram deste modo. De acordo com a teoria, essas transformações foram procedidas ao longo de milhões de anos.

Se isso aconteceu, então deveriam ter existido numerosas espécies intermediárias que viveram no decorrer desse longo período de transformação.

Por exemplo, alguns meio-peixes / meio-répteis deveriam ter vivido no passado, tendo adquirido algumas características de répteis que se somaram às de peixes, que eles já possuíam. Ou deveriam ter existido alguns répteis-aves que adquiriram características de aves que se somaram às de répteis, que eles já possuíam. Os evolucionistas referem-se a essas criaturas imaginárias, que acreditam terem vivido no passado, como “formas de transição”.

Se esses animais realmente tivessem existido, deveriam existir milhões ou até bilhões deles em número e variedade. Mais importante ainda, os restos dessas estranhas criaturas deveriam estar presentes no registro fóssil. O número dessas formas de transição deveria ter sido ainda maior do que o das atuais espécies de animais, e seus restos deveriam ser encontrados ao redor do mundo todo. Darwin explicou em “*A Origem das Espécies*”:

“Se minha teoria for verdadeira, incontáveis variedades intermediárias, ligando entre si mais estreitamente todas as espécies do mesmo grupo, certamente teriam existido. ... Conseqüentemente, deveriam ser encontradas evidências de sua existência anterior somente entre os restos fósseis”.⁽¹⁹⁾

Até o próprio Darwin estava ciente da ausência dessas formas de transição. Ele esperava que elas fossem descobertas no futuro. Apesar dessa sua esperança, ele compreendia que a maior pedra de tropeço em sua teoria eram as formas de transição faltantes. Assim, em seu livro “*A Origem das Espécies*” ele escreveu o seguinte no capítulo “Dificuldades da Teoria”:

19. Charles Darwin, “The Origin of Species: A Facsimile of the First Edition”, Harvard University Press, 1964, p. 179.

“Se as espécies descenderam de outras espécies mediante pequenas gradações, **por que nós não vemos por toda a parte inúmeras formas de transição?** Por que toda a natureza não está em confusão, em vez de as espécies estarem bem definidas, como as vemos? ... Contudo, como por esta teoria inumeráveis formas de transição devem ter existido, por que não as encontramos soterradas, em incontável quantidade, na crosta da Terra? ... Mas, na região intermediária, tendo condições de vida intermediárias, por que não encontramos hoje variedades intermediárias estreitamente ligadas entre si? Essa dificuldade durante muito tempo confundiu-me bastante”.⁽²⁰⁾

A única explicação que Darwin podia dar para contrapor-se a essa objeção era o argumento de que o registro fóssil até então descoberto era incompleto. Assim, ele afirmou que, quando o registro fóssil fosse estudado em seus detalhes, seriam descobertos os elos faltantes.

Crendo na profecia de Darwin, os evolucionistas têm estado a procurar fósseis e escavar à procura dos elos desde meados do século XIX, ao redor de todo o mundo. Apesar de seus melhores esforços, **ainda não foram descobertas quaisquer formas de transição.** Todos os fósseis desenterrados nas escavações mostraram que, ao contrário da crença dos evolucionistas, a vida surgiu na Terra repentinamente, e completamente formada. Tentando comprovar sua teoria, os evolucionistas inadvertidamente, ao contrário, ocasionaram o seu colapso.

Um famoso paleontologista britânico, Derek V. Ager, admite esse fato, mesmo sendo evolucionista:

“Destaca-se o fato de que, se examinarmos o registro fóssil detalhadamente, tanto no nível das ordens, como no das espécies, verificamos – repetidamente – **não uma evolução gradual, mas a explosão súbita de um grupo às expensas de outro**”.⁽²¹⁾

Outro evolucionista, o paleontologista Mark Czarnecki, comenta o fato da seguinte forma:

“O maior problema para a comprovação da teoria tem sido o registro fóssil – as impressões deixadas pelas espécies extintas, preservadas nas formações geológicas da Terra. Esse registro nunca revelou traços das variantes intermediárias hipotéticas de Darwin - **pelo contrário, as espécies aparecem e desaparecem abruptamente,** e essa anomalia tem alimentado o argumento criacionista de que cada espécie foi criada por Deus”.⁽²²⁾

20. *Ibid*, pp. 172, 280.

21. Derek V. Ager, “The Nature of the Fossil Record”, *Proceedings of the British Geological Association*, Vol. 87, 1976, p. 133.

22. Mark Czarnecki, “The Revival of the Creationist Crusade”, *MacLean's*, January 19, 1981, p. 56.

Fósseis Vivos

A Teoria da Evolução alega que as espécies continuamente evoluem em direção a outras espécies. Porém, quando comparamos os seres vivos com os fósseis, vemos que eles permanecem imutáveis durante os supostos milhões de anos. Esse fato é uma evidência clara que torna falsas as alegações dos evolucionistas



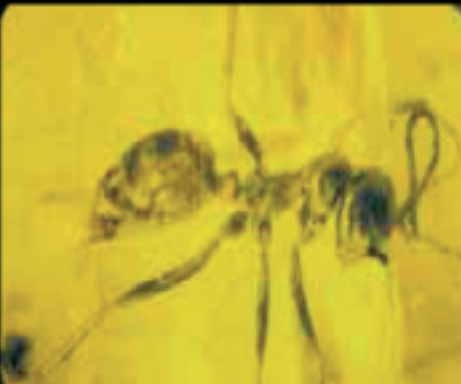
A abelha hoje não é diferente de sua parente fossilizada supostamente há milhões de anos.



A libélula fóssil, com seus supostos 135 milhões de anos, não difere de sua contraparte atual.



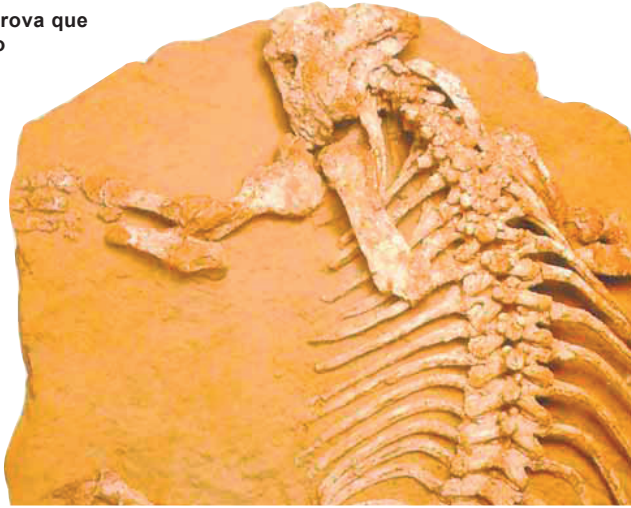
A comparação com uma formiga fóssil datada como tendo 100 milhões de anos, indica claramente que as formigas não tiveram uma história evolutiva.



Eles também tiveram de levar em conta a futilidade de aguardar que formas de transição “faltantes” aparecessem no futuro, como explicado por T. Neville George, professor de paleontologia da Universidade de Glasgow:

“Não há mais necessidade de se desculpar pela pobreza do registro fóssil. Sob algumas formas, ele se tornou quase incontrolavelmente rico, e as descobertas estão ultrapassando a integração. ... **O registro fóssil, entretanto, continua a ser constituído principalmente de hiatos**”.⁽²³⁾

O registro fóssil comprova que as formas de transição nunca existiram, a evolução jamais ocorreu, e todas as espécies foram criadas separadamente com sua forma atual.



A Vida Surgiu na Terra Repentinamente e sob Formas Complexas

Quando são examinados os estratos da crosta terrestre e o registro fóssil, vê-se que todos os organismos vivos surgiram simultaneamente. Os estratos mais antigos, nos quais foram encontrados fósseis de criaturas que vivem hoje, são do Período Cambriano, cuja idade é estimada entre 500 a 550 milhões de anos na escala geológica tradicional.

As criaturas vivas cujos fósseis são encontrados no Cambriano aparecem repentinamente no registro fóssil – sem ancestrais pré-existentes. Os fósseis encontrados nas rochas cambrianas são de caramujos, trilobitas, esponjas, anelídeos, águas-vivas, ouriços marinhos, e outros invertebrados complexos. Esse amplo mosaico de organismos vivos, composto de tão grande número de criaturas complexas, apareceu tão repentinamente que esse evento miraculoso é denominado de “Explosão Cambriana” na literatura geológica.

23. T. Neville George, “Fossils in Evolutionary Perspective”, *Science Progress*, Vol. 48, January 1960, pp. 1, 3.

A maior parte das formas de vida encontradas nesses estratos tem sistemas complexos, como olhos, guelras, sistema circulatório, e estruturas fisiológicas avançadas, não diferentes das existentes em suas contrapartes modernas. Por exemplo, a estrutura do olho composto do trilobita, com seus alvéolos hexagonais e lentes duplas, é uma maravilha de planejamento. David Raup, professor de geologia nas Universidades de Harvard, Rochester e Chicago, declara que: os trilobitas utilizavam um projeto otimizado que exigiria hoje um engenheiro especializado em óptica, com imaginação e experiência, para concebê-lo".⁽²⁴⁾

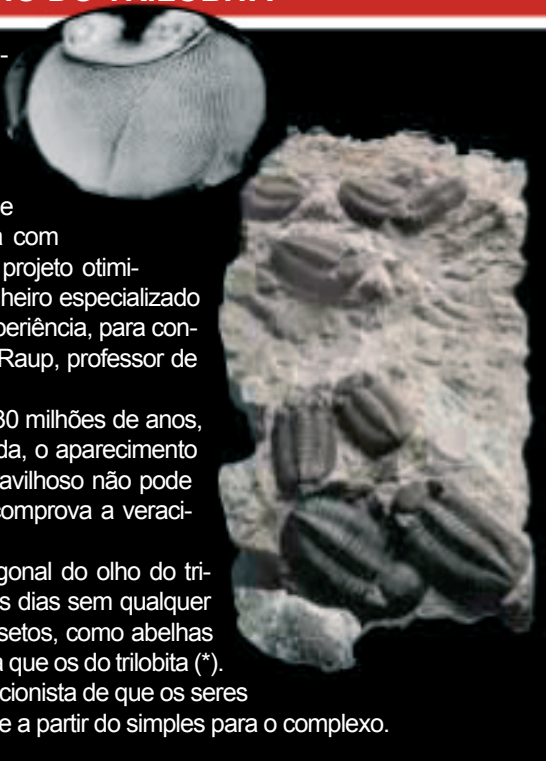
Esses invertebrados complexos surgiram repentinamente, e completos, sem existir qualquer elo ou forma de transição entre eles e os organismos unicelulares que constituíam a única forma de vida nas camadas geológicas anteriores.

O OLHO DO TRILOBITA

Os trilobitas que aparecem repentinamente no Período Cambriano apresentam olhos com uma estrutura extremamente complexa. Consistindo de milhões de pequenas facetas de forma hexagonal, e um sistema com lente dupla, esse olho "tem um projeto otimizado que exigiria hoje um engenheiro especializado em óptica, com imaginação e experiência, para concebê-lo", nas palavras de David Raup, professor de geologia.

Esses olhos teriam surgido há 530 milhões de anos, perfeitos e completos. Sem dúvida, o aparecimento repentino de um projeto tão maravilhoso não pode ser explicado pela evolução, e comprova a veracidade da criação.

Além do mais, a estrutura hexagonal do olho do trilobita teria sobrevivido até nossos dias sem qualquer alteração. Os olhos de alguns insetos, como abelhas e libélulas têm a mesma estrutura que os do trilobita (*). Essa situação refuta a tese evolucionista de que os seres vivos evoluíram progressivamente a partir do simples para o complexo.



(*) R. L. Gregory, "Eye and Brain": *The Physiology of Seeing*, Oxford University Press, 1995, p. 31.

24. David Raup, "Conflicts between Darwin and Paleontology", *Bulletin, Field Museum of Natural History*, Vol. 50, January 1979, p. 24.

Richard Monastersky, editor da revista *“Earth Science”*, que é uma das publicações de divulgação da literatura evolucionista, afirma o seguinte sobre a *“Explosão Cambriana”*, causando total surpresa aos evolucionistas:

“Há meio bilhão de anos, surgiram repentinamente as formas de animais notavelmente complexas que vemos hoje. Este instante, logo no início do Período Cambriano, aproximadamente há 500 milhões de anos, marca a explosão evolutiva que encheu os mares com as primeiras criaturas complexas deste mundo. Os atuais grandes filos animais já estavam presentes no início do Cambriano, e eram tão distintos entre si como atualmente”.⁽²⁵⁾

Como a Terra se tornou povoada com esse tão grande número de espécies de animais repentinamente, e como esses tipos de espécies diferentes, sem ancestrais comuns, poderiam ter surgido, é uma questão que permanece sem resposta pelos evolucionistas. O zoólogo de Oxford Richard Dawkins, um dos mais preeminentes defensores do pensamento evolucionista em todo o mundo, comenta essa realidade que invalida as próprias raízes de todos os argumentos que ele mesmo tem estado a defender:

“Por exemplo (na perspectiva da escala geológica convencional), os estratos rochosos do Cambriano, com cerca de 600 milhões de anos são os mais antigos em que se encontra a maioria dos principais grupos de invertebrados. E achamos muitos deles já em avançado estágio evolutivo em seu primeiro aparecimento. **É como se eles já estivessem surgido ali sem nenhuma história evolutiva.** É desnecessário dizer que esse aparecimento repentino deleitou os criacionistas”.⁽²⁶⁾

Como Dawkins foi forçado a reconhecer, a Explosão Cambriana é forte evidência a favor da criação, pois é esta a única maneira de explicar o surgimento da vida completamente formada, sobre a Terra. Douglas Futuyama, notável biólogo evolucionista, admite esse fato e declara: “Os organismos ou apareceram sobre a terra completamente desenvolvidos, ou não. No caso afirmativo, eles devem ter-se desenvolvido de espécies pré-existentes, por algum processo de modificação. **Se apareceram em um estado plenamente desenvolvido, eles devem certamente ter sido criados por alguma inteligência onipotente**”.⁽²⁷⁾ O próprio Darwin reconheceu essa possibilidade quando escreveu: “Se numerosas espécies, pertencendo

25. Richard Monastersky, *“Mysteries of the Orient”*, *Discover*, April 1993, p. 40.

26. Richard Dawkins, *“The Blind Watchmaker”*, London: W. W. Norton 1986, p. 229.

27. Douglas J. Futuyama, *“Science on Trial”*, New York: Pantheon Books, 1983, p. 197.

ao mesmo gênero ou família, na realidade vieram à vida repentinamente, **esse fato seria fatal à teoria da descendência com lenta modificação através da seleção natural**".⁽²⁸⁾ O Período Cambriano nada mais é do que o "golpe fatal" dado a Darwin. É por isso que o paleoantropólogo evolucionista suíço Stefan Bengston confessa a ausência de elos de transição ao descrever o Período Cambriano, dizendo: "Desconcertante (e embaraçoso) para Darwin, esse evento ainda nos atordoa".⁽²⁹⁾

Como pode ser visto, o registro fóssil indica que os seres vivos não evoluíram de formas primitivas a formas avançadas; pelo contrário, surgiram repentinamente em um estado perfeito. Em resumo, os seres vivos não vieram à existência por evolução; foram criados.

28. Charles Darwin, "The Origin of Species: A Facsimile of the First Edition", Harvard University Press, 1964, p.302.

29. Stefan Bengston, *Nature*, Vol. 345, 1990, p. 765.

A Suposta Transição da Água para a Terra

Os evolucionistas supõem que os invertebrados marinhos que aparecem nos estratos do Cambriano, de alguma forma evoluíram, tornando-se peixes no decorrer de dezenas de milhões de anos. Entretanto, como os invertebrados do Cambriano não têm ancestrais, não existem elos de transição que indiquem que tenha ocorrido evolução entre esses invertebrados e peixes. Deve ser observado que invertebrados e peixes apresentam enormes diferenças estruturais. Os invertebrados têm tecidos duros externos ao seu corpo (exoesqueleto), e os peixes são vertebrados que têm esqueleto no interior de seu corpo (endoesqueleto). Uma “evolução” de tal complexidade teria necessitado bilhões de etapas para ser completada, e deveriam existir bilhões de formas de transição para atestá-la.

Os evolucionistas têm estado escavando estratos fósseis há mais de 150 anos, em busca dessas hipotéticas formas de transição. Descobriram milhões de invertebrados e de peixes fósseis, porém jamais alguém encontrou sequer um exemplar a meio termo entre eles.

O paleontologista evolucionista Gerald T. Todd admite esse fato em um artigo intitulado “A Evolução do Pulmão e a Origem dos Peixes Ósseos”:

“Todas as três subdivisões dos peixes vertebrados aparecem pela primeira vez no registro fóssil aproximadamente ao mesmo tempo, já amplamente divergentes morfológicamente, e fortemente encouraçados. Como eles se originaram? O que os levou a divergirem tão grandemente? Como todos eles vieram a ter fortes couraças? E por que não existe qualquer vestígio de formas intermediárias anteriores?”⁽³⁰⁾

O cenário evolutivo dá um passo além e propõe que peixes, que evoluíram de invertebrados, transformaram-se depois em anfíbios. Porém este cenário também não se apoia em evidências. Não há sequer um único fóssil comprovando que tenha jamais existido uma criatura meio-peixe/

30. Gerald T. Todd, “Evolution of the Lung and the Origin of Bony Fishes: A Casual Relationship”, *American Zoologist*, Vol. 26, Nº. 4, 1980, p. 757.

De acordo com o cenário hipotético “do mar à terra”, alguns peixes sentiram a necessidade de sair do mar devido a problemas de alimentação. Esta alegação é “apoiada” por desenhos especulativos como este.



meio-anfíbio. Tal fato é confirmado por uma autoridade evolucionista bastante conhecida, Robert L. Carroll, autor do livro “Paleontologia de Vertebrados e Evolução”, embora de forma relutante, como transcrito: **“Não temos quaisquer fósseis intermediários entre peixes celacântídeos (Ripidistiano, os seus favoritos “ancestrais” dos tetrápodes) e anfíbios primitivos”**⁽³¹⁾. Os paleontologistas Colbert e Morales manifestam-se da seguinte maneira sobre as três classes básicas de anfíbios - rãs, salamandras e cecílias:

“Não existem evidências de quaisquer anfíbios do Paleozóico que combinem as características que deveriam ser esperadas em um único ancestral comum. Os mais antigos espécimes conhecidos de rãs, salamandras e cecílias são muito semelhantes aos seus descendentes vivos”⁽³²⁾.

Até cerca de cinquenta anos atrás, os evolucionistas supunham que de fato essa criatura existisse. Um peixe fóssil – o celacanto – que se estimava ter vivido há cerca de 410 milhões de anos, foi apresentado como uma forma de transição, com pulmão incipiente, cérebro desenvolvido, sistemas circulatório e digestivo prontos para funcionar em terra, e mesmo um mecanismo primordial para deslocamento no solo. Essas interpretações anatômicas foram aceitas como verdade irrefutável pelos círculos científicos até o fim da década de 1930. O celacanto passou a ser apresentado como uma forma de transição genuína, que comprovava a transição evolutiva da água para a terra.

Entretanto, em 22 de dezembro de 1938, foi feita uma interessante descoberta no Oceano Índico. Um espécime vivo da família dos celacantos, até então apresentada como forma de transição extinta há 70 milhões de

31. R. L. Carroll, “Vertebrate Paleontology and Evolution”, New York: W. H. Freeman and Co. 1988, p. 4.

32. Edwin H. Colbert, M. Morales, “Evolution of the Vertebrates”, New York: John Wiley and Sons, 1991, p. 99.

Por que é impossível a transição da água para a terra



Os evolucionistas declaram que, um dia, uma espécie que vivia na água, saltou para a terra firme, de alguma maneira, e transformou-se em uma espécie que passou a viver em terra. Existem, porém, numerosos fatos que tornam impossível essa transição:

1 – Suportar o próprio peso

As criaturas que vivem no mar não têm problemas em suportar seu próprio peso. Entretanto, a maioria das criaturas terrestres consomem cerca de 40% de sua energia somente para deslocar o seu corpo em seus percursos. As criaturas que fizessem a transição da água para a terra teriam que desenvolver novos sistemas ósseos e musculares para prover a energia necessária, o que é impossível de ter acontecido simultaneamente por mutações aleatórias.

2 – Reter calor

Em terra, a temperatura pode mudar rapidamente, e variar dentro de um amplo intervalo. Uma criatura terrestre tem um mecanismo em seu corpo que pode fazê-la suportar grandes variações de temperatura. Contudo, no mar, a temperatura muda lentamente e as variações não ocorrem em faixas tão grandes. Um organismo vivo que tem um sistema de regulação de temperatura correspondente às pequenas variações observadas no mar (temperatura praticamente constante) necessitaria adquirir um sistema de proteção que garantisse o mínimo dano proveniente das grandes variações observadas em terra. É absurdo aceitar que os peixes adquiriram um sistema desse tipo por mutações aleatórias imediatamente ao passar para o ambiente terrestre.

3 – Uso da Água

A água e mesmo o vapor d'água, essenciais para o metabolismo, precisam ser utilizados de maneira econômica, devido à escassez relativa de fontes de água em terra firme. Por exemplo, a pele teria de ser projetada para permitir a perda d'água até certo ponto, evitando ao mesmo tempo evaporação excessiva. As criaturas terrestres, portanto, terão sensação de sede, coisa que os seres aquáticos não têm. Ainda mais, a pele dos animais aquáticos não é adequada para o habitat não aquático.

4 – Rins

Os organismos que vivem no mar facilmente podem excretar materiais residuais como a amônia, já que há abundância de água em seu habitat. Em terra, a água tem de ser usada com parcimônia, e por essa razão existem rins nos seres terrestres. Graças aos rins, a amônia é armazenada pela conversão em uréia, sendo usado um mínimo de água em sua excreção. Ainda mais, novos sistemas tornam-se necessários para o funcionamento dos rins. Em resumo, para que pudesse ter ocorrido a passagem da água à terra, os seres vivos sem rins teriam de ter desenvolvido um sistema renal de forma imediata.

5 – Sistema Respiratório

Os peixes “respiram” retirando oxigênio dissolvido na água que passa pelas suas guelras. Eles não podem viver além de alguns poucos minutos fora d'água. Para viver fora d'água eles teriam de desenvolver um perfeito sistema pulmonar de forma imediata.

É certamente bastante improvável que todas estas dramáticas alterações fisiológicas pudessem ter acontecido no mesmo organismo ao mesmo tempo, e por acaso.



Celacanto, um fóssil que viveu há 410 milhões de anos. Os evolucionistas alegavam que ele era uma forma de transição da água para a terra. Muitos espécimes vivos deste peixe foram apanhados desde 1938, provendo um bom exemplo da amplitude das especulações em que os evolucionistas têm-se enredado.

anos, foi apanhado vivo! A descoberta de um protótipo “vivo” de celacanto indubitavelmente causou um severo choque aos evolucionistas. O paleontologista J. L. B. Smith afirmou que não poderia ficar mais surpreso se tivesse se deparado com um dinossauro vivo ⁽³³⁾. No decorrer dos anos que se seguiram, foram apanhados 200 celacantos em diferentes partes do mundo.

Tartarugas sempre foram tartarugas

Assim como a Teoria da Evolução não pode dar explicação para os grupos básicos de seres vivos, tais como peixes e répteis, também não pode explicar a origem das espécies abrangidas por esses grupos. Por exemplo, as tartarugas que são uma espécie de répteis, surgem no registro fóssil de forma repentina, com suas carapaças peculiares. Citando uma fonte evolucionista: “... Em meados do Período Triássico (cerca de 175 milhões de anos atrás, conforme a escala evolutiva) já eram numerosos os membros do grupo das tartarugas, possuindo as características básicas das tartarugas atuais. Os elos entre as tartarugas e os cotilossauros, dos quais as tartarugas supostamente teriam derivado, são quase totalmente inexistentes” (*Encyclopaedia Britannica*, 1971, v. 22, p. 418).



Tartaruga fóssil datada de 100 milhões de anos: em nada diferente dos espécimes atuais (*The Dawn of Life*, Orbis Pub., Londres, 1972)

Não há diferenças entre fósseis de tartarugas antigas e os atuais membros da espécie. Falando de maneira simples, as tartarugas não “evoluiram”; elas sempre foram tartarugas desde que foram criadas.

33. Jean-Jacques Hublin, “The Hamlyn Encyclopaedia of Prehistoric Animals”, New York: The Hamlyn Publishing Group Ltd., 1984, p. 120.

Os celacantos vivos revelaram quão longe puderam ir os evolucionistas na montagem de seus cenários imaginários. Contrariamente às alegações, os celacantos não tinham nem pulmão incipiente nem cérebro mais desenvolvido. O que os pesquisadores evolucionistas designaram como pulmão incipiente nada mais era do que uma bolsa de lipídios⁽³⁴⁾. Além do mais, o celacanto, que havia sido apresentado como “um candidato a réptil sendo preparado para a passagem do mar para a terra”, na realidade era um peixe que vivia nas profundezas dos oceanos, e nunca havia chegado a menos de 180 metros de profundidade⁽³⁵⁾.

34. Jacques Millot, “The Coelacanth”, *Scientific American*, Vol. 193, December 1955, p. 39.

35. *Bilim ve Teknik Magazine*, November 1998, No: 372, p. 21.

A Suposta Origem das Aves e dos Mamíferos

De acordo com a Teoria da Evolução, a vida originou-se e evoluiu no mar, chegando à terra firme com os anfíbios. Este cenário evolutivo sugere também que os anfíbios evoluíram para répteis, criaturas que vivem somente em terra. Este cenário, novamente, é implausível, devido às enormes diferenças estruturais existentes entre essas duas classes de animais. Por exemplo, o ovo dos anfíbios é projetado para desenvolver-se na água, ao passo que o ovo amniótico é projetado para desenvolver-se em terra. Uma evolução gradual “passo a passo” de um anfíbio fica fora de cogitação porque, sem um ovo perfeito e plenamente desenvolvido, não seria possível uma espécie sobreviver. Além disso, como é costumeiro, não existem evidências de formas de transição que eram supostas ligando os anfíbios aos répteis. Robert L. Carroll, paleontologista evolucionista e autoridade no campo da paleontologia de vertebrados, teve de aceitar que **“os primeiros répteis eram muito diferentes dos anfíbios, e seus ancestrais ainda não puderam ser encontrados”**⁽³⁶⁾.

Apesar disto, os cenários evolucionistas, desesperançadamente abalados, ainda são mantidos, e permanece o problema de fazer essas criaturas voarem! Como os evolucionistas crêem que de alguma forma as aves devem ter evoluído, afirmam então que elas evoluíram a partir dos répteis. Entretanto, nenhum dos mecanismos distintivos das aves, que têm estruturas completamente diferentes dos animais terrestres, pode ser explicado por evolução gradual. Primeiramente, as asas, que são uma característica específica das aves, constituem um enorme impasse para os evolucionistas. Um conhecido evolucionista da Turquia, Eugin Korur, confessa a impossibilidade da evolução das asas:

“Uma característica comum dos olhos e das asas é que eles somente podem funcionar se estiverem plenamente desenvolvidos. Em outras palavras, **um olho meio-desenvolvido não pode ver; uma ave com asas meio-formadas não pode voar.** Como puderam ter vindo à existência esses órgãos tem permanecido um dos mistérios da natureza que precisa ser esclarecido”⁽³⁷⁾.

36. Robert L. Carroll, “Vertebrate Paleontology and Evolution”, New York: W. H. Freeman and Co., 1988, p. 198.

37. Engin Korur, “Gözlerin ve Kanatların Sirri” (“The Mystery of the Eyes and the Wings”), *Bilim ve Teknik*, No. 203, October 1984, p. 25.

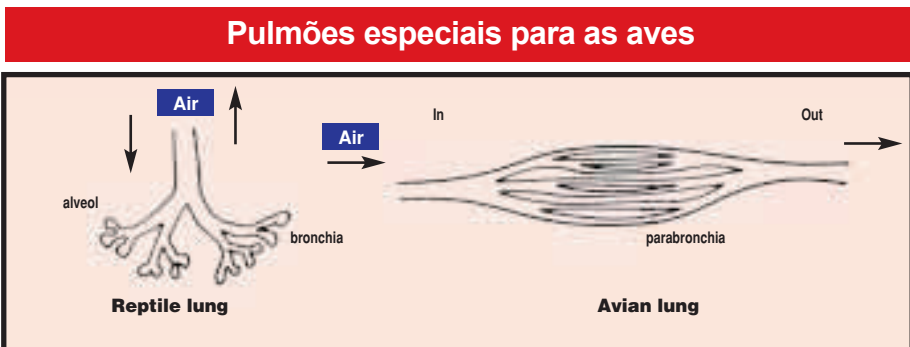
O problema de como veio à existência a estrutura perfeita das asas como resultado de sucessivas mutações aleatórias permanece inteiramente sem solução. Não há como explicar de que forma os membros dianteiros de um réptil poderiam ter-se transformado em asas perfeitamente funcionais, em resultado de alterações em seus genes (mutações).

Ainda mais, somente ter asas não é suficiente para um animal voar. Animais terrestres não possuem muitos outros mecanismos estruturais que as aves têm, necessários para o vôo. Por exemplo, os ossos das aves são muito mais leves do que os dos animais terrestres. Seus pulmões também funcionam de maneira distinta. Elas têm um sistema muscular e ósseo diferente e um sistema cárdio-circulatório bastante especializado. Estas características são pré-requisitos para o vôo, tão necessárias como as asas. Todos esses mecanismos tinham de existir ao mesmo tempo plenamente desenvolvidos; não poderiam ter sido formados gradualmente por acumulação sucessiva. Por tal razão, a teoria que afirma que os animais terrestres evoluíram em direção às aves constitui uma falácia total.

Tudo isso traz à mente uma questão: mesmo que supuséssemos que esta história impossível fosse verdadeira, então por que os evolucionistas foram incapazes de descobrir quaisquer fósseis “meio-alados” que apoiassem a sua suposição?

Outra alegada forma de transição: o *Archæopteryx*

Os evolucionistas, em resposta, dão o nome de uma única criatura – o fóssil de uma ave que foi denominada *Archæopteryx*, que é uma das mais



A anatomia das aves é muito diferente da anatomia dos répteis, seus supostos ancestrais. Os pulmões das aves funcionam de maneira totalmente diferente do que os dos animais terrestres. Os animais terrestres inspiram e expiram pelo mesmo ducto. Nas aves, o ar entra nos pulmões pela frente e é expelido por trás. Este projeto diferente é específico das aves, que necessitam grandes quantidades de oxigênio durante o vôo. É impossível que uma estrutura como essa tenha evoluído a partir do pulmão dos répteis.

amplamente conhecidas supostas formas de transição dentre as muito poucas que ainda são defendidas pelos evolucionistas. O *Archæopteryx*, ancestral das aves modernas, conforme os evolucionistas, teria vivido há 150 milhões de anos. Teoricamente, alguns pequenos dinossauros como os que foram denominados *Velociraptor* e *Dromeossauro*, teriam evoluído adquirindo asas e então começando a voar. Assim, o *Archæopteryx* é supostamente uma forma de transição que se separou dos dinossauros seus ancestrais começando a voar pela primeira vez.

Entretanto, estudos mais recentes de fósseis do *Archæopteryx* indicam que ele absolutamente não é uma forma de transição, mas sim uma espécie de ave com características distintas das aves atuais.

A tese de que o *Archæopteryx* era uma “meio-ave” que não conseguia voar perfeitamente foi muito divulgada pelos círculos evolucionistas até há pouco tempo. A ausência do osso esterno nessa criatura, ou pelo menos esse osso sendo diferente do esterno das aves que voam, era tida como a evidência mais importante de que o *Archæopteryx* não podia propriamente voar. (O esterno é um osso que se encontra no tórax, no qual estão fixados os músculos necessários para o vôo. Esse osso encontra-se em todas as aves, independentemente de voarem ou não, e até mesmo nos morcegos, que são mamíferos pertencentes a outra família bastante distinta das aves).

Entretanto, **o sétimo fóssil de *Archæopteryx*, que foi descoberto em 1992**, causou grande surpresa para os evolucionistas. A razão foi que constava desse espécime o osso esterno, que por tanto tempo havia sido suposto inexistente pelos evolucionistas. Esse fóssil recentemente descoberto foi descrito na revista científica *Nature* da seguinte forma:

“O sétimo espécime de *Archæopteryx* recentemente descoberto preserva um osso esterno retangular, há muito tempo suspeitado, mas nunca antes documentado. **Isso corrobora a existência de fortes músculos necessários ao vôo**”⁽³⁸⁾.

Esta descoberta invalidou as principais alegações de que o *Archæopteryx* era uma “meio – ave” que não podia voar adequadamente.

Por outro lado, a estrutura das penas das aves tornou-se uma das mais importantes evidências a favor de o *Archæopteryx* ser uma ave verdadeiramente voadora. A estrutura assimétrica das penas do *Archæopteryx* é indistinguível da estrutura das aves atuais, indicando que ele podia voar perfeitamente. Como afirmou o famoso paleontologista Carl O. Dunbar, “devido a suas penas, o *Archæopteryx* deve ser classificado distintamente como ave”⁽³⁹⁾.

38. *Nature*, Vol. 382. August, 1, 1996, pp. 401.

39. Carl O. Dunbar, “Historical Geology”, New York: John Wiley and Sons, 1961, p. 310.

Outro fato que foi revelado pela estrutura das penas do *Archaeopteryx* foi o seu metabolismo de ave de sangue-quente. Como se sabe, répteis e dinossauros são animais de sangue-frio, que se acomodam às temperaturas do ambiente, não regulando a temperatura de seu corpo de maneira independente do ambiente. Uma das funções muito importantes das penas das aves é a manutenção da temperatura de seu corpo. O fato de que o *Archaeopteryx* tinha penas mostrou que ele era realmente uma ave de sangue-quente, que precisava manter sua temperatura interna, ao contrário dos dinossauros.

Especulações Evolucionistas: Dentes e Garras do *Archaeopteryx*

Os dois aspectos importantes sobre os quais se baseiam os evolucionistas para alegar que o *Archaeopteryx* é uma forma de transição são as garras nas suas asas e os seus dentes.

É verdade que o *Archaeopteryx* tinha garras em suas asas e dentes no bico, porém essas características não implicam que essa criatura tivesse qualquer espécie de relacionamento com os répteis. Além disso, existem hoje duas espécies, o *Taouraco* e o *Hoatzin*, que possuem garras para se agarrarem a ramos de árvores. Essas duas criaturas são plenamente aves, sem qualquer característica de réptil. Esta é a razão pela qual não há qualquer base para afirmar que o *Archaeopteryx* é uma forma de transição somente por causa das garras em suas asas.

Também nem a existência de dentes no bico do *Archaeopteryx* implica que ele seja uma forma de transição. Os evolucionistas proposadamente armam uma cilada ao afirmarem que esses dentes são características de répteis. Na realidade, dentes não constituem uma característica típica de répteis. Dentre os répteis atuais, alguns têm dentes, enquanto outros não. Além do mais, o *Archaeopteryx* não é a única espécie de ave que tem dentes. É verdade que não existem atualmente aves com dentes, mas ao examinamos o registro fóssil, verificamos que na mesma época do *Archaeopteryx* e posteriormente, bem como até bastante recentemente, existiu um gênero de aves que poderiam ser categorizados como “aves com dentes”.

O ponto mais importante é que **a estrutura dental do *Archaeopteryx* e das outras aves com dentes é totalmente diferente da estrutura de seus supostos ancestrais, os dinossauros.** Os famosos ornitologistas Martin, Steward e Whetstone observaram que o *Archaeopteryx* e outras aves com dentes apresentam dentes com superfícies planas no topo e grandes raízes. Os dentes dos dinossauros terópodes, porém, os supostos ancestrais dessas aves, são protuberantes como dentes de serra, e têm raízes estreitas⁽⁴⁰⁾.

40. L. D. Martin, J. D. Stewart, K. N. Whetstone, *The Auk*, Vol. 98, 1980, p. 86.

O Fim do Mito do *Archaeopteryx*: O *Longisquama*

As mais recentes evidências refutando as alegações evolucionistas a respeito do *Archaeopteryx* procederam de uma ave fóssil denominada *Longisquama insignis*. O fóssil desta ave arcaica foi escavado em fins da década de 1960, no Kirgistão, por um paleontologista entomólogo, mas só chamou a atenção da comunidade científica no ano 2000. As características anatômicas de ave, tais como as penas, a estrutura oca dos ossos, e a fúrcula, são exatamente as mesmas das aves atuais. Em um artigo publicado na revista *Science* de 23 de junho de 2000, Terry Jones, paleontologista da Universidade Estadual de Oregon, membro da equipe que descobriu o fóssil, afirmou que “o esqueleto é também muito semelhante ao de ave. ... Tem crânio semelhante ao das aves, dorso e fúrcula. Este osso é quase exatamente igual ao do *Archaeopteryx*”.

O ponto a ser destacado é que o fóssil foi datado como tendo cerca de 220 milhões de anos. Isso significa que o *Longisquama* seria cerca de 75 milhões de anos mais antigo que o *Archaeopteryx*. Este fato definitivamente invalida o mito evolucionista que alega o *Archaeopteryx* ser o “primitivo” ancestral de todas as aves que já viveram no passado. Jones declarou que este fóssil “pode ser o suficiente para fazer com que as pessoas passem a questionar a idéia de que as aves evoluíram a partir dos dinossauros.”



Os pesquisadores compararam também os ossos dos metatarsos do *Archaeopteryx* com os de seus supostos ancestrais, os dinossauros, e não observaram qualquer semelhança entre eles⁽⁴¹⁾.

Os estudos de anatomistas como Tarsitano, Hecht e A. D. Walker revelaram que algumas “similaridades” que se afirmava existirem entre essas criaturas e os dinossauros, como ressaltado por John Ostrom, proeminente autoridade que alega ter o *Archaeopteryx* evoluído a partir dos dinossauros, na realidade eram erros de interpretação⁽⁴²⁾.

Todas estas descobertas indicam que o *Archaeopteryx* não era um elo de transição, mas somente uma ave que ficou na categoria que se poderia denominar de “aves com dentes”.

O *Archaeopteryx* e outros fósseis antigos

Enquanto os evolucionistas, durante décadas proclamavam que o *Archaeopteryx* constituía a maior evidência a favor de seu cenário relativo à evolução das aves, alguns fósseis encontrados recentemente invalidavam esse cenário quanto a outros aspectos.

Lianhai Hou e Zhonghe Shou, dois paleontologistas do Instituto Chinês de Paleontologia de Vertebrados, descobriram em 1995 uma

41. Ibid, p. 86; L. D. Martin “Origins of Higher Groups of Tetrapods”, Ithaca, New York: Comstock Publishing Association, 1991, pp. 485, 540.

42. S. Tarsitano, M. K. Hecht, *Zoological Journal of the Linnaean Society*, Vol. 69, 1985, p. 178; A. D. Walker, *Geological Magazine*, Vol. 177, 1980, p. 595.

nova ave fóssil que denominaram *Confuciusornis*. Esta ave era quase da mesma época do *Archaeopteryx* (cerca de 140 milhões de anos, pela escala geológica convencional), mas não possuía dentes. Ainda mais, seu bico e penas compartilhavam as mesmas características das aves atuais. Tendo a mesma estrutura óssea das aves atuais, essa ave tinha também garras em suas asas, exatamente como o *Archaeopteryx*. Estava presente nessa espécie de ave a estrutura especial chamada de “pigostilo”, que sustenta as penas da cauda. Em resumo, esta ave, da mesma época do *Archaeopteryx* (considerado como o mais antigo ancestral de todas as aves, e aceito como meio-réptil), parecia-se muito mais com uma ave atual. Esse fato invalidou todas as teses evolucionistas que tinham o *Archaeopteryx* como o ancestral primitivo de todas as aves⁽⁴³⁾.



Quando as penas das aves são examinadas detalhadamente, verifica-se que elas são feitas de milhares de finas bábulas entrelaçadas entre si mediante ganchos. Este projeto peculiar resulta em um desempenho aerodinâmico superior.

Outro fóssil desenterrado na China em novembro de 1996 causou ainda mais confusão. A existência desse fóssil, denominado *Liaoningornis*, com supostos 130 milhões de anos, foi anunciado pela revista *Science* por Hou, Martin e Alan Feduccia. O *Liaoningornis* tinha um osso esterno no qual se fixavam os músculos das asas, exatamente como nas aves atuais. Esta ave também não se distinguia das aves atuais em outros aspectos. A única diferença era a presença de dentes em seu bico. Esta configuração mostrou que aves com dentes absolutamente não tinham uma estrutura primitiva, como alegado pelos evolucionistas⁽⁴⁴⁾. Isso foi afirmado em um artigo publicado na revista

Discover intitulado “De onde vieram as aves? Este fóssil diz que não foi dos dinossauros”⁽⁴⁵⁾.

Outro fóssil que refutou as alegações evolucionistas referentes ao *Archaeopteryx* foi o *Eoalulavis*. A estrutura da asa do *Eoalulavis*, que se dizia ser 30 milhões de anos mais recente do que o *Archaeopteryx*, também foi observada em aves atuais de vôo lento. Isso provou que há 120 milhões de anos (na escala de tempo evolutiva) havia aves indistinguíveis das aves atuais sob vários aspectos, voando no céu⁽⁴⁶⁾.

43. Pat Shipman, “Birds Do It ... Did Dinosaurs?”, *New Scientist*, February 1, 1997, p. 31.

44. “Old Bird”, *Discover*, March 21, 1997.

45. *Ibid.*

46. Pat Shipman, “Birds Do It ... Did Dinosaurs?”, p. 28.

O Projeto das Penas das Aves



A Teoria da Evolução, que alega que as aves evoluíram a partir de répteis, é incapaz de explicar as enormes diferenças que existem entre essas duas classes distintas de seres vivos. Em termos de características tais como a estrutura de seu esqueleto, sistema pulmonar e o metabolismo de sangue quente, as aves são muito diferentes dos répteis. Outra característica que estabelece um hiato insuperável entre as aves e répteis são as penas das aves, que apresentam forma totalmente peculiar.

Os corpos dos répteis são recobertos de escamas, enquanto os das aves são recobertos de penas. Como os evolucionistas consideram os répteis como ancestrais das aves, eles são obrigados a afirmar que as penas dos pássaros evoluíram a partir das escamas dos répteis. Entretanto, não existe qualquer semelhança entre escamas e penas.

O professor de Fisiologia e Neurobiologia da Universidade de Connecticut, A. H. Brush, embora sendo evolucionista, aceita essa realidade: "Todas as características, desde a estrutura e organização genética, até o desenvolvimento, morfogênese e organização dos tecidos é diferente (entre as penas e as escamas)"⁽¹⁾.

Além disso, o Prof. Brush examina a estrutura das proteínas das penas das aves e destaca que ela é "singular, entre os vertebrados"⁽²⁾.

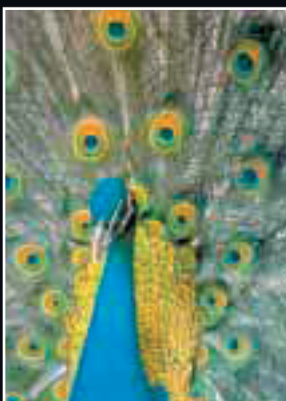
Não existem evidências fósseis de que as penas das aves tenham evoluído a partir de escamas de répteis. Pelo contrário, "as penas aparecem repentinamente no registro fóssil, como um inegável caráter peculiar distintivo das aves", como afirma o Prof. Brush⁽³⁾. Além disso, não foi detectada até agora nenhuma estrutura epidérmica nos répteis que proporcione a origem das penas das aves⁽⁴⁾.

Em 1996, paleontologistas fizeram um estardalhaço sobre os fósseis de um suposto

dinossauro emplumado, o *Sinosauropteryx*. Entretanto, em 1997 foi revelado que estes fósseis nada tinham a ver com aves, e que não tinham penas como as atuais⁽⁵⁾.

Por outro lado, quando examinamos mais detidamente as penas das aves, observamos um projeto muito complexo que não pode ser explicado por qualquer processo evolutivo. O famoso ornitologista Alan Feduccia declara que "cada detalhe delas tem funções aerodinâmicas. Elas são extremamente leves, têm a capacidade de produzir força de sustentação que cresce com a diminuição da velocidade, e podem retornar à posição inicial muito facilmente." E continua ele "Não posso realmente compreender como um órgão tão perfeitamente projetado para o vôo possa ter surgido para outra finalidade inicialmente"⁽⁶⁾.

O projeto das penas também levou



Charles Darwin a pensar no assunto. Mais ainda, a estética perfeita das penas do pavão o deixava "doente" (em suas próprias palavras). Em uma carta escrita para Asa Gray em 3 de abril de 1860 ele afirmou que "Lembro-me bem dessa época em que só de pensar no olho eu tinha calafrios, mas superei essa fase de preocupação ..." E então ele continuou: "... E agora particularidades insignificantes de estruturas freqüentemente me

deixam muito desconfortável. A vista de uma pena da cauda de um pavão, sempre que a observo, me deixa doente!"⁽⁷⁾.

Referências

1. A. H. Brush, "On the Origin of Feathers", *Journal of Evolutionary Biology*, vol. 9, 1996, p.132.
2. A. H. Brush, "On the Origin of Feathers", p. 131.
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*
5. "Plucking the Feathered Dinosaur", *Science*, vol. 278, 14 Nov. 1997, p. 1229.
6. Douglas Palmer, "Learning to Fly" (*Review of The Origin and Evolution of Birds*, por Alan Feduccia, Yale University Press, 1996), *New Scientist*, vol 153, 1 Março 1997, p. 44.
7. Norman Macbeth, *Darwin Retried: An Appeal to Reason*, Boston, Gambi, 1971, p. 101.

Estes fatos uma vez mais indicam como certo que nem o *Archaeopteryx*, nem outras aves antigas similares eram formas de transição. Os fósseis não indicam que diferentes espécies de aves evoluíram umas das outras. Ao contrário, o registro fóssil prova que as aves atuais e algumas outras arcaicas realmente conviveram ao mesmo tempo. Entretanto, algumas dessas espécies de aves, como o *Archaeopteryx* e o *Confuciusornis* extinguíram-se, e somente parte das espécies então existentes foi capaz de sobreviver até o presente.

Em resumo, algumas características peculiares do *Archaeopteryx* não indicam que ele fosse uma forma de transição! Stephan Jay Gould e Niles Eldredge, dois paleontologistas de Harvard, e evolucionistas mundialmente famosos, aceitam que o *Archaeopteryx* fosse uma forma viva “mosaica” que abrigava várias características distintas, embora não podendo nunca ser considerado como uma forma de transição”⁽⁴⁷⁾.

O Elo Imaginário entre Aves e Dinossauros

A fundamentação dos evolucionistas na tentativa de apresentar o *Archaeopteryx* como forma de transição é que as aves evoluíram a partir dos dinossauros. Entretanto, um dos mais famosos ornitólogos do mundo, Alan Feduccia, da Universidade de Carolina do Norte, opõe-se à tese de que as aves tenham parentesco com os dinossauros, não obstante o fato de ele mesmo ser evolucionista. Feduccia declara o seguinte sobre o assunto:

“Bem, tenho estudado durante 25 anos crânios de aves, e não vislumbro qualquer similaridade. Simplesmente não as vejo. ... A origem terópoda das aves, em minha opinião, será a maior dificuldade da Paleontologia no século XX”⁽⁴⁸⁾.

Larry Martin, especialista em aves antigas, da Universidade do Kansas, opõe-se à teoria de que as aves provêm da mesma linhagem que



A ave denominada *Confuciusornis* tem a mesma idade que o *Archaeopteryx*.

47. S. J. Gould & N. Eldredge, *Paleobiology*, Vol. 3, 1977, p. 147.

48. Pat Shipman, “Birds Do It ... Did Dinosaurs?”, p. 28.

Qual é a origem das Moscas?



Alegando que os dinossauros se transformaram em aves, os evolucionistas fundamentam sua suposição dizendo que alguns dinossauros que agitavam seus membros dianteiros para caçar insetos “adquiriram asas e voaram”, como desenhado na figura. Esta teoria, sem qualquer base científica, e nada mais sendo do que mera ficção, contém uma contradição lógica bastante simples: o exemplo dado pelos evolucionistas para explicar a origem do vôo, os insetos, já têm a capacidade perfeita de voar! Enquanto um ser humano não consegue abrir e fechar seus olhos 10 vezes por segundo, uma mosca bate suas asas em média 500 vezes por segundo. Ainda mais, movendo simultaneamente ambas as asas. O menor descompasso no bater das asas faria com que ela perdesse o equilíbrio, mas isso jamais acontece.

Os evolucionistas deveriam em primeiro lugar apresentar uma explicação para a questão de como os insetos adquiriram esta perfeita capacidade para voar. Ao invés disso, ficam fabricando cenários imaginários para tentar explicar como criaturas mais desajeitadas, como os répteis, teriam começado a voar.

Até mesmo a perfeição da mosca doméstica invalida as alegações dos evolucionistas. O biólogo inglês Robin Wootton escreveu em um artigo intitulado “O Projeto Mecânico das Asas da Mosca”:

“Quanto mais compreendemos o funcionamento das asas dos insetos, mais sutil e belo seu planejamento surge. As estruturas tradicionalmente

são projetadas para se deformarem o mínimo possível; os mecanismos são projetados para movimentar suas partes componentes de maneira predizível. As asas dos insetos combinam ambas as coisas em uma só, usando componentes com ampla gama de propriedades elásticas, elegantemente dispostos para permitir deformações razoáveis em resposta a forças adequadas, e para fazer o melhor uso do ar. De fato, elas ainda não têm qualquer paralelo tecnológico atualmente”⁽¹⁾.

Por outro lado, não existe sequer um fóssil que possa constituir evidência a favor da imaginária evolução dos insetos. Isto é o que o distinto zoologista francês Pierre Grassé quis expressar ao dizer: “Estamos no escuro no que diz respeito à origem dos insetos”⁽²⁾.



Um exemplo de cenário evolucionista: Dinossauros que de repente adquirem asas ao tentarem apanhar moscas!

Referências

- (1) Robin J. Wootton, “The Mechanical Design of Insect Wings”, *Scientific American*, vol. 263, novembro 1990, p. 120.
- (2) Pierre P. Grassé, “Evolution of Living Organism”, New York, Academic Press, 1977, p. 30.

os dinossauros. Ao discutir a contradição em que a evolução tropeça com relação ao assunto, Martin declara:

“Para dizer a verdade, se eu tivesse de defender a origem das aves a partir dos dinossauros, com aqueles caracteres, eu estaria em dificuldades sempre que me levantasse para falar sobre o assunto”⁽⁴⁹⁾.

Para resumir, o cenário da “evolução das aves” construído somente com base no *Archaeopteryx*, nada mais é do que o produto de pré-suposições e conjecturas dos evolucionistas.

A Origem dos Mamíferos

Como afirmamos anteriormente, a Teoria da Evolução propõe que algumas criaturas imaginárias que saíram do mar transformaram-se em répteis, e que as aves formaram-se pela evolução dos répteis. De acordo com o mesmo cenário, os répteis são os ancestrais não só das aves como também dos mamíferos. Entretanto, existem grandes hiatos estruturais entre, por um lado, os répteis (que têm escamas em seus corpos, são de sangue frio, e se reproduzem pondo ovos), e por outro lado os mamíferos (que têm pelos em seus corpos, são de sangue quente, e se reproduzem dando à luz seus filhos vivos).

Um exemplo das barreiras estruturais existentes entre répteis e mamíferos é a do seu **maxilar**. O maxilar dos mamíferos consiste de apenas um osso sobre o qual se inserem os dentes. Nos répteis, há três pequenos ossos em ambos os lados do maxilar. Outra diferença básica é que todos os mamíferos têm três ossos em seu ouvido médio (martelo, bigorna e estribo), e em todos os répteis há um só osso. Os evolucionistas alegam que o maxilar dos répteis e seu ouvido médio evoluíram gradualmente em direção aos dos mamíferos. Não obstante, a questão de como ocorreu essa mudança permanece sem resposta. Em particular, a questão de como um ouvido com um só osso evoluiu para um ouvido com três ossos, e como o processo auditivo continuou a funcionar durante esse período de evolução, jamais pôde ser explicado. Não é surpresa não ter sido encontrado nenhum fóssil intermediário entre répteis e mamíferos! É por isso que o paleontólogo evolucionista Roger Lewin foi forçado a dizer que **“a transição para o primeiro mamífero, que provavelmente aconteceu em somente uma linhagem, ou no máximo em duas, ainda é um enigma”**.⁽⁵⁰⁾

49. *Ibid.*

50. Roger Lewin, “Bones of Mammals, Ancestors Fleshed Out”, *Science*, vol. 212, June 26, 1981, p. 1492.

George Gaylord Simpson, uma das maiores autoridades evolucionistas, e um dos fundadores da teoria neo-darwinista, faz o seguinte comentário sobre esse fato, que deixa bastante perplexos os evolucionistas:

“O mais intrigante evento na história da vida sobre a Terra é a **mudança da Era Mesozóica (a Era dos Répteis) para a Era dos Mamíferos**. É como se tivesse descido a cortina repentinamente sobre o palco onde todos os principais papéis estavam sendo desempenhados pelos répteis, especialmente os dinossauros, em grande número e impressionante variedade, e então tivesse subido imediatamente para revelar a mesma cena mas com figurantes inteiramente novos, um elenco no qual não mais aparece nenhum dinossauro, outros répteis são apenas coadjuvantes, e **todas as partes principais são desempenhadas por mamíferos de espécies muito pouco inseridas nos atos anteriores**”.⁽⁵¹⁾

Além do mais, quando os mamíferos repentinamente aparecem, eles já eram bastante diferentes entre si. Animais muito diversificados, como morcegos, cavalos, camundongos e baleias são todos mamíferos e todos emergiram durante o mesmo período geológico. Estabelecer um relacionamento evolutivo entre eles é impossível, mesmo dentro dos mais amplos limites da imaginação. O zoólogo evolucionista R. Eric Lombard ressalta esse ponto em um artigo publicado na revista *Evolution*:



Os evolucionistas propõem que todos os mamíferos evoluíram de um ancestral comum. Entretanto, existem grandes diferenças entre várias espécies de mamíferos, como por exemplo ursos, baleias, camundongos e morcegos.

Cada um desses seres vivos possui sistemas especificamente projetados. Por exemplo, os morcegos foram criados com um sistema de sonar muito sensível, que os ajuda a voar no escuro. Esses sistemas complexos, que a tecnologia moderna só pode imitar, possivelmente não poderiam ter surgido como resultado de coincidências aleatórias. O registro fóssil também demonstra que os morcegos vieram à existência em seu atual estado completo, repentinamente, e que não passaram por nenhum “processo evolutivo”.



Um morcego fóssil datado como tendo supostamente 50 milhões de anos: em nada difere de sua contraparte moderna. (*Science*, vol. 154).

51. George Gaylord Simpson, “Life Before Man”, New York: Time-Life Books, 1972, p. 42.

“Quem buscar informação específica útil na construção de filogenias de táxons mamíferos ficará desapontado”. ⁽⁵²⁾

Tudo isso demonstra que todos os seres vivos surgiram na terra repentinamente e plenamente formados, sem qualquer processo evolutivo. Isso é uma evidência concreta do fato de que eles foram criados. Os evolucionistas, entretanto, tentam interpretar o fato de terem vindo à existência espécies vivas em uma ordem específica, como indicativo de evolução. Entretanto, a seqüência pela qual surgiram os seres vivos é a “ordem da criação”, pois não é possível falar de um processo evolutivo. Com uma criação superior e perfeita, os oceanos, e depois a terra firme, foram cheios de seres vivos, e finalmente foi criado o homem.

Contrariamente à história do “homem macaco” que é imposta às massas mediante a intensa propaganda dos meios de comunicação, o ser humano também surgiu sobre a terra repentinamente e plenamente formado.

52. R. Eric Lombard, “Review of Evolutionary Principles of the Mammalian Middle Ear, Gerald Fleischer”, *Evolution*, Vol. 33, December 1979, p. 1230.

O Mito da Evolução do Cavallo



Até faz pouco tempo, era aceita como principal evidência a favor da Teoria da Evolução uma seqüência imaginária que supostamente mostrava a evolução do cavalo. Hoje, contudo, muitos dentre os próprios evolucionistas admitem francamente que o cenário da evolução do cavalo foi por água abaixo. O evolucionista

Boyce Rensberger, que fez uma conferência para 150 evolucionistas reunidos em um Simpósio realizado em 1980 no "Field Museum of Natural History" de Chicago, sobre os problemas da Teoria da Evolução gradual, declarou que o cenário da evolução do cavalo não tem base no registro fóssil, e que não existe nenhum processo evolutivo observado que explique a evolução gradual do cavalo:

"O exemplo usualmente divulgado da evolução do cavalo, sugerindo uma seqüência gradual de mudanças de criaturas de quatro dedos, do tamanho de uma raposa, que viveram há cerca de 50 milhões de anos, até o atual cavalo de um só dedo, e de tamanho muito maior, de há muito tempo era sabidamente incorreto. Ao invés de mudança gradual, os fósseis de cada espécie (*supostamente*) intermediária aparecem plenamente distintos, persistem imutáveis, e então tornam-se extintos. Desconhecem-se formas de transição".⁽¹⁾

O famoso paleontólogo Colin Patterson, Diretor do Museu de História Natural de Londres, onde estiveram em exibição esquemas da "evolução do cavalo", declara o seguinte sobre essa mostra que ainda estava sendo exposta ao público no andar térreo do Museu:

"Tem havido uma série de impressionantes histórias, algumas mais imaginosas que outras, sobre o que é realmente a natureza da história (da vida). O exemplo mais famoso, ainda exibido no andar térreo, é a mostra da evolução do cavalo, preparada talvez há 50 anos. E esse exemplo tem sido apresentado como verdade literal nos livros didáticos no decorrer do tempo. Ora, eu acho isso lamentável, particularmente quando as pessoas que propõem esse tipo de história podem, elas mesmas, estar cientes da natureza especulativa de algumas delas".⁽²⁾

Então, qual é a base para o cenário da "evolução do cavalo"? Esse cenário foi forjado mediante desenhos enganosos que foram elaborados pelo arranjo seqüencial de fósseis de diferentes espécies que viveram em diferentes épocas na Índia, na África do Sul, na América do Norte e na Europa, feito de acordo com o rico poder imaginativo dos evolucionistas. Existem mais de 20 desenhos distintos ilustrando a evolução do cavalo, propostos por diferentes pesquisadores. Os evolucionistas não chegaram a qualquer acordo sobre a questão dessas árvores genealógicas, totalmente diferentes entre si, diga-se de passagem. O único ponto comum desses arranjos é a crença de que uma criatura do tamanho de um cão, denominada "*Eohippus*", que viveu supostamente há 55 milhões de anos, no Período Eoceno, tenha sido o ancestral do cavalo (*Equus*). Porém, as supostas linhas evolutivas do *Eohippus* ao *Equus* são totalmente inconsistentes.

O escritor Gordon R. Taylor, divulgador científico evolucionista, explica essa verdade pouco reconhecida, em seu livro "*The Great Evolution Mystery*":

"Porém, talvez a mais séria fragilidade do Darwinismo é o malogro dos paleontólogos em descobrir filogenias convincentes ou seqüências de organismos demonstrando grandes mudanças evolutivas. ... O cavalo é sempre citado como o único exemplo elaborado. Porém, o fato é que a linha do *Eohippus* ao *Equus* é muito errática. Alega-se que ela mostra um contínuo aumento do tamanho, porém a verdade é que algumas variantes eram menores, e não maiores do que o *Eohippus*. Espécimes de diferentes fontes podem ser postos juntos em uma seqüência com aparência convincente, mas não existem evidências de que eles realmente estivessem dispostos nessa ordem, no decorrer do tempo".⁽³⁾

Todos esses fatos são fortes evidências de que os desenhos da evolução do cavalo, que são apresentados como uma das mais fortes evidências a favor do Darwinismo, nada mais são do que contos fantásticos e implausíveis.

(1) Boyce Rensberger, *Houston Chronicle*, 5 de novembro de 1980, p. 15.

(2) Colin Patterson, *Harper's*, fevereiro de 1980, p. 60.

(3) Gordon Rattray Taylor, "*The Great Evolution Mystery*", Abacus, Sphere Books, Londres, 1984, p. 230.

Interpretações Enganosas de Fósseis

Antes de entrar em detalhes sobre o mito da evolução humana, precisamos fazer menção ao método de propaganda que tem convencido o público em geral quanto à idéia de que no passado existiram criaturas simiescas semi-humanas. Esse método de propaganda utiliza “reconstruções” feitas a partir de restos fósseis. Reconstruções podem ser feitas na forma de desenhos, ou modelos, do ser que viveu no passado, com base em ossos – às vezes um único osso, ou até só um fragmento – que foram desenterrados. O “homem-macaco” que vemos nos jornais, revistas ou filmes é somente uma reconstrução.

Como os fósseis usualmente encontram-se incompletos e desordenados, qualquer conjectura baseada neles é totalmente especulativa. De fato, as reconstruções (desenhos ou modelos) feitas pelos evolucionistas com base em restos fósseis são preparadas de forma especulativa exatamente visando validar a tese evolucionista. Darwin R. Pilbeam, antropólogo de Harvard, resalta esse fato dizendo que “pelo menos na paleoantropologia, os dados ainda são tão esparsos que a teoria influencia drasticamente as interpretações. **No passado as teorias refletiram claramente nossas ideologias em voga, e não os dados reais**”.⁽⁵³⁾ Como as pessoas são altamente afetadas pela informação visual, essas reconstruções servem bem ao propósito dos evolucionistas, que é convencer o povo que essas criaturas reconstruídas realmente existiram no passado.

Neste ponto temos que destacar um particular: as reconstruções feitas com base em ossos remanescentes podem revelar somente as características muito gerais dos seres, já que os reais detalhes distintivos são tecidos moles que rapidamente se deterioram. Assim, com a interpretação especulativa dos tecidos moles, os desenhos ou modelos da reconstrução ficam inteiramente dependentes da imaginação da pessoa que os faz. Earnst A. Hooten, da Universidade de Harvard, explica desta maneira a situação:

Tentar restaurar as partes moles é uma tarefa ainda mais aleatória. Os lábios, os olhos, as orelhas, e a ponta do nariz não deixam vestígios nas partes ósseas. **Com a mesma facilidade pode-se modelar sobre**

53. David R. Pilbeam, “Rearranging Our Family Tree”, *Nature*, June, 1978, p. 40.

Três Reconstruções Diferentes Baseadas no Mesmo Crânio



Sunday Times
5 de abril de 1964



Desenho feito por
Maurice Wilson



Reconstrução feita por N. Parker
National Geographic, Setembro de 1960

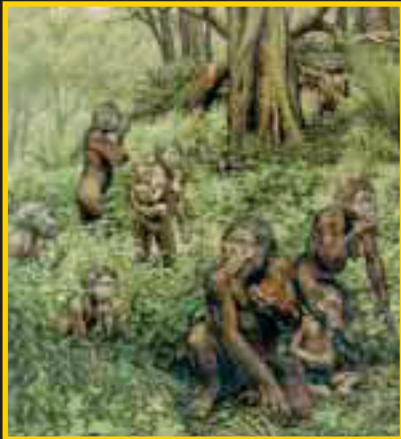
um crânio neandertalóide as características de um chimpanzé ou a silhueta de um filósofo. As alegadas restaurações de tipos de seres humanos antigos têm muito pouco valor científico, se tiverem algum, e servem somente para iludir o público. ... Portanto, não depositem confiança nas reconstruções”.⁽⁵⁴⁾

Na realidade, os evolucionistas inventam essas “histórias absurdas” que chegam até a atribuir diferentes rostos para o mesmo crânio. Por exemplo, os três diferentes desenhos de reconstrução feita para o fóssil conhecido como *Australopithecus robustus* (*Zinjanthropus*) são famosas ilustrações desse tipo de invenção.

A interpretação preconceituosa de fósseis ou a fabricação de muitas reconstruções imaginárias, pode ser indicativa de quão freqüentemente os evolucionistas têm recorrido a artifícios. Contudo, esses que consideramos parecem ser inocentes quando comparados com as falsificações deliberadas que têm sido perpetradas no decorrer da história da Teoria da Evolução.

54. Earnest A. Hooton, *Up From The Ape*, New York: McMillan, 1931, 332.

Desenhos Imaginários Enganosos



Em desenhos e reconstruções, os evolucionistas deliberadamente dão forma a características que realmente não deixam qualquer vestígio nos fósseis, como por exemplo a estrutura do nariz e dos lábios, a forma do cabelo e das sobrancelhas, e dos pelos do corpo, só para apoiar a Teoria da Evolução. E também preparam desenhos detalhados descrevendo essas criaturas imaginárias caminhando com sua família, caçando, ou em outras atitudes da vida comum. Entretanto, esses desenhos são ficções provenientes da imaginação, e não têm fundamento no registro fóssil.

Falsificações Evolucionistas

Não existem evidências fósseis que apoiem a imagem do “homem-macaco”, que incessantemente é objeto de doutrinação pelos meios de comunicação e círculos acadêmicos evolucionistas. Com o pincel nas mãos, os evolucionistas produzem criaturas imaginárias, mas o fato de que esses seus desenhos não se ajustam aos fósseis constitui para eles um grande problema. Um dos métodos interessantes que eles empregam para contornar esse problema é **“produzir” os fósseis que não conseguem encontrar**. O Homem de Piltdown é um exemplo típico desse método.

O Homem de Piltdown:

Um maxilar de orangotango com um crânio humano!

Charles Dawson, conhecido advogado, e também paleoantropólogo amador, surgiu dizendo que havia descoberto um maxilar e um fragmento de crânio em Piltdown, na Inglaterra, em 1912. Embora o maxilar fosse mais parecido com o de símios, os dentes e o crânio eram semelhantes aos do ser humano. Esse espécime foi denominado “Homem de Piltdown”. Foi alegado que esses restos tinham 500 mil anos de idade, e eles foram exibidos em vários museus como comprovação absoluta da evolução humana. Durante mais de 40 anos muitos artigos científicos foram escritos sobre o “Homem de Piltdown”, muitos desenhos e interpretações foram feitos, e o fóssil foi apresentado como importante evidência da evolução humana. Nada menos do que 500 teses de doutoramento foram escritas sobre o assunto. ⁽⁵⁵⁾ O famoso paleoantropólogo americano Henry Fairfield Osborn afirmou, ao visitar o Museu Britânico em 1935: “...Temos de ter sempre em mente que a natureza é plena de paradoxos, e que esta é uma surpreendente descoberta sobre o homem antigo...”. ⁽⁵⁶⁾

Em 1949, Kenneth Oakley, do Departamento de Paleontologia do Museu Britânico, tentou aplicar o “teste do flúor” (um novo teste para determinar idade de fósseis antigos) aos restos fósseis do Homem de Piltdown.

55. Malcolm Muggeridge, “The End of Christendom”, Grand Rapids, Eerdmans, 1980, p. 59.

56. Stephen Jay Gould, “Smith Woodward’s Folly”, *New Scientist*, February 5, 1979, p. 44.

A História de uma Fraude

1

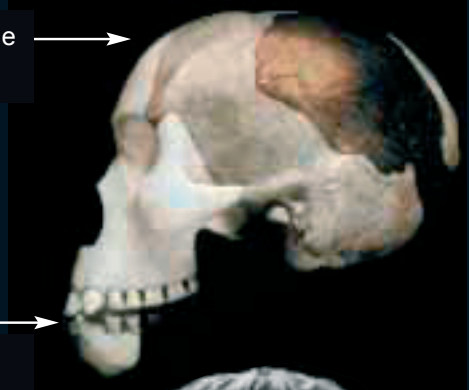
Os fósseis são desenterrados por Charles Dawson e entregues a Sir Arthur Smith Woodward.



2

Os pedaços são reconstruídos para formar o famoso crânio.

Pedaços de um crânio humano



Maxilar de orangotango

3

Com base no crânio reconstruído foram feitos vários desenhos e modelos, e escritos vários artigos e comentários. O crânio reconstruído original foi exibido no Museu Britânico.



4

Quarenta anos após a sua descoberta, foi demonstrado, por um grupo de pesquisadores, que o fóssil de Piltdown era uma fraude.



O resultado foi estarrecedor. O teste mostrou que o maxilar de Homem de Piltdown não continha flúor.

Isso indicou que ele tinha sido enterrado há não mais de alguns anos. Mostrou-se que o crânio, que continha só uma pequena quantidade de flúor, tinha somente alguns milhares de anos.

Os últimos estudos cronológicos feitos com o método do flúor revelaram que o crânio tinha poucos milhares de anos. Comprovou-se que os dentes do maxilar, que pertencia a um orangotango, tinham sido desgastados artificialmente, e que as ferramentas “primitivas” descobertas junto com os fósseis, eram simples imitações feitas e afiadas com instrumentos de aço. ⁽⁵⁷⁾ Com a análise detalhada que foi feita por Weiner, essa fraude foi revelada ao público em 1953. **O crânio pertencia a um ser humano que viveu há 500 anos, e o maxilar pertencia a um símio recentemente morto!** Os dentes haviam sido arrançados de forma especial e crescidos ao maxilar, e haviam sido limados para assemelharem-se a dentes humanos. Então, todas as partes foram tratadas com dicromato de potássio para adquirirem aparência antiga. O banho de dicromato de potássio começou a desaparecer com imersão dos ossos em solução ácida. Le Gros Clark, da equipe que descobriu a fraude, não conseguia esconder sua surpresa com a situação, e declarou que **“as evidências de abrasão artificial imediatamente saltaram aos olhos.** De fato, elas eram tão óbvias, que bem pode ser perguntado como elas deixaram de ser notadas antes.” ⁽⁵⁸⁾ Como resultado de tudo isso, o “Homem de Piltdown” foi rapidamente removido do Museu Britânico, onde estivera em exposição durante mais de 40 anos.

O Homem de Nebraska: Um Dente de Porco

Em 1922, Herry Fairfield Osborn, diretor do Museu Americano de História Natural, declarou ter achado um dente molar fóssil, no oeste do Estado de Nebraska, perto de Snake Brook, pertencente ao período Plioceno. Esse dente, alegava-se, tinha características comuns de homem e símio. Iniciaram-se aprofundadas discussões científicas, nas quais alguns interpretavam o dente como sendo do *Pithecanthropus erectus*, enquanto outros afirmavam que ele estava mais próximo de seres humanos. Esse fóssil, que suscitou amplo debate, foi chamado de “Homem de Nebraska”, e imediatamente lhe foi dado o nome científico de *Hesperopithecus haroldcooki*.

57. Kenneth Oakley, William Le Gros Clark & J. S., “Piltdown”, *Meydan Larousse*, Vol. 10, p. 133.

58. Stephen Jay Gould, “Smith Woodward’s Folly”, *New Scientist*, April 5, 1979, p. 44.

Muitas autoridades deram apoio a Osborn. **Com base nesse único dente foram desenhadas reconstruções da cabeça e do corpo do Homem de Nebraska.** Além disso, o Homem de Nebraska foi ainda desenhado juntamente com a mulher e filhos, como uma família em ambiente natural.



Este desenho à esquerda foi feito com base em um único dente, e foi publicado na revista *Illustrated London News* de 24 de julho de 1922. Entretanto, os evolucionistas ficaram extremamente desapontados quando foi revelado que o dente não pertencia a uma criatura simiesca, nem a um ser humano, mas sim a uma espécie extinta de porco selvagem.

Todos esses cenários foram desenvolvidos a partir de um único dente. Os círculos evolucionistas acreditaram tanto nesse “homem fantasma” que, quando o conhecido político William Bryan se opôs a essas decisões pré-concebidas baseadas em um único dente, criticaram-no asperamente.

Em 1927, outras partes do esqueleto foram encontradas. De conformidade com os pedaços então descobertos, comprovou-se que o dente não pertencia nem a um homem nem a um símio, e sim a uma espécie extinta de porco selvagem americano, o *Prosthennops*. William Gregory, em seu artigo publicado na revista *Science*, divulgou essa fraude com o título: “*Hesperopithecus*: De fato, nem homem nem macaco”.⁽⁵⁹⁾ Então todos os desenhos do *Hesperopithecus haroldcooki* e “sua família” foram rapidamente removidos da literatura evolucionista.

Ota Benga: O Africano Enjaulado

Depois que Darwin, em seu livro “*The Descent of Man*”, lançou a idéia de que o homem evoluiu a partir de seres semelhantes a símios, foi dado início à procura de fósseis que apoiassem essa pressuposição. Entretanto, alguns evolucionistas acreditavam que criaturas “semi-humanas e semi-símios” seriam descobertas não só no registro fóssil mas também vivos em várias regiões do mundo. No início do século XX, essa busca por “elos de

59. W. K Gregory, “*Hesperopithecus* Apparently Not An Ape Nor A Man”. *Science*, Vol. 66, December 1927, p. 579.

transição vivos” causou lamentáveis incidentes, dos quais o mais cruel é a história do pigmeu conhecido como Ota Benga.

Ota Benga foi capturado no Congo em 1904, por um pesquisador evolucionista. Em sua própria língua, seu nome significa “amigo”. Ele tinha mulher e dois filhos. Acorrentado e enjaulado como animal, ele foi levado aos Estados Unidos, onde cientistas evolucionistas exibiram-no ao público na Feira Mundial de Saint Louis, juntamente com espécies de símios, e apresentaram-no como **“o elo de transição mais próximo do homem”**. Dois anos depois, levaram-no para o Zoológico de Bronx em Nova York, e lá o exibiram com a denominação de “antigo ancestral humano”, juntamente com alguns chimpanzés e um gorila de nome Dinah, e um orangotango de nome Dohung. O diretor do Zoológico, o evolucionista William T. Hornaday, fez longas preleções sobre como estava contente por ter no seu zoológico essa excepcional “forma de transição”, e tratava o enjaulado Ota Benga como se fosse um animal comum. Incapaz de suportar o tratamento a que o submeteram, Ota Benga posteriormente cometeu suicídio. ⁽⁶⁰⁾



OTA BENGA:
“O pigmeu
no Zoológico”

O Homem de Piltdown, o Homem de Nebraska, Ota Benga ... Esses escândalos demonstram que cientistas evolucionistas não hesitam em empregar qualquer espécie de método não científico para tentar comprovar a sua teoria. Mantendo isso em mente, ao nos depararmos com outra qualquer assim chamada evidência do mito da “evolução humana”, enfrentamos situação semelhante. Aí está um conto de ficção, e um exército de voluntários prontos a tentar tudo para provar a sua teoria.

60. Philips Verner Bradford, Harvey Blume, “Ota Benga: The Pygmy in The Zoo”, New York: Delta Books, 1992.

O Cenário da Evolução Humana

Em capítulos anteriores vimos que, na natureza, não existem mecanismos que façam os seres vivos evoluírem, e que as espécies vivas vieram à existência não como resultado de um processo evolutivo, mas surgindo repentinamente com sua atual estrutura completa. Isto é, elas foram criadas individualmente. É óbvio, portanto, que a “evolução humana” também é uma história que nunca ocorreu.

O que, então, os evolucionistas propõem como base para a sua história?

Essa base é a existência de uma grande quantidade de fósseis sobre os quais eles são capazes de construir interpretações imaginárias. Ao longo do tempo, mais de 6.000 espécies de símios viveram, das quais a maioria se extinguiu. Hoje, sobreviveram apenas 120 espécies. Aquelas aproximadamente 6.000 espécies, a maioria das quais já extintas, constituem uma rica fonte para os evolucionistas.

Eles descreveram o cenário da evolução humana colocando em ordem os crânios que serviam ao seu propósito, partindo do menor até o maior, e desconsiderando os crânios de alguns tipos extintos de seres humanos. De acordo com esse cenário, os homens e os símios modernos tiveram ancestrais comuns. Essas criaturas teriam evoluído no decorrer do tempo, e algumas delas teriam se transformado nos símios atuais, enquanto outro grupo, que seguiu outro ramo evolutivo, teria se transformado nos seres humanos atuais.

Entretanto, descobertas paleontológicas, anatômicas e biológicas demonstraram que essa alegação evolutiva é tão fictícia e inválida quanto todas as demais. Nenhuma evidência concreta foi apresentada para comprovar que existe qualquer relacionamento entre homens e símios, mas tão somente falsificações, distorções, e desenhos e comentários enganadores.

O registro fóssil indica-nos que, no decurso do tempo, homens sempre foram homens, e símios sempre símios. Alguns dos fósseis que os evolucionistas alegam ser de ancestrais do homem, pertencem a tipos raciais humanos que viviam ainda até recentemente – há cerca de 10.000 anos – e então desapareceram.

Além do mais, muitas comunidades humanas existentes atualmente têm a mesma aparência e características físicas desses tipos raciais extintos, que os evolucionistas alegam ser de ancestrais do homem. Tudo isso constitui uma comprovação clara de que o homem jamais sofreu um processo evolutivo em qualquer época na história.

O mais importante de tudo é que existem numerosas diferenças anatômicas entre símios e seres humanos, e nenhuma delas é do tipo que teria vindo à existência através de um processo evolutivo. O “**bipedalismo**” é uma delas. Como descreveremos mais adiante, com detalhes, o bipedalismo é peculiar ao ser humano, e constitui um dos mais importantes traços característicos que diferenciam o homem de quaisquer outros animais.

A Árvore Genealógica Imaginária do Homem

As declarações darwinistas alegam que o homem moderno atual evoluiu de alguma espécie de criatura simiesca. Durante esse suposto processo evolutivo, que teria sido iniciado entre 4 e 5 milhões de anos atrás, alega-se que existiram algumas “formas de transição” entre o homem moderno e seus ancestrais. De conformidade com esse cenário completamente imaginário, foram listadas quatro “categorias” básicas:

1. *Australopithecíneos*
2. *Homo habilis*
3. *Homo erectus*
4. *Homo sapiens*

Os evolucionistas chamam de “**Australopithecíneos**” (que significa “símios do sul”) os supostos primeiros ancestrais comuns do símio e do ser humano. Existem vários tipos de *Australopithecus*, uma antiga espécie de símios que se extinguiu. Alguns deles têm um porte avantajado, outros são pequenos e têm estrutura fraca.

Os evolucionistas classificam o degrau seguinte da suposta evolução humana com a denominação de “**Homo**”, isto é, homem. De acordo com a alegação evolucionista, os seres vivos da série *Homo* são mais desenvolvidos que os *Australopithecus*, e não muito diferente do homem moderno. O homem moderno de nossos dias, o *Homo sapiens*, é tido como formando o último degrau da evolução dessa espécie.

Fósseis como o “**Homem de Java**”, o “**Homem de Pequim**”, e “**Lucy**”, que aparecem nos meios de comunicação de tempos em tempos, são encontrados nas publicações evolucionistas incluídos em uma das quatro categorias da lista anterior.

Uma Única Mandíbula como Centelha Inspiradora



O primeiro fóssil de *Ramapithecus* descoberto: uma mandíbula perdida composta de duas partes (à direita). Os evolucionistas audaciosamente desenharam o *Ramapithecus*, sua família e o ambiente em que viveram, a partir somente desses dois ossos.



Estas categorias são também supostas dividirem-se em subcategorias.

Algumas formas do passado, que se candidataram a formas de transição, como o *Ramapithecus*, tiveram de ser excluídas da árvore genealógica humana imaginária, depois que se compreendeu que elas eram simplesmente símios comuns. ⁽⁶¹⁾

Ao representar a cadeia de ligação sob a forma
 “*Australopithecus* > *Homo erectus* > *Homo sapiens*”,

os evolucionistas induzem a idéia de que cada uma dessas espécies é ancestral da seguinte. Entretanto, recentes descobertas de paleoantropólogos revelaram que o *Australopithecus*, o *Homo habilis* e o *Homo erectus* existiram em diferentes regiões do mundo ao mesmo tempo. Além disso, um determinado segmento de seres humanos classificados como *Homo erectus* viveu até tempos bastante modernos. O *Homo sapiens neanderthalensis* e o *Homo sapiens sapiens* (homem moderno) coexistiram

61. David Pilbeam, “Humans Lose an Early Ancestor”, *Science*, April 1982, pp. 6-7.

na mesma região. Essa situação aparentemente indica a invalidade da alegação de que eles são ancestrais um do outro.

Intrinsicamente, todas as descobertas e a pesquisa científica revelaram que o registro fóssil não sugere um processo evolutivo, como os evolucionistas defendem. Os fósseis que os evolucionistas alegam serem ancestrais dos seres humanos, de fato pertencem ou a diferentes tipos raciais humanos, ou a espécies de símios.

Então, quais fósseis são de seres humanos, e quais são de símios? Será possível considerar alguns deles como formas de transição? Para obter as respostas, vamos olhar mais de perto cada uma daquelas categorias.

***Australopithecus*: Uma espécie de símios**

A primeira categoria é a dos *Australopithecus*, nome que significa “símio do sul”. É suposto que essas criaturas apareceram primeiro na África, há cerca de 4 milhões de anos, e viveram até cerca de 1 milhão de anos atrás. Existem algumas classes entre os *Australopithecus*. Os evolucionistas supõem que a mais antiga é o *Australopithecus afarensis*. Depois dele vem o *Australopithecus africanus*, que tem ossos mais delgados, e então o *Australopithecus boisei* é aceito por alguns evolucionistas como uma espécie diferente, enquanto outros acham que ele é uma subespécie do *Australopithecus robustus*.

Todos os espécimes de *Australopithecus* são símios extintos que se assemelham aos símios atuais. Sua capacidade craniana é igual ou menor do que a dos chimpanzés atuais. Em suas mãos e pés existiam partes que se projetam e que eles usavam para subir em árvores exatamente como os chimpanzés atuais. Seus pés têm capacidade preênsil para os manter agarrados a ramos de árvores. Eles são pequenos (no máximo 130 cm) e, exatamente como os chimpanzés atuais, o macho é maior do que a fêmea. Muitas características suas, como os detalhes de seu crânio, a proximidade dos dois globos oculares, os dentes molares afiados, a estrutura das mandíbulas, os braços longos e as pernas curtas, são evidências de que esses seres não eram diferentes dos símios atuais.

Os evolucionistas afirmam que, apesar de os *Australopithecus* terem a anatomia de símios, eles caminhavam eretos, como seres humanos, e não como símios.

Essa alegação de “**andarem eretos**” é de fato um ponto de vista que tem sido sustentado por paleoantropólogos como Richard Leakey e Donald C. Johanson já há décadas. Entretanto, muitos cientistas efetuaram grande

número de pesquisas sobre a estrutura do esqueleto dos *Australopithecus*, e comprovaram a invalidade dessa argumentação. Extensas pesquisas realizadas em vários espécimes de *Australopithecus*, por dois anatomistas da Inglaterra e dos EUA mundialmente famosos – Lord Solly Zuckerman e Prof. Charles Oxnard – mostraram que essas criaturas não eram bípedes, e que tinham o mesmo tipo de movimento que os símios atuais. Tendo estudado os ossos desses fósseis durante 15 anos, com recursos fornecidos pelo governo britânico, Lord Zuckerman e sua equipe de 5 especialistas chegaram à conclusão de que os *Australopithecus* eram somente **uma espécie comum de símios e definitivamente não eram bípedes**. E isso apesar de o próprio Zuckerman ser um evolucionista. ⁽⁶²⁾ Correspondentemente, Charles E. Oxnard, outro evolucionista famoso pelas suas pesquisas sobre o assunto, também igualou a estrutura do esqueleto dos *Australopithecus* à dos modernos orangotangos. ⁽⁶³⁾ Finalmente, em 1994, uma equipe da Universidade de Liverpool iniciou uma extensa pesquisa para chegar a uma conclusão final sobre o assunto. Finalmente, eles concluíram que “**os *Australopithecus* eram quadrúpedes**”. ⁽⁶⁴⁾

Em resumo, os *Australopithecus* não têm qualquer ligação com os seres humanos. Eles são simplesmente uma espécie extinta de símios.

Homo habilis:

O Símio Que Foi Apresentado como Ser Humano

A grande semelhança entre as estruturas do crânio e do esqueleto dos *Australopithecus* e chimpanzés, e a refutação da alegação de que essas criaturas tinham andar ereto, ocasionaram grande dificuldade para os paleoantropólogos evolucionistas. A razão foi que, de conformidade com o esquema evolutivo imaginário, o *Homo erectus* vem após os *Australopithecus*. Como o prefixo “*Homo*” implica, o ***Homo erectus*** é um tipo humano, e sua coluna vertebral é vertical. Sua capacidade craniana é duas vezes maior que a dos *Australopithecus*. A transição direta dos *Australopithecus* (que são símios semelhantes a chimpanzés) para o *Homo erectus* (que tem esqueleto que não se diferencia do esqueleto do homem moderno), está fora de consideração, até mesmo para a Teoria da Evolução. Assim,

62. Solly Zuckerman, “Beyond The Ivory Tower”, New York: Toplinger Publications, 1970, pp. 75-94.

63. Charles E. Oxnard, “The Place of Australopithecines in Human Evolution: Grounds for Doubt”, *Nature*, vol. 258, p. 389.

64. Fred Spoor, Bernard Wood, Frans Zonneveld, “Implication of Early Hominid Labryntine Morphology for Evolution of Human Bipedal Locomotion”, *Nature*, vol. 369, June 23, 1994, pp. 645-648.

são necessários “elos”, isto é, “formas de transição”. Daí, surgiu dessa necessidade o conceito de *Homo habilis*.

A classificação do *Homo habilis* foi lançada na década de 1960 pela família Leakey, célebres “caçadores de fósseis”. De acordo com eles, essa nova espécie, que eles classificaram como *Homo habilis*, tinha uma capacidade craniana relativamente grande, capacidade de andar ereto, e de usar utensílios de pedra e madeira. Assim, poderiam ter sido os ancestrais do homem.

Novos fósseis da mesma espécie, desenterrados no fim da década de 1980, mudaram completamente esse ponto de vista. Alguns pesquisadores, como Bernard Wood e C. Loring Brace, que se basearam nestes fósseis recentemente descobertos, afirmaram que o *Homo habilis* (nome que significa “homem capaz de usar utensílios”) deveria ser classificado como *Australopithecus habilis* (que significa “símio do sul capaz de usar utensílios”), porque o *Homo habilis* tinha muitas características comuns com os símios *Australopithecus*. Ele tinha braços compridos, pernas curtas, e uma estrutura do esqueleto exatamente igual à dos *Australopithecus*. Seus dedos das mãos e dos pés eram adequados para subir. A estrutura de sua mandíbula era muito semelhante à dos símios atuais. A sua capacidade craniana média de 600 cm³ era também indicativa do fato de serem símios. Em resumo, o *Homo habilis*, que foi apresentado como uma espécie diferente, por alguns evolucionistas, na realidade era uma espécie de símios, exatamente como todos os outros *Australopithecus*.

Pesquisas realizadas posteriormente, de fato, demonstraram que o *Homo habilis* não diferia do *Australopithecus*. O crânio e o esqueleto fóssil OH 62 descoberto por Tim White mostrou que essa espécie tinha **pequena capacidade craniana, braços longos, e pernas curtas**, que lhe permitiam subir em árvores exatamente como os símios modernos.

As análises detalhadas conduzidas pela antropóloga americana Holly Smith em 1994 indicaram que o *Homo habilis* não era “Homo” – em outras palavras, “humano” – mas era “símio”. Sobre as análises que ela procedeu dos dentes do *Australopithecus*, do *Homo habilis*, do *Homo erectus* e do *Homo neanderthalensis*, ela afirmou o seguinte:

Restringindo as análises de fósseis a espécimes que satisfazem esses critérios, **as configurações do desenvolvimento dental dos Australopithecíneos gráteis e do *Homo habilis* ficam classificadas com os símios africanos**. As do *Homo erectus* e Neandertais são classificadas com os seres humanos. ⁽⁶⁵⁾

65. Holly Smith, *American Journal of Physical Anthropology*, vol. 94, 1994, pp. 307-325.

No mesmo ano, Fred Spoor, Bernard Wood e Frans Zonneveld, todos especialistas em anatomia, chegaram à mesma conclusão através de um método totalmente diferente. Esse método baseou-se na análise comparativa dos canais semi-circulares do ouvido interno de seres humanos e símios, que têm a ver com o equilíbrio. Os canais dos seres humanos que caminham eretos diferem consideravelmente dos canais dos símios, que caminham encurvados. Os canais do ouvido interno de todos os *Australopithecus* e também dos espécimes de *Homo habilis* analisados por Spoor, Wood e Zonneveld eram iguais aos dos símios modernos. Os canais do ouvido interno do *Homo erectus* eram iguais aos do homem moderno. ⁽⁶⁶⁾

Esta descoberta levou a dois resultados importantes:

1. Os fósseis referidos como *Homo habilis* realmente não pertencem ao tipo “*Homo*”, isto é, seres humanos, mas ao tipo dos Australopithecíneos, isto é, símios.
2. Tanto o *Homo habilis* quanto os Australopithecíneos eram seres vivos que tinham um andar inclinado, e portanto esqueleto de símio, e não tinham qualquer relação com os seres humanos.

***Homo rudolfensis*: O Rosto Erroneamente Reconstruído**

A denominação de *Homo rudolfensis* foi dada a alguns poucos fragmentos fósseis escavados em 1972, descobertos nas vizinhanças do rio Rudolf no Quênia. A maioria dos paleoantropólogos aceita que esses fósseis não pertencem a uma espécie distinta, mas que o *Homo rudolfensis* de fato era um *Homo habilis*.

Richard Leakey, que desenterrou os fragmentos fósseis, apresentou o crânio que designou “KNM-ER 1470”, dizendo que ele tinha 2,8 milhões de anos, como sendo a maior descoberta da história da antropologia, e que teria resultados de grande alcance. De acordo com Leakey, este ser, que tinha uma reduzida capacidade craniana, como o *Australopithecus*, e ainda o rosto semelhante ao do homem, era o elo perdido entre o *Australopithecus* e o homem. Apesar disso, pouco tempo depois ficou claro que o rosto semelhante ao do homem do crânio KNM-ER 1470 que freqüentemente era apresentada nas capas das revistas científicas, era resultado de uma reconstrução errônea dos fragmentos do crânio, que poderia ter sido até deliberada. O Prof. Tim Bromage, autor de estudos sobre a anatomia do rosto humano, destacou esse fato que ele descobriu com o auxílio de simulações de computador em 1992:

66. Fred Spoor, Bernard Wood, Frans Zonneveld, “Implication of Evolution of Human Bipedal Locomotion”, *Nature*, vol. 369, June 23, 1994, p. 645-648.

Australopithecus Afarensis: Um Símio Extinto

O primeiro fóssil descoberto em Hadar, na Etiópia, foi “Lucy”, ou AL 288-1, que supostamente pertenceu à espécie *Australopithecus afarensis*.

O fóssil de *Australopithecus afarensis* AL 333-105 visto abaixo pertenceu a um jovem membro dessa espécie. Por essa razão, não havia ainda se formado em seu crânio a protrusão característica.





Australopithecus

Vê-se acima o crânio fóssil do *Australopithecus afarensis* AL 444-2, e abaixo o crânio de um símio atual. A similaridade óbvia mostra que o *Australopithecus afarensis* é uma espécie comum de símios, sem qualquer característica humana.



CHIMPANZÉ MODERNO

“Quando de sua primeira reconstrução, o rosto do KNM-ER 1470 foi ajustado ao crânio em uma posição quase vertical, muito semelhante às faces planas do homem moderno. Porém, recentes estudos de relacionamentos anatômicos mostram que, quando vivo, o rosto deveria ter sido consideravelmente saliente, criando um aspecto simiesco, bastante semelhante ao rosto dos *Australopithecus*”.⁽⁶⁷⁾

O paleoantropólogo evolucionista J. E. Cronin declara o seguinte sobre essa questão:

“... seu rosto constituído de forma relativamente robusta com a concha naso-alveolar achatada (relembrando o rosto em forma de prato dos *Australopithecus*), pequena largura máxima craniana (nos ossos temporais), fortes caninos e grandes molares (como indicado pelos resquícios das raízes), são todos traços relativamente primitivos que ligam o espécime aos membros do taxon *Australopithecus africanus*”.⁽⁶⁸⁾

E Loring Brace, da Universidade de Michigan, chegou à mesma conclusão em resultado das análises que fez da estrutura da mandíbula e dos dentes do crânio 1470, e declarou que as dimensões do maxilar e da parte que continha os molares indicavam que o ER 1470 tinha exatamente rosto e dentes de *Australopithecus*.⁽⁶⁹⁾

O professor Alan Walker, paleoantropólogo da Universidade Johns Hopkins, que efetuou muitas pesquisas sobre o KNM-ER 1470, como Leakey, defende que esse ser vivo não deveria ser classificado como “*Homo*”, isto é, uma espécie humana, mas que, como o *Homo habilis*, deveria ser incluído na espécie dos *Australopithecus*.⁽⁷⁰⁾

Em resumo, classificações como *Homo habilis* ou *Homo rudolfensis* que são apresentadas como elos de transição entre os Australopithecíneos e o *Homo erectus*, são inteiramente imaginárias. Como confirmado hoje por muitos pesquisadores, esses seres **são membros da série dos *Australopithecus***. Todas as suas características anatômicas revelam que eles são uma espécie de símios.

Em continuação a essas criaturas, todas elas espécies de símios, seguem-se os fósseis “*Homo*”, que são fósseis de seres humanos.

67. Tim Bromage, *New Scientist*, vol. 133, 1992, p. 38-41.

68. J. E. Cronin, N. T. Boaz, C. B. Stringer, Y. Rak, “Tempo and Mode in Hominid Evolution”, *Nature*, Vol. 292, 1981, p. 113-122.

69. C. L. Brace, H. Nelson, N. Korn, M. L. Brace, “Atlas of Human Evolution”, 2.b. New York: Rinehart and Wilson, 1979.

70. Alan Walker, *Scientific American*, vol. 239 (2), 1978, p. 54.

Homo habilis: Outro Símio Extinto

Durante muito tempo os evolucionistas afirmaram que as criaturas que designaram como *Homo habilis* podiam caminhar eretas, achando que tinham descoberto um elo entre os símios e o homem. Não obstante, os novos fósseis de *Homo habilis* escavados por Tim White em 1986, que foram designados como OH 62, refutaram essa afirmação. Esses novos fragmentos fósseis mostraram que o *Homo habilis* tinha braços longos e pernas curtas, exatamente como os símios atuais. Esses fósseis puseram fim à afirmação de que o *Homo habilis* era um ser bípede capaz de andar ereto. Na verdade, o *Homo habilis* nada mais era do que outra espécie de símios.



OH 7 "*Homo habilis*", visto abaixo à esquerda, é considerado como o fóssil que melhor define as características do maxilar da espécie *Homo habilis*. Este maxilar fóssil tem grandes dentes incisivos, e pequenos molares. A forma do maxilar é retangular. Todas essas características fazem o maxilar assemelhar-se ao dos símios atuais. Em outras palavras, o maxilar do *Homo habilis* confirma uma vez mais que esse ser realmente foi um símio.



***Homo erectus*, e então: Seres Humanos**

De acordo com o fantasioso esquema dos evolucionistas, a evolução interna da espécie do *Homo sapiens* foi a seguinte: primeiro, o *Homo erectus*, depois o *Homo sapiens* arcaico e o Homem de Neandertal, em seguida o Homem de Cro-Magnon, e finalmente o homem moderno. Entretanto, todas essas classificações abrangem na realidade somente etnias humanas genuínas. A diferença entre elas não é maior do que a diferença entre um esquimó, um negro, um pigmeu e um europeu.

Examinemos primeiramente o *Homo erectus*, que é referido como sendo a espécie humana mais primitiva. Como implica a qualificação “erectus”, “*Homo erectus*” significa “homem que caminha ereto”. Os evolucionistas tiveram de separar esses homens dos demais anteriores, introduzindo a qualidade de serem eretos, porque todos os seus fósseis existentes têm coluna vertebral reta, diferenciada da coluna que se observa em qualquer espécime de *Australopithecus* ou *Homo habilis*. **Não existe diferença entre o esqueleto do homem moderno e do *Homo erectus*.**

A razão principal para os evolucionistas definirem o *Homo erectus* como “primitivo” é a sua capacidade craniana (900 a 1100 cm³), que é menor do que a média do homem moderno, e a espessa projeção de sua arcada superciliar. Entretanto, **existe muita gente que vive hoje no mundo, que tem a mesma capacidade craniana do *Homo erectus*** (por exemplo, os pigmeus), e existem etnias que têm projeção da arcada superciliar (por exemplo, os aborígenes australianos).

É um fato comumente aceito, que diferenças na capacidade craniana não denotam necessariamente diferenças de inteligência ou habilidades. A inteligência depende mais da organização interna do cérebro do que de seu volume. ⁽⁷¹⁾

Os fósseis que tornaram o *Homo erectus* conhecido ao mundo são o **Homem de Pequim**, e o **Homem de Java**, encontrados na Ásia. Entretanto, com o decorrer do tempo, ficou entendido que esses dois fósseis não eram fidedignos. O Homem de Pequim consistia de alguns elementos feitos de gesso, cujos originais foram perdidos, e o Homem de Java era “composto” de um fragmento de crânio e um osso pélvico que foi encontrado a metros de distância, sem qualquer indício de que ambos pertencem ao mesmo ser. Foi por isso que os fósseis de *Homo erectus* descobertos na África ganharam crescente importância. (Deve também ser observado que alguns fósseis supostamente pertencentes ao *Homo erectus* foram incluídos em uma

71. Marvin Lubenow, “Bones of Contention”, Grand Rapids, Baker, 1992, p. 83.

segunda categoria denominada “*Homo ergaster*” por alguns evolucionistas. Existe desacordo entre eles sobre essa questão, e trataremos de todos esse fósseis sob a classificação de *Homo erectus*).

O espécime mais famoso do *Homo erectus* encontrado na África é o fóssil denominado “Naricotome homo erectus”, ou o “**Menino de Turkana**”, descoberto no Quênia, perto do Lago Turkana. Foi confirmado que esse fóssil era um menino de 12 anos, que poderia atingir 1,83 metros de altura em sua adolescência. A estrutura vertical da coluna desse fóssil não se diferencia da estrutura da coluna do homem moderno. Falando a seu respeito, o paleoantropólogo americano Alan Walker declarou que duvidava que “a média dos patologistas pudesse dizer qual era a diferença entre o esqueleto fóssil e o de um homem moderno”.⁽⁷²⁾ Com relação ao crânio, Walter afirmou que “ele se parecia muito com o de um Neandertal”.⁽⁷³⁾ Como veremos no capítulo seguinte, os Neandertais são uma etnia humana moderna, e portanto o *Homo erectus* é também uma etnia humana moderna.

Até mesmo o evolucionista Richard Leakey declara que as diferenças entre o *Homo erectus* e o homem moderno nada mais são do que variações étnicas:

Ver-se-iam também diferenças na forma do crânio, no grau de saliência do rosto, na robustez da arcada superciliar, etc. **Essas diferenças provavelmente não são mais pronunciadas do que as que vemos hoje entre etnias de seres humanos modernos separadas geograficamente.** Essas variações biológicas surgem quando as populações permanecem separadas geograficamente entre si, durante intervalos de tempo significativos.⁽⁷⁴⁾

O Prof. William Laughlin, da Universidade de Connecticut efetuou amplos exames anatômicos nos esquimós Inuit, e nos povos habitantes das Ilhas Aleutas, e observou que eles eram extraordinariamente semelhantes ao *Homo erectus*. A conclusão a que chegou Laughlin foi de que todas essas diferentes etnias, de fato, eram diferentes tipos do *Homo sapiens* (homem moderno).

Quando consideramos as enormes diferenças que existem entre grupos remotos como os esquimós e os bosquímanos, que sabemos pertencerem à mesma espécie única de *Homo sapiens*, parece justificável concluir que o *Sinanthropus* (um espécime ereto) pertence a esta mesma espécie diversificada.⁽⁷⁵⁾

72. Boyce Rensberger, *The Washington Post*, November 19, 1984.

73. *Ibid.*

74. Richard Leakey, “The Making of Mankind”, London: Sphere Books, 1981, p. 62.

75. Marvin Lubenow, “Bones of Contention”, Grand Rapids, Baker, 1992, p.136.



Homo Erectus: Uma Antiga Etnia Humana

“*Homo erectus*” significa “homem ereto”, e todos os fósseis incluídos nessa espécie pertencem a etnias humanas específicas. Como a maioria dos fósseis do *Homo erectus* não tem uma característica comum, é muito difícil defini-los de conformidade com seus crânios. Essa é a razão pela qual diferentes pesquisadores evolucionistas elaboraram classificações e designações distintas. Acima, à esquerda, vê-se um crânio que foi desco-

berto em Koobi Fora, na África, em 1976, que em linhas gerais pode definir o *Homo erectus*. Acima, à direita, vê-se o crânio do *Homo ergaster* KNM-ER 3733, que apresenta as dificuldades para definição já mencionadas.

As capacidades cranianas de todos esses diversos fósseis do *Homo erectus* variam entre 900 e 1.100 cm³. Estes números estão dentro dos limites atuais da capacidade craniana do homem moderno.

KNM-WT 15.000, ou esqueleto do menino de Turkana, à direita, provavelmente é o mais antigo e mais completo fóssil humano até agora encontrado. Pesquisas realizadas sobre ele, que é considerado como tendo 1,6 milhões de anos, mostram que o esqueleto foi de um menino de 12 anos, que poderia crescer até 1,8 metros de altura, se chegasse à adolescência. Esse fóssil, que se assemelhava muito à etnia Neandertal, constitui uma das mais notáveis evidências que invalidam a história da evolução humana.

O evolucionista Donald Johnson descreve esse fóssil da seguinte maneira: “Ele era alto e magro. A forma de seu corpo e as proporções de seus membros eram as mesmas dos atuais africanos equatoriais. As dimensões de seus membros concordam totalmente com as dos atuais adultos brancos da América do Norte”.



Marinheiros de 700 Mil Anos



“Os seres humanos antigos eram muito mais inteligentes do que pensávamos ...”

Notícia publicada na revista *New Scientist* de 14 de março de 1998 nos fala que os seres humanos denominados *Homo erectus* pelos evolucionistas praticavam navegação há 700 mil anos. Esses seres humanos, que tinham conhecimento e tecnologia suficientes para construir uma embarcação, e possuíam uma cultura que usava o transporte marítimo, dificilmente poderiam ser chamados de “primitivos”.

Por outro lado, há um enorme hiato entre o *Homo erectus*, uma etnia humana, e os símios que precedem o *Homo erectus* no cenário da “evolução humana” (*Australopithecus*, *Homo habilis*, *Homo rudolfensis*). Isso significa que os primeiros homens surgiram no registro fóssil repentinamente, sem qualquer história evolutiva. Não pode haver nenhum indício mais claro de que eles foram criados, e não evoluídos.

Entretanto, admitir esse fato é totalmente contra a filosofia e a ideologia dogmáticas dos evolucionistas. Em resultado, eles tentam retratar o *Homo erectus*, uma verdadeira etnia humana, como uma criatura simiesca. Em suas reconstruções do *Homo erectus*, eles insistentemente desenhavam feições simiescas. Por outro lado, com métodos semelhantes, eles fazem desenhos “humanizando” símios como o *Australopithecus* ou o *Homo habilis*. Com esse método, eles procuram “aproximar” símios e seres humanos e preencher o hiato existente entre essas duas distintas categorias de seres.

Neandertais

Os Neandertais são seres humanos que surgiram repentinamente supostamente há 100 mil anos na Europa, e desapareceram – ou foram assimilados misturando-se com outras etnias – há 35 mil anos, tranquilamente mas de forma rápida. A única diferença entre eles e o homem moderno é seu esqueleto mais robusto e sua capacidade craniana ligeiramente maior.

Os Neandertais são uma etnia humana, e esse fato é admitido hoje por quase todas as pessoas. Os evolucionistas tentaram arduamente apresentá-los como “espécie primitiva”, embora todas as descobertas indicassem que eles não eram diferentes de um homem “robusto” caminhando nas ruas hoje. Uma preeminente autoridade no assunto, Erick Trinkhaus, paleoantropólogo da Universidade do Novo México, escreveu:

Comparações detalhadas dos restos ósseos de Neandertais com os de seres humanos modernos, mostraram que **nada há na anatomia dos Neandertais que indique conclusivamente capacidades locomotoras, manipulativas, intelectuais ou lingüísticas inferiores às do homem moderno.** ⁽⁷⁶⁾



CARICATURAS - Apesar de não se distinguirem do homem moderno, os Neandertais continuam sendo desenhados como “homens - macacos”.

Muitos pesquisadores contemporâneos definem o Homem de Neandertal como uma subespécie do homem moderno, e chamam-no de “*Homo sapiens neanderthalensis*”. As descobertas comprovam que os Neandertais enterravam seus mortos, faziam instrumentos musicais, e tinham afinidades culturais com o *Homo sapiens sapiens*, que viveu durante o mesmo período. De maneira mais precisa, os Neandertais são uma etnia humana “robusta” que simplesmente desapareceu com o tempo.

***Homo sapiens* arcaico, *Homo heidelbergensis* e Homem de Cro-Magnon**

O *Homo sapiens* arcaico é o último degrau antes do homem contemporâneo, no esquema evolucionista imaginário. De fato, os evolucionistas não têm muito a dizer sobre eles, já que são muito pequenas as diferenças entre eles e o homem moderno. Alguns pesquisadores até declaram que representantes dessa etnia ainda vivem hoje, e apontam os aborígenes da Austrália como exemplo. Como o *Homo sapiens*, os aborígenes também têm espessas arcadas superciliares, estrutura mandibular inclinada para dentro e capacidade craniana ligeiramente menor. Além do mais, significativas descobertas têm sido feitas, sugerindo que esse povo viveu na Hungria e em algumas localidades da Itália até há não muito tempo atrás.

76. Erik Trinkhaus, “Hard Times Among the Neanderthals”, *Natural History*, vol. 87, December 1978, p. 10; R. L. Holloway, “The Neanderthal Brain: What Was Primitive”, *American Journal of Physical Anthropology Supplement*, vol. 12, 1991, p. 94.



Neandertais: Um Povo Robusto

Vê-se acima crânio do *Homo sapiens neanderthalensis* Amud 1, descoberto em Israel. O Homem de Neandertal é geralmente conhecido como robusto, embora pequeno. Estima-se que este fóssil, entretanto, teria 1,80 metros de altura. Sua capacidade craniana é a maior medida até hoje: 1740 cm³. Por tudo isso, este fóssil situa-se entre as mais importantes evidências que definitivamente destroem as alegações de que os Neandertais eram uma espécie primitiva.

O grupo caracterizado como *Homo heidelbergensis* na literatura evolucionista de fato é o mesmo *Homo sapiens* arcaico. A razão pela qual são usados dois termos diferentes para definir a mesma etnia humana são as diferenças conceituais entre os evolucionistas. Todos os fósseis incluídos na classificação de *Homo heidelbergensis* sugerem que pessoas anatomicamente bastante semelhantes aos modernos europeus viveram primeiramente na Inglaterra, e depois na Espanha, há 500 mil e até mesmo há 740 mil anos (o que constitui um grande problema para a Teoria da Evolução – Nota do Tradutor).

A estimativa evolucionista é que o Homem de Cro-Magnon viveu há 30.000 anos atrás. Ele apresentava um crânio com forma de cúpula e frente larga. Seu crânio, com 1.600 cm³, tem capacidade superior à média do homem contemporâneo, tem espessas projeções da arcada superciliar, e uma protuberância óssea na parte de trás, que é característica tanto do Neandertal quanto do *Homo erectus*.

Embora o Cro-Magnon seja considerado como uma etnia europeia, a estrutura e o volume de seu crânio assemelham-se muito com a de algumas etnias que vivem hoje na África e nos trópicos. Com base nessa semelhança, estima-se que o Cro-Magnon era uma etnia africana arcaica. Alguns outros achados paleoantropológicos mostraram que os Cro-Magnons e as etnias atuais misturaram-se entre si e lançaram as bases para as etnias atuais. Ainda mais, aceita-se em nossos dias que ainda vivam representantes da etnia Cro-Magnon em diferentes regiões do continente africano e nas regiões de Salute e Dordogne, na França. Observam-se também na Polônia e na Hungria pessoas com características análogas.

Espécies vivendo juntamente com seus ancestrais

O que investigamos até agora delinea um quadro bastante claro: O cenário da “evolução humana” é totalmente fictício. Para que existisse uma árvore genealógica como essa, deveria ter existido uma evolução gradual desde os símios até o homem, e deveria ter sido descoberto o registro fóssil desse processo. Entretanto, **existe um enorme hiato entre os símios e os seres humanos**. As estruturas dos esqueletos, as capacidades cranianas, e critérios como o caminhar ereto ou bastante encurvado para a frente, distinguem os seres humanos dos símios. (Já mencionamos que, com uma pesquisa recente feita em 1994 sobre os canais do ouvido interno relacionados com o equilíbrio, o *Australopithecus* e o *Homo habilis* foram classificados como símios, enquanto que o *Homo erectus* foi classificado como ser humano).



**“26 Mil Anos de Idade
Aguilha: Um interessante
fóssil indicando que
os Neandertais tinham
conhecimento sobre
vestimentas: Uma
aguilha com estimativa
de 26 mil anos de
idade.” (D. Johanson,
B. Edgar, From Lucy to
Language, p. 99)**

Outra descoberta significativa, comprovando que não pode existir árvore genealógica para essas espécies distintas, é que as espécies apresentadas como ancestrais, umas das outras, de fato viveram simultaneamente.

Se, como alegam os evolucionistas, o *Australopithecus* transformou-se em *Homo habilis*, e estes, por sua vez, se transformaram em *Homo erectus*, as eras em que eles viveram, necessariamente teriam se sucedido uma à outra. Entretanto, não existe essa seqüência cronológica.

De acordo com as estimativas dos evolucionistas, os *Australopithecus* viveram de 4 a 1 milhão de anos atrás. Seres classificados como *Homo habilis*, por outro lado, pensa-se terem vivido há até 1,7 a 1,9 milhões de anos atrás. Sabe-se que o *Homo rudolfensis*, que é dito ter sido mais “avançado” que o *Homo habilis*, teria de 2,5 a 2,8 milhões de anos! Isto significa que o *Homo rudolfensis* seria cerca de 1 milhão de anos mais antigo que o *Homo habilis*, do qual supostamente ele é “ancestral”. Por outro lado, a idade do *Homo erectus* se estende até 1,6 a 1,8 milhões de anos atrás, o que significa que os espécimes de *Homo erectus* apareceram sobre a terra na mesma época que o seu suposto ancestral, o *Homo habilis*. (Pesam sempre sobre estas datações as críticas metodológicas sobre a validade dos valores absolutos indicados por elas – Nota do Tradutor).

Alan Walker confirma esse fato afirmando que “existem evidências do leste africano a favor da sobrevivência de pequenos **indivíduos *Australopithecus* contemporaneamente com o *Homo habilis* e também com o *Homo erectus***”.⁽⁷⁷⁾ Louis Leakey descobriu fósseis de *Australopithecus*, *Homo habilis* e *Homo erectus* quase um ao lado do outro, na região da Garganta de Olduvai, na Camada II.⁽⁷⁸⁾

Com toda a certeza, não existe essa árvore genealógica. Stephan

77. Alan Walker, *Science*, vol. 207, 1980, p. 1103.

78. A. J. Kelso, “Physical Anthropology”, 1st ed., New York: J. B. Lipincott Co., 1970, p. 221; M. D. Leakey, “Olduvai Gorge”, vol. 3, Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 272.

Jay Gould, paleontólogo da Universidade de Harvard, embora sendo evolucionista, explica o beco-sem-saída da evolução:

O que aconteceu com os degraus de nossa escada, se existem três linhagens coexistentes de hominídeos (os *Australopithecus africanus*, os Australopithecíneos robustos, e o *Homo habilis*), claramente sem nenhuma derivar de outra? Além disso, nenhuma das três apresenta qualquer tendência evolutiva durante sua existência na terra.⁽⁷⁹⁾

Quando deixamos o *Homo erectus*, e passamos a considerar o *Homo sapiens*, novamente vemos que não existem árvores genealógicas sobre as quais falarmos. Existem evidências que mostram que o *Homo erectus* e o *Homo sapiens* arcaico teriam continuado a viver até 27.000, e até mesmo 10.000 anos antes de nossos dias. No pântano Kow, na Austrália, foram descobertos alguns crânios de *Homo erectus* datados presumivelmente de 13.000 anos. Na ilha de Java, foi descoberto um crânio supostamente com 27.000 anos (Valores sempre sujeitos às críticas metodológicas sobre a validade dos valores absolutos indicados por elas – Nota do Tradutor).⁽⁸⁰⁾

A História Secreta do *Homo sapiens*

O fato mais interessante e significativo, que põe por terra a própria base da imaginária árvore genealógica da Teoria da Evolução, é a história inesperadamente antiga do homem moderno. Dados paleoantropológicos revelam que indivíduos do *Homo sapiens*, que se pareciam exatamente como nós, viveram presumivelmente (dentro das críticas metodológicas já mencionadas – Nota do Tradutor) há cerca de um milhão de anos atrás.

Foi Louis Leakey, o famoso paleoantropólogo evolucionista, quem descobriu os primeiros indícios dessa suposição. Em 1932, na região de Kanjera, em torno do Lago Vitória, no Quênia, Leakey descobriu vários fósseis que pertenciam ao Período Pleistoceno Médio, e que não diferiam do homem moderno. Entretanto, o Período Pleistoceno Médio, na escala geológica tradicional, significa um milhão de anos atrás.⁽⁸¹⁾ Como essas descobertas viravam de ponta-cabeça a árvore genealógica, elas foram descartadas por alguns paleoantropólogos. Não obstante, Leakey continuou sempre a defender suas estimativas como corretas.

Exatamente quando essa controvérsia estava para cair no esquecimento,

79. S. J. Gould, "Natural History", vol. 85, 1976, p. 30.

80. *Time*, November 1996.

81. L. S. B. Leakey, "The Origin of *Homo Sapiens*", ed. F. Borde, Paris: UNESCO 1972, p. 25-29; L. S. B. Leakey, "By the Evidence", New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974.

um fóssil desenterrado na Espanha em 1995 revelou, de maneira muito marcante, que a história do *Homo sapiens* era muito mais antiga do que se supunha. O fóssil em questão foi descoberto na gruta conhecida como Gran Dolina, na região da Atapuerca, na Espanha, por três paleoantropólogos da Universidade de Madri. Ele pertencia ao rosto de um menino de onze anos, que parecia totalmente igual a um homem moderno, embora se tivessem passado 800.000 anos desde a sua morte, conforme a datação feita. A revista *Discover* noticiou a história com grandes detalhes, em seu número de dezembro de 1997.

Esse fóssil chegou a abalar as convicções de Ferreras, que estava dirigindo a escavação na Gran Dolina. Ele declarou:

Esperávamos algo grande, imenso, dilatado ..., sabe? Algo “primitivo”. Nossa expectativa quanto a um menino de 800.000 anos era algo semelhante ao “Menino de Turkana”. E o que descobrimos foi um rosto totalmente moderno. ... Isso, para mim, é o mais espetacular. Essas são as espécies de coisas que abalam a gente – descobrir algo totalmente inesperado, como isso. Achar ou não achar fósseis também é inesperado, tudo bem. Porém, a coisa mais espetacular é achar no passado algo que você pensava pertencer ao presente. É como encontrar algo semelhante a ... um gravador de fitas em Gran Dolina. Isso seria muito surpreendente. **Não esperamos cassetes e gravadores de fita no Pleistoceno Inferior. Encontrar um rosto moderno é exatamente o mesmo.** Ficamos muito surpresos quando o vimos.⁽⁸²⁾

Este fóssil destacou o fato de que a história do *Homo sapiens* tinha de ser estendida a 800 mil anos atrás. Após se recuperarem do choque inicial, os evolucionistas que descobriram o fóssil decidiram que ele pertencia a uma espécie distinta, porque, de acordo com a árvore genealógica evolucionista, nenhum *Homo sapiens* jamais poderia ter vivido há 800 mil anos. Assim, eles estabeleceram uma nova espécie imaginária à qual deram o nome de “*Homo antecessor*”, e incluíram o crânio de Atapuerca nessa classificação.



Um dos mais populares periódicos da literatura evolucionista, a revista *Discover*, estimou em 800.000 anos a idade do rosto humano estampado em sua capa, juntamente com a indagação: “É este o rosto de nosso passado?”

82. “Is This The Face of Our Past”, *Discover*, December 1997, pp. 97-100.

Uma Cabana de 1,7 Milhões de Anos

Muitas descobertas existem que demonstram antigüidade do *Homo sapiens* supostamente ainda maior do que 800 mil anos. Uma delas é a descoberta feita por Louis Leakey no início da década de 1970, na Garganta de Olduvai. Ali, na Camada II, Leakey descobriu que o *Australopithecus*, o *Homo habilis* e o *Homo erectus* eram espécies que coexistiram ao mesmo tempo. O mais interessante foi uma estrutura que Leakey descobriu na mesma Camada II, os restos de uma **cabana de pedra**. O aspecto inusitado do evento foi que essa construção, do tipo ainda usado em algumas partes da África, somente poderia ter sido construída pelo *Homo sapiens*! Assim, de acordo com as descobertas de Leakey, o *Australopithecus*, o *Homo habilis*, o *Homo erectus* e o homem moderno deveriam ter coexistido há aproximadamente 1,7 milhões de anos.⁽⁸³⁾ Certamente essa descoberta invalida a Teoria da Evolução que alega que o homem moderno evoluiu a partir de alguma espécie simiesca como o *Australopithecus*.



A descoberta de uma cabana, datada como sendo de 1,7 milhões de anos atrás, chocou a comunidade científica. Ela se assemelhava às cabanas usadas hoje por alguns africanos.

Pegadas do Homem Moderno com 3,6 Milhões de Anos!

Na realidade, algumas outras descobertas traçam as origens do homem moderno para além dos supostos 1,7 milhões de anos. Uma das mais importantes dessas descobertas foi a das pegadas encontradas por Mary Leakey na Tanzânia, em 1977. Essas pegadas foram descobertas em uma camada cuja idade foi calculada como sendo de 3,6 milhões de anos (Dentro das críticas metodológicas já mencionadas – Nota do Tradutor) e, mais importante ainda, elas não eram diferentes das que um homem contemporâneo poderia ter deixado.

As pegadas descobertas por Mary Leakey foram examinadas posteriormente por numerosos paleoantropólogos, como Don Johanson e Tim White. Os resultados foram confirmados. White escreveu:

Não se enganem sobre isso, ... **elas são idênticas a pegadas humanas modernas**. Se tivessem sido deixadas hoje nas areias de uma praia

83. A. J. Kelso, *Physical Anthropology*, 1.b., 1970, pp. 221; M. D. Leakey, "Olduvai Gorge", vol. 3, Cambridge University Press, 1971, pp. 272.

da Califórnia, e se perguntássemos a uma criança de 4 anos o que seria aquilo, imediatamente ela diria que alguém teria passado por ali. Nem ela, nem nós, poderíamos ser capazes de diferenciá-la de centenas de outras pegadas deixadas na praia.⁽⁸⁴⁾

Após examinar as pegadas, Louis Robbins, da Universidade da Carolina do Norte, fez os seguintes comentários:

A arcada é pronunciada – o indivíduo, menor do que eu, tinha uma arcada mais pronunciada que a minha – e o polegar é grande, alinhado com o segundo dedo. ... Os dedos aderem ao chão como os dedos humanos, o que não se verifica em qualquer outra forma animal.⁽⁸⁵⁾

Exames feitos sobre a morfologia das pegadas mostraram sempre que elas tinham de ser aceitas como pegadas humanas, e mais ainda, de um ser humano moderno (*Homo sapiens*). Russell Tuttle, que examinou as pegadas, escreveu:

Um pequeno *Homo sapiens* descalço poderia tê-las deixado impressas. ... Em todas as feições morfológicas discerníveis, os pés dos indivíduos que caminharam são indistinguíveis dos pés do ser humano moderno.⁽⁸⁶⁾

Exames imparciais das pegadas revelaram quem foram seus reais originadores. Na realidade, as marcas deixadas consistiam de 20 pegadas fósseis de um ser humano moderno de 10 anos de idade, e 27 outras de alguém ainda mais moço. Certamente, pessoas tão modernas como nós.

Essa situação trouxe as pegadas de Laetoli para o centro das discussões durante muitos anos.

Os paleoantropólogos tentaram desesperadamente trazer uma explicação para o que lhes era realmente difícil aceitar – que um homem moderno teria estado a caminhar sobre a terra há 3,6 milhões de anos.

Durante a década de 1.990, essa “explicação” começou a tomar forma. Os evolucionistas decidiram que aquelas pegadas deveriam ser de



As pegadas de Laetoli pertenciam a seres humanos modernos, entretanto foram datadas como tendo milhões de anos.

84. Donald C. Johanson & M. A. Edey, “Lucy: The Beginning of Humankind”, New York: Simon & Schuster, 1981, p. 250.

85. *Science News*, vol. 115, 1979, pp. 196-197.

86. Ian Anderson, *New Scientist*, vol. 98, 1983, p. 373.

“Outro exemplo que demonstra a invalidade da árvore evolutiva divisada pelos evolucionistas: o maxilar de um ser humano moderno (*Homo sapiens*) datado como tendo 2,3 milhões de anos. Esse maxilar é indicado pelo código A. L. 661-1, e foi desenterrado em Hadar, na Etiópia. Publicações evolucionistas tentam contornar o problema referindo-se a ele como ‘uma descoberta muito surpreendente’.” (D. Johanson, Blake Edgar, de “From Lucy to Language”, p. 169).



algum *Australopithecus*, porque, de acordo com a sua teoria, era impossível ter existido uma espécie *Homo* há 3,6 milhões de anos. Russell H. Tuttle escreveu o seguinte em seu artigo de 1990:

Em resumo, as características das pegadas de 3,5 milhões de anos encontradas em Laetoli, no Sítio G, assemelham-se às dos seres humanos modernos habitualmente descalços. Nenhuma das características sugere que os hominídeos de Laetoli fossem bípedes menos capazes do que nós. Se não se soubesse que as pegadas do Sítio G fossem tão antigas, imediatamente concluiríamos que elas tinham sido feitas por um indivíduo de nosso gênero *Homo*. ... De qualquer maneira, devemos deixar de lado a hipótese imprecisa de que as pegadas de Laetoli foram feitas por seres do tipo de Lucy, *Australopithecus afarensis*.⁽⁸⁷⁾

Pondo em breves palavras, essas pegadas que foram supostas como tendo 3,6 milhões de anos, não poderiam ser de *Australopithecus*. A única razão pela qual se pensou que as pegadas teriam sido de *Australopithecus* foi a idade de 3,6 milhões de anos atribuída às cinzas vulcânicas da camada em que as pegadas foram descobertas. As pegadas foram atribuídas a *Australopithecus* com a hipótese de que seres humanos não poderiam ter vivido numa época tão remota.

Essas interpretações das pegadas de Laetoli nos mostram uma realidade muito importante. Os evolucionistas apoiam sua teoria não pela consideração de descobertas científicas, mas a despeito delas. Temos aqui uma teoria que está sendo defendida cegamente a despeito de tudo, com todas as novas descobertas que se opõem a ela sendo ou ignoradas ou

87. Russell H. Tuttle, *Natural History*, March 1990, pp. 61-64.

distorcidas para servirem aos seus propósitos.

Em suma, a Teoria da Evolução não é ciência, mas sim um dogma mantido vivo a despeito da ciência.

O Impasse da Evolução perante o Bipedalismo

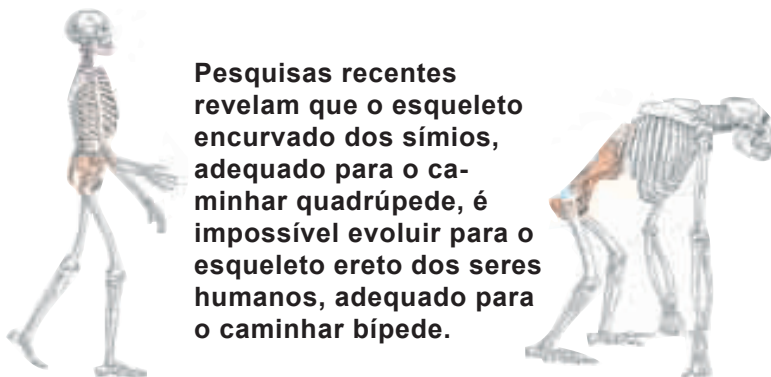
Além do registro fóssil, com o qual até agora estivemos lidando, hiatos anatômicos impossíveis de serem preenchidos, entre o homem e os símios, também invalidam a Teoria da Evolução humana. Um desses hiatos diz respeito à maneira de caminhar.

Os seres humanos caminham eretos, sobre dois pés. Esta é uma maneira de movimentar-se que não é vista em nenhuma outra espécie. Alguns animais têm uma capacidade limitada de se deslocar quando se põem em pé sobre suas patas traseiras. Animais como ursos e macacos podem se deslocar assim somente raramente, por exemplo quando desejam alcançar algumas fontes de alimento, mas somente por um pequeno intervalo de tempo. Normalmente, o seu esqueleto inclina-se para a frente e passam a caminhar com os quatro pés.

Bem, teria então o bipedalismo evoluído do andar sobre quatro pés dos símios, como alegam os evolucionistas?

Certamente, não! As pesquisas têm mostrado que jamais ocorreu a evolução do bipedalismo, e nem seria possível que ela ocorresse. Primeiramente, o bipedalismo não constitui uma vantagem evolutiva. A maneira pela qual os macacos se deslocam é muito mais fácil, mais rápida e mais eficiente do que o andar bípede do homem. O homem não pode se deslocar nem pulando de galho em galho sem pisar no chão, como os chimpanzés, nem correr com a velocidade de 125 km/hora como a chita. Ao contrário, como o homem anda sobre dois pés, ele se desloca muito mais lentamente sobre o solo. Pela mesma razão, ele é uma das espécies mais desprotegidas dentre todas as demais da natureza, em termos de movimento e defesa. De acordo com a lógica da evolução, os macacos não deveriam ter evoluído para adotar um modo bípede de caminhar; pelo contrário, os seres humanos deveriam ter evoluído para se tornarem quadrúpedes!

Outro impasse da alegação evolucionista é que o bipedalismo não se coaduna com o modelo darwinista do “desenvolvimento gradual”. Esse modelo, que constitui a base da evolução, exige que deva existir uma “composição” entre o caminhar bípede e o quadrúpede. Entretanto, o paleoantropólogo inglês Robin Crompton, com suas pesquisas



computadorizadas realizadas em 1996, mostrou que essa “composição” não é possível. Crompton chegou à seguinte conclusão: Um ser vivo pode ou andar ereto, ou sobre todas as quatro pernas.⁽⁸⁸⁾ Um tipo intermediário de caminhar não é possível, devido ao consumo de energia extremamente elevado. É por isso que é impossível existir um ser intermediário entre bípede e quadrúpede.

O imenso hiato existente entre o homem e o símio não se limita somente ao bipedalismo.

Muitos outros pontos ainda permanecem inexplicados, como o volume craniano, a capacidade da fala, etc. Elaine Morgan, uma paleoantropóloga evolucionista, faz a seguinte confissão relativamente a esse assunto:

Quatro dos mais extraordinários mistérios a respeito do ser humano são: 1) por que eles andam sobre duas pernas? 2) por que perderam sua pelagem? 3) por que desenvolveram cérebros tão grandes? 4) por que aprenderam a falar? As respostas ortodoxas a essas perguntas são: 1) “Não sabemos ainda”; 2) “Não sabemos ainda”; 3) “Não sabemos ainda”; 4) “Não sabemos ainda”. A lista de perguntas poderia ser consideravelmente estendida, sem afetar a monotonia das respostas.⁽⁸⁹⁾

Evolução: Um Fato Não-Científico

Lord Solly Zuckerman é um dos mais famosos e respeitados cientistas do Reino Unido. Durante anos ele estudou o registro fóssil e dirigiu muitas investigações detalhadas. Recebeu o título honorário de Lord devido às suas contribuições científicas. Zuckerman é um evolucionista, e portanto seus comentários sobre a evolução não podem ser considerados como observações deliberadamente antagônicas. Após anos de pesquisas sobre fósseis incluídos no cenário da evolução humana, ele chegou à conclusão de que, na verdade,

88. Ruth Henke, “Aufrecht aus den Baumen”, *Focus*, vol. 39, 1996, p. 178.

89. Elaine Morgan, “The Scars of Evolution”, New York: Oxford University Press, 1994, p. 5.

não existe qualquer árvore genealógica evolutiva.

Zuckermann também estabeleceu um interessante “espectro da ciência”, classificando as ciências em geral desde as que ele considerou como “mais científicas” até as que ele considerou “não-científicas”. De acordo com esse espectro, as “mais científicas”, isto é, que dependem de dados concretos – estão a química e a física. Depois delas vêm as ciências biológicas, e finalmente as ciências sociais. Na extremidade final do espectro, na parte considerada como mais “não-científica”, estão a “percepção extra-sensorial” – conceitos como telepatia e sexto sentido – e finalmente a “evolução humana”. Zuckerman explicita seu raciocínio:

“Deslocamo-nos então para fora do registro da verdade objetiva naqueles campos das presumíveis ciências biológicas, como a percepção extra-sensorial ou a **interpretação da história dos fósseis humanos, onde para o crente tudo é possível** – e onde o ardoroso fiel às vezes é capaz de acreditar em várias coisas contraditórias ao mesmo tempo”.⁽⁹⁰⁾

Qual, então, é a razão que torna tantos cientistas tão obstinados com relação a esse dogma? Por que têm eles tentado tão arduamente manter viva a sua teoria, ao custo de ter de admitir incontáveis conflitos, e descartar as evidências que têm descoberto?

A única resposta é eles terem medo do fato que terão de encarar no caso de abandonarem a Teoria da Evolução. E esse fato é que o homem foi criado por Deus! Contudo, considerando os seus pressupostos, e a filosofia materialista em que crêem, para os evolucionistas a criação é um conceito inaceitável.

Por essa razão, eles enganam-se a si mesmos, como também o mundo, utilizando os meios de comunicação com os quais cooperam. Se não conseguem descobrir os fósseis necessários, eles os “fabricam”, ou na forma de desenhos imaginários, ou de modelos fictícios, tentando dar a impressão de que existiram na realidade fósseis obedecendo a evolução. Parte dos meios de comunicação de massa, que partilha do ponto de vista materialista deles, tenta também enganar o público e instilar a história da evolução no subconsciente das pessoas.

Independentemente de quão arduamente eles tentem assim proceder, a verdade é evidente: O homem veio à existência não através de um processo evolutivo, mas tendo sido criado por Deus. Portanto, ele é responsável perante Ele, muito embora não deseje assumir essa responsabilidade.

90. Solly Zuckerman, “Beyond The Ivory Tower”, New York: Toplinger Publications, 1970, p. 19.

O Impasse Molecular da Evolução

Em tópicos anteriores deste livro relatamos como o registro fóssil invalida a Teoria da Evolução. Na realidade, não precisamos enfatizar esse ponto, porque a Teoria da Evolução cai por terra muito antes de se questionar a “evolução das espécies” e a falta de apoio nas evidências fósseis. O que torna a teoria sem sentido, a partir do próprio início, é a questão relativa a como a vida surgiu pela primeira vez na Terra.

Ao tratar dessa questão, a Teoria da Evolução alega que a vida iniciou-se com uma célula que se formou por acaso. De acordo com o cenário evolucionista, há quatro bilhões de anos várias substâncias químicas reagiram entre si na atmosfera primordial da Terra, sob o efeito de relâmpagos, e acabaram formando a primeira célula viva.

A primeira coisa que precisa ser dita é que a afirmação de que matéria inanimada pode se juntar para formar vida não tem base científica, pois isso até hoje não foi verificado por qualquer experimento, ou observação. A vida somente se origina a partir de vida. Cada célula viva é formada pela replicação de outra célula. Ninguém jamais conseguiu formar uma célula viva juntando matéria inanimada, nem mesmo nos laboratórios mais sofisticados.

A Teoria da Evolução afirma que a célula de um ser vivo, que não pode ser produzida mesmo quando se juntam todo o poder da inteligência humana, o conhecimento e a tecnologia, foi formada, porém, pelo acaso, sob condições de uma Terra primordial. Examinaremos, nas páginas seguintes, por que essa afirmação é contrária aos mais básicos princípios da ciência e da razão.

A História da “Célula Produzida por Acaso”

Ao se acreditar que uma célula viva pode vir à existência por coincidências, nada há que impeça de se acreditar em uma história semelhante que contaremos a seguir. É a história de uma cidade:

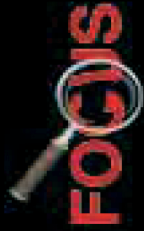
Um dia, uma porção de argila situada entre as rochas de uma terra estéril umedeceu após a chuva. A argila úmida secou e endureceu após o

nascer do sol, e tomou forma rígida e resistente. Em seguida, as rochas, que serviram como um molde, foram feitas em pedaços e surgiu um tijolo bem dimensionado e consistente. Esse tijolo esperou, durante muito tempo, que as mesmas condições naturais formassem outro tijolo semelhante. E assim continuou até que centenas e milhares de tijolos fossem sendo formados no mesmo local. Entretanto, por acaso, nenhum dos tijolos que foram formados sofreu qualquer dano. Embora expostos às intempéries, chuva, vento, sol escaldante, e frio intenso, durante milhares de anos, os tijolos não racharam, não quebraram, nem foram arrastados para longe, mas ficaram ali no mesmo lugar, aguardando com a mesma determinação que outros tijolos se formassem.

Quando o número de tijolos foi suficiente, eles se deslocaram ao acaso sob os efeitos de condições naturais, como ventos, tempestades e tornados, dispondo-se um ao lado do outro e um sobre o outro, construindo assim um edifício. Nesse meio tempo, também sob “condições naturais”, formaram-se materiais como cimento ou mistura de solo argiloso, no momento exato, para se colocarem entre os tijolos para uní-los entre si. Enquanto tudo isso acontecia, minério de ferro do subsolo foi modelado sob “condições naturais” para formar a fundação e a estrutura de um edifício a ser formado com os tijolos. No final de todo esse processo, surgiu um edifício completo, intacto, com todo o seu acabamento, incluindo madeiramento e instalações.

Na realidade, um edifício não consiste só de fundações, tijolos e cimento. Como, então, os demais materiais necessários foram obtidos? A resposta é simples: todos os tipos de materiais necessários para a construção existem no solo sobre o qual ele está sendo construído. A sílica para os vidros, o cobre para a fiação elétrica, o ferro para a estrutura, etc., tudo existe no subsolo em quantidades abundantes. É necessário, somente, a habilidade das “condições naturais” para dar forma e colocar esses materiais no interior do edifício: Todas as instalações, madeiramento e acessórios, são colocados em seu devido lugar com o auxílio do vento, chuvas e terremotos. Tudo acontece tão bem que os tijolos se posicionam deixando os necessários espaços para portas e janelas, como se soubessem que algo chamado vidro seria formado em seguida pelas condições naturais. Ainda mais, eles não se esqueceram de deixar espaço também para as instalações de água, eletricidade e condicionamento de ar, que também serão formadas por coincidências em seguida. Tudo se passa tão bem que “coincidências” e “condições naturais” levam a um produto perfeito.

Confissões dos Evolucionistas



A Teoria da Evolução enfrenta sua maior crise na questão da explicação do surgimento da vida.

A razão é porque as moléculas orgânicas são tão complexas que a sua formação não pode ser explicada pela possibilidade de coincidências,

e também porque é manifestamente impossível que uma célula orgânica tenha sido formada por acaso.

Os evolucionistas se depararam com a questão da origem da vida no fim da primeira metade do século XX. Uma das eminentes autoridades da Teoria da Evolução molecular, o evolucionista russo Alexander I. Oparin, afirmou o seguinte em seu livro "A Origem da Vida", publicado em 1936:

Infelizmente, a origem da célula continua a ser uma questão que realmente é o ponto mais obscuro de toda a Teoria da Evolução.⁽¹⁾

A partir de Oparin, os evolucionistas executaram incontáveis experimentos, realizaram pesquisas, e fizeram observações visando provar que uma célula poderia ter sido formada por acaso. Entretanto, todas essas tentativas somente tornaram mais claro o complexo projeto da célula, refutando ainda mais as hipóteses evolucionistas. O Professor Klaus Dose, presidente do Instituto de Bioquímica da Universidade Johannes Gutenberg, declara:

Mais de 30 anos de experimentação sobre a origem da vida, nos campos da evolução química e molecular, levaram à melhor percepção da imensidão do problema da origem da vida na Terra, mas não à sua solução. Atualmente, todas as discussões

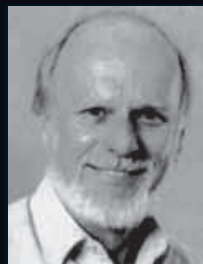
sobre as principais teorias e experimentos nesse campo ou terminam com um impasse, ou com uma confissão de ignorância.⁽²⁾

A seguinte afirmação do geoquímico Jeffrey Bada, do Instituto Scripps de San Diego, deixa clara a impotência dos evolucionistas com relação a esse impasse:

Hoje, ao sairmos do século XX, ainda nos deparamos com o maior problema não resolvido, que tínhamos ao entrarmos nesse século: Como a vida surgiu na Terra?⁽³⁾



Alexander Oparin:
"A origem da célula continua a ser um problema".



Jeffrey Bada:
"A origem da vida na Terra é o maior problema não resolvido".

- (1) Alexander I. Oparin. "Origin of Life" (1936) New York: Dover Publications, 1953 (reimpresso), p. 196.
- (2) Klaus Dose. "The Origin of Life: More Questions than Answers", *Inter-disciplinary Science Reviews*, vol. 13, nº 4, 1988, p. 348.
- (3) Jeffrey Bada, *Earth*, fev. 1998, p. 40.

Se Você até agora tem tentado acreditar nesta história, então não terá dificuldade em supor como surgiram os outros edifícios, fábricas, ruas, sargetas, infraestrutura, comunicação e sistemas de transporte. Se Você tiver conhecimento técnico e se for capaz de discorrer razoavelmente sobre o assunto, Você poderá até escrever um livro extremamente “científico”, em alguns volumes, expondo a sua teoria sobre “o processo evolutivo de um sistema de esgotos e sua uniformidade com as estruturas atuais”. Você poderá ser homenageado com um prêmio acadêmico pelos seus brilhantes estudos, e poderá considerar-se um gênio lançando luz sobre a humanidade.

A Teoria da Evolução declara que a vida veio à existência pelo acaso. Essa é uma declaração não menos absurda do que a de nossa história, com todos os seus sistemas operacionais, sistemas de comunicação e de transporte, e gestão. A célula não é menos complexa do que uma cidade!

O Milagre na Célula e o Fim da Evolução

A complexa estrutura de uma célula viva não era conhecida nos dias de Darwin, e naquela época os evolucionistas pensavam ser bastante convincente atribuir a vida a “coincidências e condições naturais”.

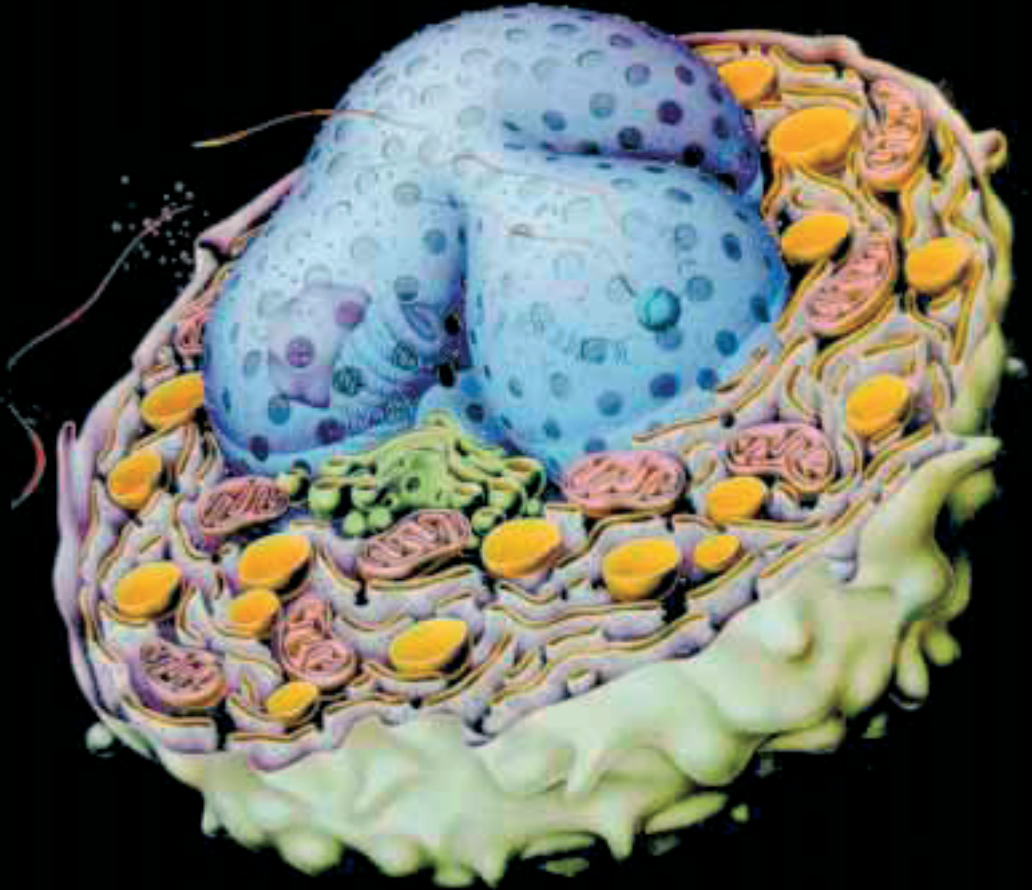
A tecnologia do século XX penetrou no âmago da menor partícula de vida, e revelou ser a célula o sistema mais complexo com o qual a humanidade jamais havia se confrontado. Hoje sabemos que a célula contém usinas produtoras da energia a ser por ela utilizada, indústrias fabricando enzimas e hormônios essenciais para a vida, um banco de dados no qual estão registradas todas as informações necessárias sobre todos os produtos que serão fabricados, complexos sistemas de transporte e dutos para o transporte de matéria prima e produtos de um a outro local, laboratórios avançados e refinarias para o fracionamento da matéria prima em partes utilizáveis, e proteínas especializadas das membranas celulares para o controle da entrada e da saída de materiais. E isso constitui somente uma parte ínfima desse sistema incrivelmente complexo.

O cientista evolucionista W. H. Thorpe reconhece que **“o tipo mais elementar de célula constitui um “mecanismo” inimaginavelmente mais complexo do que qualquer máquina jamais concebida, ou sequer construída pelo homem”**.⁽⁹¹⁾

A célula é tão complexa que até mesmo o mais alto nível tecnológico atingido pela humanidade não consegue produzi-la. Jamais foi bem sucedido qualquer esforço para a criação de uma célula artificial. Na realidade, foram abandonadas todas as tentativas para a sua criação.

91. W. R. Bird, “The Origin of Species Revisited”, Nashville: Thomas Nelson Co., 1991, pp. 298-99.

A Complexidade da Célula



A célula é o sistema mais complexo e mais elegantemente projetado jamais testemunhado. O professor de biologia Michael Denton, em seu livro intitulado *“Evolution: A Theory in Crisis”*, expõe essa complexidade mediante um exemplo:

“Para compreender a realidade da vida como revelada pela biologia molecular, devemos ampliar a célula 1 bilhão de vezes até ela atingir 20 quilômetros de diâmetro, passando a assemelhar-se com uma gigantesca aeronave, suficientemente grande para cobrir uma cidade do porte de Londres ou Nova York. O que veríamos, então, seria um objeto de complexidade e projeto adaptativo inigualável. Na superfície da célula veríamos milhões de aberturas, semelhantes a escotilhas de uma enorme nave espacial, abrindo e fechando para permitir a entrada e a saída de um contínuo fluxo de materiais. Se entrássemos por uma dessas aberturas, encontrar-nos-íamos diante de um mundo de indescritível tecnologia e espantosa complexidade ... além de nossa própria capacidade criativa, uma realidade que é a própria antítese do acaso, que excede em todos os sentidos tudo produzido pela inteligência do homem”.

A Teoria da Evolução declara que esse sistema, que a humanidade – com toda a inteligência, conhecimento e tecnologia à sua disposição – não conseguiu produzir, veio à existência “por acaso”, sob as condições de uma Terra primordial. Para ilustrar com outro exemplo, a probabilidade de formação de uma célula ao acaso é tão improvável quanto a de um livro ser impresso devido a uma explosão em uma oficina gráfica.

O matemático e astrônomo inglês, Sir Fred Hoyle, fez uma comparação semelhante durante uma de suas entrevistas publicadas pela revista *Nature* de 12 de novembro de 1981. Embora sendo evolucionista, Hoyle declarou que a probabilidade de que formas de vida superiores tivessem surgido por acaso é a mesma que existe para que **um tornado, atingindo um depósito de ferro velho, pudesse produzir um avião Boeing 747 a partir das peças ali existentes**⁽⁹²⁾. Isso significa que não é possível que a célula tenha vindo à existência por coincidência, e que, portanto, deveria ter sido “criada”.

Uma das razões básicas pelas quais a Teoria da Evolução não consegue explicar como a célula veio a existir é a “complexidade irreduzível” da célula. Uma célula viva mantém-se mediante a cooperação harmoniosa de muitas organelas. A célula não poderia continuar a viver se apenas uma dessas organelas falhasse em funcionar. A célula não tem possibilidade de esperar a atuação de mecanismos inconscientes como a seleção natural ou as mutações, para permitirem o seu desenvolvimento. Desta forma, a primeira célula sobre a face da Terra necessariamente foi uma célula que possuía todas as necessárias organelas e funções, o que definitivamente significa que ela deveria ter sido criada.

O Desafio da Probabilidade das Proteínas

Tudo isso com relação à célula como um todo, porém a evolução não consegue sequer explicar os blocos componentes dela. A formação, sob condições naturais, de sequer uma única proteína dentre as milhares de moléculas protéicas que constroem a célula, é uma impossibilidade.

As proteínas são moléculas gigantes compostas por unidades menores denominadas “aminoácidos”, que são dispostas em seqüência específica em quantidades e estruturas determinadas. Essas moléculas constituem os blocos construtivos da célula viva. A mais simples delas compõe-se de 50 aminoácidos, mas existem proteínas compostas por milhares de aminoácidos.

92. “Hoyle on Evolution”, *Nature*, vol. 294, November 12, 1981, p. 105.

O ponto crucial é que a ausência, a adição, ou a substituição de um único aminoácido na estrutura de uma proteína faz com que ela se torne uma molécula inútil. Cada aminoácido tem de estar no local correto e na ordem certa. A Teoria da Evolução, que afirma que a vida surgiu como resultado do acaso, desespera-se em face dessa ordem tão maravilhosa para ser explicada por meras coincidências. (Além do mais, a teoria não é capaz nem mesmo de explicar a alegação de “formação por coincidência” dos aminoácidos, que será discutida em seguida).

O fato de que a estrutura funcional das proteínas não pode de maneira alguma surgir por acaso pode ser facilmente observado até por simples cálculos de probabilidades que qualquer pessoa pode compreender.

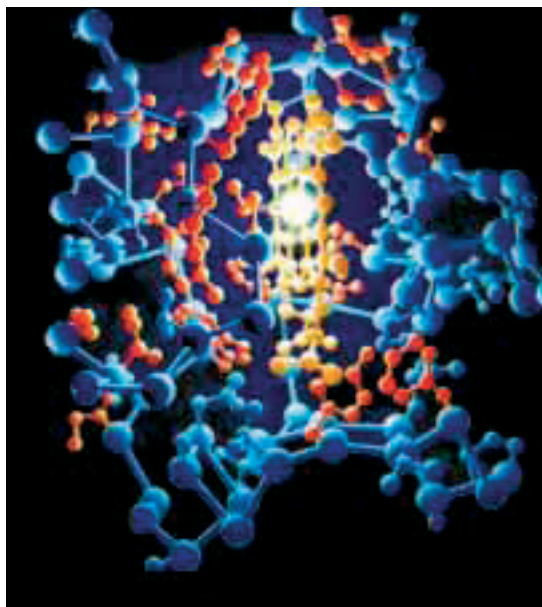
Uma molécula de proteína de tamanho médio compõe-se de 288 aminoácidos, dos quais existem doze tipos distintos, que podem ser dispostos em 10^{300} arranjos distintos. (Esse é um número astronomicamente elevado, que pode ser escrito pelo número 1 seguido de 300 zeros). Dentre todas essas possíveis seqüências, somente uma forma a molécula de proteína desejada. O restante delas são cadeias de aminoácidos que são ou totalmente inúteis, ou potencialmente deletérias para os seres vivos.

Em outras palavras, a probabilidade de formação de somente uma molécula de proteína é de 1 em 10^{300} . A probabilidade de ocorrer aquele evento “1” é praticamente uma impossibilidade. (Em matemática, probabilidades menores do que 1 em 10^{50} são aceitas como “probabilidade zero”).

Além disso, uma molécula de proteína com 288 aminoácidos é algo muito modesto em comparação com algumas moléculas de proteínas gigantes que consistem de milhares de aminoácidos. Ao aplicarmos a estas moléculas gigantes cálculos de probabilidade semelhantes, veremos que até mesmo a palavra “impossível” torna-se inadequada.

Dando um passo a mais no esquema do desenvolvimento da vida, observamos que uma proteína só, por si mesma, nada significa. Uma das menores bactérias descobertas até hoje, o *Mycoplasma hominis* H39, contem 600 “tipos” de proteínas. Nesse caso, teríamos de repetir os cálculos de probabilidades que fizemos para uma proteína única, para cada um dos 600 tipos diferentes de proteínas. O resultado ultrapassa até mesmo o conceito de impossibilidade.

Alguns dos que estão lendo essas considerações e que até agora têm aceito a Teoria da Evolução como explicação científica, poderão desconfiar que esses números estão exagerados e não refletem os fatos.



As proteínas são as substâncias mais vitais para os seres vivos. Elas não só combinam-se entre si para constituir as células vivas, mas também desempenham importantes papéis na química do corpo. Pode-se ver as proteínas atuando desde a síntese de outras proteínas até as comunicações hormonais.

Mas isso não é verdade: eles são fatos definidos e concretos. Nenhum evolucionista consegue fazer objeção a esses números. Eles aceitam que a probabilidade de formação de uma única

proteína por coincidência é “tão improvável quanto a possibilidade de um símio escrever a história da humanidade em uma máquina de datilografia sem cometer qualquer erro”.⁽⁹³⁾ Entretanto, em vez de aceitar a explicação alternativa, que é a criação, eles continuam a defender essa impossibilidade. O mesmo fato é confessado por muitos evolucionistas. Por exemplo, Harold F. Blum, famoso cientista evolucionista, afirma que **“a formação espontânea de um polipeptídeo do porte das menores proteínas conhecidas parece situar-se além de qualquer probabilidade”**.⁽⁹⁴⁾

Os evolucionistas alegam que a evolução molecular teve lugar no decorrer de um período de tempo bastante longo, que tornou possível o impossível. Entretanto, não importa quão longo possa ser esse período, não é possível que, por acaso, aminoácidos formem proteínas. William Strokes, geólogo americano, admite esse fato em seu livro **“Essentials of Earth History”**, dizendo que essa probabilidade é tão pequena **“que ela (a proteína) não surgiria durante bilhões de anos em bilhões de planetas cobertos por um manto de solução aquosa concentrada contendo os necessários aminoácidos”**.⁽⁹⁵⁾

Então, o que tudo isso significa? Perry Reeves, professor de química, dá a resposta:

93. Ali Demirsoy, “Kalitim ve Evrim” (“Inheritance and Evolution”), Ankara: Meteksan Publishing Co., 1984, p. 64.

94. W. R. Bird, “The Origin of Species Revisited”. Nashville: Thomas Nelson Co., 1991, p. 304.

95. *Ibid*, p. 305.

Quando se examina o enorme número de estruturas possíveis que poderiam resultar de uma simples combinação ao acaso de aminoácidos em um lago primordial sofrendo evaporação, é espantoso acreditar que a vida pudesse ter-se originado dessa maneira. **É mais plausível que tivesse sido necessário para essa tarefa um Grande Construtor com um plano mestre.**⁽⁹⁶⁾

Se é impossível a formação de mesmo uma única proteína, é bilhões de vezes mais impossível que cerca de um milhão de proteínas se disponham de maneira adequada, por acaso, para constituir uma célula humana completa. E mais ainda, uma célula jamais é composta de um mero amontoado de proteínas. Além das proteínas, a célula inclui também ácidos nucleicos, carboidratos, lipídios, vitaminas e muitas outras substâncias químicas (como os eletrólitos dispostos em proporção específica), harmonia e planejamento em termos tanto de estrutura quanto de função. Cada parte funciona como bloco construtivo ou co-molécula em várias organelas.

Robert Shapiro, professor de química da Universidade de Nova York, especialista em DNA, calculou a probabilidade de formação, por coincidência, dos 2.000 tipos de proteínas encontradas em uma simples bactéria (Existem 200.000 tipos diferentes de proteínas em uma célula humana). O número encontrado foi de 1 em $10^{40.000}$.⁽⁹⁷⁾ (Esse é um número incrível obtido colocando-se 40.000 zeros à direita do número 1).

Chandra Wickramasinghe, professor de matemática aplicada e astronomia no University College de Cardiff, no País de Gales, comenta:

A probabilidade de formação espontânea da vida a partir de matéria inanimada, é de 1 em um número 1 seguido por 40.000 zeros ... o que é suficientemente grande para sepultar Darwin e toda a Teoria da Evolução. Não houve caldo primordial nem neste planeta nem em qualquer outro, e se o **início da vida** não foi aleatório, deve conseqüentemente **ter sido produto de inteligência com propósito.**⁽⁹⁸⁾

Sir Fred Hoyle assim se manifesta sobre esses números implausíveis: De fato, tal teoria (que a vida foi resultado de inteligência) é tão óbvia que é de admirar porque isso não é amplamente aceito como auto-evidente. As razões para isso são psicológicas e não científicas.⁽⁹⁹⁾

96. J. D. Thomas, "Evolution and Faith". Abilene, TX, ACU Press, 1988. p. 127.

97. Robert Shapiro, "Origins: A Skeptics Guide to the Creation of Life on Earth", New York, Summit Books, 1986. p. 127.

98. Fred Hoyle, Chandra Wickramasinghe, "Evolution from Space", New York, Simon & Schuster, 1984, p. 148.

99. *Ibid*, p. 130.

A razão pela qual Hoyle usou o termo “psicológico” aponta para o condicionamento dos evolucionistas para não aceitar que a vida pudesse ter sido criada. Eles determinaram a rejeição da existência de Deus como seu principal objetivo. Tão somente por esta razão continuam eles a defender cenários irracionais que eles mesmos também reconhecem ser impossíveis.

Proteínas levógiras

Examinemos agora, em detalhe, por que o cenário evolucionista relacionado com a formação de proteínas é impossível.

A seqüência correta dos aminoácidos adequados simplesmente não é suficiente para a formação de uma molécula de proteína. Além da seqüência, cada um dos 20 diferentes tipos de aminoácidos presentes na composição das proteínas tem de ser levógiro. Os aminoácidos apresentam-se sob as duas formas: levógira e dextrógira. A diferença entre elas é a simetria especular entre as suas estruturas espaciais, algo semelhante ao que existe entre as mãos direita e esquerda das pessoas.

Os aminoácidos de cada um desses dois tipos podem facilmente combinar-se entre si, mas o fato surpreendente que foi revelado pelas pesquisas é que todas as proteínas dos vegetais e dos animais, desde o mais simples organismo até o mais complexo, são constituídas somente por aminoácidos levógiros. Se somente um único aminoácido dextrógiro estiver inserido na estrutura de uma proteína, a proteína se torna inútil. É muito interessante que, em algumas experiências, bactérias que foram postas para se alimentar com aminoácidos dextrógiros, imediatamente os destruíram, e em alguns casos formaram aminoácidos levógiros a partir dos fragmentos resultantes, para que pudessem utilizá-los.

Suponhamos, por um momento, que a vida tivesse surgido por acaso, como alegam os evolucionistas. Nesse caso, os aminoácidos que tivessem se originado por acaso deveriam estar presentes na natureza em igual proporção nas formas levógira e dextrógira. Assim, todos os seres vivos deveriam ter em sua constituição tanto aminoácidos levógiros quanto dextrógiros, pois quimicamente é possível os aminoácidos dos dois tipos combinarem-se entre si. Mas, na realidade, as proteínas existentes em todos os organismos vivos são constituídas somente de aminoácidos levógiros.

A questão de como as proteínas podem escolher somente os aminoácidos levógiros, dentre todos os aminoácidos, e de como nem mesmo um único aminoácido dextrógiro se envolve nos processos vitais,

é algo que ainda desafia os evolucionistas. Não há como eles explicarem essa escolha específica e consciente.

Além do mais, essa característica das proteínas aumenta a confusão no impasse da “coincidência” para os evolucionistas. Para que uma proteína “significativa” fosse gerada, não é suficiente que os aminoácidos existam em um determinado número, em uma seqüência perfeita, e que se combinem de acordo com uma disposição tridimensional correta. Ainda mais, todos esses aminoácidos têm de ser escolhidos dentre os tipos levógiros, não podendo existir entre eles nenhum sequer aminoácido dextrógiro. E, ainda, não existe qualquer mecanismo de seleção natural que identifique que um aminoácido dextrógiro tenha sido incorporado à seqüência, e reconheça que isso é um erro, devendo então removê-lo da cadeia. Mais uma vez, essa situação elimina para sempre a possibilidade da coincidência e do acaso.

Na *Britannica Science Encyclopaedia*, que é uma célebre defensora da evolução, consta que os aminoácidos de todos os organismos vivos sobre a Terra, e blocos construtivos de polímeros complexos, como as proteínas, apresentam a mesma assimetria levógira. E acrescenta-se que isso é semelhante a se jogar uma moeda 1 milhão de vezes e sempre conseguir “cara”. Na mesma Enciclopédia afirma-se que não é possível compreender porque as moléculas se tornam levóginas ou dextróginas, e que essa escolha está relacionada, de maneira fascinante, com a origem da vida sobre a Terra.⁽¹⁰⁰⁾

Se uma moeda cair 1 milhão de vezes indicando “cara”, é mais lógico atribuir isso ao acaso, ou aceitar que existe uma intervenção consciente? A resposta deveria ser óbvia, contudo, apesar dessa aparente obviedade, os evolucionistas se refugiam na coincidência simplesmente porque não querem aceitar a existência de uma “intervenção consciente”?

Uma situação análoga à dos aminoácidos levógiros existe também com os nucleotídeos, as menores unidades do DNA e do RNA. Ao contrário do que acontece com os aminoácidos nos organismos vivos, aqui são escolhidas somente as formas dextróginas de nucleotídeos. Esta é outra situação que jamais pode ser explicada por coincidência.

Em conclusão, está definitivamente comprovado, pelas probabilidades que até agora examinamos, que a origem da vida não pode ser explicada pelo acaso. Se tentarmos calcular a probabilidade de uma proteína de tamanho médio, composta de 400 aminoácidos escolhidos somente dentre

100. *Fabbi Britannica Bilim Ansiklopedisi (Fabbi Britannica Science Encyclopaedia)*, vol. 2, No. 22, p. 519.

os de tipo levógiro, chegaremos à probabilidade de 1 em 2^{400} , ou seja, em 10^{120} . Somente para comparação, lembremos que o número de elétrons no Universo é estimado em 10^{79} , valor muito menor do que 10^{120} . A probabilidade desses aminoácidos formarem tanto a seqüência necessária como a forma funcional daria números muito maiores. Se considerarmos essas probabilidades e ampliarmos essa comparação estendendo-a à formação de um maior número de proteínas de diversos tipos, os cálculos levariam a números inconcebivelmente elevados.

É vital a ligação correta

O impasse da evolução não termina só com a longa lista anterior. Não é suficiente que os aminoácidos sejam dispostos da maneira correta em número, seqüência, e estrutura tridimensional. A formação de uma proteína exige também que as moléculas de aminoácidos com mais de um ramo sejam ligadas entre si somente utilizando determinados ramos. Tal ligação é chamada de “laço peptídico”. Os aminoácidos podem estabelecer diferentes ligações entre si, porém as proteínas são constituídas somente pelos aminoácidos que se unem pelos “laços peptídicos”.

Uma comparação esclarecerá esse ponto: suponha que todas as partes de um carro foram colocadas total e corretamente, com a única exceção de uma das rodas que foi fixada não com parafusos mas com um pedaço de arame, de tal maneira que ela ficasse pendurada na posição horizontal. Seria impossível que o carro se deslocasse mesmo cerca de somente 1 metro, por mais complexa que fosse a sua tecnologia e independentemente da potência de seu motor. À primeira vista, tudo pareceria estar no devido lugar, mas a colocação errada de somente uma das rodas torna todo o carro sem utilidade. Do mesmo modo, em uma molécula de proteína a ligação de somente um aminoácido com outro mediante um laço que não fosse peptídico tornaria toda a molécula sem utilidade biológica.

A pesquisa tem mostrado que aminoácidos combinando-se aleatoriamente ligam-se entre si mediante laços peptídicos somente na proporção de 50%, os demais 50% sendo ligados mediante diferentes laços que não se encontram nas proteínas. Para funcionar adequadamente, cada aminoácido constituinte de uma proteína deve ser ligado somente com um laço peptídico, e da mesma maneira deve ser escolhido somente dentre os do tipo levógiro.

Essa probabilidade de 50% é igual à que tem cada proteína de ser levógiro. Isto é, quando consideramos uma proteína constituída de 400

aminoácidos, a probabilidade de que todos os aminoácidos combinem-se entre si mediante somente ligações peptídicas é de 1 em 2^{399} .

Probabilidade Zero

Como pode ser visto a seguir, a probabilidade de formação de uma molécula de proteína constituída por 500 aminoácidos é de 1 em um número formado colocando-se 950 zeros em seguida ao algarismo 1, o que é algo inconcebível para a mente humana. Essa é somente a probabilidade calculada. Na prática, a possibilidade de isso acontecer é nula. Na matemática, uma probabilidade menor do que 1 em 10^{50} é considerada como tendo estatisticamente probabilidade zero de acontecer.

A probabilidade de “1 em 10^{950} ” está muito além dos limites dessa definição.

Embora seja tão pequena a probabilidade de formação de uma molécula de proteína composta de 500 aminoácidos, podemos continuar a exercitar os limites de nossa mente com níveis ainda mais elevados de improbabilidade. Na molécula de hemoglobina, que é uma proteína vital, existem 574 aminoácidos, número maior que o considerado anteriormente. Considere então que, em somente um dos glóbulos vermelhos dentre os bilhões existentes em seu corpo, existem 280 milhões de moléculas de hemoglobina.

A suposta idade da Terra não é suficiente para permitir a formação de sequer uma única proteína pelo método da “tentativa e erro”, em um único glóbulo vermelho. Mesmo que supuséssemos que os aminoácidos tivessem se combinado e decomposto por um método de “tentativa e erro”, ininterruptamente desde a suposta formação da Terra, para formar uma só molécula de proteína, ainda o período de tempo necessário seria maior do que a suposta idade da Terra, em face da probabilidade de 1 para 10^{950} .

A conclusão tirada de tudo isso é que a evolução despenca em um profundo abismo de improbabilidade logo no estágio da formação de uma simples proteína.

Existe mecanismo de “tentativa e erro” na natureza?

Ao fim, concluímos com um ponto muito importante relativo à lógica dos cálculos que apresentamos como exemplo. Indicamos que os cálculos das probabilidades feitos anteriormente atingiram valores astronômicos, e que as probabilidades de ocorrência correspondiam praticamente a

A Probabilidade de uma proteína ser formada pelo acaso é nula

Existem 3 condições básicas para a formação de uma proteína útil:

Primeira condição: Que todos os aminoácidos da cadeia protéica sejam do tipo correto e estejam na seqüência certa.

Segunda condição: Que todos os aminoácidos da cadeia sejam levógiros.

Terceira condição: Que todos os aminoácidos estejam unidos entre si por ligações peptídicas”.

Para que uma proteína se forme aleatoriamente, todas essas três condições básicas devem existir simultaneamente. A probabilidade da formação de uma proteína ao acaso é igual ao produto das probabilidades de realização de cada uma dessas condições.

Por exemplo, para uma molécula de tamanho médio, contendo 500 aminoácidos:

1. A probabilidade dos aminoácidos estarem na seqüência correta:

Existem 20 tipos de aminoácidos utilizados na composição das proteínas. De acordo com isso:

- A probabilidade de cada aminoácido ser escolhido corretamente entre esses 20 tipos é de
 $= 1/20$

- A probabilidade de todos os 500 aminoácidos serem escolhidos corretamente é de
 $= (1/20)^{500} = (1/10)^{650}$
ou seja, 1 em 10^{650} .

2. A probabilidade dos aminoácidos serem levógiros:

- A probabilidade de somente 1 aminoácido ser levógiro é de
 $= 1/2$

- A probabilidade de todos os 500 aminoácidos serem levógiros simultaneamente é de
 $= (1/2)^{500} = (1/10)^{150}$
ou seja, 1 em 10^{150}

3. A probabilidade de os aminoácidos combinarem-se mediante um “laço peptídico”: Os aminoácidos podem combinar-se entre si mediante diferentes tipos de ligações químicas. Para que seja formada uma proteína útil, todos os aminoácidos da cadeia devem ter-se combinado mediante uma ligação química especial denominada “laço peptídico”. Calcula-se que a probabilidade dos aminoácidos combinarem-se entre si mediante outra ligação química que não um laço peptídico seja de 50%. Então:

- A probabilidade de dois aminoácidos combinarem-se mediante um “laço peptídico” é de
 $= 1/2$

- A probabilidade de 500 aminoácidos combinarem-se mediante laços peptídicos é de
 $= (1/2)^{499} = (1/10)^{180}$
ou seja, 1 em 10^{150}

$$\text{Probabilidade Total} = (1/60)^{650} \times (1/10)^{150} \times (1/10)^{150} = (1/10)^{950}$$

ou seja, 1 em 10^{950}

ser assegurado que não foi envolvido nenhum outro aminoácido além daqueles 500. Então deveria ser verificado se a proteína foi formada ou não, e no caso negativo tudo deveria ser iniciado de novo. Ainda mais, em cada tentativa não deveria estar envolvida qualquer substância estranha. E também é obrigatório que a cadeia formada em cada tentativa não seja rompida e destruída antes de se conseguir a 499ª ligação. Essas condições significam que as probabilidades mencionadas anteriormente exigem um ambiente controlado no qual exista um mecanismo consciente dirigindo o início, o fim, e cada estágio do processo, ficando aleatória somente “a seleção dos aminoácidos”. Sem dúvida, é impossível existir um ambiente como esse sob condições naturais. Portanto, a formação de uma proteína em ambiente natural é logicamente e tecnicamente impossível, independentemente do aspecto probabilístico. De fato, falar de probabilidades de um evento como esse é inteiramente não-científico.

Alguns evolucionistas incautos não reconhecem isso. Como supõem que a formação de proteínas é uma simples reação química, eles fazem deduções ridículas como “Os aminoácidos combinam-se mediante reações e então formam proteínas”. Entretanto, reações químicas eventuais que têm lugar em uma estrutura inanimada somente conseguem produzir alterações simples e primitivas, em número determinado e limitado. Para substâncias algo mais complexas têm de estar envolvidas usinas químicas, grandes indústrias e complexos laboratórios. Produtos farmacêuticos e outras substâncias químicas que usamos em nossa vida diária são desse mesmo tipo. As proteínas são estruturas muito mais complexas que essas substâncias produzidas pela indústria. É impossível, assim, que as proteínas, que são maravilhas de planejamento e de engenharia, cada parte componente sua ocupando o seu lugar próprio na ordem correta, possam originar-se em resultado de reações químicas aleatórias.

Por um instante, deixemos de lado todas as impossibilidades que descrevemos até agora, e suponhamos que uma molécula de proteína útil tenha evoluído espontaneamente “por coincidência”. Mesmo assim, a evolução não tem resposta, pois para que essa proteína se fizesse presente, seria necessário que ela fosse isolada do ambiente natural onde estivesse inserida, e fosse protegida por circunstâncias especiais. Se assim não fosse, essa proteína ou se desintegraria devido à exposição às condições naturais terrestres, ou, ainda, se combinaria com ácidos, aminoácidos, ou outros compostos químicos, perdendo suas propriedades e tornando-se uma substância totalmente diferente e inútil.

O alvoroço evolucionista sobre a origem da vida

A questão sobre “como surgiram os primeiros seres vivos” constitui um impasse tão crítico para os evolucionistas, que eles usualmente nem tentam tocar nesse assunto. Tentam contornar essa questão dizendo que “as primeiras criaturas vieram à existência em conseqüência de alguns eventos aleatórios na água”. Ficam assim num beco-sem-saída do qual não conseguem sair. A despeito dos argumentos paleontológicos a favor da evolução, neste assunto não existem fósseis disponíveis para serem distorcidos e mal interpretados, como seria seu desejo, para fortalecer suas afirmações. Desta forma, a Teoria da Evolução é definitivamente refutada a partir de seu próprio início.

Há um ponto importante para ser levado em consideração: **Se for comprovado que qualquer passo do processo evolutivo é impossível, isto basta para provar que toda a teoria é totalmente falsa e invalidada.** Por exemplo, com a comprovação de que é impossível a formação aleatória das proteínas, todas as demais alegações relativas aos passos subseqüentes da evolução também ficam refutadas. Fica sem sentido tomar crânios de seres humanos e símios e fazer especulações a seu respeito.

A maneira pela qual os seres vivos vieram à existência a partir de coisas inertes, foi uma questão que os evolucionistas, durante muito tempo, nem queriam mencionar. Entretanto, essa questão, até então constantemente evitada, cresceu até tornar-se um problema inevitável, e tentativas foram feitas para enfrentá-lo, com uma série de estudos realizados em fins da primeira metade do século 20.

A principal questão era: Como poderia ter surgido a primeira célula viva na atmosfera primordial da Terra? Em outras palavras, que tipo de explicação poderia ser dada a esse problema pelos evolucionistas?

As respostas a essas questões foram procuradas mediante experimentos. Cientistas e pesquisadores evolucionistas efetuaram experimentos de laboratório visando responder a essas questões, mas isso não despertou muito interesse. O estudo mais respeitado sobre a origem da vida foi o chamado **Experimento de Miller**, efetuado pelo pesquisador americano Stanley Miller em 1953. (O experimento também é conhecido como “Experimento de Urey-Miller”, devido à contribuição de Harold Urey, de quem Miller foi aluno na Universidade de Chicago).

Este experimento é a única “evidência” que é usada para supostamente comprovar a “tese da evolução molecular” introduzida para caracterizar o primeiro passo do período evolutivo. Apesar de decorrido aproximadamente meio século, e dos grandes desenvolvimentos tecnoló-

gicos ocorridos, ninguém deu continuidade a esse passo. Não obstante, o Experimento de Miller ainda é apresentado em livros didáticos como a explicação evolucionista para a geração dos primeiros seres vivos. Cientes de que esses estudos não os apoiam, e ao contrário, refutam sua tese, os evolucionistas deliberadamente evitam retomar esses experimentos.

Experimento de Miller

O propósito de Stanley Miller era efetuar uma descoberta experimental que mostrasse que os aminoácidos, os blocos construtivos das proteínas, poderiam ter vindo à existência “por acaso” há bilhões de anos, na Terra inanimada.

Nesse experimento, Miller usou uma mistura de gases que supôs ter existido na Terra primordial (mas que posteriormente mostrou-se irrealista), composta de amônia, metano, hidrogênio, e vapor d’água. Como esses gases não reagiriam sob condições naturais, ele introduziu um estímulo energético para iniciar a reação entre eles. Partindo da suposição de que, na atmosfera primordial, essa energia poderia ter provindo de relâmpagos, ele utilizou uma fonte artificial de descarga elétrica para supri-la.

Miller aqueceu essa mistura de gases a 100°C durante uma semana, e introduziu uma corrente elétrica adicional. No final da semana, Miller analisou as substâncias químicas que se haviam formado no fundo do recipiente e observou que haviam sido sintetizados três dos vinte aminoácidos que constituem os componentes básicos das proteínas.

Esse experimento despertou grande euforia entre os evolucionistas, e foi destacado como um notável sucesso. Ainda mais, em um estado eufórico inebriante, várias publicações inseriram títulos como “Miller cria vida”. No entanto, as moléculas que Miller conseguiu sintetizar foram tão somente algumas moléculas “inanimadas”.

Encorajados com esse experimento, os evolucionistas imediatamente produziram novos cenários. Apressadamente foram feitas hipóteses sobre os estágios seguintes ao dos aminoácidos. Supostamente teriam eles se juntado posteriormente em seqüências adequadas, por acaso, para formar proteínas.

Algumas dessas proteínas formadas por acaso colocaram-se em estruturas semelhantes a membranas celulares que “de alguma forma” vieram a existir e formaram uma célula primitiva. Com o tempo, as células se uniram e formaram organismos vivos. Entretanto, o experimento de Miller nada mais era do que uma ficção, e mostrou-se falho em muitos aspectos no decorrer do tempo.

O Experimento de Miller nada mais foi do que uma ficção

O experimento de Miller procurou provar que os aminoácidos poderiam formar-se por si mesmos sob as condições da “Terra primordial”, porém ele apresenta inconsistências em numerosos pontos, como as seguintes:

1. Usando um mecanismo de derivação para o resfriamento, Miller isolou do ambiente os aminoácidos tão logo eles se tivessem formado. Não tivesse ele assim procedido, as condições do ambiente sob as quais se formassem os aminoácidos os teriam destruídos imediatamente.

Sem dúvida não existia essa espécie de mecanismo consciente de isolamento, sob as condições da “Terra primordial”. E sem esse mecanismo, se mesmo um só aminoácido fosse obtido, seria também destruído imediatamente.

O químico Richard Bliss expressou essa contradição da seguinte maneira: “De fato, sem esse mecanismo de derivação para o resfriamento, os produtos químicos teriam sido destruídos pela fonte elétrica”⁽¹⁰¹⁾

Na realidade, em seus experimentos preliminares Miller não conseguiu formar nenhum aminoácido usando as mesmas substâncias, mas sem o mecanismo de derivação para o resfriamento.

2. O ambiente atmosférico primordial que Miller tentou simular em seu experimento não era realista. Na década de 1980 os cientistas concordaram que deveriam ter existido nitrogênio e dióxido de carbono naquele ambiente artificial, em vez de metano e amônia. Após longo período de silêncio, o próprio Miller confessou que não era realista o ambiente atmosférico que havia utilizado em seu experimento.⁽¹⁰²⁾

Assim, porque insistiu Miller nesses gases? A resposta é simples: sem amônia era impossível a síntese de aminoácidos. Kevin McKean fala sobre isso em um artigo publicado na revista *Discover*:

Miller e Urey simularam a antiga atmosfera terrestre com uma mistura de metano e amônia. De acordo com eles, a Terra era verdadeiramente uma mistura homogênea de metal, rocha e gelo. Entretanto, em estudos mais recentes compreendeu-se que naqueles tempos a Terra tinha temperatura bastante alta e era composta de ferro e níquel em fusão. Portanto, a composição química da atmosfera naquela época deveria consistir, na maior parte, de nitrogênio (N₂), dióxido de carbono (CO₂) e vapor d’água (H₂O), que, no entanto, não são tão adequados como metano e amônia para a produção de moléculas orgânicas.⁽¹⁰³⁾

101. Richard B. Bliss & Gary E. Parker, “Origin of Life”, California: 1979, p. 14.

102. Stanley Miller, “Molecular Evolution of Life: Current Status of the Pre-biotic Synthesis of Small Molecules”, 1986, p. 7.

103. Kevin Mc Kean, *Bilim ve Teknik*, n.º. 189, p. 7.

Bibliografias mais recentes questionam o Experimento de Miller



Hoje, o experimento de Miller é assunto inteiramente posto de lado mesmo entre cientistas evolucionistas. No número de fevereiro de 1998 da famosa revista evolucionista *Earth*, aparecem as seguintes afirmações em um artigo intitulado “*Cadinho da Vida*”:

Os geólogos hoje pensam que a atmosfera primordial consistia principalmente de dióxido de carbono e nitrogênio, gases menos reativos que os que foram usados no experimento de 1953. Mas, mesmo que pudesse ter existido a atmosfera suposta por Miller, como seria possível obter moléculas simples como os aminoácidos mediante as necessárias alterações químicas, para convertê-las então em componentes mais complexos, ou polímeros, como as proteínas? O próprio Miller, nesse ponto do enigma, levanta as mãos para o alto e suspira, exasperado: “É um problema! Como produzir os polímeros? Isso não é nada fácil!”⁽¹⁾

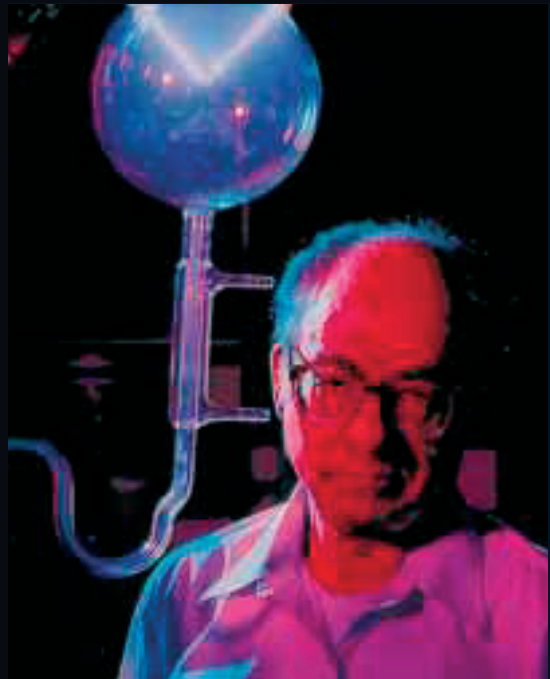
Como visto, o próprio Miller aceitou que, hoje, seu experimento não leva a qualquer conclusão quanto à explicação para a origem da vida. O fato de cientistas evolucionistas agarrarem-se com fervor a esse experimento somente indica a penúria da evolução e o desespero de seus defensores.

No número de março de 1998 da revista *National Geographic* intitulado “O Surgimento da Vida na Terra” foi dito o seguinte sobre esse tópico:

Muitos cientistas hoje suspeitam que a atmosfera primitiva era diferente da que Miller supôs inicialmente. Eles acham que ela era constituída por dióxido de carbono e nitrogênio, e não por hidrogênio, metano e amônia.

Essa é uma má notícia para os químicos, que, ao tentarem combinar o dióxido de carbono com o nitrogênio com estímulos elétricos conseguiram somente uma insignificante quantidade de moléculas orgânicas – o equivalente à dissolução de uma gota de corante em uma piscina cheia de água. Os cientistas acham difícil imaginar que a vida tenha surgido em um caldo tão diluído.⁽²⁾

Em resumo, nem o experimento de Miller, nem outra qualquer tentativa evolucionista pode dar resposta à questão de como a vida surgiu na Terra. Todas as pesquisas que foram realizadas mostram que é impossível a vida surgir por acaso, e portanto confirmam que a vida foi criada.



1. *Earth*, “O Cadinho da Vida”, Fevereiro 1998, p. 34.
2. *National Geographic*, “O Surgimento da Vida na Terra”, Março 1998, p. 68.

Os cientistas americanos J. P. Ferris e C. T. Chen repetiram a experiência de Miller com um ambiente atmosférico que continha dióxido de carbono, hidrogênio, nitrogênio e vapor d'água, e não foram capazes de obter sequer uma única molécula de aminoácido.⁽¹⁰⁴⁾

3. Outro ponto importante que invalida o experimento de Miller é que naquela atmosfera **existia suficiente oxigênio na atmosfera para destruir todos os aminoácidos que supostamente se formassem**. Este fato, não levado em conta por Miller, é revelado por traços de ferro e urânio oxidados existentes em rochas de idade estimada em 3,5 milhões de anos.⁽¹⁰⁵⁾

Outras descobertas existem que mostram que a quantidade de oxigênio naquela época era muito maior do que a originalmente defendida pelos evolucionistas. Estudos também mostram que naquele tempo a quantidade de radiação ultravioleta à qual estava exposta a Terra era 10 mil vezes maior do que a estimativa dos evolucionistas. Essa intensa radiação ultravioleta inevitavelmente teria liberado oxigênio pela decomposição do vapor d'água e do dióxido de carbono existentes na atmosfera.

Esta situação refuta totalmente o experimento de Miller, no qual o oxigênio foi completamente deixado de lado. Se tivesse sido usado oxigênio no experimento, o metano teria se decomposto em dióxido de carbono e água, e a amônia teria se decomposto em nitrogênio e água. Por outro lado, em um ambiente sem oxigênio também não existiria a camada de ozônio e portanto os aminoácidos teriam sido imediatamente destruídos pois teriam sido expostos a intensa radiação ultravioleta sem a proteção da camada de ozônio. Em outras palavras, com ou sem oxigênio no mundo primordial pressuposto, o resultado teria sido um ambiente destrutivo para os aminoácidos.

4. No término do experimento de Miller, muitos ácidos orgânicos foram formados, com características danosas para a estrutura e as funções dos seres vivos. Se os aminoácidos não tivessem sido isolados e tivessem sido deixados no mesmo ambiente juntamente com as demais substâncias químicas, teria sido inevitável a sua destruição ou transformação em diferentes compostos, mediante reações químicas.

Além disso, um grande número de aminoácidos dextrógiros foi formado como resultado do experimento.⁽¹⁰⁶⁾ A existência desses aminoácidos refuta a própria teoria, pois eles são incapazes de participar na composição dos

104. J. P. Ferris, C. T. Chen, "Photochemistry of Methane, Nitrogen, and Water Mixture as a Model for the Atmosphere of the Primitive Earth", *Journal of American Chemical Society*, vol. 97:11, 1975, p. 2964.

105. "New Evidence on Evolution of Early Atmosphere and Life", *Bulletin of the American Meteorological Society*, vol. 63, November 1982, p. 1328-1330.

106. Richard B. Bliss & Gary E. Parker, "Origin of Life", California, 1979, p. 25.

seres vivos. Concluindo, as circunstâncias em que os aminoácidos se formaram no experimento de Miller não foram adequadas à vida. Na verdade, o meio constituiu-se de uma mistura ácida que destruía e oxidava as moléculas úteis obtidas.

Existe uma realidade concreta para a qual apontam todos esses fatos: **O experimento de Miller não consegue comprovar que os seres vivos formaram-se por acaso sob condições de uma Terra primordial.** Todo o experimento nada mais é do que um experimento de laboratório, propositado e controlado para sintetizar aminoácidos. A quantidade e tipos de gases usados no experimento foram determinados idealmente para possibilitar a formação de aminoácidos. A quantidade de energia introduzida no sistema não foi nem muito grande nem muito pequena, mas foi determinada exatamente na medida necessária para provocar as reações. O aparato foi mantido herméticamente fechado para não permitir a entrada de quaisquer substância danosas, destrutivas, ou capazes de impedir a formação de aminoácidos que supostamente estivessem presentes nas condições da Terra primordial. Não foram incluídos no experimento elementos, compostos ou minerais que estivessem eventualmente presentes nas condições da Terra primordial e que provavelmente pudessem influir no curso das reações. O oxigênio, que teria impedido a formação de aminoácidos devido à oxidação, é apenas um desses elementos. E mesmo sob condições ideais de laboratório foi impossível que os aminoácidos produzidos se mantivessem sem serem destruídos, a não ser com a utilização de um mecanismo de “derivação com resfriamento”.

De fato, com este experimento os próprios evolucionistas estão refutando a evolução, pois se algo foi comprovado é que os aminoácidos só podem ser produzidos em um ambiente de laboratório controlado, no qual todas as condições são especificamente estabelecidas mediante intervenção consciente. Isto é, o poder que faz surgir a vida não se deve ao acaso inconsciente, mas sim à criação consciente.

A razão pela qual os evolucionistas não aceitam essa realidade evidente é sua adesão cega a preconceitos que são totalmente não científicos. De maneira bastante interessante, **Harold Urey**, que concebeu o experimento juntamente com seu aluno Stanley Miller, fez a seguinte confissão sobre o assunto:

Todos nós que estudamos a origem da vida achamos que **quanto mais a examinamos, mais sentimos ser ela muito complexa para ter evoluído de alguma maneira.** Todos cremos como artigo de fé que a vida evoluiu a partir de matéria inanimada neste planeta. É exatamente porque a sua complexidade é tão grande que se torna difícil para nós que isso tenha acontecido.⁽¹⁰⁷⁾

107. W. R. Bird, “The Origin of Species Revisited”, Nashville: Thomas Nelson Co., 1991, p. 325.

Atmosfera Primordial e Proteínas

A despeito de todas as inconsistências citadas acima, os evolucionistas ainda referem-se ao experimento de Miller para contornar a questão sobre como os aminoácidos formaram-se a si mesmos na atmosfera da Terra primordial. Ainda hoje continuam a iludir as pessoas, fingindo que o problema foi resolvido por esse experimento falacioso.

Entretanto, para explicar o segundo estágio da origem da vida, os evolucionistas deparam-se com um problema incomparavelmente maior que o da formação dos aminoácidos: o problema das “**proteínas**”, isto é, dos blocos construtivos da vida, compostos de centenas de diferentes aminoácidos, unindo-os entre si em uma ordem determinada.

Alegar que as proteínas formaram-se ao acaso sob condições naturais é muito mais irrealista e irrazoável do que dizer que os aminoácidos também formaram-se ao acaso. Nas páginas anteriores estudamos a impossibilidade matemática da união aleatória de aminoácidos em seqüências adequadas para a formação de proteínas, mediante cálculos de probabilidade. Examinaremos agora a impossibilidade de proteínas serem produzidas quimicamente sob as condições supostas para a Terra primordial.

A Síntese das Proteínas não é Possível na Água

Ao se combinarem para formar proteínas, os aminoácidos ligam-se entre si pelos chamados “laços peptídicos”. Durante a formação de um “laço peptídico” é eliminada uma molécula de água.

Esse fato refuta definitivamente a explicação evolucionista de que a vida primordial originou-se na água, pois de acordo com o “**Princípio de Le Châtelier**” da química, não é possível que uma reação que libere água (reação de condensação) aconteça em um ambiente aquoso. A realização desse tipo de reação em um ambiente aquoso é considerada como “tendo a menor probabilidade de ocorrer”, dentre todas as reações químicas.

Assim, os oceanos que supostamente são os locais onde se iniciou a vida, e onde se originaram os aminoácidos, definitivamente não são locais apropriados para que os aminoácidos formem proteínas. Por outro lado, seria irracional para os evolucionistas mudar de idéia e alegar que a vida se originou em terra, pois o único ambiente no qual os aminoácidos poderiam ter sido protegidos contra a radiação ultravioleta são os mares e oceanos. Em terra, os aminoácidos seriam destruídos pelos raios ultravioletas. O Princípio de Le Châtelier descarta a alegação da formação da vida no mar, o que é mais outro dilema com que se defronta a evolução.



Em seu experimento, Fox produziu uma substância a que denominou “proteinóide”. Proteinóides eram combinações aleatórias de aminoácidos. Ao contrário das proteínas dos seres vivos, os proteinóides eram substâncias químicas inúteis e não-funcionais. Ao lado, uma vista de partículas proteinóides sob o microscópio eletrônico.

Outro Esforço Desesperado: O Experimento de Fox

Desafiados pelo dilema anterior, os evolucionistas passaram a inventar cenários irrealistas para solucionar esse “problema hídrico” que sem dúvida refutava as suas teorias. Sydney Fox foi um dos mais conhecidos dentre eles. Fox formulou a seguinte teoria para resolver esse problema: De acordo com ele, os primeiros aminoácidos deveriam ter sido arrastados para algumas encostas próximas de um vulcão, imediatamente após a sua formação no oceano primordial. A água contida na mistura que incluía os aminoácidos presentes nessas encostas, deveria ter-se evaporado quando a temperatura subiu acima do ponto de ebulição. Assim, os aminoácidos que foram “desidratados” poderiam ter-se combinado para formar as proteínas.

Entretanto, essa maneira “complicada” não foi aceita por muitas pessoas, porque os aminoácidos não poderiam suportar temperaturas tão elevadas. As pesquisas mostraram que os aminoácidos eram destruídos imediatamente sob temperaturas elevadas.

Porém Fox não desistiu, e combinou os aminoácidos purificados no laboratório “sob condições muito especiais”, aquecendo-os em um ambiente seco. Os aminoácidos combinaram-se, mas ainda não chegaram a formar proteínas. Realmente, o que ele obteve foram alças simples e desordenadas de aminoácidos combinadas arbitrariamente entre si, e longe de se parecerem com qualquer proteína de seres vivos. Além disso, se Fox tivesse mantido os aminoácidos sob uma temperatura constante, essas mesmas alças inúteis também teriam se desfeito.⁽¹⁰⁸⁾

Outro ponto que tornou inútil o experimento foi Fox não ter usado os produtos finais (inúteis) obtidos por Miller em seu experimento, mas sim aminoácidos puros retirados de organismos vivos. Evidentemente, esse experimento, que intencionava ser continuação do experimento de Miller, tinha de partir dos resultados obtidos por Miller. Contudo, nem Fox, nem qualquer outro pesquisador utilizou os aminoácidos inúteis produzidos por Miller.⁽¹⁰⁹⁾

108. Richard B. Bliss & Gary E. Parker, “Origin of Life”, California, 1979, p. 25.

109. *Ibid.*

MATÉRIA INANIMADA NÃO PODE GERAR VIDA

Muitos experimentos evolucionistas, como os de Miller e de Fox, foram idealizados para comprovar a afirmação de que a matéria inanimada pode organizar-se e gerar um complexo ser vivo. Esta é uma convicção totalmente não científica: todas as observações e experimentos comprovaram, de forma indiscutível, que a matéria não tem essa capacidade. O famoso astrônomo e matemático inglês Sir Fred Hoyle, observa que a matéria não pode por si mesma gerar vida, sem uma interferência deliberada:

Se houvesse um princípio básico inerente à matéria, que de alguma forma conduzisse os sistemas orgânicos em direção à vida, a sua existência deveria ser facilmente demonstrada em laboratório. Poder-se-ia, por exemplo, tomar uma piscina para representar o caldo primordial, e despejar nela qualquer substância química de natureza não biológica que se desejasse; bombear quaisquer gases que se desejasse, através dela ou por cima dela; e fazer incidir sobre ela qualquer tipo de radiação que se desejasse; deixar o experimento continuar durante um ano e então verificar quantas das 2000 enzimas (proteínas produzidas pelas células vivas) teriam surgido na piscina. Darei a resposta, para economizar tempo, trabalho e gastos para realmente efetuar o experimento: Não se encontrará absolutamente nada, exceto possivelmente uma borra de alcatrão composta de aminoácidos e outras substâncias orgânicas simples.⁽¹⁾

O biólogo evolucionista Andrew Scott admite o mesmo fato:

Tome alguma matéria, aqueça-a ao agitá-la, e aguarde. Esta é a moderna versão de Gênesis. As forças “fundamentais” da gravidade, do eletromagnetismo, e as forças nucleares forte e fraca supostamente devem ter feito o resto... Porém, quanto deste conto resumido está firmemente estabelecido, e quanto resta como especulação? Na verdade, o mecanismo de quase todos os estágios principais, desde os precursores químicos até as primeiras células devidamente reconhecidas, são objetos ou de controvérsias, ou de total confusão.⁽²⁾

(1) Fred Hoyle, “The Intelligent Universe”, New York, Holt, Rinehard & Winston, 1983, p. 256.

(2) Andrew Scott, “Update on Genesis”, *New Scientist*, vol. 106, 2 mais, 1985, p. 30

O experimento de Fox não foi recebido favoravelmente nem mesmo nos círculos evolucionistas, porque ficou claro que as cadeias de aminoácidos não significativas (proteínóides) que ele obteve não poderiam ser formadas sob condições naturais. Ainda mais, as proteínas, unidades básicas da vida, ainda não haviam podido ser produzidas, e o problema da origem das proteínas ainda permaneceu. Em um artigo publicado na revista de divulgação científica *Chemical Engineering News* em 1970, o experimento de Fox foi mencionado sob a seguinte forma:

Sydney Fox e outros pesquisadores trabalhavam para unir os aminoácidos na forma de “proteínóides” usando técnicas de aquecimento bastante especiais, sob condições que de fato não existiram nos estágios primordiais da Terra. Esses protéinóides de maneira alguma se assemelham às proteínas bastante regulares

presentes nos seres vivos. Eles nada mais são que linhagens irregulares e inúteis. Foi mencionado que, mesmo que essas moléculas tivessem se formado em épocas primitivas, elas seriam de fato destruídas.⁽¹¹⁰⁾

De fato, os proteinóides que Fox obteve eram totalmente diferentes das proteínas reais, tanto na estrutura quanto na função. A diferença entre as proteínas e os “proteinóides” era tão grande quanto a diferença entre uma peça de equipamento de alta tecnologia e um amontoado de matéria prima não processada.

Além do mais, nem sequer havia probabilidade dessas cadeias irregulares de aminoácidos sobreviverem na atmosfera primordial. Efeitos físicos e químicos danosos e destrutivos causados pela exposição à abundante radiação ultravioleta, e as condições naturais instáveis, fariam com que esses proteinóides se desintegrassem. Devido ao Princípio de Le Châtelier, era também impossível que os aminoácidos se combinassem sob a água, onde os raios ultravioletas não os atingiriam. Em vista disso, a idéia de que os proteinóides eram a base da vida perdeu o apoio dos cientistas.

DNA – A Molécula Milagrosa

Até agora, o nosso exame no nível molecular mostrou que os cientistas ainda não conseguiram esclarecer a formação dos aminoácidos. A formação das proteínas é em si mesma um mistério, mas o problema não se limita somente aos aminoácidos e proteínas – isso é apenas o começo! Além desse problema, a estrutura perfeita da célula leva os evolucionistas a um impasse. A razão é que a célula não é somente um amontoado de proteínas estruturadas sobre aminoácidos; ela é um mecanismo vivo que contém centenas de sistemas desenvolvidos, e tão complexa que tem tornado o homem incapaz de solver o seu mistério. Mesmo deixando de lado a complexidade dos sistemas, **os evolucionistas não são capazes de explicar a formação nem mesmo das unidades básicas da célula.**

Apesar de a Teoria da Evolução não ter sido capaz de prover uma explicação coerente para a existência das moléculas que constituem a base da estrutura celular, os desenvolvimentos da ciência da genética e a descoberta dos ácidos nucléicos (DNA e RNA) originaram ainda recentes novos problemas recentes para a Teoria da Evolução. Em 1955, o trabalho

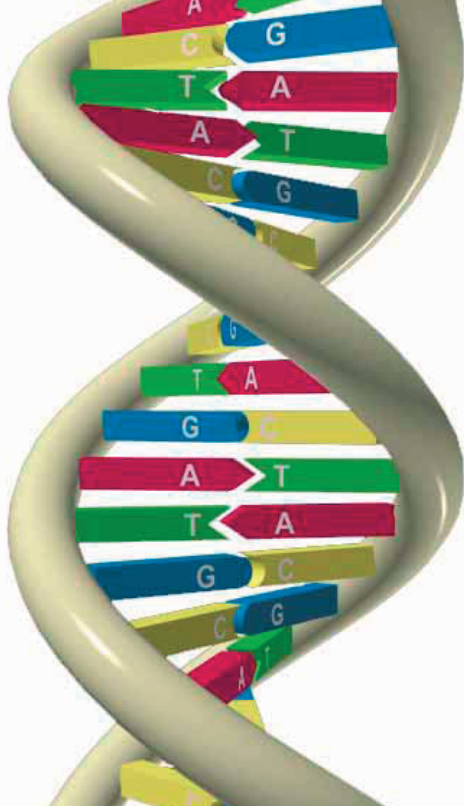
110. S. W. Fox, K. Harada, G. Kramptiz, G. Mueller, “Chemical Origin of Cells”. *Chemical Engineering News*, June 22, 1970, p. 80.

Toda a informação sobre os seres vivos está armazenada na molécula de DNA. Esse método de armazenamento de informação, incrivelmente eficiente, por si mesmo constitui uma evidência clara de que a vida não surgiu por acaso, mas que foi projetada com propósito, ou dito de melhor maneira, que foi criada de um modo maravilhoso.

de dois cientistas, James Watson e Francis Crick, desenvolvidos sobre o DNA, iniciou uma nova era na biologia. Muitos cientistas passaram a centralizar sua atenção na ciência da genética, e hoje, após anos de pesquisas, a estrutura do DNA está revelada em sua totalidade.

A molécula chamada de DNA, que se encontra no núcleo de cada uma dos 100 trilhões de células de nosso corpo, contém o planejamento construtivo completo do corpo humano. A informação relativa a todas as características do indivíduo, desde a sua aparência física até à estrutura de seus órgãos internos, está registrada no DNA mediante um sistema especial de codificação. A informação no DNA está codificada na seqüência de quatro bases específicas que compõem essa molécula. Essas bases são indicadas pelas letra A, T, G, e C, de acordo com as iniciais de seus nomes. Todas as diferenças estruturais entre as pessoas dependem das variações na seqüência dessas bases. Isso corresponde a uma espécie de banco de dados composto por quatro letras.

A ordem da seqüência das letras no DNA determina a estrutura de um ser humano em seus mínimos detalhes. Além das características como altura, cor dos olhos, do cabelo e da pele, o DNA de uma simples célula contém também o projeto de 206 ossos, 600 músculos, uma rede de 10 mil músculos auditivos, uma rede de 100 bilhões de células nervosas, 130 bilhões de metros de sistema venoso e 100 trilhões de células do corpo. **Se tivéssemos de escrever toda a informação codificada no DNA, isso significaria compilar uma gigantesca biblioteca consistindo de 900 volumes de uma enciclopédia, cada um com 500 páginas.** Essa informação incrivelmente volumosa, está codificada nos componentes de DNA denominados “genes”.



Pode o DNA surgir por acaso?

Neste ponto, há um detalhe que merece atenção. Um erro na seqüência dos nucleotídeos que compõem um gene o tornaria completamente inútil. Ao se considerar que existem 200 mil genes no corpo humano, torna-se mais evidente quão impossível é que milhões de nucleotídeos que compõem esses genes possam ser formados por coincidência em sua seqüência correta. O biólogo evolucionista Frank Salisbury comenta a respeito dessa impossibilidade dizendo o seguinte:

Uma proteína média poderia incluir cerca de 300 aminoácidos. O gene do DNA que a controla teria cerca de 1.000 nucleotídeos em sua cadeia. Como existem quatro tipos de nucleotídeos em uma cadeia de DNA, uma cadeia que consistisse de 1.000 ligações poderia existir sob 4^{1000} formas. Usando um pouco de matemática (logaritmos), podemos ver que $4^{1000}=10^{600}$. O número 10 multiplicado por si mesmo 600 vezes corresponde ao número 1 seguido de 600 zeros! Esse número encontra-se totalmente além de nossa compreensão.⁽¹¹¹⁾

O número 4^{1000} equivale a 10^{600} , e pode ser obtido acrescentando 600 zeros ao número 1. Com 10 seguido de 11 zeros indica 1 trilhão, um número com 600 zeros realmente é difícil de ser compreendido. A impossibilidade de formação do RNA e do DNA pela acumulação fortuita de nucleotídeos é expressa pelo cientista francês Paul Auger da seguinte maneira:

Temos de distinguir claramente os dois estágios da formação ao acaso de moléculas complexas como os nucleotídeos mediante eventos químicos: a produção de nucleotídeos um a um – que é possível – e a combinação deles obedecendo a seqüências bastante específicas. Este segundo é absolutamente impossível.⁽¹¹²⁾

Até mesmo Francis Crick, que acreditou na Teoria da Evolução molecular durante muitos anos, após a descoberta do DNA confessou que uma molécula tão complexa não poderia ter sido formada espontaneamente por coincidências resultantes de um processo evolutivo:

Uma pessoa honesta, armada com todo o conhecimento que hoje temos disponível, somente poderia afirmar que, de alguma maneira, a origem da vida no momento parece ser quase um milagre.⁽¹¹³⁾

O evolucionista turco Prof. Ali Demirsoy, sentiu-se forçado a fazer a seguinte confissão sobre esse assunto:

111. Frank B. Salisbury, "Doubts about the Modern Synthetic Theory of Evolution", *American Biology Teacher*, September 1971, p. 336.

112. Paul Auger, "De La Physique Theorique à la Biologie", 1970, p. 118.

113. Francis Crick, "Life Itself: It's Origin and Nature", New York, Simon & Schuster, 1981, p. 88.



Watson e Crick com um modelo tridimensional da molécula de DNA

De fato, a probabilidade de formação de uma proteína e de um ácido nucléico (DNA, RNA) é algo além de qualquer estimativa. Ainda mais, a probabilidade do surgimento de uma dada cadeia protéica é tão rara que pode ser chamada de astronomicamente pequena.⁽¹¹⁴⁾

Neste ponto surge um dilema bastante interessante: enquanto o DNA somente pode replicar-se com o auxílio de algumas enzimas, que na realidade são proteínas, a síntese dessas enzimas somente pode realizar-se mediante a informação codificada no DNA. Como ambas dependem uma da outra, ou elas tinham de existir no mesmo momento para a replicação, ou uma delas teria de ser “criada” antes da outra. O microbiologista americano Jacobson faz o seguinte comentário sobre este assunto:

Tinham de estar simultaneamente presentes naquele momento (no início da vida) as instruções para a reprodução dos planos, para a energia e a retirada de partes do ambiente então existente, para a seqüência do crescimento, e para a efetivação do mecanismo que traduz as instruções para o crescimento. Essa combinação de eventos tem parecido com uma incrivelmente improvável coincidência, e freqüentemente tem sido atribuída a intervenção divina.⁽¹¹⁵⁾

A citação acima foi escrita dois anos antes da descoberta da estrutura do DNA por James Watson e Francis Crick. Porém, apesar de

114. Ali Demirsoy, “Kalitim ve Evrim” (“Inheritance and Evolution”), Ankara: Meteksan Publishing Co., 1984, p. 39.

115. Homer Jacobson, “Information, Reproduction and the Origin of Life”, *American Scientist*, January 1955, p. 121.

todo o desenvolvimento científico ocorrido desde então, esse problema até hoje permanece insolúvel para os evolucionistas. Dois cientistas alemães, Junker e Scherer, explicaram que a síntese de cada uma das moléculas necessárias para a suposta evolução química, exigiria condições distintas, e que a probabilidade da composição desses materiais que teoricamente têm métodos de formação bastante diferentes, é zero:

Até hoje, não se conhece nenhum experimento no qual se possam obter todas as moléculas necessárias para a evolução química. Na realidade, é essencial produzir várias moléculas em diferentes locais, sob condições bastante apropriadas, e então deslocá-las para outro local para reagirem entre si, protegendo-as de eventos danosos como hidrólise e fotólise.⁽¹¹⁶⁾



Prof. Francis Crick: “A origem da vida parece ser quase um milagre”.

Em suma, a Teoria da Evolução é incapaz de comprovar qualquer dos estágios evolutivos que alegadamente ocorrem no nível molecular. Ao invés de prover respostas a questões como essas, o progresso científico as torna cada vez mais complexas e intrincadas.

É bastante interessante que os evolucionistas acreditam em todos esses cenários impossíveis como se fossem fatos científicos. Como eles estão condicionados a não admitir a criação, não têm nenhuma outra possibilidade a não ser crer no impossível. O famoso biólogo australiano Michael Denton fala sobre isso em seu livro “Evolution: A Theory in Crisis”:

Para o cético é simplesmente uma afronta à razão a proposição de que foram compostos por um processo puramente aleatório os programas genéticos dos organismos superiores, consistindo de algo perto de 1.000 milhões de bits de informações, equivalentes à sequência de letras em uma pequena biblioteca de 1.000 volumes, contendo sob forma codificada incontáveis milhares de intrincados algoritmos controlando, especificando e ordenando o crescimento e o desenvolvimento de bilhões e bilhões de células até a formação de um organismo complexo.

Porém, para o Darwinista, a idéia é aceita sem qualquer sombra de dúvida - o paradigma tem precedência!⁽¹¹⁷⁾

116. Reinhard Junker & Siegfried Scherer, “Entstehung und Geschichte der Lebewesen”, Weyel, 1986, p. 89.

117. Michael Denton, “Evolution: A Theory in Crisis”, London: Burnett Books, 1985, p. 351.

CONFISSÕES DE EVOLUCIONISTAS

Cálculos probabilísticos tornam claro que moléculas complexas como proteínas e ácidos nucleicos (RNA e DNA) jamais poderiam ter sido formadas por acaso independentemente umas das outras. Assim, os evolucionistas têm de enfrentar o problema ainda maior, de que todas essas moléculas complexas têm de coexistir simultaneamente para que a vida possa realmente existir. A Teoria da Evolução fica completamente refutada por essa exigência. Esse é um ponto que tem levado alguns eminentes cientistas a reconhecer publicamente. Por exemplo, o Dr. Leslie Orgel, da Universidade de San Diego, na Califórnia, associado a Stanley Miller e Francis Crick, afirma:

É extremamente improvável que as proteínas e os ácidos nucleicos, ambos estruturalmente complexos, tenham surgido espontaneamente no mesmo local e ao mesmo tempo. Não obstante parece impossível existir um sem o outro. Assim, à primeira vista, tem-se de concluir que a vida, de fato, jamais poderia ter-se originado mediante mecanismos químicos.⁽¹⁾

O mesmo fato é também admitido por outros cientistas:

O DNA não pode realizar seu trabalho, inclusive a formação de mais DNA, sem o auxílio de proteínas catalíticas, ou enzimas. Em resumo, as proteínas não se podem formar sem o DNA, e nem o DNA pode formar-se sem as proteínas.⁽²⁾

Como se originou o Código Genético, juntamente com os mecanismos para a sua tradução (ribossomos e moléculas de RNA)? No momento temos de nos contentar com um sentimento de admiração e respeito, mais do que com uma resposta.⁽³⁾

(1) Leslie E. Orgel, "The Origin of Life on Earth", *Scientific American*, vol. 271, outubro 1994, p. 78.

(2) John Horgan, "In the Beginning", *Scientific American*, vol. 264, fevereiro 1991, p. 119.

(3) Douglas R. Hofstadter, Gödel, Escher, Bach: "An Eternal Golden Braid", New York, Vintage Books, 1980, p. 548.

Outra vã tentativa evolucionista: "O Mundo do RNA"

A descoberta feita em 1970, de que os gases originalmente existentes na atmosfera do mundo primitivo tornavam impossível a síntese dos aminoácidos, constituiu um grande golpe para a Teoria da Evolução molecular. Foi então compreendido que "os experimentos da atmosfera primitiva" dos evolucionistas como Miller, Fox e Ponnampertuma tinham sido invalidados. Por essa razão, na década de 1980 foram levadas avante novas tentativas evolucionistas. Como resultado, foi lançado o cenário do "Mundo do RNA", que propunha que não foram as proteínas que se haviam formado primeiro, mas as moléculas de RNA que continham a informação das proteínas.

De acordo com este cenário, lançado em 1986 por Walter Gilbert, químico de Harvard, há bilhões de anos formou-se por acaso uma molécula de RNA que de alguma forma tratou de auto-replicar-se. Essa molécula de RNA, então, começou a produzir proteínas sendo ativada por efeitos

externos. Em seguida, tornou-se necessário armazenar essa informação em uma segunda molécula, e surgiu de algum modo a molécula de DNA.

Esse cenário dificilmente imaginável, constituído de uma cadeia de impossibilidades em cada um e em todos os estágios, simplesmente aumentou o problema e levantou questões insolúveis ao invés de prover qualquer explicação para a origem da vida:

1. Quando já é impossível explicar a formação ao acaso de apenas um dos nucleotídeos que constituem o RNA, como será possível que esses nucleotídeos imaginários formem o RNA unindo-se em uma seqüência adequada? O biólogo evolucionista John Horgan admite a impossibilidade da formação do RNA ao acaso, da maneira seguinte:

À medida em que os pesquisadores continuam a examinar o conceito do “Mundo de RNA” mais detalhadamente, mais problemas vão surgindo. Como apareceu o RNA inicialmente? O RNA e seus componentes são difíceis de serem sintetizados em laboratório sob condições ótimas, e muito mais ainda sob condições apenas plausíveis.⁽¹¹⁸⁾

2. Mesmo que supuséssemos a sua formação por acaso, como poderia esse RNA constituído por apenas uma cadeia de nucleotídeos “decidir” auto-replicar-se, e com que espécie de mecanismo poderia ter ele efetuado esse processo de auto-replicação? Onde ele teria encontrado os nucleotídeos a serem usados durante o auto-replicação? Até os microbiologistas evolucionistas Gerald Joyce e Leslie Orgel expressam seu ceticismo quanto à situação, em seu livro “In the RNA World”.⁽¹¹⁹⁾

3. Mesmo que supuséssemos que existisse RNA auto-replicante no mundo primordial, que estivessem disponíveis numerosos aminoácidos de todos os tipos prontos para serem utilizados pelo RNA, e que todas essas impossibilidades de alguma maneira fossem removidas, a situação ainda não permitiria a formação de sequer uma única proteína. De fato, o RNA somente inclui informação relativa à estrutura das proteínas. Os aminoácidos, por outro lado, são a matéria prima. Entretanto, nenhum mecanismo existe para a produção das proteínas. Considerar que a existência de RNA seja suficiente para a produção das proteínas é tão sem sentido como esperar que um veículo seja montado automaticamente simplesmente pelo lançamento de seu projeto, feito no papel, sobre milhares de suas peças amontoadas umas sobre as outras. Neste caso, também, a produção não se realiza sem o envolvimento da fábrica ou dos operários no processo.

118. John Horgan, “In the Beginning”, *Scientific American*, vol. 264, February 1991, p. 119.

119. G. F. Joyce, L. E. Orgel, “Prospects for Understanding the Origin of the RNA World”, *In the RNA World*, New York: Cold Spring Harbor Laboratory Press, 1993, p. 13.

Uma proteína é produzida na fábrica do ribossomo, com o auxílio de muitas enzimas e em resultado de processos extremamente complexos no interior da célula. O ribossomo é uma organela complexa da célula, constituído de proteínas. Assim, essa situação também acarreta outra suposição irrazoável, de que o ribossomo também deveria ter vindo à existência por acaso, ao mesmo tempo. Até mesmo o detentor do Prêmio Nobel, Jacques Monod, um dos mais ardorosos defensores da evolução, explica que a síntese das proteínas de modo algum pode ser subestimada como dependente meramente da informação contida nos ácidos nucléicos:

O código nada significa, a menos que seja traduzido. A moderna máquina de tradução da célula consiste de pelo menos 50 componentes macromoleculares que estão codificados no DNA: o código não pode ser traduzido a não ser pelos produtos da tradução. Esta é a expressão moderna do princípio “*Omne vivum ex ovo*”. Quando e como esse círculo vicioso fechou-se? É extremamente difícil imaginar.⁽¹²⁰⁾

Como poderia uma cadeia de RNA no mundo primordial tomar uma decisão como essa, e que métodos poderia ela ter empregado para realizar a produção de proteínas assumindo por ela mesma o papel de 50 partículas especializadas? Os evolucionistas não têm resposta para essas questões.

O Dr. Leslie Orgel, da Universidade de San Diego, Califórnia, um dos associados de Stanley Miller, e de Francis Crick, utiliza o termo “cenário” para a possibilidade da “origem da vida através do Mundo de RNA”. Orgel descreveu que espécie de características esse RNA deveria ter, e quão impossível isso seria, em seu artigo “*The Origin of Life*” publicado na revista *American Scientist* de outubro de 1994:

Esse cenário poderia ter ocorrido, observamos, se o RNA pré-biótico tivesse duas propriedades não evidenciadas hoje: A capacidade de replicação sem o auxílio de proteínas e a capacidade de catalisar cada etapa da síntese das proteínas.⁽¹²¹⁾

Como deveria estar claro, esperar de uma molécula de RNA esses dois processos complexos e extremamente essenciais só poderia ser algo proveniente da força de imaginação e do ponto de vista de um evolucionista. Fatos científicos concretos, por outro lado, tornam explícito que a tese do “Mundo de RNA”, o novo modelo proposto para a formação da vida ao acaso, é igualmente uma fábula implausível.

120. Jacques Monod, “*Chance and Necessity*”, New York, 1971, p. 143.

121. Leslie E. Orgel, “*The Origin of Life on the Earth*”, *Scientific American*, Outubro 1994, vol. 271, p. 78.

A Vida é um Conceito que Transcende Meros Amontoados de Moléculas

Por um momento, esqueçamos todas as impossibilidades e suponhamos que uma molécula de proteína se formasse no ambiente mais inadequado e mais fora de controle, como o das condições da Terra primordial. A formação de uma só proteína não seria suficiente, pois ela teria de aguardar pacientemente milhares, talvez milhões, de anos nesse ambiente incontrolado, sem sofrer qualquer dano, até que outra molécula se formasse por acaso ao seu lado, sob as mesmas condições. E teria de esperar milhões de anos mais para que se formassem as proteínas corretas e essenciais, lado a lado, no mesmo ambiente, todas “ao acaso”. As que se formassem primeiramente teriam de ser suficientemente pacientes para aguardar, sem serem destruídas apesar da radiação ultravioleta e severos efeitos mecânicos, que outras fossem formadas exatamente ao seu lado. Então, essas proteínas, em número adequado, todas originadas no mesmo local, teriam de se unir formando combinações significativas para a formação das organelas da célula. Nenhum material estranho, molécula danosa ou cadeia de proteínas inútil poderia interferir com elas. Então, mesmo que essas organelas se reunissem de formas extremamente harmoniosa e cooperativa, dentro de planejamento e ordem, elas deveriam tomar todas as enzimas necessárias, além delas mesmas, para se recobrirem com uma membrana, dentro da qual o espaço seria preenchido com um líquido especial para preparar o ambiente ideal para elas. E agora, mesmo que todos esses eventos “altamente improváveis” realmente ocorressem por acaso, esse amontoado molecular passaria a ter vida?

A resposta é **não**, pois as pesquisas revelam que **a mera combinação de todo o material essencial para a vida não é suficiente para o início da vida**. Mesmo que todas as proteínas essenciais para a vida fossem coletadas e colocadas em um tubo de ensaio, esses esforços não resultariam na produção de uma célula viva. Todos os experimentos realizados sobre esse assunto mostraram-se ineficazes. Todas as observações e experimentos indicam que a vida só pode originar-se de vida. A afirmação de que a vida evoluiu a partir de coisas sem vida, em outras palavras, a “abiogênese”, é um conto que existe somente nos devaneios dos evolucionistas, e completamente em desacordo com os resultados de todos os experimentos e observações.

A esse respeito, a primeira vida na Terra também deve ter-se originado de vida. Isso reflete o qualificativo de Deus como “O Doador da Vida”. A vida só pode iniciar, continuar e terminar pela Sua vontade. Quanto à

evolução, ela não somente é incapaz de explicar como a vida começou, como também é incapaz de explicar como se formou e como se compôs a matéria essencial para a vida.

Chandra Wickramasinghe descreve a realidade que ele enfrentou como cientista que durante toda a vida havia sido ensinado que a vida surgiu em resultado de coincidências casuais:

Desde o início de meu treinamento como cientista fui submetido a forte lavagem cerebral para acreditar que a ciência não pode ser consistente com qualquer espécie de criação deliberada. Essa noção teve de ser dolorosamente mudada. No momento, não consigo achar nenhum argumento racional para derrubar o ponto de vista que argumenta a favor da conversão a Deus. Costumávamos ter uma mente aberta; agora compreendemos que a única resposta lógica para a vida é a Criação, e não a mistura aleatória acidental.⁽¹²²⁾

122. Chandra Wickramasinghe, Interview in *London Daily Express*, August 14, 1981.

A Termodinâmica Contrapõe-se à Evolução

A Segunda Lei da Termodinâmica, que é aceita como uma das leis básicas da Física, diz que sob condições normais todos os sistemas por si mesmos tendem a tornar-se desordenados, dispersos e degradados à medida em que passa o tempo. Tudo, quer vivo ou inanimado, se desgasta, se deteriora, decai, desintegra-se e é destruído. Esse é o fim absoluto que tudo enfrentará, de uma ou outra forma, e de acordo com essa lei, esse processo inevitável é inexorável.

Isso é algo que todos nós observamos. Por exemplo, se levarmos um automóvel para o meio da floresta amazônica, e lá o deixarmos, dificilmente esperaríamos encontrá-lo lá em melhores condições ao voltarmos depois de alguns anos. Pelo contrário, veríamos seus pneus vazios, os vidros de suas janelas quebrados, sua lataria enferrujada, e seu motor sem condições de funcionar. O mesmo processo inevitável ocorre, e ainda mais rapidamente, com os seres vivos.

A Segunda Lei da Termodinâmica é o meio pelo qual esse processo natural é definido mediante conceituações físicas e equações matemáticas.

Esta famosa Lei da Física é também conhecida como “Lei da Entropia”. Entropia, na Física, representa o grau de desordem envolvida em um sistema. A entropia de um sistema aumenta quando ele se transforma em direção a um estado mais desordenado, disperso e menos planejado, partindo de um estado inicial ordenado, organizado e planejado. Quanto maior for a desordem de um sistema, tanto maior será a sua entropia. A Lei da Entropia afirma que todo o Universo inevitavelmente se desloca em direção a um estado mais desordenado, sem planejamento, e desorganizado.

A validade da Segunda Lei da Termodinâmica, ou Lei da Entropia, foi estabelecida experimentalmente e teoricamente. Os mais eminentes cientistas de nossa época concordam com o fato de que a Lei da Entropia permanecerá como o paradigma dominante ao longo da próxima etapa da História. Albert Einstein, o maior cientista de nossos tempo, afirmou que ela é a “principal lei de toda a Ciência”. Sir Arthur Eddington também se referiu a ela como “a suprema lei metafísica de todo o Universo”.⁽¹²³⁾

123. Jeremy Rifkin, “Entropy: A New World View”, New York, Viking Press, 1980, p. 6.

A Teoria da Evolução é uma doutrina proposta ignorando totalmente essa lei básica da Física, universalmente verdadeira. Os mecanismos defendidos para a evolução colidem frontalmente com esta lei. A Teoria da Evolução afirma que átomos e moléculas sem vida, dispersos e desordenados espontaneamente juntaram-se no decorrer do tempo, para formar moléculas extremamente complexas, como proteínas, DNA e RNA, após o que elas trouxeram à vida milhões de diferentes espécies vivas, com estruturas ainda mais complexas. De acordo com a Teoria da Evolução, esse processo que supostamente teria levado, em cada estágio, a estruturas mais ordenadas, mais complexas, mais organizadas e mais planejadas, originou-se por si mesmo e estabeleceu-se, em cada estágio, sob condições naturais. A Lei da Entropia torna claro que esse processo, denominado de natural, contradiz frontalmente as Leis da Física.

Uma das Leis da Termodinâmica afirma que as condições naturais sempre levam ao desordenamento e à perda de informações. A Teoria da Evolução, por outro lado, é uma crença não-científica que contradiz frontalmente essa Lei da Termodinâmica.

Os cientistas evolucionistas também estão cientes desse fato. J. H. Rush afirma:

No complexo curso da evolução, a vida apresenta um notável contraste com relação à tendência expressa na Segunda Lei da Termodinâmica. A Segunda Lei expressa uma progressão irreversível no sentido do aumento da entropia e da desordem, e a vida evolui continuamente no sentido de maiores níveis de ordem.⁽¹²⁴⁾

O cientista evolucionista Roger Lewin exprime o impasse termodinâmico da evolução em um artigo publicado na Revista *Science*:

Um problema que os biólogos têm enfrentado é a aparente contradição entre evolução e a Segunda Lei da Termodinâmica. Os sistemas deveriam degradar-se no decorrer do tempo, produzindo menos ordem, e não mais.⁽¹²⁵⁾

Outro cientista evolucionista, George Stravropoulos, fala na conhecida revista evolucionista *American Scientist* sobre a impossibilidade termodinâmica da formação espontânea da vida e da inexequibilidade da explicação da existência de mecanismos complexos de vida pelas leis naturais:

124. J. H. Rush, "The Dawn of Life", New York, Signet, 1962, p. 35.

125. Roger Lewin, "A Downward Slope to Greater Diversity", *Science*, vol. 217, 24.9.1982, p. 1239.

Ainda mais, sob condições ordinárias, nenhuma molécula orgânica complexa jamais poderia formar-se espontaneamente, mas pelo contrário, se desintegraria, de acordo com a Segunda Lei. De fato, quanto mais complexa for a molécula, mais instável ela será, e mais certa será sua desintegração, mais cedo ou mais tarde. A fotossíntese e todos os processos vitais, incluindo a própria vida, a despeito do linguajar confuso ou deliberadamente elaborado para confundir, ainda não conseguiram ser explicados em termos da Termodinâmica ou de qualquer outra ciência exata.⁽¹²⁶⁾

Como reconhecido, a Segunda Lei da Termodinâmica constitui um obstáculo intransponível para o cenário da evolução tanto em termos de ciência quanto de lógica. Os evolucionistas, incapazes de formular qualquer explicação científica e consistente para superar esse obstáculo, somente conseguem vencê-lo em sua imaginação. Por exemplo, o famoso evolucionista Jeremy Rifkin manifesta sua crença de que a evolução sobrepuja essa Lei da Física mediante um “poder mágico”:

A Lei da Entropia diz que a evolução dissipa toda a energia disponível para a vida neste planeta. Nosso conceito de evolução é exatamente o contrário. Acreditamos que a evolução, de algum modo, magicamente cria na Terra valor e ordem globais maiores.⁽¹²⁷⁾

Estas palavras indicam muito bem que a evolução é uma crença totalmente dogmática.

O Mito do “Sistema Aberto”

Confrontados por todas essas verdades, os evolucionistas tiveram de refugiar-se em um simulacro da Segunda Lei da Termodinâmica, afirmando que ela permanece válida apenas para “sistemas fechados”, e que os “sistemas abertos” estão fora do escopo dessa Lei.

Um “sistema aberto” é um sistema termodinâmico no qual energia e matéria entram e saem, ao contrário do “sistema fechado”, no qual a energia e a matéria existentes no início permanecem constantes. Os evolucionistas afirmam que o mundo é um sistema aberto: que constantemente está submetido a um fluxo de energia proveniente do Sol, que a Lei da Entropia não se aplica ao mundo como um todo, e que seres vivos complexos e ordenados podem ser gerados a partir de estruturas inanimadas simples e desordenadas.

126. George P. Stravopoulos, “The Frontiers and Limits of Science”, *American Scientist*, vol. 65, November-December 1977, p. 674.

127. Jeremy Rifkin, “Entropy: A New World View”, p. 55.

Entretanto, aqui está uma distorção óbvia. **O fato de que um sistema receba um fluxo de energia não é suficiente para torná-lo ordenado. São necessários mecanismos específicos para tornar funcional a energia.** Por exemplo, um automóvel necessita um motor, um sistema de transmissão e mecanismos de controle relacionados, para converter em trabalho a energia contida na gasolina. Sem um sistema de conversão de energia como esse, o automóvel não será capaz de utilizar a energia contida na gasolina.

O mesmo se aplica também no caso da vida. É verdade que a vida obtém sua energia do Sol. Entretanto, a energia solar só pode converter-se em energia química pelos sistemas de conversão de energia incrivelmente complexos existentes nos seres vivos (como a fotossíntese nas plantas e o sistema digestivo dos animais e seres humanos). Nenhum ser pode viver sem tais sistemas de conversão de energia. Sem um sistema de conversão de energia, o Sol nada mais é do que uma fonte de energia destrutiva que queima, resseca ou derrete.

Como pode ser visto, um sistema termodinâmico sem algum tipo de mecanismo de conversão de energia não é vantajoso para a evolução, seja ele aberto ou fechado. Ninguém admite que mecanismos complexos e intencionais pudessem ter existido na natureza sob as condições da Terra primordial. Na realidade, o problema real com que os evolucionistas se deparam é a questão de como poderiam ter surgido por si mesmos mecanismos complexos de conversão de energia, como por exemplo a fotossíntese nos vegetais, que não conseguem ser reproduzidos nem mesmo com toda a tecnologia moderna.

O influxo de energia solar no mundo não produz nenhum efeito, por si mesmo, para produzir ordem. Independentemente de quão elevada possa se tornar a temperatura, os aminoácidos não se ligarão em seqüências ordenadas. A energia por si só não é suficiente para fazer com que os aminoácidos formem as estruturas muito mais complexas e organizadas das organelas da célula. A fonte real e essencial dessa organização, em todos os níveis, é um projeto intencional – em uma só palavra – Criação.

O Mito da “Auto-organização da Matéria”

Bem cientes de que a Segunda Lei da Termodinâmica torna impossível a evolução, alguns cientistas evolucionistas têm feito tentativas especulativas para preencher o hiato existente entre ambas, de maneira a tornar possível a evolução. Como sempre, essas próprias tentativas indicam que a Teoria da Evolução enfrenta um impasse inevitável.

Um dos cientistas que se distinguiram pelos seus esforços para compatibilizar a Termodinâmica com a evolução foi o belga Ilya Prigogine. Partindo da Teoria do Caos, Prigogine propôs numerosas hipóteses nas quais a ordem se formaria a partir do caos (ou desordem). Ele argumentou que alguns sistemas abertos podem apresentar decréscimo de entropia devido a um influxo de energia externa, e o resultante “ordenamento” seria uma prova de que “a matéria pode organizar-se a si mesma”. Desde então, o conceito de “auto-organização da matéria” tem-se tornado bastante popular entre evolucionistas e materialistas, que passaram a se comportar como tendo descoberto uma origem materialista para a complexidade da vida, e uma solução materialista para o problema da origem da vida.

Porém, olhando mais de perto, verifica-se que essa argumentação é totalmente abstrata, sendo de fato apenas um desejo imaginário (“*wishful thinking*”). Além do mais, nela se insere um engano simplório. Esse engano é a deliberada confusão entre dois conceitos distintos – “**auto-organização**” “**e auto-ordenamento**”.⁽¹²⁸⁾

Podemos explicar isso mediante um exemplo. Imagine uma praia, com diferentes tipos de rochas misturadas entre si – grandes, pequenas e muito pequenas. Quando uma forte onda atinge a praia, pode provocar um “ordenamento” dessas rochas. A água levará de roldão rochas de igual peso com a mesma intensidade. No refluxo da onda, as rochas poderão ficar ordenadas de forma escalonada, no sentido da praia para o mar.

Este é um processo de “auto-ordenamento”. A praia é um sistema aberto, e um influxo de energia (a onda) pode ocasionar um “ordenamento”. Observe, porém, que esse mesmo processo não consegue construir um castelo de areia na praia. Se virmos um castelo de areia na praia, teremos certeza de que alguém o construiu. A diferença entre o castelo e as rochas “ordenadas” é que o castelo inclui uma complexidade bastante singular, enquanto as rochas incluem somente uma ordem repetitiva. Isso é semelhante a uma máquina de escrever que datilografe a letra a centenas de vezes em seguida somente porque um objeto tivesse caído (um influxo de energia) sobre a letra a do teclado. De fato, a ordem repetitiva da letra a não inclui qualquer informação e portanto nenhuma complexidade. É necessário uma mente com intenção para se obter uma seqüência complexa de letras que inclua informação.

128. Para mais informações, ver Stephen C. Meyer, “The Origin of Life and the Death of Materialism”, *The Intercollegiate Review*, 32, No. 2, Spring 1996.

O mesmo se aplica quando o vento passa por um aposento cheio de poeira. Antes desse influxo de energia a poeira poderia estar espalhada ao redor. Após o vento entrar, a poeira poderá ser levada para um canto do aposento. Isso é “auto-ordenamento”. A poeira jamais se “auto-organizará” para criar o desenho de uma pessoa no chão do aposento.

Esses exemplos são bastante semelhantes aos cenários de “auto-organização dos evolucionistas. Eles argumentam que a matéria tem tendência à auto-organização, e então apresentam exemplos de auto-ordenamento, tentando confundir ambos os conceitos. O próprio Prigogine apresentou exemplos de moléculas auto-ordenando-se durante um influxo de energia. Os cientistas norte-americanos Thaxton, Bradley e Olsen, em seu livro “O Mistério da Origem da Vida”, explicam esse fato da seguinte maneira:

Em cada caso, movimentos aleatórios de moléculas em um fluido são espontaneamente substituídos por um comportamento altamente ordenado. Prigogine, Eigen e outros sugeriram que uma espécie semelhante de auto-organização podem ser intrínsecos à Química Orgânica, e podem potencialmente ser responsáveis pelas macromoléculas altamente complexas essenciais para os sistemas vivos. Essas analogias, porém, têm ínfima relevância para a questão da origem da vida. Uma razão importante é porque elas falham em distinguir ordem e complexidade. ...Regularidade ou ordem não pode servir para armazenar a grande quantidade de informação necessária para os sistemas vivos. Uma estrutura altamente irregular, porém especificada, é necessária, e não somente uma estrutura ordenada. Esta é uma séria falha na analogia apresentada. Não existe conexão aparente entre a espécie de ordenamento espontâneo que ocorre devido ao fluxo de energia através de tais sistemas e o trabalho necessário para construir macromoléculas com informação intensiva aperiódica, como as do DNA e das proteínas.⁽¹²⁹⁾

De fato, o próprio Prigogine teve de aceitar que sua argumentação não explicava a origem da vida. Afirmou ele:

O problema da ordem biológica envolve a transição da atividade molecular para a ordem supermolecular da célula. Este problema está longe de ser resolvido.⁽¹³⁰⁾

129. Charles B. Thaxton, Walter L. Bradley & Roger L. Olsen, “The Mystery of life’s origins: Reassessing Current Theories”, 4. Edition, Dallas, 1992, capítulo 9, p. 134.

130. Ilya Prigogine, Isabelle Stengers, “Order Out of Chaos”, New York, Bantam Books, 1984, p. 175.

Por que, então, os evolucionistas ainda tentam acreditar em cenários não-científicos como o da “auto-organização da matéria”? Por que insistem em rejeitar a manifesta inteligência existente nos sistemas vivos? A resposta é que eles têm uma fé dogmática no materialismo, e acreditam que a matéria possui algum poder misterioso para criar vida. Robert Shapiro, professor de Química na New York University, especialista em DNA, explica essa crença dos evolucionistas e o dogma materialista que já se baseia:

Outro princípio evolucionista é portanto necessário para nos levar a transpor o hiato entre misturas de simples substâncias químicas naturais e o primeiro replicador efetivo. Esse princípio ainda não foi descrito em detalhe, nem demonstrado, porém é antecipado, e tem recebido denominações como “evolução química” e “auto-organização” da matéria. A existência do princípio é considerada como garantida na filosofia do materialismo dialético, como foi aplicado por Alexander Oparin na origem da vida.⁽¹³¹⁾

Toda essa situação torna claro que a evolução é um dogma que contraria a ciência empírica, e que a origem dos seres vivos somente pode ser explicada pela intervenção de um poder sobrenatural. Esse poder sobrenatural é Deus, que criou todo o Universo a partir do nada. A ciência prova que a evolução é ainda impossível, tanto quanto diz respeito ao Segundo Princípio da Termodinâmica, e a existência da vida não tem outra explicação senão a Criação.

131. Robert Shapiro, “Origins: A Skeptics Guide to the Creation of Life on Earth”. Summit Books, New York: 1986, s. 207.

Planejamento e Coincidência

No capítulo anterior, ressaltamos a impossibilidade da origem da vida por coincidência. Aceitemos porém, a possibilidade, somente por um instante. Suponhamos que há milhões de anos tivesse sido formada uma célula que adquirisse tudo que fosse necessário para viver, e que assim tivesse “vindo à vida”. Novamente a evolução falharia, a partir desse ponto, pois mesmo que essa célula subsistisse por algum tempo, ela morreria e após a sua morte não permaneceria mais nada e tudo voltaria ao estado inicial. Sim, porque faltando a esta primeira célula viva qualquer informação genética, ela não seria capaz de reproduzir-se e dar início a uma nova geração. A vida teria cessado com a sua morte.

O sistema de informação genética não se limita apenas ao DNA. Deveriam existir no mesmo ambiente enzimas para a leitura do código contido no DNA, RNA mensageiro produzido após essa leitura, ribossomo onde esse RNA seja estruturado de conformidade com aquele código, para ser usado na produção, RNA de transferência para transferir os aminoácidos para o ribossomo para serem usados na produção, e enzimas extremamente complexas para executar numerosos processos intermediários. Um ambiente como esse não pode existir a não ser em um recinto totalmente isolado e completamente controlado como o da célula, onde estão disponíveis todas as matérias primas essenciais e recursos energéticos.

Como resultado, a matéria orgânica consegue se auto-reproduzir somente se ela existir como uma célula plenamente desenvolvida, com todas as suas organelas, e em um ambiente adequado onde possa sobreviver, intercambiar substâncias e obter energia a partir das suas imediações. Isso significa que a primeira célula sobre a Terra foi formada “repentinamente” com toda a sua incrível estrutura complexa.

Assim, se uma estrutura complexa veio à existência repentinamente, o que isso significa?

Façamos essa pergunta mediante um exemplo. Comparemos a célula a um automóvel de alta tecnologia, em termos da sua complexidade. (Na realidade, a célula compõe um sistema muito mais complexo e desenvolvido do que um automóvel com seu motor e todo seu equipamento tecnológico).

Perguntemos então: o que você pensaria se estivesse caminhando nas profundezas de uma densa floresta e se deparasse com um modelo de automóvel de último tipo entre as árvores? Você pensaria que vários elementos da floresta tivessem se juntado por acaso ao longo de milhões de anos para produzir esse veículo? Todo o material que compõe o automóvel é obtido a partir de ferro, plástico, vidro – terra e seus subprodutos – porém, isso o levaria a pensar que esses materiais tivessem sido sintetizados “por acaso” e então se juntado e construído aquele automóvel?

Sem dúvida, qualquer pessoa em sã juízo saberia que o automóvel é o produto de um projeto inteligente, de uma fábrica, e se indagaria sobre o que ele estaria fazendo lá no meio da floresta. A origem repentina de uma estrutura complexa, em sua forma completa, a partir de um projeto indica que ela foi criada por um agente consciente. Um sistema complexo como a célula sem dúvida foi criado por uma sabedoria e vontade superiores. Em outras palavras, veio a existir como criação de Deus.

Acreditando que o puro acaso consegue produzir projetos perfeitos, os evolucionistas ultrapassam os limites da razão e da ciência. Uma das eminentes autoridades neste assunto é o famoso zoólogo francês Pierre Grassé, ex-presidente da Academia Francesa de Ciências. Grassé é materialista, no entanto reconhece que a teoria darwinista é incapaz de explicar a vida, e destaca a falta de lógica na “coincidência”, que é a espinha dorsal do Darwinismo:

O aparecimento oportuno de mutações permitindo aos animais e plantas suprir suas necessidade parece difícil para ser acreditado. Não obstante, a teoria de Darwin exige ainda muito mais: uma simples planta, um simples animal, necessitaria de milhares e milhares de eventos felizes adequados. Assim, os milagres tornar-se-iam a regra: não poderiam deixar de ocorrer eventos com probabilidades infinitesimais. ...**Não existe lei que impeça sonhar de olhos abertos, mas a ciência não pode depender disso.**⁽¹³²⁾

Grassé resume o que significa o conceito de “coincidência” para os evolucionistas: “... **O acaso torna-se uma espécie de providência que, sob o manto do ateísmo, não é mencionada, mas é secretamente adorada**”.⁽¹³³⁾

A falha lógica dos evolucionistas é exprimir o seu endeusamento do conceito de coincidência. Nos livros sagrados das religiões monoteístas está escrito que os que adoram algo além de Deus são destituídos de inteligência:

132. Pierre-P Grassé, “Evolution of Living Organisms”, New York: Academic Press, 1977, p. 103.

133. *Ibid*, p. 107.

CORÃO:

Têm corações com que não compreendem, olhos com que não vêem, e ouvidos com que não ouvem. São semelhantes a animais – sim, e ainda mais desviados, pois não atendem às advertências.

(Surat al-Araf: 179)

Fórmula Darwinista!

Além de todas as evidências técnicas com que lidamos até agora, examinemos, de vez, a que espécie de superstição os evolucionistas se prendem, mediante um exemplo tão simples a ponto de poder ser compreendido até pelas crianças.

A Teoria da Evolução afirma que a vida originou-se por acaso. De conformidade com essa alegação, átomos sem vida nem consciência juntaram-se para formar uma célula, e então, de algum modo formaram outros seres vivos, inclusive o ser humano. Pensemos sobre isso. Quando juntamos os elementos que formam os blocos construtivos da vida, como o Carbono, o Nitrogênio, o Fósforo e o Potássio, resulta apenas uma massa informe. Independentemente de qualquer tratamento a que ela seja submetida, essa massa de átomos diversos não consegue formar um simples ser vivo qualquer. Se Você quiser, vamos formular um “experimento” sobre esse assunto, e vamos examinar o que realmente os evolucionistas estão defendendo, sem proclamar em alta voz o termo “Fórmula Darwinista”.

Deixemos que os evolucionistas coloquem em grandes barris grandes quantidades dos materiais que entram na composição dos seres vivos, como por exemplo fósforo, nitrogênio, carbono, oxigênio, ferro e magnésio. Além disso, deixemos que eles adicionem, nesses barris, qualquer material que não esteja disponível sob condições normais, mas que eles julguem ser necessário. Deixemos, então, que adicionem nessa mistura tanto aminoácidos (que não têm possibilidades de se formar sob condições naturais) bem como tantas proteínas (cuja probabilidade de formação é de somente 1 em 10⁹⁵⁰) quanto desejarem. Deixemos que exponham essa mistura a tanto calor e umidade como quiserem. Deixemos que agitem a mistura quanto quiserem. Deixemos que agitem a mistura com qualquer dispositivo tecnologicamente desenvolvido, a seu gosto. Deixemos que coloquem ao lado desses barris os mais proeminentes cientistas, observando em turnos durante bilhões e até trilhões de anos. Deixemos que utilizem todos os tipos de condições que acreditem serem necessárias para a formação de um ser humano. Não importa o que fizerem, não conseguirão produzir um ser humano, a partir

do conteúdo desses barris, que possa por exemplo examinar no microscópio eletrônico a sua estrutura celular. Não conseguirão produzir girafas, leões, abelhas, canários, cavalos, golfinhos, rosas, orquídeas, lírios, cravos, bananas, laranjas, maçãs, tâmaras, tomates, melões, melancias, figos, azeitonas, uvas, pêsegos, pombos, faisões, borboletas multicores, nem milhões de outros seres vivos quaisquer. Na realidade, não conseguirão obter sequer uma simples célula de qualquer um deles.

Em resumo, átomos inconscientes não podem formar uma célula pela sua junção. Eles não conseguem tomar uma decisão e dividir essa célula eventual em duas, e depois tomar outras decisões e criar as pessoas que inventaram o microscópio eletrônico para daí examinarem nele as suas próprias células. **A matéria é um conjunto inconsciente e sem vida, que somente adquire vida mediante a criação superior de Deus.**

A teoria evolucionista, que alega o contrário, é uma falácia total, completamente contrária à razão. Basta pensar somente um pouco nas alegações evolucionistas para descortinar essa realidade, como no exemplo dado anteriormente.

Tecnologia na Visão e na Audição

Outro assunto que permanece sem resposta na teoria evolucionista é a excelente qualidade da percepção óptica e auditiva.

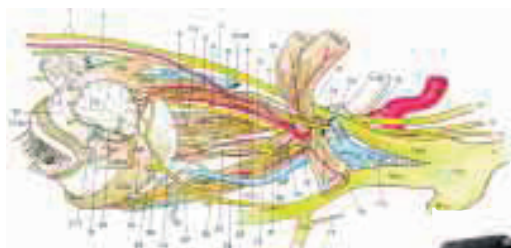
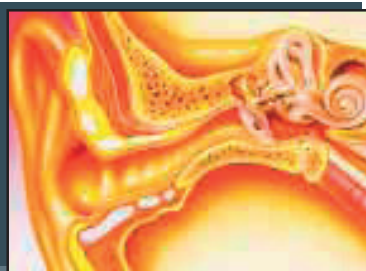
Antes de nos demormos no assunto relativo à visão, vamos considerar brevemente a questão de “como nós vemos”. Os raios luminosos provenientes de um objeto incidem na retina situada no interior do olho. Aí, esses raios de luz são transmitidos pelas células mediante sinais elétricos para uma pequena região do cérebro denominada de centro da visão. Neste centro do cérebro esses sinais elétricos são percebidos como uma imagem, após uma série de processos. Com este pano de fundo, vamos raciocinar um pouco.

O cérebro encontra-se isolado da luz. Isso significa que o interior do cérebro é impenetrável à luz, que não consegue atingir a região onde ele se situa. O local denominado centro da visão é uma região que a luz não atinge, e pode mesmo ser considerada como o lugar mais escuro jamais conhecido. Não obstante, Você enxerga, nessa região escura como breu, um brilhante mundo luminoso.

A imagem que se forma no olho é tão nítida e distinta que mesmo a tecnologia atual não foi capaz ainda de igualá-la. Por exemplo, olhe para o livro que Você está lendo, para suas mãos que o seguram, e então levante a cabeça e olhe a seu redor. Você já viu uma imagem tão nítida e distinta

como essa em qualquer outro lugar? Mesmo a tela de televisão mais desenvolvida, produzida pela melhor fábrica do mundo, não consegue prover uma imagem tão nítida para Você. O que Você enxerga ao seu redor é uma imagem colorida, tridimensional, extremamente nítida. Por mais de 100 anos milhares de engenheiros têm estado tentando conseguir essa nitidez. Com esse propósito foram estabelecidas enormes e sofisticadas fábricas, desenvolvidas muitas pesquisas, e elaborados planejamentos e projetos. Novamente olhe para uma tela de televisão e para o livro que está em suas mãos. Você perceberá que existe uma grande diferença na nitidez e na definição da imagem. Além disso, a tela de televisão lhe dá uma imagem bidimensional, enquanto seus olhos distinguem uma perspectiva tridimensional, com profundidade. Observando cuidadosamente, Você verá que existem regiões fora de foco na tela de televisão. E na sua visão, há regiões desfocadas? Certamente não!

No decorrer de muitos anos, dezenas de milhares de engenheiros tentaram construir uma televisão tridimensional e atingir a qualidade visual do olho humano. E de fato, chegaram a inventar um sistema de televisão tridimensional, mas que só é operacional se o espectador usar óculos especiais. Na realidade, este é um sistema tridimensional artificial. O fundo é mais desfocado, e a frente deixa a desejar. Jamais se conseguiu



Ao compararmos o olho e o ouvido com câmaras de televisão e gravadores de som, percebemos que o olho e o ouvido são muito mais complexos e perfeitos do que esses produtos tecnológicos.



produzir uma visão tão nítida e distinta como a do olho humano. Tanto a câmara como o televisor ocasionam perda de qualidade na imagem.

Os evolucionistas alegam que o mecanismo que produz essa imagem nítida e distinta foi formado por acaso. Ora, o que Você pensaria se lhe dissessem que o televisor em sua sala formou-se em resultado do acaso, que todos os seus átomos casualmente se juntaram e montaram esse dispositivo que produz imagens? Como os átomos podem conseguir fazer o que milhares de pessoas não podem?

Durante quase um século, dezenas de milhares de engenheiros têm pesquisado e investigado, em laboratórios de alta tecnologia e grandes complexos industriais, utilizando dispositivos com a mais avançada tecnologia, e não foram capazes de fazer nada mais do que existe hoje no mercado.

Se dispositivos que produzem uma imagem mais rudimentar do que o olho, não poderiam ter sido formados por acaso, então é bastante evidente que o olho humano e a imagem que enxergamos não poderiam ter sido resultado do acaso. Isso exige planejamento e projeto muito mais detalhados e complexos do que a televisão. Esse planejamento e projeto para a obtenção de imagens tão distintas e nítidas provém de Deus que é o Criador todo poderoso e onisciente.

O mesmo se aplica ao ouvido e à audição. O ouvido externo capta os sons disponíveis e os dirige para o ouvido médio. O ouvido médio transmite as vibrações sonoras, amplificando-as. O ouvido interno envia essas vibrações ao cérebro, transformando-as em sinais elétricos. Da mesma forma que no caso da visão, o ato de ouvir realiza-se no centro de audição, no cérebro.

Situação análoga à do olho existe para o ouvido. Isto é, o cérebro encontra-se também isolado acusticamente, como opticamente. Nele não penetra nenhum som. Assim, independentemente de quanto barulho exista externamente, no interior do cérebro existe silêncio absoluto. Entretanto, no cérebro são percebidos os mais nítidos sons. No cérebro, que é isolado acusticamente, ouvimos música proveniente de uma orquestra, e escutamos todos os ruídos existentes em um local movimentado. Entretanto, se fosse possível medir o nível de som no cérebro, com um dispositivo especial, naqueles instantes, seria constatado que lá prevalece um profundo silêncio.

Comparemos, também, a alta qualidade e a tecnologia superior presente no ouvido e no cérebro, com a produzida pelos seres humanos. Como no caso das imagens visuais, décadas de esforços têm sido despendidas na tentativa de gerar e reproduzir sons fiéis ao original. Os resultados desses esforços

são os gravadores de som, sistemas de alta fidelidade e sistemas de sensores acústicos. Apesar de toda essa tecnologia e de milhares de engenheiros e especialistas que estiveram trabalhando nesse empreendimento, ainda não foi obtido som com a mesma nitidez e clareza que o som reproduzido pelo ouvido. Pense nos melhores sistemas de alta fidelidade produzidos pelas melhores empresas da indústria musical. Mesmo nesses dispositivos, quando o som é registrado, perde-se qualidade. E mesmo ao ligar um sistema de alta fidelidade sempre se ouve um zumbido antes de iniciar a música. Entretanto, os sons que são produzidos pela tecnologia do corpo humano, são extremamente nítidos e claros. O ouvido humano jamais percebe sons acompanhados de zumbidos ou estática atmosférica, como acontece com os equipamentos de alta fidelidade. Ele percebe os sons exatamente como eles são – nítidos e claros. E isso acontece assim desde a criação do ser humano.

Resumindo, a tecnologia existente em nosso corpo é muito superior à que foi produzida pela humanidade mediante o acúmulo de informações, experiências, e oportunidades. Ninguém diria que um sistema de som de alta fidelidade ou uma câmara de televisão tivesse vindo à existência como resultado do acaso. Assim, como se poderia alegar que as tecnologias que existem no corpo humano, superiores às aquelas, poderiam ter surgido como resultado de uma cadeia de coincidências denominada evolução?

É evidente que o olho, o ouvido, e na realidade todas as demais partes do corpo humano, são o produto de uma criação bastante superior. Essas são indicações claras e cristalinas de uma criação singular e incomparável, feita por um Deus Criador de eterno poder e sabedoria.

A razão pela qual mencionamos aqui especificamente os sentidos da visão e da audição é a incapacidade de os evolucionistas compreenderem evidências da criação tão claras como essas. Se, em alguma oportunidade, você pedir a um evolucionista que lhe explique como a excelência desse projeto e dessa tecnologia tornou-se possível por acaso, no olho e no ouvido, você verá que ele não será capaz de lhe dar nenhuma resposta razoável ou lógica. Mesmo Darwin, em carta dirigida a Asa Gray em 3 de abril de 1860, escreveu que **o pensar sobre o olho o fazia enregelar**, e confessou o desespero dos evolucionistas em face da excelência do projeto dos seres vivos.⁽¹³⁴⁾

134. Norman Macbeth, "Darwin Retried: An Appeal To Reason". Boston: Gambit, 1971, p. 101.

Afirmações Evolucionistas e os Fatos

Em capítulos anteriores, examinamos a invalidade da Teoria da Evolução em termos do corpo de evidências encontradas nos fósseis, e sob o ponto de vista da biologia molecular. Neste capítulo, abordaremos numerosos fenômenos e conceitos biológicos que são apresentados como evidências teóricas pelos evolucionistas. Esses tópicos são particularmente importantes por mostrarem que não existem descobertas científicas que apoiem a evolução; pelo contrário, revelam a amplitude da distorção e do engano empregados pelos evolucionistas.

Variações e Espécies

O termo variação, usado em genética, refere-se a um evento genético que faz com que indivíduos ou grupos de um certo tipo de espécie abriguem diferentes características entre si. Por exemplo, todas as pessoas na Terra carregam basicamente a mesma informação genética, embora algumas pessoas tenham olhos puxados, outras tenham cabelos ruivos, e outros tenham nariz afilado, e ainda outras tenham pequena estatura, dependendo da amplitude do potencial de variação dessa informação genética.

Os evolucionistas apregoam que as variações dentro de uma espécie são evidências a favor da sua teoria. Entretanto, **variação não constitui evidência a favor da evolução porque as variações nada mais são do que a expressão de combinações diferentes da informação genética já existente, e não acrescentam nenhuma nova característica à informação genética.**

A variação sempre tem lugar dentro dos limites da informação genética. Na ciência esse limite é chamado de “*pool* gênico”. Todas as características presentes no *pool* gênico de uma espécie podem ser expressas sob formas diversas devido a variações. Por exemplo, como resultado de variação podem surgir em uma espécie de réptil variedades que tenham cauda relativamente mais longa, ou pernas mais curtas, pois tanto a informação para pernas longas e curtas, como para caudas longas e curtas, existem no *pool* gênico dos répteis. Entretanto, as variações não transformam répteis

em aves adicionando-lhes asas ou penas, ou mudando seu metabolismo. Mudanças como essas exigiriam um acréscimo na informação genética do ser vivo, o que de maneira alguma é possível nas variações.

Darwin não estava ciente desse fato quando formulou sua teoria. Ele julgava que não existia limite para as variações. Em um artigo escrito por ele em 1877 afirmou: **“A maioria dos autores supõe que exista um limite para a variação na natureza, mas não sou capaz de descobrir um único fato sobre o qual essa suposição se baseie”**.⁽¹³⁵⁾ No seu livro *“A Origem das Espécies”*, ele citou diferentes exemplos de variações como as mais importantes evidências a favor de sua teoria.

Por exemplo, de acordo com Darwin, os criadores de animais que hibridizavam diferentes variedades de gado para conseguir novas variedades que produzissem mais leite, chegariam finalmente a transformá-las em uma espécie diferente. A noção de Darwin sobre *“variação ilimitada”* é melhor vista no seguinte trecho de *“A Origem das Espécies”*:

Não consigo ver dificuldade para que uma raça de ursos torne-se, por seleção natural, cada vez mais aquática em seus hábitos, com bocas cada vez maiores, até ser produzida uma criatura tão gigantesca como a baleia.⁽¹³⁶⁾

A razão pela qual Darwin citou esse exemplo impactante foi a limitada compreensão da ciência em seus dias. A partir de então, no século XX, a ciência introduziu o princípio da **“estabilidade genética”** (ou homeostase genética) com base em resultados de experimentos efetuados com seres vivos. Esse princípio estabelece que todas as tentativas de hibridização efetuadas para produzir novas variações foram inconclusivas, e que

VARIAÇÃO DENTRO DE UMA ESPÉCIE NÃO É EVOLUÇÃO

No seu livro *“A Origem das Espécies”* Darwin confundiu dois conceitos: a variação dentro de uma espécie, e a emergência de uma nova espécie. Darwin, por exemplo, observou variedades de cães, e julgou que, no decorrer do tempo, um dia uma dessas variedades se tornaria uma espécie distinta. Ainda hoje os evolucionistas tentam apresentar variações dentro da mesma espécie como evolução. Mas é um fato científico que a existência de variação dentro de uma espécie não é evolução. Por exemplo, não importa quantas variedades de cães possam existir na natureza, ou desenvolvidas artificialmente, todas elas permanecerão sempre como cães. Não ocorrerá qualquer deslocamento no sentido de uma nova espécie.





BALEIAS EVOLUÍRAM A PARTIR DE URSOS?

No livro “A Origem das Espécies”, Darwin afirmou que as baleias evoluíram a partir de ursos que tentaram nadar! Darwin erroneamente supôs que as possibilidades de variações dentro da mesma espécie eram ilimitadas. A ciência do século XX mostrou que esse cenário evolutivo era imaginário.

existem **barreiras estreitas entre diferentes espécies de seres vivos**. Isso significa que é absolutamente impossível que criadores de animais convertam gado em uma espécie diferente mediante hibridização, como Darwin havia postulado.

Norman Macbeth, que refutou o Darwinismo, em seu livro *Darwin Retrial*, declara:

O âmago do problema é se de fato os seres vivos variam dentro de uma amplitude ilimitada. ... **As espécies apresentam-se estáveis**. Todos nós temos ouvido a respeito da decepção de hibridizadores que desenvolvem seu trabalho até certo ponto para então verificar que os animais ou plantas regridem ao que eram no início. Apesar de extenuantes esforços no decorrer de dois a três séculos, jamais foi possível produzir uma rosa azul ou uma tulipa negra.⁽¹³⁷⁾

Luther Burbank, considerado o mais competente hibridizador de todos os tempos, expressou esse fato ao declarar que “existem limites ao desenvolvimento possível, e esses limites obedecem uma lei.”⁽¹³⁸⁾ Ao tratar desse assunto, o cientista dinamarquês W. L. Johannsen comentou: As variações enfatizadas por Darwin e Wallace não podem ser impulsionadas seletivamente além de certo ponto, pois essa variabilidade não contém o segredo de um “distanciamento infinito”.⁽¹³⁹⁾

137. Norman Macbeth, “Darwin Retried: An Appeal To Reason”, Harvard Common Press, New York: 1971, p. 33.

138. *Ibid*, p. 36.

139. Loren Eiseley, “The Immense Journey”, Vintage Books, 1958. p. 227.

Aleagações evolucionistas sobre imunidade e resistência a antibióticos

Os evolucionistas propõem que a resistência a antibióticos que as bactérias desenvolvem, e a imunidade ao DDT que alguns insetos desenvolvem constituem evidências a favor da evolução. Eles alegam que esses são exemplos de resistência e imunidade adquiridas que foram provocadas por mutações que tiveram lugar nos seres vivos expostos a essas substâncias.

Tanto nas bactérias como nos insetos, essas características não constituem propriedades que foram adquiridas posteriormente contra o DDT ou antibióticos como resultado de mutações. Algumas das variedades desses seres vivos possuíam essas características antes de a população como um todo ter sido submetida à ação de antibióticos ou do DDT. A revista *Scientific American*, embora seja inteiramente evolucionista, fez a seguinte confissão em seu número de março de 1998:

Muitas bactérias possuíam genes resistentes mesmo antes de os antibióticos terem sido comercializados. Os cientistas não sabem exatamente porque esses genes evoluíram e foram mantidos.⁽¹⁴⁰⁾

Como pode ser visto, a informação genética que leva à resistência, e que existia anteriormente à exposição aos antibióticos, não consegue ser explicada pelos evolucionistas, e comprova que é falsa a alegação de sua teoria.

O fato de que bactérias resistentes estavam presentes anos antes da descoberta dos antibióticos é expresso na renomada publicação científica *Medical Tribune*, em seu número de 29 de dezembro de 1998 em um artigo relativo a um interessante acontecimento. Em estudo efetuado em 1986, foram encontrados, preservados no gelo, os cadáveres de alguns marinheiros que ficaram doentes e morreram durante uma expedição polar em 1845. Alguns tipos de bactérias comuns no século XIX foram encontrados nos cadáveres, e ao serem examinados, os pesquisadores surpreenderam-se por descobrir que eles eram resistentes a muitos antibióticos modernos que não haviam sido desenvolvidos antes do século XX.⁽¹⁴¹⁾

É um fato bastante conhecido nos círculos médicos que esta espécie de resistência estava presente em muitas populações de bactérias anteriormente à descoberta da penicilina. É, portanto, totalmente enganoso postular a resistência de bactérias como um desenvolvimento evolutivo. Então, como ocorre o processo da chamada “aquisição de imunidade bacteriana”?

140. Stuart B. Levy, “The Challenge of Antibiotic Resistance”, *Scientific American*, March 1998, p. 35.

141. *Medical Tribune*, December 29, 1988, pp. 1, 23.

Resistência de bactérias a antibióticos

As bactérias apresentam numerosas variações dentro de seus tipos. Algumas dessas variações abrigam a informação genética de serem resistentes a diferentes drogas ou outras substâncias químicas. Quando as bactérias, como um grupo todo, são expostas a certo tipo de droga, as que não são resistentes a ele são destruídas, enquanto que as resistentes sobrevivem e têm mais probabilidade de se reproduzir. As bactérias não resistentes logo desaparecem da população e são substituídas pelas que são resistentes, as quais então se reproduzem rapidamente. Resulta, em seguida, uma colônia bacteriana constituída somente de indivíduos resistentes àquele tipo de antibiótico, e daí em diante aquela droga específica torna-se ineficaz contra esse tipo de bactérias. O ponto crucial é que as bactérias são ainda as mesmas, e a espécie também.

É importante observar aqui que, contrariamente às alegações evolucionistas, não existe nenhum processo evolutivo ocorrendo, no qual bactérias estejam em mutação e convertam-se em cepas resistentes pela exposição a antibióticos, vindo assim a adquirir nova informação genética. O que está ocorrendo é somente a eliminação de variações particulares de bactérias de uma população onde coexistiam desde o início variações resistentes e não resistentes. Isso não caracteriza a emergência de uma nova espécie de bactéria – não é “evolução”. Pelo contrário, desaparecem uma ou mais das variações existentes, o que é exatamente um processo inverso, já que a informação genética está sendo perdida.

Imunidade de insetos ao DDT

Outro assunto que os evolucionistas procuram distorcer e apresentar como evidência favorável à evolução é a imunidade de insetos ao DDT, aparentemente “adquirida”, que já mencionamos no início deste capítulo. Essa imunidade desenvolve-se da mesma maneira que a resistência bacteriana aos antibióticos. A imunidade ao DDT não pode jamais ser dita como “adquirida” pelos indivíduos de uma população de insetos. Alguns desses insetos já eram imunes ao DDT. Após a descoberta do DDT, insetos que foram expostos a essa substância química, e que não tinham essa imunidade inerente, foram eliminados da população, o que equivale dizer que foram extintos. Os que eram imunes, e originalmente eram relativamente poucos na população, com o tempo aumentaram. Em seguida, toda aquela espécie de insetos tornou-se uma população cujos indivíduos eram todos imunes. Quando isso aconteceu, o DDT deixou de ser eficaz contra essa espécie de

insetos. Comumente, esse fenômeno é referido, embora incorretamente, como os insetos tendo adquirido imunidade ao DDT.

O biólogo evolucionista Francisco Ayala admite esse fato ao dizer que:

As variantes genéticas necessárias para a resistência às mais diversas espécies de pesticidas estavam, aparentemente presentes em cada uma das populações expostas a estes compostos feitos artificialmente.⁽¹⁴²⁾

Bem conscientes de que a maioria das pessoas não tem oportunidade de estudar microbiologia nem de pesquisar nesse campo, os evolucionistas apregoam mero engano no que concerne aos tópicos da resistência e da imunidade. Frequentemente, eles apresentam esses exemplos como evidências muito importantes a favor da evolução. Como já deve ter ficado bastante claro, nem a resistência das bactérias aos antibióticos, nem a imunidade dos insetos ao DDT, provêm evidências a favor da evolução. O que eles provêm são bons exemplos dos métodos de distorção e de engano a que os evolucionistas têm recorrido para justificar a sua teoria.

A Falácia dos Órgãos Vestigiais

Durante muito tempo, o conceito de “órgão vestigiais” frequentemente apareceu na literatura evolucionista como “evidência” a favor da evolução. Posteriormente, foi posto de lado silenciosamente quando foi comprovada a sua invalidade. Porém, alguns evolucionistas ainda acreditam nele e de tempos em tempos surge alguém tentando avançar o conceito de “órgãos vestigiais” como importante evidência a favor da evolução.

A noção de “órgãos vestigiais” foi lançada primeiramente cerca de um século atrás. Como colocado pelos evolucionistas, existiriam nos corpos de algumas criaturas numerosos órgãos não funcionais. Esses órgãos seriam herdados de progenitores e teriam sido gradualmente tornados vestigiais pelo desuso.

A hipótese toda não tem qualquer fundamento científico, e baseia-se inteiramente em conhecimento insuficiente. Esses “**órgãos não funcionais**” na realidade eram órgãos cujas “**funções não haviam ainda sido descobertas**”. A melhor indicação disso é a diminuição gradual, mas substancial, da longa lista de órgãos vestigiais feitas pelos evolucionistas. O próprio evolucionista S. R. Scadding, concorda com esse fato no artigo de sua autoria intitulado “Podem os órgãos vestigiais constituir evidência a favor da evolução?”, publicado na revista *Evolutionary Theory*:

142. Francisco J. Ayala, “The Mechanisms of Evolution”, *Scientific American*, Vol. 239, September 1978, p. 64.

Desde que não é possível identificar sem ambigüidade estruturas sem utilidade, e como a estrutura do argumento usado não é cientificamente válida, **concluo que os “órgãos vestigiais” não provêm qualquer evidência especial a favor da Teoria da Evolução.**⁽¹⁴³⁾

A lista de órgãos vestigiais que foi feita pelo anatomista alemão R. Wiedersheim em 1895 incluía aproximadamente 100 órgãos, inclusive o apêndice cecal e o cóccix. Com o progresso da ciência, foi descoberto que todos os órgãos constantes da lista de Wiedersheim na realidade tinham funções muito importantes no corpo. Por exemplo, descobriu-se que o apêndice cecal, suposto como “órgão vestigial”, de fato era um órgão linfóide que desempenha papel contra as infecções no corpo. Este fato foi esclarecido em 1997:

Outros órgãos e tecidos do corpo humano – timo, fígado, baço, **apêndice**, medula óssea, e alguns tecidos linfáticos como as amígdalas na garganta, e prega de Peyer no intestino delgado - também fazem parte do sistema linfático. Eles também **auxiliam o corpo a lutar contra as infecções**”.⁽¹⁴⁴⁾

Foi também descoberto que as **amígdalas**, incluídas na mesma lista de órgãos vestigiais, desempenham um papel significativo na proteção da garganta contra infecções, particularmente até a adolescência. Descobriu-se que o **cóccix**, na extremidade inferior da coluna vertebral sustenta os ossos em torno da bacia, sendo o ponto de convergência de alguns músculos menores.

Nos anos que se seguiram, compreendeu-se que o **timo** é o gatilho do sistema imuno no corpo humano, pela ativação das células T; que a **glândula pineal** encarregava-se da secreção de alguns hormônios importantes; que a **glândula tireóide** provê efetivo crescimento permanente em crianças e nenês, e que a **glândula pituitária** controla o funcionamento correto de muitas glândulas hormonais. Todos esses foram considerados como sendo “órgãos vestigiais”. A dobra semilunar no olho, que havia sido referida por Darwin como órgão vestigial, na realidade tem a função de limpar e lubrificar o globo ocular.

Houve um erro lógico muito importante nas alegações evolucionistas relativamente aos órgãos vestigiais. Como já explicado acima, a



Todos os exemplos de órgãos vestigiais foram refutados no decorrer do tempo. Por exemplo, a dobra semicircular do olho, que foi mencionada no livro “A Origem das Espécies” como sendo uma estrutura vestigial, mostrou-se hoje ser totalmente funcional, embora sua função fosse desconhecida na época de Darwin. Esse órgão lubrifica o globo ocular.

143. S. R. Scadding, “Do ‘Vestigial Organs’ Provide Evidence for Evolution?”, *Evolutionary Theory*, Vol. 5, May 1981, p. 173.

144. “The Merck Manual of Medical Information, Home edition”, New Jersey: Merck & Co., Inc. The Merck Publishing Group, Rahway, 1997.

alegação dos evolucionistas era de que os órgãos vestigiais nas criaturas foram herdados de seus progenitores. Entretanto, alguns dos alegados órgãos “vestigiais” não são achados nas espécies supostamente apontadas como ancestrais dos seres humanos! Por exemplo, o apêndice não existe em algumas espécies de símios que são consideradas ancestrais do homem. O famoso biólogo H. Enoch, que desafiou a teoria dos órgãos vestigiais, exprimiu esse erro lógico da seguinte forma:

Os macacos possuem apêndice, enquanto os seus parentes imediatos, os símios inferiores, não. E ele aparece novamente entre mamíferos como o gambá. Como podem os evolucionistas explicar isso?⁽¹⁴⁵⁾

Posto de maneira simples, o cenário dos órgãos vestigiais descortinados pelos evolucionistas contém numerosas e sérias falhas lógicas, e tem sido comprovado ser cientificamente falso. Não existe no ser humano nenhum órgão vestigial herdado, pois os seres humanos não evoluíram a partir de outros seres em resultado do acaso, mas foram criados em sua forma atual, completos e perfeitos.

O Mito da Homologia

Semelhanças estruturais entre diferentes espécies são chamadas de “*homologia*” na biologia. Os evolucionistas tentam apresentar essas semelhanças como evidências favoráveis à evolução.

Darwin pensava que as criaturas com órgãos semelhantes (homólogos) tinham relação evolutiva entre si, e que esses órgãos deviam ter sido herdados de um ancestral comum. De acordo com sua hipótese, os pombos e as águias tinham asas, e portanto tanto eles como todas as outras aves com asas supostamente haviam evoluído a partir de um ancestral comum.

A homologia é um argumento enganoso lançado com base em nenhuma outra evidência além da aparente semelhança física. Esse argumento nunca foi verificado em todo o tempo decorrido desde os dias de Darwin por sequer uma só descoberta concreta.

Em nenhuma camada geológica descobriu alguém um fóssil do imaginário ancestral comum de criaturas com estruturas homólogas. Além disso, os seguintes pontos deixam claro que a homologia não proporciona evidência alguma de que a evolução tenha ocorrido.

1. Encontram-se órgãos homólogos em criaturas de espécies completamente diferentes, entre as quais os evolucionistas não têm sido capazes de estabelecer qualquer tipo de relacionamento evolutivo;

145. H. Enoch, “Creation and Evolution”, New York: 1966, pp. 18-19.

2. Os códigos genéticos de algumas criaturas que possuem órgãos homólogos são significativamente distintos entre si;

3. O desenvolvimento embriológico de órgãos homólogos em criaturas diferentes é completamente distinto.

Examinemos agora um a um desses pontos.

Órgãos Semelhantes em Espécies Vivas Completamente Distintas

Existem numerosos órgãos homólogos compartilhados por espécies diferentes, entre as quais os evolucionistas não conseguem estabelecer qualquer tipo de relacionamento evolutivo. As asas são um exemplo. Além das aves, encontramos asas em morcegos, que são mamíferos, em insetos, e até mesmo em alguns dinossauros, que são répteis extintos. Nem mesmo os evolucionistas propõem um relacionamento evolutivo ou parentesco entre essas quatro diferentes classes de animais.

Outro impressionante exemplo é a surpreendente semelhança e similaridade estrutural observada nos olhos das diferentes criaturas. Os polvos, por exemplo, e o ser humano, são duas espécies extremamente diferentes, entre as quais não é provável nem mesmo propor um relacionamento evolutivo, no entanto os olhos de ambos são muito semelhantes em termos de estruturas e função. Nem mesmo os evolucionistas alegam que o homem e o polvo tiveram um ancestral comum que explicasse terem olhos semelhantes. Estes e numerosos outros exemplos confirmam que a alegação evolucionista de que “órgãos homólogos provam que as espécies vivas evoluíram de um ancestral comum” não tem fundamento científico..

Na realidade, os órgãos homólogos deveriam constituir um grande embaraço para os evolucionistas. As confissões do evolucionista Frank Salisbury sobre como espécies extremamente diferentes vieram a ter olhos bastantes semelhantes destacam o impasse da homologia:

Mesmo algo tão complexo como o **olho, surgiu diversas vezes**; por exemplo, na lula, nos vertebrados, e nos artrópodes. É bastante difícil explicar a origem do olho uma vez, porém **pensar sobre sua origem diversas vezes, de acordo com a moderna teoria sintética, faz minha cabeça girar.**⁽¹⁴⁶⁾

146. Frank Salisbury, “Doubts About the Modern Synthetic Theory of Evolution”, *American Biology Teacher*, September 1971, p. 338.

O Impasse Genético e Embriológico da Homologia

Para que a alegação evolucionista sobre a “homologia” seja levada em conta seriamente, órgãos (homólogos) em diferentes criaturas deveriam também estar codificados com códigos DNA semelhantes (homólogos). No entanto, eles não estão. Na maioria dos casos, a codificação genética é bastante diferente. Além disso, códigos genéticos semelhantes no DNA de criaturas distintas freqüentemente estão associados com órgãos completamente diferentes.

Michael Denton, professor australiano de bioquímica, em seu livro *Evolução: Uma Teoria em Crise* descreve o impasse genético da interpretação evolucionista da homologia: “**Estruturas homólogas freqüentemente são especificadas por sistemas genéticos não homólogos** e o conceito de homologia raramente pode ser estendido até a embriologia”.⁽¹⁴⁷⁾

Outro ponto é que, para a alegação de homologia ser considerada válida, o desenvolvimento embriológico (os estágios de desenvolvimento no ovo ou no útero materno) das espécies com órgãos homólogos deveria ocorrer paralelamente entre si. Na realidade, o desenvolvimento embriológico de tais órgãos é completamente diferente em cada espécie viva.

Para concluir, podemos dizer que a pesquisa genética e embriológica comprovou que o conceito de homologia definido por Darwin como “evidência da evolução dos seres vivos a partir de um ancestral comum”, de maneira alguma pode ser considerado como qualquer evidência. A esse respeito, pode-se dizer que a ciência comprovou a falsidade da tese darwinista numerosas e repetidas vezes.

Não validade da Alegação da Homologia Molecular

A proposição dos evolucionistas de que a homologia é evidência a favor da evolução não é válida não só no nível de órgãos, como também no nível molecular. Os evolucionistas afirmam que **os códigos de DNA ou estruturas protéicas** de diferentes espécies vivas são semelhantes, e que essa semelhança é evidência de que essas espécies vivas evoluíram a partir de ancestrais comuns, ou umas das outras. Por exemplo, é usualmente apregoado na imprensa evolucionista que “existe uma grande semelhança entre o DNA do ser humano e o DNA de um símio”, e essa semelhança é apresentada como prova da alegação evolucionista de que existe um relacionamento evolutivo entre homens e símios.

147. Michael Denton, “Evolution: A Theory in Crisis”. London, Burnett Books, 1985, p. 145.

O exemplo mais propagado desse tipo de argumento refere-se à presença de 46 cromossomos nos seres humanos e 48 em alguns símios, como os chimpanzés. Os evolucionistas encaram a proximidade do número de cromossomos entre espécies diferentes como evidência favorável a um relacionamento evolutivo. Entretanto, se esse argumento fosse verdadeiro, o homem teria um parente ainda mais próximo: a batata! O número de cromossomos na batata é também 46, que seria mais favorável ao relacionamento evolutivo do que o número de cromossomos do gorila ou do chimpanzé ... Em outras palavras, os seres humanos e as batatas têm o mesmo número de cromossomos, o que constitui um impressionante exemplo cômico de que as semelhanças de DNA não são evidências a favor de qualquer relacionamento evolutivo.

Por outro lado, **existem enormes diferenças moleculares entre criaturas que aparentam ser muito semelhantes e relacionadas.** Por exemplo, a estrutura do citocromo-C, uma das proteínas vitais para a respiração, é incrivelmente diferente em seres da mesma classe. De conformidade com pesquisas efetuadas sobre esse assunto, a diferença entre duas espécies de répteis é maior do que a diferença entre aves e peixes, ou entre peixes e mamíferos. Outro estudo mostrou que diferenças moleculares entre algumas aves são maiores do que as diferenças entre essas aves e mamíferos. Foi também descoberto que a diferença molecular entre bactérias que parecem ser muito semelhantes é maior do que a diferença entre mamíferos e anfíbios ou insetos.⁽¹⁴⁸⁾ Comparações análogas foram feitas nos casos da hemoglobina, mioglobina, hormônios e genes, obtendo-se conclusões similares.⁽¹⁴⁹⁾

A respeito dessa e outras descobertas relatadas, o Dr. Michael Denton comenta:

Cada classe no nível molecular é singular, isolada e sem ligações intermediárias. Assim, as moléculas, exatamente como os fósseis, falharam em proporcionar os intermediários ilusórios procurados pela biologia evolucionista há tanto tempo. ... **No nível molecular, nenhum organismo é “ancestral”, “primitivo” ou “avançado” relativamente a seus parentes.** ... Resta pouca dúvida de que, se essa evidência molecular estivesse disponível um século atrás, ... a idéia de evolução orgânica jamais teria sido aceita.⁽¹⁵⁰⁾



Professor Michael Denton:
“A Evolução é uma teoria em crise”.

148. W. R. Bird, “The Origin of Species Revisited”, Thomas Nelson Co., Nashville: 1991, pp. 98-99;

Percival Davis, Dean Kenyon, “Of Pandas and People”, Houghton Publishing Co., 1990, pp. 35-38.

149. W. R. Bird, “The Origin of Species Revisited”, pp. 98-99, 199, 202.

150. Michael Denton. “Evolution: A Theory in Crisis”. London: Burnett Books, 1985, pp. 290-91.

O Mito da Recapitulação Embriológica

O que se costumava chamar de “teoria da recapitulação” foi retirado da literatura científica há muito tempo, mas continua a ser apresentada como realidade científica em algumas publicações evolucionistas. O termo “recapitulação” é uma condensação do lema “A ontogenia recapitula a filogenia” lançado pelo biólogo evolucionista Ernst Haeckel no fim do século XIX.

Essa teoria lançada por Haeckel postula que os embriões dos seres vivos experimentam o processo evolutivo pelo qual passaram os seus supostos ancestrais. Sua teoria afirmava que, durante o desenvolvimento no útero materno, o embrião humano primeiro tinha as características de peixes, e então as de um réptil, e finalmente as de um ser humano.

Em anos posteriores, foi comprovado que essa teoria é completamente falsa. Sabe-se, hoje, que as “brânquias” que supostamente aparecem nos estágios iniciais do embrião humano são, de fato, fases iniciais do canal auditivo do ouvido médio, paratiróide e timo. A parte do embrião que foi associada ao “saco vitelino” mostrou-se ser uma bolsa que produz sangue para o embrião. A parte que havia sido identificada como “cauda” por Haeckel e seus seguidores na realidade é a espinha dorsal, que se parece com uma cauda somente porque começa a tomar forma antes das pernas.

Esses são fatos universalmente reconhecidos no mundo científico, e são aceitos mesmo por evolucionistas. George Gaylord Simpson, um dos fundadores do Neo-Darwinismo, escreveu:

Haeckel equivocou-se quanto ao princípio evolutivo envolvido. **Está firmemente estabelecido hoje que a ontogenia não recapitula a filogenia.**⁽¹⁵¹⁾

Em artigo publicado na revista *American Scientist* lemos: Certamente **a lei biogenética está mortinha-da-silva**. Finalmente ela foi exorcizada dos livros de biologia na década de 1950. Como tópico de investigação teórica séria ela já estava extinta na década de 1920 ...⁽¹⁵²⁾

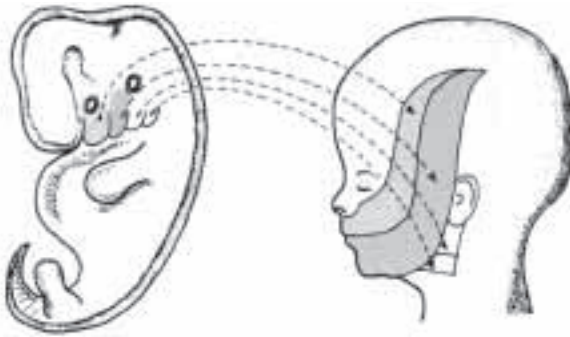


Haeckel foi um evolucionista ainda mais ardoroso do que Darwin, sob muitos aspectos. Por essa razão, não hesitou em distorcer os dados científicos e maquinar várias fraudes.

151. G. G. Simpson, W. Beck, “An Introduction to Biology”, New York, Harcourt Brace and World, 1965, p. 241.

152. Keith S. Thompson, “Ontogeny and Phylogeny Recapitulated”, *American Scientist*, Vol. 76, May / June 1988, p. 273.

EMBRIÕES HUMANOS NÃO TÊM FENDAS BRANQUIAIS



Haeckel foi um evolucionista ainda mais ardoroso do que Darwin, sob muitos aspectos. Por essa razão, não hesitou em distorcer os dados científicos e maquinar várias fraudes.

Outro aspecto interessante da “recapitulação” foi o próprio Ernst Haeckel, um charlatão que falsificou seus desenhos para apoiar a teoria proposta por ele. Suas falsificações pretendiam mostrar que os embriões humanos e dos peixes assemelhavam-se entre si. Ao ser descoberta sua fraude, a única defesa que ofereceu foi que outros evolucionistas haviam cometido fraudes semelhantes:

Após esta comprometedoras confissão de fraude, eu deveria obrigá-lo, a me considerar condenado e aniquilado, se não tivesse a consolação de ver-me na prisão lado a lado com centenas de companheiros cúmplices, entre os quais os mais confiáveis observadores e mais estimados biólogos. A grande maioria de todos os diagramas nos melhores livros textos de biologia, tratados e revistas, estariam incursos no mesmo grau de acusação de “fraude”, pois todos estão inexatos e são mais ou menos adulterados, esquematizados e construídos.⁽¹⁵³⁾

153. Francis Hitching, “The Neck of the Giraffe: Where Darwin Went Wrong”, New York: Ticknor and Fields 1982, p. 204.

A Teoria da Evolução: Uma Tendência Materialista

As informações que temos apresentado em todo esse livro nos mostram que a teoria da evolução não tem base científica e que, pelo contrário, as alegações do evolucionismo manifestamente entram em conflito com as descobertas científicas. Em outras palavras, o poder que sustenta a evolução não é a ciência. A evolução pode ser defendida por alguns “cientistas”, mas deve haver outro agente fundamental trabalhando.

Esse outro agente é a filosofia materialista.

A filosofia materialista é um dos sistemas de pensamento mais antigos na história. Sua característica mais básica é a consideração da matéria como absoluta. De acordo com essa filosofia, a matéria é infinita e tudo o que existe é composto de matéria e tão somente matéria. Essa abordagem necessariamente torna impossível acreditar num Criador. O materialismo, portanto, tem sido por muito tempo hostil a todos os tipos de crenças religiosas que pressupõem fé em Deus.

Então, a questão que surge é se o ponto de vista materialista está correto. Um método de testar se uma filosofia é verdadeira ou falsa é investigar as alegações dessa filosofia, que são relacionadas à ciência, utilizando o método científico. Por exemplo, um filósofo do século X poderia afirmar que havia uma árvore divina na superfície da Lua e que todos os seres vivos, na verdade, cresciam como frutas nos galhos dessa árvore enorme, e então caíam sobre a Terra. Algumas pessoas poderiam achar essa filosofia atraente e acreditar nela. Mas no século XX, uma época em que as pessoas conseguiram andar na Lua, não é possível dar apoio a tal filosofia. Se uma árvore como essa existe lá, ou não, pode ser determinado pelo método da ciência, ou seja, por observação e experiências.

Podemos portanto investigar por meio do método científico a alegação materialista: ou seja, que a matéria existiu por toda a eternidade e que essa matéria pode se organizar sem um Criador supra-material dando origem à vida. Quando fazemos isso, vemos que o materialismo já entrou em colapso, pois a idéia de que a matéria sempre existiu desde a eternidade foi destruída pela Teoria do Big Bang, que mostra que o Universo foi

criado a partir do nada. A alegação de que a matéria se organizou e deu origem à vida é o que chamamos de “Teoria da Evolução” - que este livro está examinando, e que também mostrou já ter entrado em colapso.

Contudo, se alguém estiver decidido a acreditar no materialismo colocando sua devoção na filosofia materialista antes de qualquer outra coisa, então ele age de outra forma. Se ele for **“primeiramente um materialista e depois um cientista”**, não abandonará o materialismo quando vir que a ciência desacreditou a evolução. Pelo contrário, tentará defender e salvar o materialismo tentando confirmar a evolução a qualquer custo. Essa é exatamente a condição em que os cientistas que defendem a teoria da evolução se encontram hoje.

De maneira bem interessante, eles também confessam esse fato de tempos em tempos. Geneticista afamado e evolucionista declarado, Richard C. Lewontin, da Harvard University, confessa que ele é “em primeiro lugar materialista e depois cientista” com essas palavras:

Não é que os métodos e instituições da ciência de alguma forma nos constroem a aceitar uma explicação material do mundo dos fenômenos, mas, pelo contrário, **pela nossa adesão a priori a causas materiais somos forçados a** criar um mecanismo de investigação e uma série de conceitos que produzam explicações materiais, não importa quão contra-intuitivo, não importa quão místico isto seja para os não-iniciados. **Além disso, o materialismo é absoluto, de forma que não podemos permitir sequer a aproximação de pegadas sobrenaturais.**⁽¹⁵⁴⁾

O termo “a priori” que Lewontin usa aqui é muito importante. Esse termo filosófico se refere a uma pressuposição não baseada em nenhum conhecimento experimental. Um conceito é aceito “a priori” quando você o considera correto e o aceita como tal, mesmo que não exista informação disponível quanto à correção dele. Como evolucionista, Lewontin manifesta francamente: o materialismo é um dado “a priori” para os evolucionistas, e eles tentam ajustar a ciência ao mesmo. Uma vez que o materialismo definitivamente precisa negar a existência de um Criador, esses cientistas adotam a única alternativa que têm em mãos, que é a teoria da evolução. Para eles não importa que a evolução tenha sido desacreditada pelos fatos científicos; tais cientistas a aceitaram “a priori” como correta.

Essa conduta imbuída de preconceitos leva os evolucionistas a acreditar que “a matéria inconsciente se constituiu a si mesma”, o que

154. Richard Lewontin, “The Demon-Haunted World”, *The New York Review Of Books*, January 9, 1997, p. 28.

é contrário não somente à ciência mas também à razão. O professor de química da New York University e perito em DNA Robert Shapiro, como citamos antes, explica essa crença dos evolucionistas e o dogma materialista que existe em sua base da forma seguinte:

Outro princípio evolutivo é pois necessário para eliminar o hiato entre as misturas de substâncias químicas naturais simples e o primeiro replicador eficaz. Esse princípio ainda não foi descrito em detalhes ou demonstrado, mas é previsto e tem recebido nomes tais como evolução química e **auto-organização da matéria**. **A existência desse princípio é aceita como certa na filosofia do materialismo dialético**, na forma como foi aplicada à origem da vida por Alexander Oparin.⁽¹⁵⁵⁾

A propaganda evolucionista, com a qual constantemente nos deparamos nos principais órgãos da mídia ocidental e nas formosas e “apreciadas” revistas científicas, é resultado dessa necessidade ideológica. Já que a evolução é considerada como indispensável, ela tornou-se um tabu nos círculos que estabelecem os padrões da ciência.

Há cientistas que se acham numa posição em que são forçados a defender a imposição desta teoria artificial, ou pelo menos a evitar pronunciar-se contra ela, a fim de manter suas reputações. Os acadêmicos dos países ocidentais são obrigados a ter seus artigos publicados em certas revistas científicas para alcançar e ocupar cargo na carreira docente. Todas as revistas que tratam de biologia estão sob o controle de evolucionistas, e eles não permitem que nenhum artigo anti-evolucionista apareça nelas. Portanto, todo biólogo tem que conduzir seus estudos sob o prisma dessa teoria. Eles assim ficam fazendo parte da ordem estabelecida com referência à evolução como uma necessidade ideológica, razão pela qual cegamente defendem todas as “coincidências impossíveis” que examinamos nesse livro até agora.

Confissões Materialistas

O biólogo alemão Hoimar von Dithfurt, evolucionista famoso, é um bom exemplo dessa fanática compreensão materialista. Depois de Dithfurt citar um exemplo da extremamente complexa composição da vida, ele continua dizendo o seguinte a respeito da questão de isso poder ter surgido ou não por acaso:

155. Robert Shapiro, “Origins: A Skeptics Guide to the Creation of the Life on Earth”. Summit Books, New York: 1986, p. 207.

DARWINISMO E MATERIALISMO

A única razão pela qual a teoria de Darwin ainda é defendida, apesar de sua refutação óbvia pela ciência, é a ligação estreita entre essa teoria e o materialismo. Darwin aplicou a filosofia materialista às ciências naturais e os defensores dessa filosofia, a maioria marxistas, continuam defendendo o Darwinismo a qualquer custo.

Um dos defensores contemporâneos mais famosos da Teoria da Evolução, o biólogo Douglas Futuyama, escreveu: “Juntamente com a teoria materialista marxista da história ... a teoria darwinista da evolução constituiu uma viga mestra na plataforma do mecanicismo e do materialismo.” Essa é uma revelação muito clara de por que a teoria da evolução é na verdade tão importante para os seus defensores.¹

Outro evolucionista famoso, o paleontólogo Stephen J. Gould disse: “Darwin aplicou uma consistente filosofia do materialismo à sua interpretação da natureza”.² Leon Trotsky, uma das inteligências dominantes da Revolução Comunista Russa, junto com Lenin, comentou: “A descoberta de Darwin foi o maior triunfo da dialética em todo o campo da matéria orgânica”.³ Contudo, a ciência tem mostrado que o darwinismo não foi uma vitória para o materialismo, mas em vez disso um sinal da destruição dessa filosofia.

1 Douglas Futuyama, “Evolutionary Biology”, segunda ed., Sunderland, MA: Sinauer, 1986, p. 3

2 Alan Woods e Ted Grant, “Marxism and Darwinism”, “Reason in Revolt: Marxism and Modern Science”, London, 1993

3 Alan Woods e Ted Grant. “Marxism and Darwinism”, London, 1993



Na realidade, é possível tal harmonia surgir somente por coincidências? Essa é a questão básica de toda a evolução biológica. Responder a essa pergunta como “Sim, é possível” é algo como demonstrar fé na ciência moderna da natureza. Falando criticamente, podemos dizer que alguém que aceita a ciência moderna da natureza não tem outra alternativa a não ser dizer “sim”, porque almejaria explicar os fenômenos naturais por métodos compreensíveis e tentar deduzi-los a partir das leis da natureza sem apelar à interferência metafísica. Contudo, a essa altura, explicar tudo pelas leis da natureza, ou seja, por coincidências, é um sinal de que a pessoa não tem outra alternativa, porque o que se poderia fazer em vez de acreditar em coincidências?⁽¹⁵⁶⁾

156. Hoimar Von Dithfurt, “Im Anfang war der Wasserstoff” (“Secret Night of the Dinosaurs”), vol. 2, p. 64.

É verdade. Como Dithfurt declara, a abordagem científica materialista adota como princípio básico explicar a vida negando a “interferência sobrenatural”, ou seja, a criação. Uma vez adotado esse princípio, mesmo as possibilidades mais incríveis são facilmente aceitas. É possível encontrar exemplos dessa mentalidade dogmática em quase toda a literatura evolucionista. O Professor Ali Demirsoy, famoso defensor da teoria evolucionista na Turquia, é somente um entre muitos outros. Como identificamos nas páginas anteriores, de acordo com Demirsoy: a probabilidade de formação coincidente de Citocroma-C, como proteína essencial para a vida, é **“tão improvável quanto a possibilidade de um macaco escrever a história da humanidade numa máquina de escrever, sem cometer nenhum erro”**.⁽¹⁵⁷⁾

Não há dúvida de que aceitar essa possibilidade é realmente opor-se aos princípios básicos da razão e do senso comum. Mesmo que uma única carta tenha sido escrita corretamente numa página, evidentemente ela foi escrita por uma pessoa. Quando se vê um livro de história universal, torna-se ainda mais evidente que o livro foi escrito por um escritor: ninguém com perfeito raciocínio concordaria que as letras de um livro tão grande poderiam ter sido colocadas juntas “por acaso”.

Contudo, é muito interessante perceber que o “cientista evolucionista” Prof. Ali Demirsoy aceita esse tipo de proposição irracional:


Em essência, a probabilidade da formação de uma seqüência de Citocroma-C é nula. Porém, se a vida exige uma certa seqüência, pode-se dizer que ela tem uma probabilidade plausível de ter sido obtida uma vez em todo o universo. Por outro lado, algumas **forças metafísicas** além da nossa definição devem ter agido em sua formação. **Aceitar isso não é apropriado no âmbito da ciência.** Devemos, portanto, examinar a primeira hipótese.⁽¹⁵⁸⁾

Demirsoy continua, dizendo que aceita a impossibilidade a fim de “não aceitar forças metafísicas”, ou seja, a fim de não aceitar a criação por Deus. É claro que esta abordagem não é científica. Demirsoy cita outro assunto: a origem da mitocôndria na célula, e admite abertamente sua aceitação da explicação baseada em coincidências, embora isso seja “bem contrário ao pensamento científico”.

157. Ali Demirsoy, “Kalitim ve Evrim” (“Inheritance and Evolution”), Ankara: Meteksan Publishing Co., 1984, p. 61.

158. *Ibid.*, p. 61.

A Morte do Materialismo



Formando fundamento filosófico da Teoria da Evolução, o materialismo do século XIX sugeria que o universo existiu desde a eternidade, que não havia sido criado, e que o mundo orgânico podia ser explicado em termos das interações da matéria. As descobertas científicas do século XX, entretanto, invalidaram completamente essas hipóteses.

A suposição de que o universo existiu desde a eternidade foi jogada por terra pela descoberta de que o universo se originou de uma grande explosão (o assim chamado "Big Bang") que teria ocorrido aproximadamente há 15 bilhões de anos. O Big Bang mostra que todas as substâncias do universo se formaram a partir do nada: em outras palavras, elas foram criadas. Um dos maiores defensores do materialismo, o filósofo ateuista Anthony Flew reconhece:

Notoriamente, a confissão é boa para a alma. Começarei portanto confessando que o ateuista stratoniciano (*seguidor da filosofia de Stratou de Lampsacus, peripatético*) tem que ficar perturbado pelo consenso cosmológico contemporâneo (Big Bang), visto que parece que os cosmólogos estão dando uma prova científica ... de que o universo teve um começo.¹

O Big Bang também mostra que em cada estágio, o universo foi moldado por uma criação controlada. Isso é deixado claro pela ordem que sucedeu ao Big Bang, que foi muito perfeita para ter sido formada a partir de uma explosão descontrolada. O famoso físico Paul Davies explica essa situação:

É difícil resistir à impressão de que a estrutura atual do universo, aparentemente tão sensível a mínimas alterações nos valores das constantes físicas fundamentais, foi cuidadosamente pensada ... A coincidência aparentemente miraculosa de valores numéricos que a natureza imputou às suas constantes fundamentais deve permanecer como evidência compulsiva a favor de um projeto cósmico.²

A mesma realidade faz George Greenstein, professor de astronomia americano, dizer:

À medida que pesquisamos todas as evidências, ocorre insistentemente o pensamento de que algum agente sobrenatural - ou melhor, um Agente - deve estar envolvido.³

Assim, a hipótese materialista de que a vida pode ser explicada somente em termos de interações da matéria também desmoronou em face das descobertas da ciência. Principalmente, a origem da informação genética, que determina todos os seres vivos, não pode ser explicada de nenhuma outra forma por qualquer agente puramente material. Um dos principais defensores da Teoria da Evolução, George C. Williams, admite esse fato, num artigo que escreveu em 1995:

Os biólogos evolucionistas não conseguiram imaginar que eles trabalham com dois âmbitos mais ou menos incomensuráveis: aquele da informação e aquele da matéria ... o gene é um pacote de informações, não um objeto ... Esses poucos descritores fazem com que a matéria e a informação sejam dois âmbitos separados de existência, que têm que ser discutidos separadamente, em seus próprios termos.⁴

Essa situação é uma evidência da existência de uma Sabedoria supra-material, que traz à existência a informação genética. É impossível para a matéria produzir informação em si mesma. O Professor Werner Gitt, diretor do *German Federal Institute of Physics and Technology*, observa:

Todas as experiências indicam que é necessário um ser racional que exerça pela sua vontade seu próprio livre arbítrio, conhecimento e criatividade. Não há lei conhecida da natureza, nenhum processo conhecido, e nenhuma sequência conhecida de eventos, que possam fazer com que a informação se origine por si mesma na matéria.⁵

Todos esses fatos científicos ilustram que o universo e todos os seres vivos são criados por um Criador que tem poder e conhecimento eternos, ou seja, por Deus. Com relação ao materialismo, Arthur Koestler, um dos filósofos mais renomados do século vinte diz: "não se pode mais afirmar que ele seja uma filosofia científica".⁶

1 Henry Margenau, Roy A. Vargesse, "Cosmos, Bios", Theo La Salle IL: Open Court Publishing, 1992, p. 241.

2 Paul Davies, "God and the New Physics". New York: Simon Schuster, 1983, p. 189.

3 Hugh Ross, "The Creator and the Cosmos". Colorado Springs. Co: Nav-Press, 1993, pp. 114-15.

4 George C. Williams, "The Third Culture: Beyond the Scientific Revolution", New York, Simon & Schuster, 1995, pp. 42-4.

5 Werner Gitt, "In the Beginning Was Information". CLV, Bielefeld, Alemanha, p. 107, 141.

6 Arthur Koestler, "Janus: A Summing Up", New York, Vintage Books, 1978, p. 250.

O âmago do problema é como a mitocôndria adquiriu essa configuração, porque conseguir isso por acaso mesmo que uma só vez, requer probabilidades extremas, que são incompreensíveis. ... As enzimas que provêm a respiração e que funcionam como um catalisador em cada passo em uma forma diferente compõem o núcleo do mecanismo. Uma célula tem que incluir essa seqüência de enzimas completamente, sem o que ela não tem sentido. Aqui, a **despeito de ser contrário ao pensamento biológico**, a fim de evitar uma explicação mais dogmática ou especulação, temos que aceitar, ainda que de forma relutante, que todas as enzimas da respiração **existiam completamente na célula** antes de a primeira célula entrar em contato com o oxigênio.⁽¹⁵⁹⁾

A conclusão a ser tirada dessas afirmações é que a evolução não é, de nenhum modo, uma teoria baseada na investigação científica. Pelo contrário, a forma e a substância dessa teoria foram prescritas pelos requisitos da filosofia materialista. Ela então se transformou numa crença ou dogma, a despeito de fatos científicos concretos. Novamente, podemos ver claramente pela literatura evolucionista que todo esse esforço evolucionista realmente tem um “propósito”. E esse propósito é evitar qualquer crença de que todos os seres vivos foram criados por um Criador.

Os evolucionistas definem esse propósito como “científico”. Contudo, referem-se não à ciência mas à filosofia materialista. O materialismo rejeita completamente a existência de qualquer coisa “além” da matéria (ou de qualquer coisa sobrenatural). A própria ciência não é obrigada a aceitar tal dogma. Ela se dispõe a explorar a natureza e a tirar conclusões a partir das descobertas feitas. Se essas descobertas levam à conclusão de que a natureza foi criada, a ciência tem que aceitá-la. Esse é o dever de um verdadeiro cientista; não defender argumentos impossíveis apegando-se a dogmas materialistas obsoletos do século XIX.

Materialistas, Religião Falsa e Religião Verdadeira

Até agora, examinamos como os grupos devotados à filosofia materialista desordenam a ciência, como eles iludem as pessoas para defender suas fábulas evolucionistas, nas quais eles acreditam cegamente, e como eles dissimulam a realidade. Dito isso, também temos que admitir que esses grupos materialistas prestam um “serviço” significativo, embora não intencionalmente.

159. *Ibid*, p. 94.

Eles prestam esse “serviço”, pelo qual procuram justificar seus próprios pensamentos incorretos e ateístas, expondo toda a insensatez e todas as inconsistências do pensamento tradicionalista e intolerante que é atribuído ao Islamismo (e ao Cristianismo). Os ataques dos círculos materialistas e ateístas ajudaram a revelar a existência de uma religião que não tem a menor relação com o Corão ou o Islamismo (e com a Bíblia e o Cristianismo); que depende de informação sem confirmação, superstição, e palavreado vão; e que não tem argumentos consistentes para expor. Dessa forma, têm sido expostas todas as inconsistências, discrepâncias e falta de lógica da religião falsa defendida por esses grupos insinceros que agem erradamente em nome do Islamismo (e do Cristianismo) sem qualquer base em evidências válidas.

Assim, os materialistas ajudam muitas pessoas a compreender a obscuridade da mentalidade fanática baseada na tradição, e as encorajam a procurar a essência e a fonte verdadeira da religião, procurando e estudando o Corão (ou a Bíblia). Embora não seja sua intenção, esses materialistas prestam um serviço a Deus e Sua religião.

Além disso, eles revelam a mediocridade da mentalidade que expõe uma religião falsa inventada em nome de Deus e apresentada como Islamismo (ou Cristianismo) para todos, e ajudam a enfraquecer a influência desse sistema fanático que ameaça a maior parte da sociedade.

Conseqüentemente, com ou sem vontade, e conforme seu destino, eles se tornam o modo pelo qual a lei de Deus sobre Sua sustentação da verdadeira religião induzindo os antagonistas da religião a agirem um contra o outro torna-se verdadeira. A lei de Deus é declarada no Corão como a seguir:

“E se Deus não avalia-se um grupo de pessoas mediante outro grupo, certamente a Terra estaria cheia de maldade” (Surat al Baqara, 251)

A essa altura, pensamos que seja necessário deixar uma porta aberta para alguns defensores do pensamento evolucionista materialista. Essas pessoas podem ter publicado resultados de suas pesquisas feitas honestamente, não obstante tenham sido afastadas da verdadeira religião, sob a influência de palavras vãs produzidas em nome do Islamismo (ou do Cristianismo), falsidades fabricadas em nome de Maomé (ou dos profetas), e histórias sem comprovação, às quais estiveram sujeitas desde a sua infância, e assim nunca tiveram a oportunidade de descobrir a verdade por si mesmas. Elas podem ter aprendido religião a partir de livros de oponentes da religião que tentam identificar o Islamismo (e o Cristianismo) com falsidades e falácias que não estão presentes no Corão

(nem na Bíblia), e com o tradicionalismo e o fanatismo. A essência e origem do Islamismo (e do Cristianismo) são bem diferentes e, além do mais, completamente incompatíveis com tudo que foi ensinado a elas. Por essa razão, sugerimos que elas peguem o Corão (e a Bíblia) assim que possível e leiam o livro de Deus com o coração aberto e uma visão consciente e sem preconceito, e aprendam a religião original a partir de sua fonte verdadeira. Se elas precisarem de ajuda, podem recorrer aos livros escritos pelo autor deste livro, Harun Yahya, nos conceitos básicos do Corão (ou à Sociedade Criacionista Brasileira).

Meios de Comunicação: Campo Fértil para a Evolução

Como foi demonstrado pelo que até aqui examinamos, a Teoria da Evolução não se fundamenta em bases científicas. Entretanto, a maioria das pessoas no mundo todo não está consciente disso, e supõe que a evolução é um fato científico. A maior razão para esse engano é a doutrinação sistemática e a propaganda dirigida pelos meios de comunicação a favor da evolução. Por esta razão, temos também de mencionar as características peculiares dessa doutrinação e propaganda.

Ao examinarmos cuidadosamente os meios de comunicação ocidentais, freqüentemente nos deparamos com notícias referentes à Teoria da Evolução. Organizações que lideram a “mídia” e revistas bastante conhecidas e “respeitáveis” periodicamente trazem à tona esses assuntos. Ao examinarmos a sua abordagem, tem-se a impressão de que essa Teoria é um fato absolutamente comprovado, sem qualquer margem para discussão.

O cidadão comum, lendo esse tipo de notícias, naturalmente passa a pensar que a Teoria é um fato tão certo como uma lei matemática. Notícias dessas que aparecem na grande máquina de comunicação social são também transmitidas pelos meios de comunicação locais. Com grandes letras apresentam manchetes como as seguintes: “De acordo com a revista *Time*, foi descoberto um novo fóssil que preenche a descontinuidade do registro fóssil”; ou “*Nature*” indica que os cientistas lançaram luz sobre os últimos questionamentos feitos à Teoria da Evolução”. A descoberta do “último elo perdido da cadeia evolutiva” nada significa, pois nada existe que comprove a evolução. Tudo que se mostra como evidência a favor da evolução é falso, como descrevemos nos capítulos anteriores. O que foi dito sobre os meios de comunicação permanece válido também para os livros de biologia, enciclopédias, e materiais instrucionais.

Em resumo, tanto os meios de comunicação como os círculos acadêmicos, que estão à disposição dos centros de poder anti-religiosos, mantêm um ponto de vista inteiramente evolucionista, e o impõem à sociedade. Essa imposição é tão eficiente que, no decorrer do tempo, transformou a evolução em uma idéia que jamais deverá ser rejeitada.

PROPAGANDA EVOLUCIONISTA



Revistas de divulgação científica, tendo assumido a liderança da propaganda evolucionista, desempenham um importante papel para levar o público a aceitar a Teoria da Evolução.

Negar a evolução é visto como contraditório à ciência, e como desprezo às realidades fundamentais. Isto porque, não obstante as muitas deficiências que têm sido expostas (especialmente a partir de 1950) e o fato de que elas têm sido até mesmo confessadas pelos próprios cientistas evolucionistas, hoje é completamente impossível achar qualquer crítica à evolução nos círculos científicos ou nos meios de comunicação.

Amplamente aceitos como os mais “respeitáveis” veículos de divulgação da biologia e da natureza, revistas como *Scientific American* (agora em edição em Português), *Nature*, *Focus*, e *National Geographic* (esta também já em Português) adotam a Teoria da Evolução como ideologia oficial e tentam apresentá-la como fato comprovado.

Mentiras Entrelaçadas

Os evolucionistas tiram muita vantagem do uso de programas de “lavagem cerebral” proporcionados pelos meios de comunicação. Muitas pessoas acreditam tão incondicionalmente na evolução que nem sequer se movem a perguntar “como” e “por que”. Isso significa que os evolucionistas conseguem embalar suas falsidades de maneira facilmente persuasória.

FÁBULAS DOS EVOLUCIONISTAS

Como certa vez observado por um proeminente cientista, a evolução é um conto de fadas para adultos. Ela constitui um cenário totalmente não-científico e irracional, que sugere que a matéria inerte possui algum tipo de poder mágico e inteligência para criar formas de vida complexas. Esta longa história contém algumas fábulas bastante interessantes sobre alguns assuntos específicos. Uma dessas fábulas evolucionistas curiosas é a que fala da “evolução da baleia”, que foi publicada na revista *National Geographic*, amplamente respeitada como uma das mais sérias publicações de divulgação científica do mundo:

A ascendência da baleia até atingir seu enorme tamanho aparentemente começou há 60 milhões de anos, quando mamíferos quadrúpedes peludos, procurando alimento ou abrigo, aventuraram-se mar a dentro. Ao se passarem os éons de tempo, ocorreram lentamente alterações. As patas traseiras desapareceram, as dianteiras transformaram-se em nadadeiras, os pelos deram lugar a um espesso manto liso de gordura, as narinas deslocaram-se para o alto da cabeça, a cauda alargou-se formando caudas estriadas e, flutuando no mundo aquático, o corpo tornou-se enorme. ⁽¹⁾

Além do fato de que não há sequer uma base científica para cada uma dessas afirmações, ocorrências como essas contrariam também os princípios da natureza. Esta fábula publicada na *National Geographic* é notável por ser indicativa da extensão das falsidades publicadas em revistas evolucionistas aparentemente sérias.

Outra fábula dos evolucionistas digna de nota é sobre a origem dos mamíferos. Os evolucionistas defendem que os mamíferos se originaram de um réptil ancestral. Porém, quando chegam a explicar os detalhes dessa suposta transformação, surgem interessantes narrativas. Aqui está uma delas:

Alguns dos répteis das regiões mais frias começaram a desenvolver um método de manter quente o seu corpo. A sua geração de calor aumentou no frio, e sua perda de calor diminuiu quando as escamas se tornaram menores e mais ponteadas, e evoluíram tornando-se pelos. O suor foi também uma adaptação para regular a temperatura do corpo, um dispositivo para resfriar o corpo quando necessário, pela evaporação de água. Incidentalmente, porém, os filhotes desse réptil começaram a sugar o suor da mãe, para se alimentarem. Certas glândulas sudoríferas começaram a secretar um fluido cada vez mais rico, que em seguida tornou-se leite. Assim, os filhotes desses primeiros mamíferos puderam ter melhores condições no início de sua vida. ⁽²⁾

A idéia de que um alimento tão bem planejado como o leite pudesse originar-se de glândulas sudoríferas e todos os outros detalhes acima são exatamente produções bizarras da imaginação evolutiva, sem qualquer base científica.

(1) Victor B. Scheffer, “Exploring the Lives of Whales”, *National Geographic*, vol. 50, Dezembro 1976, p. 752.

(2) George Gamow, Martynas Ycas. “Mr. Tompkins Inside Himself”, Londres: Allen & Unwin, 1968, p. 149.

Por exemplo, mesmo nos livros evolucionistas mais “científicos”, a “transição da água para a terra”, que é um dos maiores fenômenos da evolução, é “explicado” com ridícula simplificação. De acordo com a evolução, a vida originou-se na água, e os primeiros animais desenvolvidos foram os peixes. A teoria afirma que um dia esses peixes começaram a se deslocar para a terra por uma razão qualquer (na maioria das vezes se diz que a razão teria sido a seca), e aconteceu que o peixe que escolheu viver em terra desenvolveu pés no lugar das nadadeiras, e pulmões em vez de guelras.

A maioria dos livros evolucionistas não fala sobre o “como” da questão. Mesmo nos círculos mais “científicos” o absurdo das asserções esconde-se atrás de expressões como “a transição da água para a terra foi conquistada”.

Como essa transição foi efetuada? Sabemos que um peixe não pode viver mais do que poucos minutos fora d’água. Se supusermos que a seca imaginada tivesse ocorrido e que os peixes tivessem se deslocado em direção à terra, o que teria acontecido a eles? A resposta é evidente. Todos os peixes que saíssem da água morreriam, um a um, em poucos minutos. Mesmo que esse processo tivesse durado dez milhões de anos, a resposta ainda seria a mesma: os peixes morreriam um a um! A razão é que um órgão tão complexo como o pulmão não pode surgir por um “acidente” repentino, isto é, por mutação. Porém, um meio-pulmão, por outro lado, é completamente inútil.

Entretanto, é exatamente isso que os evolucionistas propõem. “**Transição da água à terra**”, “**transição da terra ao ar**”, e muitos outros saltos imaginários “explicam-se” desta maneira sem lógica alguma. Quanto à formação de órgãos tão mais complexos, como o olho e o ouvido, os evolucionistas preferem nada dizer.

É fácil influenciar o cidadão comum com a embalagem de “ciência”. Desenha-se um quadro imaginário representando a transição de água à terra, inventam-se palavras em Latim para designar o animal aquático e seus “descendentes” em terra, bem como as “formas de transição intermediárias” (ou seja, animais imaginários), e fabrica-se então uma mentira sofisticada: “O *Eusthenopteron* transformou-se inicialmente em Crossopterígio Rhipitístio, e depois em *Ichthyostega*, durante um longo processo evolutivo”. Essa palavras pronunciadas por um cientista de óculos em lentes espessas, e com um avental branco conseguiriam convencer muitas pessoas porque os meios de comunicação, que se dedicam à promoção da evolução, anunciariam essas boas novas para o mundo com o maior entusiasmo.

Conclusão: A Evolução é um Engano

Existem muitas outras evidências, bem como leis científicas, que invalidam a evolução, porém neste livro foi possível discutir apenas algumas dentre elas. Mesmo assim, estas deveriam ser suficientes para revelar uma verdade de grande importância: Embora disfarçada como ciência, a Teoria da Evolução nada mais é do que um engano – um engano defendido somente para beneficiar a filosofia materialista; um engano baseado não na ciência, mas na lavagem cerebral, na propaganda e na fraude.

Podemos resumir o que observamos até aqui da seguinte maneira:

A Teoria da Evolução Entrou em Colapso

A Teoria da Evolução é uma teoria que falha já nos seus passos iniciais. A razão é que os evolucionistas são incapazes de sequer explicar a formação de uma simples proteína. Nem as leis da probabilidade, nem as leis da física e da química permitem qualquer possibilidade de formação da vida ao acaso.

Quando nem mesmo pode vir a existir uma simples proteína por acaso, pareceria lógico ou razoável que milhões dessas proteínas se combinassem ordenadamente para produzir uma célula de um ser vivo, e que bilhões de células fossem formadas e depois dispostas ao acaso para produzir um ser vivo, e que daí fossem gerados peixes que depois passassem à terra firme tornando-se répteis e aves, e que assim tivessem se formado todas as milhões de espécies diferentes existentes na Terra?

Mesmo que isto não lhe pareça lógico, os evolucionistas acreditam nesta fábula.

Porém o fazem meramente porque crêm – ou melhor, têm fé – pois não têm um pinga de evidência que possa apoiar esta sua história. Jamais eles descobriram uma única forma de transição, como por exemplo meio-peixe / meio-réptil, ou meio-réptil / meio-pássaro. Nem têm sido capazes de provar que uma proteína, ou mesmo uma simples molécula de aminoácido que compõe uma proteína, pudesse ter-se formado nas supostas condições

de uma Terra primitiva. Nem mesmo em seus laboratórios equipados sofisticadamente conseguiram ser bem sucedidos nesse objetivo. Ao contrário, mediante seus esforços, os próprios evolucionistas demonstraram que jamais ocorreu, nem poderia ter ocorrido na terra qualquer processo evolutivo, em qualquer tempo.

A Evolução Também Não Pode Ser Verificada No Futuro.

Ao se depararem com isso, resta aos evolucionistas apenas consolarem-se com o sonho de que a ciência, em alguma ocasião futura, oportunamente resolverá todos esses dilemas. Entretanto, não está em questão se a ciência conseguiria verificar uma alegação tão ilógica e inteiramente sem fundamentação, independentemente de quantos anos fossem necessários. Ao contrário, à medida em que a ciência progride, ela tão somente torna mais claro e mais simples o contrassenso das alegações evolucionistas.

Assim tem sido até hoje. À medida em que mais detalhes sobre a estrutura e as funções da célula viva foram sendo descobertas, tornou-se abundantemente claro que a célula não é uma composição simples, formada ao acaso, como se pensava na concepção biológica dos tempo de Darwin.

Com uma situação tão auto evidente, negar o fato da criação, e apoiar a origem da vida em coincidências extremamente improváveis, e ainda defender essas alegações com insistência, poderá mais tarde tornar-se fonte de grande humilhação. Quando a face real da Teoria da Evolução tornar-se mais visível, e a opinião pública começar a divisar a verdade, não demorará muito até que os cegos e fanáticos advogados da evolução deixem de se manifestar.

O Maior Obstáculo à Evolução: A Consciência

Existem numerosas espécies na natureza que são parecidas entre si. Por exemplo, podem existir muitos seres vivos parecidos com o cavalo, ou com gato, e numerosos insetos assemelham-se entre si. Essas similaridades não surpreendem ninguém.

As similaridades exteriores entre o homem e os símios, entretanto, atraem bastante atenção. O interesse despertado às vezes vai tão longe que faz com que pessoas acreditem na falsa tese da evolução. Na realidade, as similaridades exteriores entre seres humanos e símios nada significam. O besouro chifrudo e o rinoceronte também têm certas semelhanças externas,

mas seria ridículo procurar estabelecer alguma espécie de elo evolutivo entre essas duas criaturas (um inseto e um mamífero) com base nessas semelhanças.

À parte a similaridade exterior, os símios não podem ser considerados como mais próximos do homem do que outros animais. Realmente, se considerarmos o nível de inteligência, poderiam ser considerados mais próximos do homem a abelha que produz a estrutura geometricamente notável dos favos, ou a aranha que constrói a estrutura das suas teias. Ambas, sob certos aspectos, são mesmo superiores ao homem.

Existe uma enorme diferença entre o homem e o símio, não obstante sua mera semelhança exterior. O símio é um animal, não diferente do cavalo ou do cão com relação ao seu nível de consciência. O homem, porém, é um ser consciente, voluntarioso, que pode pensar falar, entender, julgar e decidir. Todas essas características são funções da consciência que o homem possui. A consciência é a diferença mais importante que estabelece um enorme hiato entre o homem e outra criatura. Nenhuma similaridade física consegue eliminar esse hiato entre o homem e outros seres vivos. Em toda a natureza, o único ser vivo com consciência é o homem.

Deus Cria de Conformidade com Sua Vontade

Importaria se o cenário proposto pelos evolucionistas realmente tivesse ocorrido? Nem um pouco! A razão é que cada estágio proposto pela Teoria da Evolução, baseado em coincidências, somente poderia ter ocorrido em resultado de um milagre. Mesmo que a vida tivesse surgido através de uma sucessão de estágios graduais, cada estágio somente poderia ter-se realizado mediante a ação de uma vontade consciente. Não é somente implausível que esses estágios pudessem ter ocorrido por acaso; é impossível!

Se fosse afirmado que uma molécula de proteína tivesse se formado sob as condições atmosféricas primordiais, deveria ser lembrado também que foi demonstrado pelas leis da probabilidade, da biologia e da química, que isso não poderia ter ocorrido por acaso. Se se insistisse naquela afirmação, então não resta alternativa a não ser admitir que aquela molécula deveu sua existência à vontade de um Criador. A mesma lógica aplica-se a toda a hipótese proposta pelos evolucionistas. Por exemplo, não existem nem evidências paleontológicas, nem justificativas físicas, químicas, biológicas ou lógicas, que comprovem que um peixe tenha migrado da água para a terra e tenha formado os animais terrestres mediante essa transição.

Entretanto, se fosse aceito que o peixe saltou para a terra e transformou-se em réptil, deveria também ser aceita a existência de um Criador capaz de fazer o que desejasse meramente com a palavra "Haja!" Qualquer outra explicação para tal milagre é inerentemente auto contraditória, e uma violação dos princípios da razão.

A realidade é clara e evidente. Toda a vida é produto de um planejamento perfeito e uma criação superior. Isto, por sua vez, provê evidências concretas a favor da existência de um Criador, possuidor de infinito poder, sabedoria e inteligência.

O Criador é Deus, o Senhor dos Céus e da Terra, e de tudo que neles há.

A Realidade da Criação

Nos capítulos anteriores examinamos porque a Teoria da Evolução, que propõe que a vida não foi criada, é uma falácia completamente contrária aos fatos científicos. Vimos que a ciência moderna revelou uma realidade bastante explícita através de certos campos específicos como por exemplo a paleontologia, a bioquímica e a anatomia. Essa realidade é que todos os seres vivos foram criados por Deus.

Na verdade, para perceber esta realidade não se precisa necessariamente apelar para os complexos resultados obtidos nos laboratórios bioquímicos ou nas escavações geológicas. As evidências de uma sabedoria extraordinária são discerníveis em qualquer ser vivo que observemos. Existem projeto e tecnologia avançados no corpo de um inseto ou em um minúsculo peixe nas profundezas do mar, que nunca puderam ser imitados pelo ser humano. Alguns seres vivos, que nem possuem cérebro, executam perfeitamente operações mais complicadas do que as que nem seres humanos conseguem executar!

Esta sabedoria imensa, o projeto e o planejamento que permeia toda a natureza, indubitavelmente provê evidências sólidas a favor da existência de um Criador supremo – Deus – que tem domínio sobre toda a natureza. Deus dotou todos os seres vivos com características extraordinárias, mostrando ao ser humano sinais evidentes de Sua existência e Seu poder.

Nas páginas seguintes, examinaremos algumas poucas dentre as incontáveis evidências da Criação na natureza.

As Abelhas e as Maravilhas da Arquitetura das Colméias

As abelhas produzem mais mel do que realmente necessitam, e o armazenamento nos favos da colméia. A estrutura hexagonal dos favos é bastante conhecida. Você já ponderou por que as abelhas constroem favos hexagonais e não octogonais ou pentagonais?

Os matemáticos que procuraram responder a esta indagação chegaram a uma interessante conclusão: “O hexágono é a forma geométrica mais adequada para a maximização do uso de uma dada área”.



Um alvéolo hexagonal exige quantidade mínima de cera para a sua construção, e armazena quantidade máxima de mel. As abelhas, portanto, usam a forma geométrica mais adequada possível.

O método usado na construção do favo também é bastante interessante: as abelhas iniciam a construção do favo partindo simultaneamente de dois ou três diferentes pontos, em direções distintas. Apesar de partirem de pontos diferentes, as abelhas, em grande número, vão construindo células hexagonais idênticas, que ao se encontrarem nesse processo construtivo se combinam de maneira perfeita, sem deixar qualquer vestígio da junção dessas partes distintas.

Em face desse extraordinário desempenho, certamente temos de admitir a existência de uma vontade superior que conduz o procedimento dessas criaturas. Os evolucionistas tentam contornar essa conclusão com o conceito de “instinto”, tentando apresentá-lo simplesmente como um atributo das abelhas. Entretanto, se existir um instinto em operação, que reja o comportamento de todas as abelhas, fazendo com que todas elas trabalhem harmonicamente, sem troca de informações entre elas, isso significa que existe uma Sabedoria superior que rege todas essas frágeis criaturas.

Explicitando melhor, Deus, o Criador dessas frágeis criaturas as “inspira” quando ao que devem fazer. Este fato foi declarado pelo Corão há quatorze anos séculos:

E seu Mantenedor inspirou a abelha: **“Prepare para ti habitações nas montanhas e nas árvores e nas construções dos homens; então alimentem-se de toda a espécie de frutas e descubram com**



habilidade os caminhos amplos de seu Mantenedor.” “Emana de seu corpo uma bebida de várias cores, onde há saúde para os homens: certamente este é um sinal para os que pensam.”
(Surat an-Nahl, 68-69)

Impressionantes Arquitetos: As Térmitas

Ninguém deixa de se surpreender ao ver um ninho de térmitas (cupins) sobrelevando-se sobre o solo. Isto porque esses ninhos são maravilhas da arquitetura que atingem 5 ou 6 metros de altura. Dentro do ninho existem sofisticados sistemas para satisfazer todas as necessidades das térmitas, que não podem sobreviver à luz do sol, devido à estrutura de seu corpo. Assim, existem no ninho sistemas de ventilação, canais, berçários para as larvas, corredores, jardins para produção de fungos especiais, saídas de emergências, salas para o inverno e o verão; em resumo: tudo o que é necessário. O que é mais impressionante é que as térmitas que constroem seus ninhos maravilhosos são cegas. ⁽¹⁶⁰⁾

Apesar disso, ao compararmos o tamanho de uma térmita com o do seu ninho, observamos que as térmitas executam um projeto arquitetônico mais de 300 vezes maior do que elas mesmas.

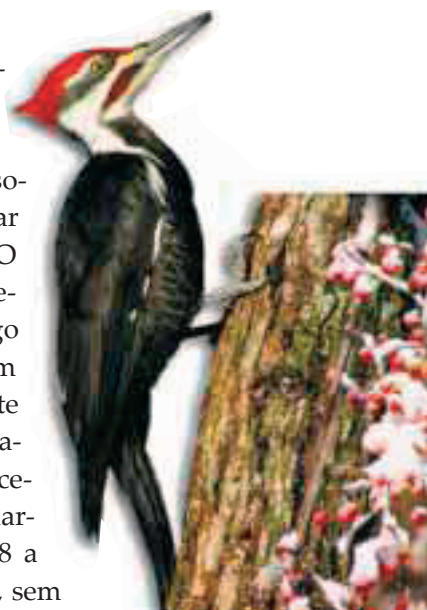
As térmitas apresentam ainda uma notável característica: se separarmos o seu ninho em duas partes durante os primeiros estágios de sua construção, e depois de algum tempo as unirmos novamente, veremos que todos os canais, corredores e caminhos se acoplarão entre si. As térmitas continuarão suas tarefas como se recebessem ordens de um único centro.



160. *Bilim ve Teknik*, July 1989, vol. 22, n.º 260, p. 59.

O Pica-Pau

Todos nós sabemos que o pica-pau constrói o seu ninho furando troncos de árvores. O que muitos não sabem é como que os pica-paus não sofrem hemorragia cerebral ao martelar com grande força sua própria cabeça. O que o pica-pau faz, de certa modo é semelhante a um homem pregar um prego na parede com a sua cabeça. Se alguém se aventurasse a fazer algo semelhante a isso, provavelmente sofreria uma fratura do crânio seguida de hemorragia cerebral. O pica-pau, entretanto, pode martelar um duro tronco de árvore de 38 a 43 vezes durante 2,10 a 2,69 segundos, sem nada lhe acontecer.



Nada lhe acontece porque a estrutura de sua cabeça foi criada de forma adequada para essa operação. O crânio do pica-pau tem um sistema de “suspensão” que reduz e absorve a força produzida pelas suas marteladas. Existem também tecidos amortecedores especiais entre os ossos de seu crânio. ⁽¹⁶¹⁾

O Sistema de Sonar dos Morcegos

Os morcegos voam na maior escuridão, sem qualquer problema, pois têm um sistema de navegação bastante interessante que lhes permite assim proceder. Esse sistema é o que hoje chamamos de “sonar”, que detecta as formas dos objetos ao redor, a partir do eco de ondas sonoras que eles emitem.

Uma pessoa jovem mal pode detectar sons com frequências de 20.000 vibrações por segundo. O morcego, entretanto, está aparelhado com um sistema de “sonar” especialmente projetado para utilizar sons com frequências entre 50.000 e 200.000 vibrações por segundo. E ele emite esses sons em todas as direções, de 20 a 30 vezes por segundo. O eco desse som é tão forte que o morcego não só compreende a existência de objetos no seu percurso de vôo, como também detecta a posição de suas presas em movimentos. ⁽¹⁶²⁾

161. Grzimeks “Tierleben, Vögel 3”, Deutscher Taschenbuch Verlag, Oktober 1993, p. 92.

162. David Attenborough, “Life On Earth: A Natural History”, Collins British Broadcasting Corporation, June 197, p. 236.

Baleias

Os mamíferos precisam respirar com regularidade, e por essa razão a água não constitui um ambiente muito conveniente para eles. A baleia, porém, que é um mamífero aquático, enfrenta esse problema com um sistema respiratório muito mais eficiente do que o de muitos animais terrestres. Cada vez que as baleias respiram, expõem 90% do ar que inspiram, e assim precisam novamente inspirar só após longo intervalo de tempo. Ao mesmo tempo, elas possuem uma substância concentrada – a mioglobina – que as ajuda armazenar oxigênio em seus músculos. Com o auxílio desses sistemas, certa espécie de baleia pode mergulhar até 500 metros de profundidade e nadar durante 40 minutos sem respirar nada. ⁽¹⁶³⁾ Os orifícios nasais da baleia, por outro lado, estão localizados em seu dorso, ao contrário dos animais terrestres, pelo que ela pode respirar mais facilmente.



O Projeto Existente no Mosquito

Sempre pensamos no mosquito como sendo um animal voador. Na realidade, o mosquito desenvolve seus estágios iniciais sob a água, e atinge o ar sobre a superfície da água mediante um projeto excepcional que lhe proporciona todos os órgãos de que ele necessita.

O mosquito começa a voar com sistemas de sensoramento especiais postos à sua disposição para detectar a localização de sua presa. Com esses sistemas, ele se assemelha a um avião de caça com detectores de calor, gás, umidade e odor. Ele dispõe até da capacidade de “ver, conforme a temperatura”, o que o ajuda a encontrar sua presa mesmo na maior escuridão.

A técnica de sugar sangue, do mosquito, apresenta um sistema incrivelmente complexo. Com seu sistema de corte com seis lâminas, ele corta o tecido da pele como uma serra. À medida em que esse processo de corte é efetuado, ele segrega uma secreção sobre o ferimento causado, que aneste-

163. David Attenboroug, “Life On Earth: A Natural History”, Collins British Broadcasting Corporation, June 197, p.240.

sia os tecidos, e quem está sendo picado nem mesmo percebe que seu sangue está sendo succionado. Essa secreção, ao mesmo tempo, impede a coagulação do sangue, assegurando a continuidade do processo de sucção.

Faltando apenas um desses elos da cadeia, o mosquito não seria capaz de sugar o sangue para alimentar sua prole. Com



seu projeto excepcional, até mesmo esta frágil criatura constitui, por si mesma, um evidente sinal da Criação. No Corão o mosquito é ressaltado como um exemplo que demonstra a existência de Deus para os seres inteligentes:

“Deus não deixa de pôr em parábola um mosquito com algo maior do que este. Os que crêem sabem que isso é a verdade que provém do seu Senhor, enquanto os incrédulos dizem: ‘Que é que Deus querará dizer com está parábola, com a qual desnorteia muitos e encaminha outros?’ Mas com isso não desnorteia senão os ímpios.”

(Surat al-Baqara, 26)

Aves de Rapina com Vista Aguçada

As aves de rapina têm vista aguçada, que as capacita a fazer à distância ajustes perfeitos em seu vôo na direção de sua presa. Ainda mais, seus grandes olhos contêm mais células na retina, o que significa melhor visão. Existem mais de um milhão de células na retina do olho de uma ave de rapina.

As águias, que voam a milhares de metros de altitude, têm olhos tão aguçados que podem sensorar o solo perfeitamente, daquela distância. Da mesma maneira que aviões militares detectam seus alvos a milhares de metros de distância, as águias também detectam sua presa, percebendo a menor variação



de cor ou a menor movimentação sobre o solo. O olho da águia tem um ângulo visual de 300° e pode ampliar uma imagem em torno de seis a oito vezes. As aves podem efetuar o sensoriamento remoto de uma área de cerca de 30.000 hectares voando a 4.500 metros acima dela. À altitude de 1.500 metros, elas podem distinguir um coelho escondido em um capinzal. É evidente que essa extraordinária estrutura do olho da águia foi especialmente projetada para ela.



A Teia de Aranha

A aranha *Dinopis* tem grande habilidade para caçar. Em vez de tecer uma teia estática e aguardar sua presa, ela tece uma pequena teia, bastante inusitada, que lança sobre a presa. Em seguida, ela rapidamente aprisiona fortemente sua presa com essa teia. O inseto aprisionado nada pode fazer para se livrar. A teia é enrolada nele ao tentar se desvencilhar. Para armazenar seu alimento, a aranha envolve a presa com fios extras, como se a estivesse empacotando.

Como consegue esta aranha fazer uma teia tão excelente no seu projeto mecânico e na sua estrutura química? É impossível que a aranha tenha adquirido essa capacidade por coincidência, como alegado pelos evolucionistas. A aranha é destituída de faculdades como o aprender a memorizar, e não tem sequer um cérebro para comandar todo esse processo. Obviamente, esta capacidade foi dada à aranha por Deus – o seu Criador, que é exaltado em poder.

Milagres muito importantes escondem-se na teia das aranhas. O fio da teia, com diâmetro menor que um milésimo de milímetro, é 5 vezes mais resistente que um fio de aço de mesma dimensão. O fio tem ainda a

característica adicional de ser extremamente leve. Um fio com comprimento suficiente para rodear a Terra pesaria apenas 320 gramas. ⁽¹⁶⁴⁾ O aço, substância especialmente produzida em usinas siderúrgicas, é um dos materiais mais resistentes produzido pelo homem. Entretanto, a aranha pode produzir em seu corpo um fio muito mais resistente que o aço. Para produzir aço, o homem precisou utilizar ciência e tecnologia desenvolvidas durante séculos. Como foi então desenvolvida a ciência e a tecnologia que a aranha utiliza para produzir o fio de sua teia?

Como se vê, todos os desenvolvimento científicos e tecnológicos que estão hoje à disposição da humanidade estão muito aquém daqueles que uma simples aranha utiliza!

Animais Hibernantes

Animais hibernantes podem continuar a viver embora a temperatura de seus corpo atinja o mesmo valor da baixa temperatura ao seu redor. Como eles conseguem isto?

Os mamíferos são animais de sangue quente. Isso significa que, sob condições normais, a temperatura de seu corpo permanece constante, porque o termostato natural de seu corpo regula a constância dessa temperatura. Entretanto, durante a hibernação, a temperatura de pequenos mamíferos, como o esquilo, que normalmente é de 40 °C, cai a valores pouco acima do ponto de congelamento, como se fosse ajustada por um determinado botão. O animal passa a respirar lentamente, e a sua batida cardíaca normal de 300 vezes por minuto cai para 7 a 10. Seus reflexos corporais normais cessam, e a atividade elétrica em seu cérebro passa a ser quase não detectável.

Um dos perigos da imobilidade é o congelamento dos tecidos sob condições de frio intenso, com a sua conseqüente destruição pela formação de cristais de gelo. Os animais que hibernam são protegidos contra esse perigo graça às características especiais com que foram dotados. Os fluidos do corpo dos animais em hibernação retêm substâncias químicas de massa molecular elevada. Assim, o seu ponto de congelamento diminui, e eles ficam protegidos contra danos. ⁽¹⁶⁵⁾

164. "The Structure and Properties of Spider Silk", *Endeavour*, January 1986, vol. 10, pp. 37-43.

165. *Görsel Bilim ve Teknik Ansiklopedisi*, pp. 185-186.

Peixe Elétrico

Certas espécies de peixes como a enguia e a arraia utilizam a eletricidade que produzem em seu corpo para protegerem-se de seus inimigos ou para paralisar suas presas. Em todos os seres vivos – inclusive no homem – existe uma pequena quantidade de eletricidade. O homem, porém, não consegue direcionar essa eletricidade ou mantê-la sob controle para usá-la em benefício próprio. As criaturas mencionadas, entretanto, produzem uma corrente elétrica em seu corpo com até 500 ou 600 volts, e são capazes de usá-la contra seus inimigos. E ainda mais, elas não são afetadas por essa eletricidade.

A energia que elas consomem para se defender é recuperada após um certo tempo, da mesma maneira que uma bateria é carregada, e novamente a eletricidade fica à disposição para ser usada. Os peixes não usam a eletricidade de alta tensão existente em seu corpo só para sua defesa. A eletricidade, além de prover meios para eles encontrarem seu caminho em águas turvas e na escuridão do fundo do mar, também os ajuda a sentirem a presença de objetos sem os verem. Os peixes conseguem emitir sinais usando a eletricidade de seu corpo; esse sinais elétricos são refletidos ao atingirem objetos sólidos, transmitindo ao peixe informações sobre o objeto. Assim, o peixe consegue determinar a distância e o tamanho do objeto. ⁽¹⁶⁶⁾

Um Plano Inteligente para os Animais: camuflagem

Uma das características que os animais possuem para preservar sua vida é a arte de se esconder, isto é, a “camuflagem”.

Os animais sentem a necessidade de se esconder por duas razões principais: para caçar e para se protegerem contra predadores. A camuflagem difere de todos os outros métodos devido ao seu envolvimento específico com a inteligência, habilidade, estética e harmonia manifestadas de maneira extraordinária.

As técnicas de camuflagem dos animais são verdadeiramente impressionante. É quase impossível identificar um inseto escondido no tronco de uma árvore, ou outra criatura escondida na parte inferior de uma folha.

Pulgões que sugam a seiva de plantas alimentam-se de brotos da planta fingindo serem espinhos. Desta forma, eles enganam os pássaros, que são seus maiores inimigos, e garantem que os pássaros não pousem nessas plantas.

166. Walter Metzner, <http://cnas.ucr.edu/~bio/faculty/Metzner.html>



Acima: Três pulgões imitando espinhos.

Acima à direita: uma serpente escondendo-se entre as folhas

Abaixo à direita: uma lagarta bem no meio da folha para não ser notada.

Lulas

Sob a pele da lula há uma densa camada de sacos elásticos com pigmentos – os cromatóforos – de cor principalmente amarela, vermelha, preta e marron. Ao receber um sinal, as células expandem-se e dão à pele a coloração adequada. É assim que a lula confunde-se com a cor das rochas ao seu redor, camuflando-se perfeitamente.

Este sistema opera tão eficazmente que a lula pode até criar um conjunto de faixas brancas e pretas, imitando a pele da zebra. ⁽¹⁶⁷⁾

Diferentes Sistemas de Visão

A visão é extremamente importante para a caça e a defesa, em muitos animais marinhos. Assim, muitos desses animais são equipados com olhos perfeitamente projetados para a vida submarina.

Abaixo do nível do mar, a capacidade de ver torna-se cada vez mais limitada em função da profundidade, especialmente abaixo de 30 metros de

167. *National Geographic*, September 1995, p. 98



À esquerda: Uma lula confundindo-se com a superfície arenosa do fundo do mar.



À direita: A coloração brilhante surge quando há perigo, no caso, quando a lula é avistada por um mergulhador.

profundidade. Entretanto, os organismos criados para viver nessas profundidades, têm olhos criados em conformidade com as condições aí existentes.

Os olhos dos seres marinhos, ao contrário dos animais terrestres, têm lentes esféricas, perfeitamente adequadas às necessidades impostas pela densidade da água onde elas habitam. Comparada com os olhos bastantes elípticos dos animais terrestres, essa estrutura esférica é mais apropriada para a visão submarina; ela se ajusta para a visão de objetos nas proximidades. Quando um objeto a maior distância é focalizado, todo o sistema de lentes é puxado para trás com o auxílio de um mecanismo muscular especial interno ao olho.

Outra razão pela qual os olhos dos peixes são esféricos é a refração da luz na água. Como o olho é preenchido com um líquido que tem praticamente a mesma densidade da água, não ocorre refração quando uma imagem formada fora é refletida sobre o olho. Conseqüentemente, o cristalino focaliza totalmente a imagem do objeto exterior sobre a retina. Os peixes, ao contrário dos seres humano, vêm muito distintamente sob a água.

Alguns animais, como o polvo, têm grandes olhos para compensar a pouca luminosidade existente nas profundidades. Abaixo de 300 metros, os peixes de olhos grandes precisam captar sinais luminosos dos organismos à sua volta, para notá-los. Eles têm de ser especialmente sensíveis à fraca luz azul que penetra nas águas a essa profundidade. Por essa razão, a retina dos seus olhos é dotada de muitas células sensíveis ao azul.

Como entendido a partir desses exemplos, todo ser vivo tem olhos distintos, especialmente projetados para suprir necessidades especiais. Este fato comprova que todos eles foram criados da maneira que tinham de ser, por um Criador que tem sabedoria, conhecimento e poder eternos.

Sistema Especial de Congelamento

Uma rã congelada incorpora uma estrutura biológica inusitada. Ela não apresenta qualquer sinal de vida. Seu batimento cardíaco, sua respiração e sua circulação sanguínea chegam a parar completamente. Quando descongela, entretanto, a mesma rã volta a viver como se tivesse acordado de um sono.

Normalmente, um ser vivo no estado de congelamento corre muitos riscos fatais. A rã, entretanto, é imune a esses riscos. Ela apresenta a característica principal de produzir bastante glicose quando se encontra nesse estado. Exatamente como uma pessoa diabética, o nível de açúcar no sangue da rã atinge valores bastante elevados, podendo chegar até a 550 milimol/litro. (Esse valor normalmente fica entre 1 a 5 mml/l para as rãs, e 4 a 5 mml/l para o ser humano). Em tempo normal, aquela extrema concentração de glicose pode ocasionar sérios problemas para a rã.

Entretanto, em uma rã congelada esse valor extremo faz com que a água não saia das células, evitando sua desidratação. A membrana celular da rã é altamente permeável á glicose, pelo que a glicose tem acesso fácil ao interior das células. O alto nível de glicose no corpo reduz a temperatura de congelamento, fazendo com que somente uma quantidade bastante pequena dos líquidos internos do corpo do animal se torne em gelo, no frio. Pesquisas mostraram que a glicose também pode alimentar as células congeladas. Durante esse período, além de ser o combustível natural do corpo, a glicose também interrompe muitas reações metabólicas, como a síntese da uréia, evitando assim que sejam exauridas as diferentes fontes de alimento da célula.

Como surge rapidamente essa grande quantidade de glicose no corpo da rã? A resposta é bastante interessante: esse ser vivo é equipado com um sistema bastante especial para cuidar dessa tarefa. Tão logo o gelo apareça sobre a pele, uma mensagem é enviada para o fígado para que parte do glicogênio nele armazenado se converta em glicose. Não se conhece a natureza dessa mensagem em trânsito para o fígado. Cinco minutos após o recebimento da mensagem, o nível de açúcar no sangue começa a aumentar imediatamente. ⁽¹⁶⁸⁾

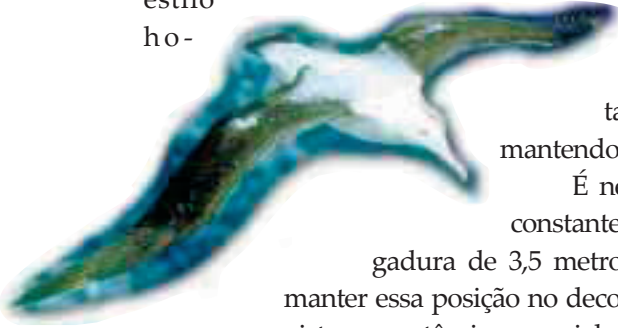
Inquestionavelmente, o fato de o animal ter sido equipado com um sistema que altera totalmente o seu metabolismo para satisfazer todas as suas necessidades exatamente quando necessário, somente pode ser possível mediante o inefável plano do Todo-Poderoso Criador. Nenhuma coincidência poderia gerar esse sistema tão perfeito e complexo.

168. *Bilim ve Teknik*, January 1990, pp. 10-12.

Albatrozes

As aves migratórias minimizam o consumo de energia utilizando diferentes “técnicas de vôo”. Os albatrozes também foram observados como tendo um estilo de vôo semelhante. Estas aves, que despendem 92% de sua vida no mar, têm envergadura de até 3,5 metros, e sua mais importante característica é seu estilo

ho -



de vôo: Elas podem voar durante horas sem bater as asas, planando.

Para conseguir isso, elas aproveitam as correntes aéreas ascendentes, mantendo sempre as asas abertas.

É necessária muita energia para manter constantemente abertas as asas com a envergadura de 3,5 metros. Os albatrozes, entretanto, podem manter essa posição no decorrer de horas de vôo. Isso se deve ao seu sistema anatômico especial com o qual são dotados desde o nascimento. Durante o vôo, as suas asas são travadas, e assim não requerem nenhum esforço muscular para mantê-las abertas. As asas batem usando somente algumas camadas de músculos. Isso auxilia grandemente a ave durante o vôo. Esse sistema reduz a energia consumida por elas durante o vôo. Os albatrozes não usam energia porque não batem as asas nem desperdiçam energia para mantê-las abertas. Eles voam durante horas utilizando exclusivamente o vento como fonte de energia. Um albatroz de 10 kg perde apenas 1% de seu peso enquanto voa cerca de 1.000 km, o que realmente é uma porcentagem bastante pequena. O homem tem construído planadores usando os albatrozes como modelo, e utilizando sua fascinante técnica de vôo. ⁽¹⁶⁹⁾

Uma Árdua Migração

O salmão do Oceano Pacífico apresenta a característica excepcional de voltar ao rio em que nasceu, para reproduzir-se. Após gastar parte de sua vida no mar, esses animais voltam à água doce para a reprodução.

Ao iniciar sua jornada, no início do verão, a cor do salmão é vermelho brilhante. No final de sua jornada, entretanto, sua cor é escura. No final de sua migração, o salmão se aproxima do litoral e tenta chegar aos rios, lutando com perseverança para voltar ao local de seu nascimento. Chegam lá sobrenadando turbulentas correntezas, nadando rio acima, vencendo quedas d’água e barragens. No término desse percurso de

169. David Attenboroug, “Life Of Birds”, Princeton University Press, Princeton-New Jersey, 1998, p. 47

3.500 a 4.000 km, ao chegar no local de seu nascimento, a fêmea deposita cerca de 3 a 5 mil ovos que são fertilizados pelos machos. Os salmões sofrem muito dano em resultado dessa migração no período da desova. As fêmeas após botarem os ovos ficam exaustas; suas barbatanas da cauda se desgastam, e sua pele começa a escurecer. O mesmo acontece com os machos. Logo o rio fica repleto de salmões mortos. Apesar de tudo, outra geração de salmões está pronta para eclodir e realizar a mesma jornada.

A maneira pela qual o salmão completa a sua jornada, chegando ao mar e descobrindo o caminho de volta são apenas algumas questões que ficam para serem respondidas. Embora muitas sugestões tenham sido feitas, ainda não se chegou a qualquer solução definitiva. Qual é o poder que faz o salmão enfrentar o retorno de milhares de quilômetros até chegar a um local desconhecido para ele? Obviamente existe uma vontade superior dirigindo e controlando todos esses seres vivos – Deus, o Sustenedor de todas as coisas.

Koalas

O óleo encontrado nas folhas de eucalipto é venenoso para muitos mamíferos. Esse veneno é um mecanismo de defesa química usado pelas árvores de eucalipto contra seus inimigos. Entretanto, existe um ser vivo muito especial que tira o melhor desse mecanismo, alimentando-se das folhas venenosas do eucalipto: um marsupial chamado koala. Os koalas fazem seu lar nas árvores de eucalipto, alimentam-se de suas folhas, e delas obtêm também a água.

Como outros mamíferos, os koalas também não conseguem digerir a celulose presente nas árvores, e por isso eles dependem de microorganismos digestores da celulose. Esses microorganismos vivem em abundância no ponto de convergência dos intestinos grosso e delgado, o ceco, que é a extensão traseira do sistema intestinal. O



ceco constitui a parte mais interessante do sistema digestivo do koala. Ele funciona como uma câmara de fermentação onde os microorganismos digerem a celulose enquanto a passagem das folhas é retardada. Assim, o koala consegue neutralizar o efeito venenoso dos óleos existentes nas folhas do eucalipto. ⁽¹⁷⁰⁾

Capacidade de Caçar sem Andar.

A drósera sul-africana é uma planta que caça insetos com seus pelos viscosos. As folhas dessa planta estão repletas de longos pelos vermelhos. As extremidades desses pelos são cobertos por um fluido que tem cheiro atrativo para os insetos. Outra característica desse fluido é sua viscosidade extremamente alta. O inseto que procura atingir essa fonte de cheiro atrativo acaba sendo aprisionado nos pelos viscosos. Pouco depois a folha se fecha sobre o inseto que já está imobilizado nos pelos, e a planta extrai dele as proteínas necessárias para ela, digerindo o inseto. ⁽¹⁷¹⁾

Conceder essa capacidade a uma planta, que não tem qualquer possibilidade de se mover, sem dúvida é um sinal evidente de planejamento especial. É impossível que uma planta tenha desenvolvido esse estilo de caça por sua própria vontade ou consciência, ou por meio de coincidências. Da mesma forma, é muito mais impossível ignorar a existência e o poder do Criador que concedeu à drósera essa capacidade.



170. James L. Gould, Carol Grant Gould, "Life at the Edge", W. H. Freeman and Company, 1989, pp. 130-136.

171. David Attenboroug, "The Private Life of Plants", Princeton University Press, Princeton-New Jersey, 1995, pp. 81-83.

O Planejamento nas Penas das Aves.

A um primeiro olhar, as penas das aves parecem ter uma estrutura muito simples. Ao estudá-las mais de perto, entretanto, discernimos a estrutura bastante complexa das penas, que são leves, embora extremamente fortes, e impermeáveis à água.

As aves devem ser tão leves quanto possível para poderem voar mais facilmente. As penas são feitas de queratina, proteína que permite satisfazer essas condições. Em ambos os lados da haste de uma pena existem barbas e em cada barba cerca de 400 bárbulas. Nessas 400 bárbulas localizam-se 800 barbicelas, duas em cada bárbula. Cada uma das 800 barbicelas de uma pena pequena, que se localizam na parte frontal, apresenta



outras 20 bárbulas que fixam entre si duas penas, como duas peças de pano de flanela. Em uma única pena existem aproximadamente 300 milhões de barbicelas. O número total de barbas em todas as penas de uma ave gira em torno de 700 bilhões.

Existe uma razão bastante significativa pela qual as penas das aves se interligam mediante as bárbulas e ganchos. As penas devem firmar-se fortemente no corpo da ave, para que não sejam arrancadas por algum movimento qualquer. Com o mecanismo construído por bárbulas e ganchos, as penas se firmam tão fortemente no corpo da ave que nem fortes ventos, nem chuva, nem neve, conseguem arrancá-las.

Além do mais, as penas no abdômem da ave são diferentes das penas das asas e da cauda. As penas da cauda são relativamente grandes

para funcionar como leme e freio; as penas das aves são projetadas de maneira a aumentar a superfície da asa durante o bater das asas, para assim aumentar a força de sustentação.

Basilisco: Especialista em Andar sobre a Água

Poucos animais são capazes de andar sobre a superfície da água. Um desses raros animais vive na América Central e é mostrado na figura abaixo. Nos lados dos dedos das patas traseiras do basilisco existem abas que os capacitam a espadanar na água. Essas abas enrolam-se quando o animal anda no solo. Ao defrontar-se com o perigo, o basilisco começa a correr muito rapidamente sobre a superfície de rios ou lagos. Em seguida, as abas de suas patas traseiras abrem-se e provêm assim maior área superficial para ele correr sobre a água. ⁽¹⁷²⁾

Esse projeto específico do basilisco é um dos sinais evidentes de uma Criação consciente.



O basilisco é um dos raros animais que podem se deslocar mediante um equilíbrio entre água e ar.

Fotossíntese

Inquestionavelmente, as plantas desempenham um papel preponderante para tornar a Terra um local habitável. Elas purificam o ar para nós, mantêm a temperatura do planeta em um nível constante e mantêm equilibrada a proporção dos gases na atmosfera. O oxigênio do ar que respiramos é produzido pelas plantas. Parte importante de nossa alimentação também é provida pelas plantas. O valor nutritivo das plantas deriva do projeto especial de suas células, ao qual elas também devem outras características suas.

172. *Encyclopedia of Reptiles and Amphibians*, published in the United States by Academic Press, a Division of Harcourt Brace and Company, p. 35.

A célula vegetal, ao contrário das células animais e humanas, consegue utilizar diretamente a energia solar. Ela converte a energia solar em energia química, armazenando-a em nutrientes de maneiras muito especiais. Esse processo é chamado de “fotossíntese”, e de fato é efetuado não pelas células, mas pelos cloroplastos, organelas que dão às plantas sua coloração verde. Essas frágeis organelas verdes são observadas apenas ao microscópio, e são os únicos laboratórios na Terra capazes de armazenar energia solar em matéria orgânica.

A quantidade de matéria vegetal produzida no planeta chega a cerca de 200 bilhões de toneladas anualmente. Essa produção é vital para todos os seres vivos na Terra, e é realizada mediante um processo químico bastante complexo. Milhares de pigmentos de clorofila que se encontram no cloroplasto reagem à luz em um intervalo de tempo incrivelmente curto, algo da ordem de um milésimo de segundo. Por essa razão, muitas das atividades que têm lugar na clorofila ainda não conseguiram ser observadas.

A conversão da energia solar em energia elétrica ou química é uma conquista tecnológica bastante recente. Para realizá-la, são utilizados instrumentos de alta tecnologia. A célula vegetal, tão pequena que é invisível a olho nu, tem estado a realizar essa tarefa há milênios.

Esse sistema perfeito novamente descortina a Criação para todos que desejarem ver. O sistema bastante complexo da fotossíntese é um mecanismo conscientemente projetado, criado por Deus. Uma fábrica incomparável está concentrada em uma área minúscula localizada nas folhas. Este projeto perfeito é somente um dos sinais que revelam que todos os seres vivos foram criados por Deus, o Sustentador de todas as coisas.





Tradução efetuada por Ruy Carlos de Camargo Vieira
para a Sociedade Criacionista Brasileira
Site: <http://www.scb.org.br>
E-mail: scb@scb.org.br

SOBRE AUTOR

Com o pseudônimo de HARUN YAHYA, o Autor tem publicado muitos livros sobre assuntos políticos e relacionados com a fé. Uma parte importante de sua obra trata da visão materialista de mundo e do seu impacto na história e na política mundiais. (O pseudônimo é formado pela junção dos nomes de Aarão (Harun) e João (Yahya), em memória dos dois profetas que lutaram contra a descrença.

Suas obras incluem, entre outros, os títulos “A Mão Secreta na Bósnia”, “Por detrás das cenas de Terrorismo”, “A Carta curda de Israel”, “Uma estratégia Nacional para a Turquia”, “Solução: A Moral do Corão”, “O Antagonismo de Darwin contra os Turcos”, “As Calamidades Causadas pelo Darwinismo à Humanidade”, “O Engano do Evolucionismo”, “Nações que Pereceram”, “A Idade de Ouro”, “A Arte de Deus em Cores”, “Glória por Toda Parte”, “A Verdade sobre a Vida neste Mundo”, “Confissões de Evolucionistas”, “Os Erros Crassos dos Evolucionistas”, “A Magia Negra do Darwinismo”, “A Religião Darwinista”, “O Corão Dirige o Caminho para a Ciência”, “A Verdadeira Origem da Vida”, “A Criação do Universo”, “Milagres do Corão”, “O Design na Natureza”, “Modelos de Auto-sacrifício e Comportamento Inteligente em Animais”, “A Eternidade já Começou”, “Crianças, Darwin Estava Mentindo!”, “O Fim do Darwinismo”, “Pensando com Profundidade”, “Eternidade e a Realidade do Destino”, “Nunca Alegue Ignorância”, “Os Segredos do DNA”, “Os Milagres do Átomo”, “O Milagre na Célula”, “O Milagre do Sistema Imunológico”, “O Milagre no Olho”, “O Milagre da Criação nas Plantas”, “O Milagre na Aranha”, “O Milagre na Formiga”, “O Milagre no Mosquito”, “O Milagre na Abelha”, “O Milagre da Semente”, “O Milagre na Térmita”.

Entre seus fascículos contam-se “O Mistério do Átomo”, “O Colapso da Teoria da Evolução: O Fato da Criação”, “O Colapso do Materialismo”, “O Fim do Materialismo”, “Os Erros Crassos dos Evolucionistas”, “O Colapso Microbiológico da Evolução”, “O Fato da Criação”, “O Colapso da Teoria da Evolução em 20 Perguntas”, “O Maior Engano na História da Biologia: Darwinismo”.

Além desses títulos, o Autor tem publicado numerosos outros, versando sobre tópicos abordados no Corão, que deixamos de enumerar pela sua especificidade, mas que podem ser acessados no “site” da Science Research Foundation: www.ver no cartaz

